This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

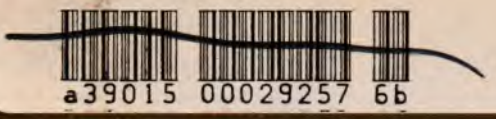
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

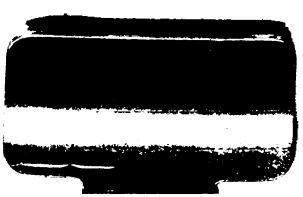
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`


a39015 00029257 6b

PROPERTY OF
University of
Michigan
Libraries
1817
ARTES SCIENTIA VERITAS



Mascara em gesso tirada ao cadaver de José Falcão por Francisco Meira, sob a direcção de João Vieira

Aguarella de João Vieira, gravura de L. Lallemant

MEMORIA

A

JOSÉ FALCÃO

Alma tão nobre de patriota não a conhecereí jamais. A ideia de patria, feita verbo, n'ella encarnara divinamente. Hostia sublime! Trigo de comunhão deu-nos a fé, e trigo de viatico, na hora da nossa morte, deu-nos ainda a esperança.

A volta de mim vejo monturos, dentro de mim encaro cinsa. Tudo acabou, não é verdade? Melancolicamente revolvo a cinsa, poeira de chimeras, e uma flamula fulge, uma brasa crepita... E a alma d'elle... Não quer apagar-se. Mesmo dentro de nós, tumulos cerrados, continúa ardendo. Amanhã de taes campas podem brotar ainda lavaredas.

Grande homem! Como o sangue em momento de panico reflue de chofre ao coração, dir-se-hia que na hora suprema toda a alma da patria n'aquella alma se ajuntara.

GUERRA JUNQUEIRO.

COIMBRA
TYPOGRAPHIA AUXILIAR D'ESCRIPTORIO
Praça do Commercio, 11, 1.º andar
1894

DP
661
.F18
M53

549240-176

Á PURISSIMA MEMORIA

DO

DR. JOSÉ FALCÃO

Os seus amigos de Coimbra

EM VEZ DE PREFACIO

(FRAGMENTO D'UM ESTUDO)

Balanço patriotico:

Um povo imbecilisado e resignado, humilde e macambusio, fatalista e somnambulo, burro de carga, besta de nora, aguentando pauladas, sacos de vergonhas, feixes de miserias, sem uma rebelião, um mostrar de dentes, a energia d'um coice, pois que nem já com as orelhas é capaz de sacudir as moscas; um povo em catalepsia ambulante, não se lembrando nem d'onde vem, nem onde está, nem para onde vae; um povo emfim que eu adoro, porque sofre e é bom, e guarda ainda na noite da sua inconsciencia como que um lampejo misterioso da alma nacional, — reflexo d'astro em silencio escuro de lagoa morta;

Um clero *portuguez*, desmoralisado e materialista, liberal e atheu, cujo vaticano é o ministerio do reino, e cujos bispos e abades não são mais que a tradução em eclesiastico do fura-vidas que governa o districto ou do

fura-urnas que administra o concelho; [1] e, ao pé d'este clero indigena, um clero jesuitico, extrangeiro ou extrangeirado, exercito de sombras minando, enredando, absorvendo, — pelo pulpito, pela escola, pela officina, pelo asylo, pelo convento e pelo confissionario, — força superior, cosmopolita, invencivel, adaptando-se com elasticidade intelligente a todos os meios e condições, desde a aldeola infima, onde berra pela boca epileptica do fradalhão milagreiro, até a rica sociedade *elegante* da capital, onde o jesuitismo é um dandismo de sachristia, um beaterio chic, Virgem do tom, Jesus de high-life, predicas unctuosas (monologos ao divino por Coquelins de fralda) e em certos dias, na egreja da moda, a bonita missa encantadora, — luz discreta, flores de luxo, paramentos raros, cadeiras comodas, latim primoroso, e hostia *glacée,* com pistache, da melhor confeitaria de Paris;

Uma burguezia, civica e politicamente corrupta até á medula, não discriminando já o bem do mal, sem palavra, sem vergonha, sem caracter, havendo homens que, honrados (?) na vida intima, descambam na vida publica em pantomineiros e sevandijas, capazes de toda a veniaga e toda a infamia, da mentira á falsificação, da violencia ao roubo, d'onde provem que na politica portugueza succedam, entre a indifferença geral, escandalos monstruosos, absolutamente inverosimeis no Limoeiro; [2]

---

[1] Ha excepções individuaes, claramente. A fisionomia geral, no entanto é aquella.

[2] Se o Nazareno, entre ladrões, fosse hoje crucificado em Portugal, ao terceiro dia, em vez do Justo, ressuscitariam os bandidos. Ao terceiro dia? que digo eu! Em 24 horas andavam na rua, sãos como pêros, de farda agaloada e gran-cruz de Christo.

Um exercito que importa em 6:000 contos, não valendo 60 réis como elemento de defeza e garantia autonomica;

Um poder legislativo, esfregão de cosinha do executivo; este criado de quarto do moderador; e este, finalmente, tornado absoluto pela abdicação unanime do paiz, e exercido ao acaso da herança, pelo primeiro que sae d'um ventre, — como da roda d'uma loteria;

A Justiça ao arbitrio da Politica, torcendo-lhe a vara a ponto de fazer d'ella um sacarrolhas;

Dois partidos monarchicos, sem ideias, sem planos, sem convicções, incapazes, na hora do desastre, de sacrificar á monarchia ou meia libra ou uma gota de sangue, vivendo ambos do mesmo utilitarismo sceptico e pervertido, analogos nas palavras, identicos nos actos, eguaes um ao outro como duas metades do mesmo zero, e não se amalgamando e fundindo, apezar d'isso, pela razão que alguem deu no parlamento, — de não caberem todos d'uma vez na mesma sala de jantar;

Um partido republicano, quasi circumscripto a Lisboa, avolumando ou diminuindo segundo os erros da monarchia, hoje aparentemente forte e numeroso, amanhã exhaurido e lethargico, — agoa de poça, agoa inerte, transbordando se ha chuva, tumultuando se ha vento, furiosa um instante, imovel em seguida, e evaporada logo, em lhe batendo dois dias a fio um sol ardente; um partido composto sobretudo de pequenos burguezes da capital, adstrictos ao sedentarismo chronico do metro e da balança, gente de balcão não de barricada, com um estado maior pacifico e desconexo de velhos doutrinarios, moços positivistas, romanticos, jacobinos e declamadores, homens de boa fé, alguns de valia, mas nenhum *a valer;* um partido, emfim,

de indole estreita, acanhadamente politico-eleitoral, mais negativo que afirmativo, mais de demolição que de reconstrucção, faltando-lhe um chefe de auctoridade abrupta, uma d'essas cabeças firmes e superiores, olhos para alumiar e boca para mandar, — um d'esses homens predestinados, que são em crises historicas o ponto de intercepção de milhões d'almas e vontades, acumuladores electricos da vitalidade d'uma raça, cerebros omnimodos, comprehendendo tudo, adivinhando tudo, — livro de cifras, livro d'arte, livro de historia, simultaneamente humanos e patriotas, do globo e da rua, do tempo e do minuto, forças fluidas, forças invenciveis, que levam um povo d'abalada, como quem leva ao colo uma creança;

Instrucção miseravel, marinha mercante nulla, industria infantil, agricultura rudimentar;

Um regime economico baseado na inscripção e no Brasil, perda de gente e perda de capital, autofagia colectiva, organismo vivendo e morrendo do parasitismo de si proprio;

Liberdade absoluta, neutralisada por uma desigualdade revoltante, — o direito garantido virtualmente na lei, posto, de facto, á mercê d'um compadrio de batoteiros, sendo vedado, ainda aos mais orgulhosos e mais fortes, abrir caminho n'esta porcaria, sem recorrer á influencia tirannica e degradante de qualquer dos bandos partidarios;

Uma litteratura iconoclasta, — meia duzia d'homens que no verso, no romance, no pamphleto e na historia haviam desmoronado a cambaleante scenographia azul e branca do burguezismo de 52, opondo uma arte de sarcasmo, viril e humana, á frandulagem pelintra da literatura oficial, carimbada para a imortalidade do

esquecimento com a cruz indelevel da ordem mendicante de S. Thiago;

Uma geração nova das escolas, entusiasta, irreverente, revolucionaria, destinada porem como as anteriores, viva maré d'um instante, a refluir anodina e apatica ao charco das conveniencias e dos interesses, d'ella restando apenas, isolados, meia duzia d'homens inflexos e direitos, indemnes á podridão contagiosa pela vacina organica d'um caracter moral excepcionalissisimo;

Se a isto juntarmos um pessimismo canceroso e corrosivo, minando as almas, cristalisado já em formulas banaes e populares, — *tão bons são uns como os outros, corja de pantomineiros, cambada de ladrões, tudo uma choldra, etc., etc.*, — teremos em sintetico esboço a fisionomia da nacionalidade portugueza ao tempo da morte de D. Luiz, cujo reinado de paz podre vem dia a dia supurando em gangrenamentos terciarios.

O advento do materialismo burguez, inaugurado pela ironia sceptica do Rodrigo, acabava pela galhofa cinica do Mariano. O riso de sibarita, levemente amargo, desfechava no riso canalha, de garotão d'aljube. O patusco terminava em malandro.

A burguezia liberal, mercieiros-viscondes, parasitagem burocratica, bacharelice ao piano, advogalhada de S. Bento, *morgadinhas, judias,* sinos, estradas, escariolas, estações, inaugurações, locomotivas, (religião do Progresso, como elles diziam) todo esse mundo de vista baixa, mòralmente ordinario e intelectualmente relles, ia agora liquidar n'uma infecta *debacle* de casa de penhores, n'um Alcacer-Kibir esfarrapado, de feira da ladra.

A nação, como o rei, ia cahir de podre.

O conflicto inglez e a revolução brazileira, dois causticos, puzeram a nu, de improviso, toda a nossa debilidade organica,—miseria de corpo e miseria d'alma.

Falecimento e falencia. Ruinas. Montões de vergonhas, trapos de leis, cisco de gente, lama de impudor, carcassas de bancos, famintos emigrando, porcos digerindo, ladroagem, latrinagem, um salve-se quem puder de egoismos e de barrigas, derrocada d'um povo n'uma estrumeira de inscripções, — 700 mil contos de calote publico, a bella colheita do torrão portuguez, regado a oiro, a libras, desde 52 até 90.

A crise não era simplesmente economica, politica ou financeira. Muito mais: nacional. Não havia apenas em jogo o trono do rei ou a fortuna da nação. Perigava a existencia, a autonomia da patria. Hora grande, momento unico. A revolução impunha-se. Republicana? Conforme. Se o monarca nos sahisse um alto e nobre caracter, um grande espirito, juvenil e viva encarnação de ideal heroico, tanto melhor. A revolução estava feita. Imprimia-se, d'um dia ao outro, no Diario do Governo.

Mas feita com quem, perguntarão, se tudo era lodo? Feita com o elemento moço do exercito e da marinha, com quasi todo o partido republicano, [1] com individualidades integras e notaveis dos partidos monarchicos, com a juventude das escolas, com um sem-numero de indiferentes por nojo e por limpeza, com os duzentos homens de serio valor intellectual dispersos nas letras,

[1] Continuaria a haver algumas duzias de republicanos, por coherencia, brio pessoal ou teima doutrinaria. O espirito republicano que alastrou no paiz, esse extinguia-se, ou antes não se tinha gerado.

nas sciencias, no comercio e na industria, e com o povo, o povo inteiro, que acordaria, Lazaro estremunhado, da sua campa de tres seculos, á voz d'um vidente, ao grito d'um Nunalvares.

O portuguez, apatico e fatalista, ajusta-se pela maleabidade da indolencia a qualquer estado e condição. Capaz de heroismo, capaz de cobardia, toiro ou burro, leão ou porco, segundo o governante. Ruge com Passos Manoel, grunhe com D. João 6.º. E' de raça, é de natureza. Foi sempre o mesmo. A historia patria resume-se quasi n'uma serie de biografias, n'um desfilar de personalidades, dominando epocas. Sobretudo depois de Alcacer. Povo messianico, mas que não gera o Messias. Não o pariu ainda. Em vez de traduzir o ideal em carne, vae-o dissolvendo em lagrimas. Sonha a chimera, não a realisa.

O proprio Pombal é o *Desejado*? Não. Fez-se temer, não se fez amar. Cabeça de bronse, coração de pedra. Moralmente, ignobil. Rancoroso, ferino, alheio á graça, indiferente á dor. Inteligencia vigorosa, material e mecanica, sem voo e sem azas. Um brutamontes raciocinando claro. Falta-lhe o genio, o dom de sentir, nobreza heroica, vida profunda,—humanidade, em suma. Machina apenas. Não creou, produsiu. A creação vem do amor, a genese é divina. Crear é amar. Por isso a obra lhe foi a terra. Pulverisou-se. Só dura o que vive. Uma raiz esteia mais que um alicerce. Pombal em tres dias, n'um deserto, quiz formar um bosque. Como? Plantando traves. Adubou-as com mortos e regou-as a sangue. Apodreceram melhor.

Sei muito bem que o estadista não é o santo, que o grande politico não é o martir, mas sei tambem que toda a obra governativa, que não for uma obra de filo-

sofia humana, resultará em geringonça anedoctica, manequim inerte, sem olhar e sem fala.

A ductilidade, quasi amorfa do caracter portuguez, se torna duvidosas as energias colectivas, os espontaneos movimentos nacionaes, facilita no entanto, de maneira unica, a ação de quem rege e quem governa. Cera branda, os dedos modelam-na á vontade. Um grande esculptor, eis o que precisamos.

Ha, além d'isso, bem no fundo d'este povo um peculio enorme de inteligencia e de resistencia, de sobriedade e de bondade, tesoiro precioso, oculto ha seculos em mina entulhada. E' ainda a sombra d'aquelle povo que ergueu os Jeronimos, que escreveu os Luziadas. Desenterremo-la, exhumemo-la. Quem sabe, talvez revivesse!

Fôra o rei um *homem,* que a nacionalidade moribunda se levantaria por encanto. E bem se me dava a mim da questão politica, da fórma de governo. Essencial, a fórma do governante. Prefiro uma boa republica a uma boa monarchia. A coroa do rei, de paes a filhos transmissivel, como a coroa de Venus; o trono hereditario como as escrofulas, — absurdo evidente. Mas se de absurdos anda cheio o mundo! Salta-se menos da *majestade* á *ex.ª* que da *ex.ª* ao *tu.* Impero eu mais no meu criado que o rei em mim. [1] Ha em cada burguez uma monarchia. Milhões de burguezes, milhões de absurdos. E eliminam-se acaso n'uma hora?

Não se tratava por emquanto de modalidades organicas de existencia; tratava-se de existir. Problema social e problema politico marchariam evolutivamente na

---

[1] Um rei segundo a carta, entende-se.

orbita ininterrupta do seu destino. Quando um vapor alagado vae ao fundo, discute a marinhagem construções navaes? Primeiro salval-o, o estaleiro depois. Quer dizer: a revolução urgente não era social, nem politica, era moral. Nem havia a escolher entre monarchia e republica, pois que, para escolher entre duas coisas, é necessario existirem, e a republica tanto custava a realisar, que ainda até hoje a não fizemos.

A segurança da patria exigia inadiavelmente á frente do governo um homem de superior inteligencia, de altivo caracter, de animo heroico e resoluto. Era-o D. Carlos? obedeceriamos a D. Carlos. Uma alma, uma vassoira e uma carroça, de nada mais precisava. Varrer, limpeza geral, pôr isto decente! Tal embaixador levantara castellos de milionario com o dinheiro da nação? Transferil-o de embaixada: representante vitalicio do Limoeiro em Africa. Tal ex-ministro comprara as quintas, vendendo a vergonha? Penhora e prisão. Os bens ao erario, o corpo á penitenciaria. Deslaçar gran-cruzes e chumbar grilhetas. Norte e Leste, lamas do Tejo, Banco Lusitano, obras do estado, etc., etc., todas essas montureiras gangrenadas, — poios de escandalos, obscenamente fermentando ao ar livre, — queimal-as a calcium, purifical-as a vitriolo. Calcamos infamias, respiramos veneno. Que um ciclone de justiça nos purificasse o ar e desentulhasse as estradas. Caminho livre, atmosfera nova! Quem baldeou o paiz á ruina, á miseria do lar, á indigencia da alma? Idiotas? Aposental-os em onagros. Bandidos? Metel-os na cadeia.

E a questão economica? Resolvida por si. Direi mais: util e necessaria. Mas resolvida de que fórma. Pelo sacrificio de todos, pela abnegação coletiva. As patrias, como os individuos, só se regeneram sofrendo.

A dor é salvadora. Não ha virtude sem martirio, não ha Christo sem cruz. A Redempção vem da Paixão. A vida fortalece-se na angustia. Nem só a do homem, a vida inteira, a vida universal. A procela avigora o roble, e o ferro candente adquire a tempera, mergulhando-o em gelo. Quando a desgraça parece matar uma nação, é que tal nação estava morta. O caustico, que levantou o doente, decompõe o cadaver.

Resumindo: desastres, miserias, vergonhas, infortunios, calamidades, subjugados com energia e padecidos com nobresa, enseivariam de novo alento o coração exanime da patria. O raio lascou a arvore? Brotaria, amputada, com maior violencia. A alma habita na raiz.

Mas seria possivel conjugar quatro milhões de interesses, quatro milhões de egoismos, n'um impeto unanime de fé heroica e de renuncia? Era. Digo-o sem hesitar. O sibarita que ria, o cevado que ronque. Era! O espirito, como o fogo, consome traves, calcina pedras, derrete metaes. O facho d'uma alma pode incendiar uma Babilonia. Um iluminado pode abrazar um imperio. Tem-se visto. O cofre-forte é de ferro, a libra é d'oiro, o egoismo é de bronse, mas a electricidade impalpavel, invisivel, imponderavel, volatilisa tudo n'um momento. Ora o espirito é a electricidade de Deus. Nada lhe resiste. Devora seculos, evapora mundos. Jesus e Boudha, um crucificado, o outro mendigo, refasem o globo, poem nova mascara á creação. Joanna d'Arc e Nunalvares, irmãos gemeos, redimem duas patrias. Focos ambulantes de espirito divino, arrastam e vencem, — magnetisando. O ceo é contagioso como a lepra.

Claro que o milagre exige a fé. Nem todos os sabios juntos escreveriam os evangelhos. A lingua do

homem, sem a lingua de fogo, não apostolisa, discursa. Um Doutor não é um Messias.

A metempsicose, em moderno, do grande Condestavel, eis o meu sonho. Um justiceiro e um crente. Braço para matar, boca para resar. Pelejas como as de Valverde só se ganham assim: ajoelhando primeiro. O Nunalvares d'hoje não usaria cota, nem escudo, mas, ao cabo, seria identico. A mesma chama n'outro involucro. Não combateria castelhanos, combateria portuguezes. O inimigo mora-nos em casa. Aljubarrota no Terreiro do Paço e os Atoleiros... nos mil atoleiros de infamias que enodoam as ruas, e obstruem o transito. Queriamos um justo inexoravel, um santo heroico, com a verdade nos labios e uma espada na mão. Os quadrilheiros que infestam Lisboa e os subquadrilheiros que infestam as provincias, anulal-os, esmagal-os n'um dia, n'uma hora, sem pena e sem remorso, vasando-os logo, — atascadeiro de baixesas, lodo de malandros, — pelo buraco infecto d'uma comua. Depois pregar a tampa. Um colector *in pace*, um cano de esgoto jasigo de familia.

E, removidos os focos epidemicos, voltaria em breve a saude geral. A obra de reconstrucção, inda que lenta, marcharia sem estorvo. Humanisar o ensino, nacionalisar a industria, um clero portuguez e christão, a justiça fora da politica, o exercito fora de S. Bento, os burocratas para a burocracia, o professorado para as escolas, o poder legislativo entregue ás forças independentes e vivas do paiz, arrotear o solo, colonisar a Africa, — tudo era possivel, tudo era simples, desde que nos dessem uma fé, uma crença, vida luminosa,—uma alma!

Alma! eis o que nos falta. Porque uma nação não é uma tenda, nem um orçamento uma biblia.

Ninguem diz: a patria do comerciante Araujo, do capitalista Seixas, do banqueiro Burnay. Diz-se a patria de Herculano, de Camilo, de Anthero, de João de Deus. Da mera comunhão de estomagos não resulta uma patria, resulta uma pia. Socios não significa cidadãos. O burguez estupido, perante as calamidades que nos assaltam, computa-as em libras, redul-as a dinheiro. Parece que se trata d'uma mercearia em decadencia. Divida flutuante, impostos, cambios, cotações, alfandegas, cifras, dinheiro, nada mais. A ruina moral não entra na conta nem por um vintem. Deve e ha de haver, eis o problema. Direito, Justiça, Honra, Pundonor, — palavras! Se o gigo das compras andasse farto e os negocios corressem, podiam encafuar Jesus Christo na penitenciaria e sua Mãe no aljube, que a recua burgueza, dizendo-se catolica, não se moveria. O cambio estava ao par.

Fallir um banco, que desastre! Fallir uma alma... — Mas que demonio é isso de fallir uma alma? —

Ouve lá, burguez rotundo. Um exemplo. Ouviste já nomear por acaso o Fialho d'Almeida? Vagamente. Ora bem; esse Fialho é a mais rica natureza artistica que Portugal tem gerado ha duas duzias d'anos. Um talento grande, rutilando em genio por instantes. Em genio, sim. Leiam os *Pobres,* o *Filho,* a *Velha,* o *Idilio triste.* Natureza de sensibilidade vibratil, agudissima, quasi morbida. Depois portuguez, idolatrando o seu Alemtejo, adorando a sua patria, instintivamente, organicamente, como a raiz adora a terra.

A uma tal natureza, em Lisboa, de 90 a 93, hora a hora assistindo á decomposição putrefacta d'aquella percevejaria nauseante, não lhe era licito o refugio nirvanico dos metafisicos ou dos *habeis* na decantada torre

de marfim. O Fialho estava pobre e o marfim muito caro. Indole ardente e valorosa, palpitando de plebeismo robusto, de humanidade sanguinea, olvidou planos d'arte, sonho alado, chimera astral, e de chicote nas unhas, mordaz e mordendo, arremeteu contra a fandangagem da sociedade lisboeta, como alguem que marchando direito a um nobre destino, se atirasse de repente ás ondas, aventurando a vida, — para salvar um bebedo.

Entre os projectos literarios do admiravel artista, um havia mais que todos acariciado e fecundado, os *Cavadores,* rustico poema, sintese sublime da vida da terra, da planta e do camponez, obra de fisiologista, de psicologo e de poeta, reçumando sangue, transpirando lagrimas, drama tangivel e real, movendo-se n'uma atmosfera enigmatica de infinito e de sonho. Um livro elevado. Lisboa rasgou-lh'o. Em troca deu-lhe os *Gatos*. D'um poeta epico fez isto: um varredor da Baixa. O Fialho durante tres anos varreu o Chiado, espiolhou a Havaneza, catou S. Bento. Os trapos converteram-no em trapeiro. A aguia baixou a milhafre. O milhafre é util: depura e limpa. Os *Gatos* foram, em parte, uma obra de justiça, por vezes de colera. Mas o rancor dos bons denota ainda bondade. Só os grandes idealistas desceram a grandes satiricos. Christo dava chicotadas.

Nos *Gatos* estoira de quando em quando um rugido de tigre. É o melhor do panfleto. O resto, tirante algumas paginas literarias, maravilhosas, descamba na insignificancia, — cisco, anedoctas, noticiario, zero. O estilo não basta. Uma melancia em bronse não deixa de ser uma melancia. Os *Gatos* tem valor moral e valor d'arte. Mas este é relativo, e portanto inferior, e aquelle ineficaz, e por tanto menos proveitoso. Varrer Lisboa nos *Gatos*, acho bem; varrel-a no Diario do Governo,

acharia optimo. Conclusão: o desmantelamento da sociedade portugueza actuou o espirito impressionavel d'um grande poeta, esterilisando-lhe a genese da obra humana, imorredoira, e fecundando-lhe a semente da obra particularista e transitoria. Desviou do seu curso natural a agoa limpida que regava platanos e searas para com ella inundar estrumeiras e desentupir esgotos.

Bom burguez, comprehendes agora o que é a falencia d'um espirito? Calcula, pois, em 2 milhões de consciencias [1], o deficit moral, a ruina interior, que os teus guarda-livros não escripturam nas agendas. Perdeste dinheiro, meu rico homem, na quebra fraudulenta d'um banco? O Fialho e nós perdemos os *Cavadores* na quebra fraudulenta d'uma nação. O prejuizo maior foi o nosso. O nosso, o da patria. Porque é mister que t'o diga, bom burguez: sem o banco de Portugal ficariamos pobres 30 anos. Mas sem os Lusiadas ficariamos pobres para sempre. As libras voltam. O genio não se repete. Por isso, burguez odioso, te não lamento. Mais ainda: regalam-me ás vezes, Deus me perdoe, os teus desastres lembrando-me que só te levantarás honradamente, quando se te der, de fome, um nó nas tripas! Idiota! Nem egoista és. Vês apenas dinheiro, e hão de deixar-te sem camisa. Inda bem. Só nu ficarás decente.

Continuemos. A nação, mais do que de libras, carecia d'alma. Quem lh'a daria? Quem a tivesse como o sol tem luz: infinita. Pobre D. Carlos! Que havia de elle dar, — mediocridade palurdia, já aos 25 anos atas-

[1] É meia consciencia por habitante. Talvez excessivo.

cado no cebo dinastico, nas banhas brigantinas! Alma? Bem alma, não; quasi, pequena diferença: lama. Uma inversão de duas letras. Ligeiro lapso, cuja emenda é esta: Viva a republica!

O rei falhara. Nullo, insignificante. Pedir-lhe genio, heroismo, grandeza, sublimidade, — o mesmo que pedir astros a uma couve ou raios a uma abobora.

A existencia da patria dependia da revolução. O rei não poude, não soube, ou não quiz fazel-a. Em suma, não a fez. Perdeu-se. Que restava? Fazel-a o povo. Não a fazendo, perdia-se tambem.

O rei, em vez de cortar o cancro, identificou-se com elle. Chaga maior, operação mais grave. Já ninguem suprimirá o cancro, sem suprimir a realeza.

O republicanismo não é aqui uma formula de direito publico; é a formula extrema de salvação publica. No predio em chamas ha só uma janela aberta. Preferem os monarchicos morrer queimados, por a janela estar pintada de vermelho? Fosse ella branca, que eu saltaria sem escrupulos.

Republicano e patriota tornaram-se sinonimos. Hoje quem diz patria, diz republica. Não uma republica doutrinaria, estupidamente jacobina, mas uma republica larga, franca, nacional, onde caibam todos. Não d'um partido, da nação. Presidente o melhor. Foi por acaso miguelista? Embora. Uma revolução por seleção de caracteres.

Tal movimento civico, espiritualisado e grande, requeria pelo menos um homem. Existe? Existiu: José Falcão.

José Falcão! Alma tão nobre de patriota não a conhecerei jamais. A ideia de patria, feita verbo, n'ella encarnara divinamente. Hostia sublime! Trigo de co-

munhão deu-nos a fé, e trigo de viatico, na hora da nossa morte, deu-nos ainda a esperança.

Á volta de mim vejo monturos, dentro de mim encaro cinsa. Tudo acabou, não é verdade? Melancolicamente revolvo a cinsa, poeira de chimeras, e uma flamula fulge, uma brasa crepita... É a alma d'elle... Não quer apagar-se. Mesmo dentro de nós, tumulos cerrados, continúa ardendo. Ámanhã de taes campas podem brotar ainda lavaredas.

Grande homem! Como o sangue em momento de panico reflue de chofre ao coração, dir-se-hia que na hora suprema toda a alma da patria n'aquella alma se ajuntara.

Em José Falcão a inteligencia era robusta, a sciencia enorme, mas a grandesa moral incomparavel e soberana. Dizia o que pensava, fazia o que sentia. Um justo. Portanto, um solitario. Querendo viver puro, viveu em si mesmo. Isolou-se. Nem ambicioso, nem vaidoso. Nos altos pincaros, de gelo e de luz, não ha microbios.

Egoista intelectual? Nunca. Animo generoso, os problemas sociaes captivaram-no. A sociedade evitou-a. Livros e familia: cerebro pensando, coração amando.

Mas o sentimento da patria com tal furor e febre lhe girava no sangue, tão inato e profundo lhe ardia lá dentro, que aquelle homem de ideias instantaneamente se volveu, como por milagre, em homem d'ação. O ruido molestava-o; procurou o ruido. A turba encomodava-o; procurou a turba. Agitou-se tres anos em movimento frenetico. Patria! Patria! a visão constante, o sonho de toda a hora! Fogo sagrado, fogo devorador. Queimou-se, abrasou-se n'elle. Auto-de-fé d'um corpo nas lavaredas d'uma crença.

O patriotismo tornara-se em José Falcão um misticismo. Comprehendo-o bem. Ideia tão inflamavel, em tão candente natureza moral, sublima-se, ilumina-se, perde-se no extase, no enlevo, no transcendentalismo religioso. Aquelle homem exhalava de si o quer que fosse de sobrenatural e de divino. Sentia-se que no grande momento arriscaria tudo: familia e vida, fortuna e lar. Atravez do crente apercebia-se o heroe. Por isso arrastava. A eloquencia vinha-lhe expontanea, dominadora, magnetica. Não a eloquencia literaria dos artistas. Eloquencia d'alma, verbo interior, luz d'uma chama.

Depois n'aquelle homem tudo era portuguez, sobrio, simples, varonil, vernaculo: figura, gesto, palavra, intonações, modo de vestir, maneira de andar. Tudo beirão, tudo nosso. Nem um galicismo. Austero e risonho, violento e meigo, — a singelesa na grandesa. Lembrava ainda o Condestavel. Como elle, espirito heroico, braço de ferro para o comando, boca de santo para a piedade.

Extenuado e letargico, presentindo a morte, nunca desanimou. Pois a doença da patria não era ainda bem mais grave? Por ella, sim, desejaria viver, desejaria morrer. A força fisica abandonava-o, só a vontade sobrehumana o tinha em pé. Era já uma existencia feita de resurreições, um ideal galvanisando um cadaver.

Dizia-nos elle, quasi no fim: Não duro muito; aproveitem-me.

Morria d'ahi a mezes.

Não ha uma intima e dolorosa afinidade entre a alma quebrantada d'um povo, baldadamente, durante seculos, evocando um Messias, e a breve aparição d'um redemptor, miragem subita, que mal se desenha se desfaz?

Tal a arvore-espectro, fructos d'aurora sonhando, caveiras torvas produzindo, que um dia gerou, milagre d'amor! o pomo d'oiro deslumbrante, e o viu desprender, esbroado em cinsa, do galho nu, do ramo esteril de esqueleto...

Arvore noturna, a morte gira-te nas veias, e os fructos de Ideal que tu concebes já trazem no amago, quando nascem, as larvas deleterias do sepulcro...

Desiludido, assim o creio por vezes. Depois a um golpe de sol, o Quichote revive, exalto-me de novo, de novo espero... Florinha azul, beijo Deus, — divina Esperança!...

GUERRA JUNQUEIRO.

OS JORNAES

Convicto e crente, sabio e honesto, inaccessivel ás podridões de que enferma a nossa politica, José Falcão era a esperança dos novos que anceiam por um movimento de regeneração patria. Desde os bancos das escolas que as suas arreigadas crenças na liberdade o impelliram para a vanguarda dos partidos avançados e quando a Communa de Paris era victima das accusações mais infamantes, em Portugal, a sua penna elevou-se em defeza das victimas do governo de Versailles, que sem dó nem piedade e sob as vistas dos prussianos mandava assassinar em massa a população parisiense. Effectivamente quantas mulheres e creanças e quantos homens respeitaveis pelas suas convicções, não pagaram com a vida o enorme crime de muito amarem a sua patria e de muito odiarem os seus algozes!

José Falcão era um justo e portanto detestava todas as injustiças.

. . . . . .

Todos o consideravam chefe e só elle se julgava um simples soldado! É que, realmente, a grandeza do seu talento egualou-a a da sua modestia e sem ambições mesquinhas de figurar, tinha apenas a nobre ambição de ajudar a estabelecer uma fórma de governo que salvasse o paiz

da ruina que o esmaga. E tanto isto assim é, que elle dizia com toda a sinceridade: «Se a monarchia póde salvar o paiz, que o salve.» Mas infelizmente a monarchia não póde alcançar esse desideratum e o eminente sabio ha de fazer falta a tantos, de quem era prestigioso guia. Mas ainda depois da morte nos servirá de modelo nas luctas politicas, porque os seus conselhos não serão esquecidos. Chorando sempre o chefe, orientando-nos nas suas palavras, caminharemos sempre unidos para a lucta e no dia da victoria prestaremos homenagem não só a elle, mas ainda a outros que a morte tão prematuramente roubou á patria, á sciencia e ao partido republicano.

(*O Abrantes*)

José Falcão

Acabamos de receber o seguinte telegramma:

«Coimbra, 13, ás 2 horas da tarde. — José Falcão está perigosamente enfermo.»

Desejamos ardentemente as melhoras do nosso eminente correligionario.

(*A Batalha*, n.º 449)

O dr. José Falcão Morreu!

No seu laconismo o telegrapho acaba de nos transmittir de Coimbra, quasi á ultima hora, estas desoladoras palavras:

Morreu José Falcão!

A Batalha tarja de luto por este desgraçado acontecimento, e regista, em horas de desanimo profundo e de profunda tristeza, mais esta perda para o glorioso, e, por tantas vezes, infeliz partido republicano.

Morreu José Falcão!

Vestimos de crepe em presença do cadaver de mais um chefe, cobre-se de luto a nossa bandeira.

*

Vão-se para a eternidade, uns após outros, os vultos proeminentes da democracia portugueza; caem no tumulo os grandes patriotas, os grandes caracteres, as famosas individualidades, os provados talentos.

A perda que o partido republicano acaba de soffrer é tamanha, que nem agora lhe sabemos medir a extensão. Sentimo-n'os estonteados aos golpes da desgraça.

José Falcão era o chefe reconhecido do partido republicano do Norte, e comquanto nos ultimos tempos hajam engrossado as fileiras do nosso partido com superiores dedicações, por largos dias teremos de sentir a falta d'aquella voz de commando, que se impunha ao respeito de todos pela firmeza das convicções, pela certeza dos planos, e pelos primores da lealdade.

*

Perdemos um grande marechal, e nenhum partido ganhou com a sua morte, porque José Falcão, a par de ser um chefe republicano, era tambem uma gloria d'este paiz, que se sente desfazer á falta de fortes consciencias, e de indomaveis coragens.

*

Era um integro dos poucos que ainda restam da pleiade de altruistas e de sabios, que se hão devotado á causa portugueza, e á causa do povo.

Era dos que ambicionavam, apenas, servir a patria e o seu partido, e vivia satisfeito, animado por doces visões, na larga esphera da sua sciencia e do seu saber, e no remanso da santa paz que lhe rodeava o espirito.

Era dos que renunciavam a todas as glorias artificiaes d'este mundo de artificios, procurando logar no meio do povo para lhe ouvir os seus canticos e os seus queixumes, e tornar-se com elle solidario nas infelicidades.

Era um puro na vida politica, um santo na vida particular, e adoravel na vida intima.

. .

Era um crente na doutrina democratica, e um sacerdote da liberdade.

E é este homem que a morte nos rouba, depois de nos ter levado para as sombras da eternidade, muitos d'aquelles que tinham comsigo uma tradição honrada e uma historia sem macula!

Está a provas o partido republicano!

E bem precisa elle de coragem e de resignação para poder com a inclemencia d'estes golpes tremendos.

Morreu José Falcão!

Resta-nos:

Honrar a sua memoria, estudar nos seus exemplos, e depois de lhe beijarmos a fronte livida, de o levarmos ao seu pantheon — levantemo-nos com a sua obra e completemo-l'a.

*

Que repouse na eternidade e vamos todos na esteira de luz que elle nos legar.

São grandes as provações, mas deve ser maior a coragem d'um partido como o nosso, que tem por missão regenerar a patria abatida.

*

Morreu José Falcão!

A paz seja com elle.

Invoquemos a sua memoria e os seus feitos e

Viva o partido republicano!

Viva a republica!

Vão com lagrimas estas saudosas acclamações feitas em horas de luto e de tristeza.

(A Batalha, n.º 450)

Dr. José Falcão

Repousa já no tumulo o eminente professor, o benemerito cidadão, o prestigioso chefe do partido republicano.

A sua morte commoveu o paiz. No partido republicano deixou um logar vago, que não sabemos quando poderá ser preenchido. Na eloquencia das manifestações de saudade e respeito que surgem de todos os campos politicos e de todas as espheras sociaes, está o elogio do homem, que se tornou notavel durante a vida pela sua dedicação ao bem da patria, e aos explendores da sciencia.

Em momentos de dôr cruciante, o partido republicano tem tido sempre a enchugar-lhe o pranto a agri-doce consolação de ver os seus chefes cercados da gloriosa aureola que o respeito de todos sabe tecer-lhe em momentos de espontanea justiça.

Assim tem succedido nos dias de luto do partido republicano, quando no recolhimento das suas maguas tem levado á ultima jazida os seus homens em evidencia, os seus generaes, os seus chefes. N'essas horas em que a politica proclama a tregua para falar o reconhecimento e a lealdade, todos têm escutado o elogio dos homens, que atravez de annos de abnegação conquistaram as honras devidas aos seus elevados feitos de civismo por amor á causa da democracia, que é a causa de todos os povos. Ao desapparecer do mundo o dr. José Falcão, recordemos os seus companheiros na eternidade: Gilberto Rolla, Oliveira Marreca, Elias Garcia, Latino Coelho, Sabino de Sousa, Sousa Brandão, Aureliano Cirne, Castello Branco Saraiva, etc.

É amplissimo o quadro dos nossos mortos illustres, como amplissimas são as paginas onde ficaram registados os exemplos de significativa coragem que todos elles nos legaram. Invocando as suas honradas memorias, d'aqui soltamos a nossa expressão de saudade, de mistura com o nosso grito de

Coragem

que n'este instante de suprema angustia deve ser ouvido por todos os nossos correligionarios.

Está sellado, com as lagrimas da democracia portugueza, o tumulo de José Falcão; sellemos a nossa fé no futuro, com os proprios sellos da adversidade.

(A Batalha, n.º 451)

Morto illustre
Dr. José Falcão

A Imprensa do paiz noticiando a morte do honradissimo chefe do partido republicano tece-lhe os mais levantados elogios.

É que o Dr. José Falcão era um dos homens mais notaveis de Portugal. Talento pujante e caracter dignissimo. Estas duas qualidades, que raras vezes se encontram juntas, formavam o fundo moral do distincto republicano.

Como professor: — era o mais illustre do paiz.

Como escriptor: — os seus artigos eram pequenos mas incisivos.

Como politico: — organisou o partido republicano do norte e com tanto criterio que nas ultimas eleições os partidos monarchicos tremeram cheios d'assombro e vertigens.

(O Circulo das Caldas, n.º 4)

Falleceu.

Esta palavra envolve uma tremenda e inesperada catastrophe, que a violenta commoção de que nos achamos possuidos não nos permitte descrever com todas as luctuosas minudencias e tristissimos episodios.

Os grandes homens, como tambem os pequenos, são tombados pelo mesmo furacão da morte e são occultos nas mesmas sombras dos tumulos, mas emquanto estes teem na terra o esquecimento, porque nenhuma acção superior os realçou, aquelles, como o dr. José Falcão, ficam vinculados estreitamente ao bronze da historia, porque deixam apoz de si a rasteira luminosa da sua vida que nem o evolutir das epochas nem agitações bellicas podem derruir.

São astros que por si só valem uma constellação, são heroes que valem uma Illiada, são genios que merecem um poema, ainda que esteja envolvido com gottas de pranto.

Custa a acreditar, parece mesmo um sonho, que aquelle tão bem formado cerebro se obscurecesse tão repentinamente, que aquellas palpebras se cerrassem tão prematuramente sob a esmagadora e fria pressão da morte!

Como ella é forte e poderosa!

Para os que conheceram a magnanimidade do seu caracter, os generosos impulsos do seu coração; para os que tiveram a dita do convivio doce e leal da sua amisade, para esses o golpe foi cruel e esmagador.

Morreu o dr. José Falcão. Baqueou o colosso.

Não veste hoje lucto só uma familia; vestem-n'o todos os que o conheciam, veste-o o partido republicano que se orgulhava de o contar na sua grey, veste-o a patria que o estremecia como um dos seus mais dilectos filhos.

Deus chamou-o para si sem se importar com a falta que causa á familia que o idolatrava, nem com as lagrimas dos amigos, que o adoravam.

São irrevogaveis os decretos da Providencia.

O dr. José Joaquim Pereira Falcão militava ha muito no partido republicano, que sempre defendeu, ora pela palavra, ora pela escripta; comtudo elle antepunha os interesses da patria aos interesses do seu partido.

Não era um politico mesquinho, faccioso, e intransigente; pelo contrario, floresciam n'elle as mais nobres qualidades de cidadão, que nunca teve inimigos por adversarios, porque estes lhe reconheciam as virtudes e lhe respeitavam a hombridade do seu caracter impoluto.

Eram proverbiaes a generosidade da sua alma e a honradez intemerata do seu proceder. O cumprimento de um dever estava para elle acima de tudo.

Inclinado ao bem por indole, incapaz de offender conscientemente pessoa alguma, sabia esquecer alheias offensas. Nunca soube o que ellas eram.

Da cidade de Coimbra e dos seus discipulos era elle querido e amado, porque tiveram occasião de lhe apreciar os finos dotes do espirito e as nobres qualidades do seu coração. Era venerado por todos os seus correligionarios, que seguiam os seus conselhos e lhe admiravam a prudencia e a honradez austera, que sempre o caracterisaram.

É por isto que a noticia da sua morte, que se verificou pelas 11 horas do dia de hontem, correu por toda a cidade, deixando gravado em todos os rostos manifesto sentimento pela perda d'esse homem que presentemente é chorado por uma familia amantissima, por um partido que perdeu n'elle

um soldado benemerito, com qualidades mais que sufficientes para ser um capitão, um chefe denodado e aguerrido, e pela patria inteira que vê sumir-se para sempre um dos filhos que lhe grangearam maior renome.

(O Commercio de Coimbra)

O nosso primeiro estabelecimento scientifico acaba de perder um dos seus mais brilhantes ornamentos, uma intelligencia privilegiada e rara, um dos mais considerados entre os considerados homens de talento. O partido republicano perdeu n'elle um chefe prestigioso e illustrado como poucos.

A sua morte foi muito sentida por todos os que sabiam avaliar do que era em vida o dr. José Falcão, um sabio.

As honras funebres prestadas ao eminente homem de sciencia foram sómente imponentes e realmente bem merecidas.

Nós, acompanhando os sentimentos de dôr que agora opprimem os que o conheciam de perto, não fazemos senão cumprir um dever de inalteravel gratidão e saudade.

(O Commercio de Penafiel)

Dr. José Falcão

Acaba de perder o paiz um homem de elevadas faculdades e de subido merito, que, desde a tribuna da imprensa até á cathedra do professor, soube conquistar sempre os mais justos titulos de veneração e respeito.

Falleceu hontem, em Coimbra, o dr. José Joaquim Pereira Falcão, illustre lente de vespera da faculdade de mathematica da Universidade e distincto jornalista.

Era homem de vastos conhecimentos e como tal occupava um logar saliente no professorado portuguez. A essa illustração superior reunia uma austeridade de caracter que o tornava altamente respeitado em todo o paiz.

.....

Apesar de muito doente, esmerou-se sempre em cumprir dignamente, e com austeridade, os deveres do magisterio. Como professor, soube conquistar um nome prestigioso, querido dos collegas e venerado pelos discipulos.

Jornalista e pamphletario vigoroso, evangelisou corajosamente na tribuna da imprensa o seu credo politico, sob uma fórma correcta e séria, distinguindo-se por uma notavel elevação e sobriedade de linguagem. D'elle se póde dizer que foi honra e lustre do jornalismo portuguez.

Mereceram-lhe estudo especial as importantes questões coloniaes, e n'esta materia era apontado como auctoridade de primeira ordem.

Em alguns jornaes democraticos do paiz, publicou o dr. José Falcão eruditissimos artigos sobre problemas, que escriptores de outras escholas applaudiram e citaram com grande louvor.

.....

Dotado de um genio extremamente melancholico, que não excentrico, parecia viver como que isolado da sociedade. Mas este effeito apparente era só para os que não lhe conheciam o caracter, e resultava em parte das suas interminaveis enfermidades e em parte dos habitos contrahidos pelo estudo e pela meditação sobre altas questões sociaes, a que era muito propenso o seu lucidissimo espirito.

Foi chefe de familia bondoso e exemplar.

Tendo ultimamente entrado na politica activa, fôra nomeado chefe do partido democratico do norte.

O illustre finado, que escreveu em diversos jornaes, como acima dizemos, ultimamente abrilhantou com os seus escriptos *A Voz Publica*, d'esta cidade. Aos nossos prezados collegas d'aquelle jornal significamos os nossos pezames pela dolorosa perda que acabam de soffrer.

(*O Commercio do Porto*, n.º 13, 40.º anno)

O funeral do illustre professor e brilhante jornalista, dr. José Falcão teve a eloquente affirmação de uma intensa

saudade, de um preito altamente significativo, de um adeus dolorosissimo de quanto admiravam o austero caracter, a pura honestidade, e o fulgurantissimo talento do mallogrado cathedratico. — *S.*

(O Commercio do Porto, n.º 14, 4.º anno, corresp. de Coimbra)

Dr. José Falcão

Falleceu hontem de manhã em Coimbra, depois de curto soffrimento, o illustre professor e erudito escriptor o sr. dr. José Falcão, lente da Universidade, uma das mais distinctas individualidades da sua geração e do seu paiz, muito conhecido e muito estimado pelos seus talentos como pelo seu caracter e qualidades.

. . . . . .

A perda de um homem do valor intellectual e moral do sr. dr. José Falcão é sempre uma perda lamentavel, sobretudo quando as circumstancias exigem um esforço extraordinario do concurso de todos os homens de merecimento real para levantarem o prestigio e a grandeza da nação. Sobre este ponto de vista patriotico e pela sympathia que sempre nos mereceu o eminente professor, duplamente sentimos a sua morte prematura.

(O Commercio de Portugal, n.º 4048)

Dr. José Joaquim Pereira Falcão

É geral e profundo o pezar pelo fallecimento d'este illustre e benemerito cidadão.

Quer se considere o dr. José Falcão como professor da Universidade, quer como sabio quasi encyclopedico, quer como homem politico, quer como simples cidadão, quer emfim como chefe de familia, acha-se nelle um exemplo vivo de muitas das possiveis perfeições humanas.

A sua palavra era sagrada. O que elle dissesse podia-se acreditar sem hesitação alguma.

Numa epocha em que os costumes se corrompem a olhos vistos, em que se vê uma ignobil versatilidade politica; em que a traficancia impera com todo o descaramento — é consolador achar um homem da esphera do dr. José Falcão.

Tivemos relações com elle desde o seu tempo de estudante, e sempre lhe encontrámos o mesmo caracter, e a mesma austeridade.

Em as nossas conversações nunca o vimos contradictorio de opinião.

Avaliava os homens dos differentes governos d'este paiz sem contemplações, e em regra não se illudia na fórma como os apreciava.

Era viva a sua crença na fórma republicana.

Tinha a monarchia como um fóco e escóla de corrupção, que era necessario exterminar pela raiz.

Póde ser que a sua boa fé o illudisse, julgando todos os homens do povo pelo seu caracter probo e honrado; mas é certo, pelo menos, que era sincera a sua propaganda para morigerar os costumes, para levantar o paiz do seu abatimento, e conseguir que se regenerasse, sob a fórma de governo, que tivesse por base a soberania popular.

A sua maravilhosa *Cartilha do Povo,* de que se fizeram 5 larguissimas edições, de todas as quaes possuimos exemplares, é um documento das suas honradas convicções politicas.

Feliz a nação em que todos os seus habitantes comprehendessem e seguissem á lettra as doutrinas ahi propagadas pelo seu esclarecido auctor.

A difficuldade estava em que o povo chegasse a comprehender bem os seus direitos e os seus deveres, e os exercesse e cumprisse religiosamente.

O dr. José Falcão não era só um distinctissimo mathematico.

Tinha feito estudos especialissimos, tanto economicos, como ethnographicos e geographicos ácerca das nossas possessões africanas.

A sua livraria com respeito ás coisas d'aquellas nossas possessões era numerosa e selecta.

Não se lhe fallava de um assumpto relativo ás nossas possessões, que elle não satisfizesse prompta e amplamente.

Estes e outros estudos, além dos da sua cadeira, faziam-no tornar concentrado. Comtudo não se recusava a prestar os serviços que todos os seus correligionarios lhe pediam, a bem da propaganda democratica.

O dr. José Falcão era muito fraco e doente; e ainda assim se do Porto lhe pediam alli a sua comparencia para resolver algum assumpto importante, relativamente ao partido republicano, eil-o logo prompto a dirigir-se para aquella cidade, em risco imminente de augmentar os seus padecimentos.

Faz o dr. José Falcão uma falta enorme, não só á sciencia, como á politica republicana; porque homens como elle muito difficilménte se substituem.

Em todo o caso — como muito bem diziam quasi todos os oradores, perante os restos mortaes do illustre extincto, na grande escadaria de Santo Antonio dos Olivaes, a que fomos assistir, apezar das nossas doenças e dolorosos incommodos — a geração actual deve tomar como ensinamento as virtudes civicas do dr. José Falcão; servindo-lhe como de evangelho a sua doutrina.

. . . . . .

Era singular aquelle espectaculo!

A vasta escadaria de Santo Antonio dos Olivaes repleta de espectadores, na presença dos restos mortaes do dr. José Falcão; a hora já de noite em que se prestavam estas ultimas homenagens funebres: os successivos e enthusiasticos discursos em que se exaltavam as virtudes d'aquelle illustre cidadão, tudo produzia um effeito admiravel.

Foram merecidas todas estas honras prestadas ao dr. José Falcão.

Ao menos não se dirá que a sua honrosa memoria ficou esquecida, no meio de uma sociedade em grande parte descrente e egoista.

Joaquim Martins de Carvalho.

(O Conimbricense, n.º 4733)

Dr. José Falcão

Trouxe-nos o vapor *Cabo Verde* noticia de haver fallecido em Coimbra, a 14 de janeiro ultimo, o dr. José Falcão, distincto lente da faculdade de mathematica na Universidade.

.....

José Falcão morreu ainda novo, e a sua morte é geralmente sentida pelos homens da sciencia e da politica.

Achava-se filiado no partido republicano, e era um dos chefes no norte de Portugal por quem havia maior estima e consideração, pelo seu grande talento e pela austeridade do seu caracter, que representava as ideias, os sentimentos e as aspirações do seu tempo e do seu paiz.

O partido republicano com a morte do dr. José Falcão soffreu uma perda irreparavel, pois que, era José Falcão um organisador por excellencia como attestam os seus serviços prestados n'esse sentido ao partido em que militava.

O seu livro a *Questão do Zaire* foi que esclareceu o assumpto que então se debatia, ácerca dos perigos que estavam imminentes sobre os nossos interesses e dominios, a dois passos de Loanda. A geographia africana não lhe era desconhecida, embora nunca atravessasse o continente negro, como provou n'aquelle notavel trabalho.

.....

Não permitte o espaço de que podemos dispor no presente numero, que mais desenvolvidamente nos occupemos do assumpto.

A redacção do *Correio de Loanda*, sente o passamento do dr. José Falcão, e a falta que faz á sciencia que ensinava com subidos conhecimentos e ao partido de que era um dos chefes mais considerados e toma parte na dôr que alanceia sua extremosa familia.

(O Correio de Loanda, n.º 159)

Dr. José Falcão

Mais um derribado pela morte. N'um periodo curto Oliveira Marreca, Latino Coelho, Sousa Brandão, Elias Garcia,

Castello Branco Saraiva, dr. José Falcão. São as grandes arvores da floresta republicana que a tempestade se compraz em abater primeiro. É radical a divisoria politica que d'esse partido nos separa, mas não impede a sinceridade com que o acompanhamos no seu luto. Tambem nos ultimos tempos a fatalidade tem derribado com o seu sopro mortifero as mais bellas e prestigiosas cabeças das phalanges monarchicas. E ainda não houve perda por nós pranteada que os mais rijos dos nossos adversarios não lamentassem, partilhando-a comnosco.

Dentre os que teem militado nos arraiaes contrarios, o dr. Falcão era um dos primeiros. E se o não pozeram logo na primeira plana os seus talentos, é simplesmente porque a modestia do seu espirito e a singelleza do seu caracter mais pareciam affeitos á meia luz. Era um delicado, que se deixava intimidar com a visão de uma popularidade politica. Era como uma d'essas exoticas flores d'estufa que um raio de sol mais forte queima de chofre.

*

É como sabio, e como professor do nosso primeiro estabelecimento scientifico, que o dr. José Falcão deixa o seu nome muito altamente erguido. Era dos raros professores que os discipulos tinham anciedade de ouvir. Na cadeira, as graves e eruditas prelecções mathematicas revestiam todos os encantos de conferencias lucidas em que o sabio de mãos dadas com o artista, ambos seguros do caminho, atravessavam os mundos da astronomia, por fórma que os ouvintes, ao passo que iam tomando conhecimento dos estadios percorridos, iam accusando a impressão da paizagem, a fulguração das estrellas, o esplendor dos soes. E não era doce, nem maviosa, nem arroubada de extasis poeticos, a voz d'esse viajante estellar. Ao contrario, dura, pausada, mas sabendo com tanta verdade dizer a verdade, achando tão concisamente, tão lucidamente, a nota propria, precisa, culminante, que para o espirito e para o coração era um encanto ouvil-o, ser-se attrahido por elle e por elle ser arrebatado para os mundos sideraes, d'onde não devia ter cahido no mundo chato da politica.

*

A politica, porém, que o dr. José Falcão, o professor de mechanica celeste, o auctor de importantes trabalhos scientificos, o estudioso e o pensador, abraçou em annos já adiantados é a que mais se coaduna com a especialidade da sua sciencia. É como que o prolongamento das utopias, dos sonhos, das visões do astronomo. Andar pelos planetas do céo e andar pelos centros republicanos do seu paiz, não seria estar equidistantemente afastado da realidade, pairar na mesma região do sonho, embalar o espirito pela mesma chimera, lá em cima e cá em baixo?

É certo que em volta do seu gabinete de estudo, como Xavier de Maistre em volta ao seu quarto, é que o dr. Falcão realisava quasi sempre essa dupla viagem do sonho, sendo bem provavel que a terrestre lhe offerecesse, bem mais do que a outra, desenganos e decepções!

Ah! mas era d'aquelles para quem o dever contrahido é a mesma cousa que dever cumprido. Dados os primeiros passos na estrada republicana, era ao seu espirito integro, ao seu caracter pundonoroso, necessario dar os ultimos. Foi até ao fim. Caminhou mais talvez do que devia e do que podia. O partido republicano portuguez deve-lhe o sacrificio das suas forças e porventura o encurtamento da sua vida.

*

Honrado sempre, morreu pobre. Este podia ser o seu epitaphio, que bastaria a traduzir o desprendimento de todas as vaidades e o enlevo exclusivo da sciencia predilecta. Depois das ultimas eleições, em que obteve em Lisboa cerca de 6:000 votos, mais ao seu espirito se impôz o que julgou ser o seu dever e redobrou de esforços para conseguir o seu desideratum republicano. Uma das suas ultimas preoccupações foi acreditar que tinha pulso bastante para apertar fileiras e unir as do norte que andam ha muito desunidas e tresmalhadas. Nada uniu, nada congraçou, e julgar que tinha realisado o impossivel foi talvez a ultima chimera do seu ultimo momento.

(Correio da Manhã, n.º 2520)

José Falcão

Falleceu hoje ao meio dia em Coimbra este illustrado lente da faculdade de mathematica, que nos ultimos tempos se havia posto em evidencia na superior direcção do partido republicano. Os seus excepcionaes merecimentos eram conhecidos e admirados por todos quantos têm passado pelas aulas de Coimbra, mas esses merecimentos não tinham recebido as consagrações officiaes, com que tantas vezes se é prodigo em condecorar mediócridades felizes ou versadas na arte de captar benevolencias e elogios famosos. Acima de tudo isso estava José Falcão, que teve sempre um caracter austerissimo, que o tornava pouco expansivo e talvez um pouco brusco, mas que n'elle era o producto de uma consciencia forte e de uma intransigencia correctissima contra tudo o que não fosse justo. Tinha um espirito lucidissimo e uma variedade de aptidões verdadeiramente extraordinarias. A geração academica a que pertenceu foi uma das mais revolucionarias, e a que deu ao movimento litterario do paiz aquelle notavel impulso iniciador de uma vida nova. N'essa geração, em que havia incontestavelmente muito talento, muita illustração, muita sinceridade, muita energia, muita independencia e muita altivez, José Falcão era dos primeiros, senão o primeiro em tudo, em talento, em illustração, em sinceridade, em energia, em independencia e em altivez. Depois de doutorado, entrou para a Universidade, e o lente continuou o estudante. Quem escreve estas linhas é um dos que mais de perto conhecia as superiores qualidades d'espirito e caracter, que exornavam José Falcão, porque foi tambem um dos seus companheiros academicos que mais o estimou e admirou.

(Correio da Noite, n.º 4018)

Dr. José Falcão

A morte do Dr. José Falcão surprehendeu dolorosamente todo o paiz, que o presava como a um talento superior reunido a um caracter honestissimo.

O partido republicano está de luto: A morte arrebatou o homem que a opinião publica apontava como director dos trabalhos democraticos.

Falcão não foi eleito chefe, mercê de formulas — o povo designára-o espontaneamente, dando-lhe o primeiro logar do directorio democratico.

Quantos o conheceram e quantos o apreciaram deixarão tombar uma lagrima de sentidissima saudade sobre o tumulo do illustre extincto.

(*Correio do Porto*, n.º 39, 8.º anno)

Dr. José Falcão

Registemos com sincero pezar o fallecimento d'este eminente professor e notavel estudioso portuguez, que foi dos que mais illustrou a sua geração e dos que mais levantadamente souberam cumprir o seu dever. Grande talento, grande illustração e grande caracter, o sr. dr. José Falcão era uma individualidade de tal ordem que o seu desapparecimento não póde deixar de ser considerado como uma perda muito sensivel para o paiz.

O dr. José Falcão era um liberal e um democrata sincero e inspirado n'estas ideias era um propugnador enthusiasta do engrandecimento da patria e essa preoccupação constante destacava-se mesmo das manifestações do seu ideal politico, que o teve dos mais avançados e dos mais radicaes, dando-lhe assim um singular prestigio e influencia. Era das melhores cabeças da sua geração.

Lente cathedratico da faculdade de mathematica, astronomo do observatorio da Universidade, a sua obra scientifica figura com justiça ao lado dos mais preconisados trabalhos modernos e fel-o considerar nò estrangeiro como um dos mais illustres professores portuguezes. A sua *memoria* sobre o *circular meridiano* teve em todos os centros scientificos as mais lisongeiras referencias. O dr. José Falcão contava apenas 51 annos de idade.

(*Correio da Tarde*, n.º 1170)

Dr. José Falcão

De surpreza falleceu no sabbado o sabio professor da faculdade de Mathematica, caracter honestissimo, intelligencia superior, coração cheio de bondade, a quem dedicavamos a amisade mais sincera e por quem tinhamos a admiração mais enthusiasta.

Falleceu, cobrindo de luto a sciencia, que tão bem ensinava, e a familia, que o estremecia na santa tranquillidade de uma vida patriarchal.

Era um politico, servindo com desinteresse, com devoção, com sinceridade e amor, com bom senso, sobretudo, o ideal a que se dedicára — o credo republicano. Era apostolo de um regimen diametralmente opposto ao nosso, mas adversarios d'este feitio podem combater-se intransigentemente, mas prèzam-se, estimam-se, honram a causa que perfilharam com fé e crença.

Da sua penna sahiu a propaganda indefessa da doutrina, nunca sahiram infamias. Da sua acção, persistente, sem treguas, sahiu a força organisadora, que é uma garantia de justiça na hora triumphal das idéas extremas, quando ellas alcançam victoria por breve periodo; nunca sahiram manifestações de anarchia, suggestões de odios, aventuras revolucionarias de pôrem em perigo a independencia da patria.

Por isso, ao fechar os olhos á luz, ouviu-se um grito de dor, de quantos o conheciam, de muitos que o admiravam.

Alto, erecto, sem affectação, o seu typo physico como que retractava o seu espirito moral. Era a linha recta; não tergiversando nunca, caminhando para o seu fim a direito, seguro das suas comprehensões, em que tinha a fé de um antigo anachoreta. Isolando-se do tumultuar das paixões, d'esse isolamento empregava a força da repressão d'ellas, e ainda ha pouco, elle, republicano, elle, que honrava a Republica, em contraste com muitos que são a sua vergonha, antepunha-lhe a Patria, prompto a sacrificar doutrinarismos, quando essa Patria o exigisse.

O dr. José Falcão, a nosso ver, faz mais falta ao partido republicano que Latino Coelho com os seus classicismos, e que Elias Garcia com os seus estratagemas de fina rabula

da politica; estava destinado a ser, talvez que sob o regimen monarchico, a garantia das leis mais liberaes, tornadas possiveis pelo espirito conciliador da democracia pura quando ella se emancipasse do jacobinismo para saber usar e para saber utilisar a liberdade.

Por isso a sua falta foi enorme, porque não vemos outro homem que, como elle, alheiado de *cotteries*, tenha a força que dá esse isolamento, quando se completa por uma intelligencia superior, um caracter honesto e um patriotismo verdadeiro.

(*Correspondencia de Coimbra*, n.º 5, anno 22.º)

Dr. José Falcão

Havia fallecido já, quando no sabbado, suppondo-o ainda vivo, escreviamos:

«Não vae de fortuna a epocha para o partido democratico portuguez, que em pouco tempo tem visto rarear as suas fileiras com a perda de muitos dos seus mais prestigiosos e denodados defensores.»

Triste presentimento.

É pois certo que uma grande adversidade persegue o partido republicano da nossa terra.

Hontem Latino Coelho e Elias Garcia, hoje José Falcão, que desapparecem para não mais voltarem.

E é esta crueldade do Destino tanto mais para ser sentida quando era precisamente agora que a democracia portugueza mais carecia do conselho dos mestres e mais unida e amparada precisava caminhar na conquista do seu ideal de justiça e de revivescencia para a patria.

Prostrado o chefe mais prestigioso, o mais energico, o mais austero, o mais venerado de quantos hoje podiam collocar-se á frente d'esta legião aguerrida e inquebrantavel, que se chama o partido republicano portuguez!

Morto para a grande familia democratica e para o paiz, que tanto podéra d'elle esperar!

. .

Se tem sido dura e crudelissima a adversidade para o partido republicano da nossa terra!

.....

*

O funeral do dr. José Falcão foi a mais grandiosa homenagem que porventura Coimbra tem visto n'estes ultimos tempos prestada á memoria de alguem.

No prestito viram-se representadas todas as classes e todos os partidos. A imprensa de todos os matizes teve palavras de muito respeito e de muita saudade para o homem que em toda a parte e de todos soube fazer-se amado e respeitado.

*

A redacção d'*A Covilhã* enviou ao seu excellente collega, *O Defensor do Povo,* um telegramma, rogando-lhe fosse interprete das nossas condolencias junto á familia do finado e nos representasse no seu funeral.

Ao nosso generoso collega temos a agradecer a satisfação do nosso pedido.

(A Covilhã)

José Falcão

A vida de José Falcão atravessou tres phases.

Na primeira elle foi o estudante insubmisso, em cujo craneo estalaram todas as tempestades d'um sonho de revolucionario. A segunda é quasi toda cheia pela evangelisação, que, gerada pelo seu cerebro de propheta, cahiu, idylica e simples, dos seus labios suggestivos de apostolo. Na terceira desenrola-se, intrepida e firme, a obra do organisador.

O seu espirito irrequieto de rapaz, — lingua de fornalha estouvada e chamuscante, — quieta-se, ameiga-se, adoça-se, lampada sagrada na vastidão d'um templo, — para, por fim, se agitar em labaredas com uma vibração mais larga e devoradora, — fogueira d'alarme na treva d'um acampamento,

a que, durante dois annos se aqueceu a alma enregelada d'este paiz de cobardes.

A primeira phase, esse periodo phantastico em que corre uma vertigem de rebellião, nunca poderá ser bem conhecida, porque jámais se romperá a lenda suavissima que a envolve.

Mas ha dois factos que, terminando-o, são a expressão synthetica da sua historia febricitante.

O estudante tomou d'assalto, n'uma escalada triumphal, a cadeira de lente. O demolidor, antes de entrar no periodo grandioso e pontifical da sua vida, arremessou á massa da opinião o folheto que se chama *A Communa de Paris e o Governo de Versailles*, em que ha o desabar d'uma trovoada de coleras sobre os miseraveis que estavam assassinando á bayonetada a honra da terra heroica da França.

A despedida do petroleiro foi aquelle estalar de granada.

Se o seu acto de licenciado, as suas theses, o seu concurso fizeram a consagração previa d'aquelle que mais tarde havia de ser um monstro de saber e de talento, *A Communa de Paris*, em que ha um choro estertoroso, eternisado n'uma prosa aguerrida e candente, — lagrimas queimando-se ao longo da folha em braza d'uma espada, — fez a consagração d'aquelle que foi sempre um colosso de honradez, de virtude e de bondade.

Porque n'essas paginas elle comprehendeu o incomprehendido, porque n'essas paginas elle, sosinho ou quasi sosinho, n'um meio conservador, teve a coragem de prestar homenagem a um ideal do futuro, a sua memoria merece a apotheose do mesmo bronze que é devido á memoria d'esse outro lente que se chamou Velasco de Gouveia.

Relativamente á differença do tempo, e sob o ponto de vista da percepção e da audacia, a *Communa de Paris* vale bem a *Justa Acclamação*.

Dir-se-ia que o raio forjado pelo cerebro do professor do seculo XVII, depois de fulgir um momento, se recolhera á alma d'alguem, humilhado de não poder alumiar a escuridão dos espiritos. E que, transmittindo-se de geração em geração, se conservára, latente e encoberto, á espera de encontrar outra alma, que, irmã da que o gerou, tivesse

força para o despedir atravez do espaço, dando-lhe como escolta um esquadrão de estrophes heroicas.

*

O segundo periodo da sua vida corre placido e dormente, encrespado de quando a quando por uma onda de revolta como a vida macerada d'um santo alarmada aqui e além por um fremito de guerra.

Affastado de todos, isolado, sósinho, a sua vida é conjunctamente um arsenal e um templo.

Foi durante esses vinte annos que elle, adquirindo uma erudição espantosa, bateu a golpes de marreta as suas couraças e retemperou em linguas de fogo as suas armas.

Foi durante esses vinte annos que o monge, separado do mundo, se absorveu nas longas meditações d'asceta.

No arsenal mais d'uma vez entrou o publico, que poude vêr deslumbrado e attonito, como o athleta se preparava lá dentro para essa batalha titanica, que lhe foi sempre bella, mas que lhe ficou eternamente chimerica.

É d'esse tempo, entre outros trabalhos de vulto, o livro que se intitula a *Questão do Zaire*.

No templo é que ninguem penetrou.

Só se poude vêr como se vê o remanso d'uma capella fechada: — atravez das frestas.

Elle é que mais d'uma vez, muitas vezes, cá veio fóra ao adro, dizendo a palavra da Boa-Nova nas suas predicas d'apostolo.

É d'essa epocha a *Cartilha do Povo*, esse pequenino poema em prosa, em que a sua penna, fundida em crystal e em oiro, recolheu da sua alma, que um vago lyrismo enamorava, o segredo inteiro dos soffrimentos da legião anonyma do Povo.

Foi enrme a sua obra de professor, immensa a sua acção de doutrinario, extraordinario o seu valor de homem de sciencia. Mas, acima de tudo isso, alguma coisa se destaca, n'uma nuvem tecida de pó d'oiro e pó de perolas, caminhando para o largo: — é o meigo poeta sublime evolando-se para o infinito mysterioso das coisas.

N'essas alturas da sua existencia, melhor do que a corôa de loiros fica á sua fronte uma corôa de lyrios.

*

Os ultimos dois annos que viveu e em que organisou, com uma tenacidade inaudita, o partido republicano do Norte, chegavam, só por si, para constituir uma vida gloriosa com raros exemplos na historia das dedicações humanas.

Esses dois annos são a resurreição do luctador d'outr'ora, cuja adolescencia, fresca e virginal, de novo floresce diluida na melancholia do asceta.

A sua palavra tem o rasgo tragico da *Communa de Paris,* mas adoçado pelo verbo lyrico do cantor da *Cartilha do Povo.*

Renasce, é certo, o José Falcão da mocidade, mas fundido n'esse outro José Falcão, a cuja alma a tortura physica e a tortura moral deram uma corda mais doce para soltar um canto matinal sobre todas as desgraças do mundo.

D'uma solidão de vinte annos irrompe o demolidor dos primeiros tempos, mas o beijo casto que na fronte lhe deu o apostolo e o santo roubou-lhe tudo o que possuia de vertiginoso e phantastico para o transformar em tudo o que ha de humano.

Complexa, estranha, originalissima organisação a sua!

Juntava-se n'elle tudo o que ha de mais brilhante, e n'elle se alliava tudo o que ha de mais contradictorio.

O talento. O saber. A honestidade inquebrantavel.

O fogo do revolucionario: a serenidade do pensador. Um espirito voando sem rumo na aza da loucura dos poetas: um espirito disciplinado pela precisão scientifica. Uma alma, mar tempestuoso em que havia o desalento estertoroso d'um naufragio: alma, horisonte divino em que jámais deixou de acenar a véla d'uma esperança.

N'este momento sinistro, — o momento agonico d'uma patria! — em que a tradição é desfibrada pela garra d'um egoismo sem exemplo, era elle o homem que mais tinha pulso para agarrar este paiz e fundil-o e purifical-o e vasal-o, n'um molde novo, esmagando sem complacencias e perdoando sem jactancias.

Assim, não podendo já dar a este retalho de terra, onde vegeta tanto desgraçado e tanto cobarde, o valor do seu

cerebro, o poder da sua energia e todo o amor do seu coração bondoso e grande, ao menos o seu nome é um symbolo, a um tempo heroico e divino, da pureza dos homens.

Sobre a fronte pallida d'este morto que se chama Portugal bate em cheio a luz d'aquelle meteoro!

Coimbra.

Antonio José d'Almeida.
(O Debate)

Doutor José Joaquim Pereira Falcão
Ao povo de Coimbra

O paiz acaba de soffrer a perda de um dos mais eminentes e sobretudo mais honestos dos seus grandes homens.

José Falcão era acima de tudo, no terrivel momento de decadencia que enlamêa os caracteres dos homens publicos, a personificação da honra.

Elle foi digno como professor e como politico; elle foi digno como portuguez!

É assim que o apresentamos ao vosso respeito, é assim que, invocando os vossos sentimentos de patriotismo, vos convidamos a prestar a derradeira homenagem ao que pelo povo luctou serenamente, com austeridade e persistencia de um crente.

Elle nada pediu, nada quiz, nada acceitou.

Não parou no seu caminho para transigir. Se alguma vez se deteve foi para contemplar um infortunio, dar um conselho de amigo ou auxiliar um fraco.

Homens assim vão sendo raros.

Tão raros, que se torna necessario eleval-os bem altos, mais altos que as suas virtudes, se fôr possivel, para que todos os vejam e contemplem, para que todos n'elles procurem um exemplo!

Quando a patria desfallece, num abatimento profundo, num abandono de crenças, num impotente desespero, homens como José Falcão, vivos são uma esperança ainda,

mortos devem ser objecto de um culto que revigore os espiritos mais abatidos e faça marchar confiantes aquelles que atravez de tudo, vêem ao longe brilhar serena a luz forte de um redemptor momento de Paz e de Justiça.

A morte de José Falcão é uma perda nacional. Confiavam nelle os vencidos de hoje e os vencedores de ámanhã; devem prestar-lhe a homenagem, os que perante o seu desapparecimento sentem a mesma dor de portuguezes amantes da sua Patria e dos homens superiores que a illustram pela grandeza da sua intelligencia e pela bondade do seu coração.

*

A Commissão Eleitoral Democratica de Coimbra convida os seus correligionarios politicos e sinceros liberaes d'esta cidade, a acompanharem o sahimento funebre do illustre cidadão, José Joaquim Pereira Falcão, como manifesta homenagem de reconhecimento aos altos serviços por este benemerito caudilho republicano prestados a bem da liberdade e da patria.

O funeral realisa-se ás 3 horas da tarde do dia 15, saindo o prestito de casa para a egreja da Sé Velha e de alli para o cemiterio de Santo Antonio dos Olivaes.

Coimbra, 14 de janeiro de 1893.

Philomeno da Camara Mello Cabral — Joaquim Martins Teixeira de Carvalho — Eduardo Vieira — Antonio Augusto Gonçalves — Manoel Augusto Rodrigues da Silva — Cassiano Augusto Martins Ribeiro.

*

São convidados todos os alumnos do 1.º anno de mathematica a reunirem no largo do Museu, pelas 10 horas da manhã do dia 15 de janeiro, a fim de resolverem qual a fórma de se fazerem representar no funeral do illustre professor José Joaquim Pereira Falcão.

*

Por força do doloroso transe que acaba de enluctar o nosso partido, a redacção do *Defensor do Povo* tenciona dedicar á memoria do illustre extincto o numero correspondente ao d'este supplemento, numero que não se publica hoje em manifestação do nosso sentimento.

(Supplemento ao *Defensor do Povo)*

A José Falcão

Caracter impolluto, alma diamantina, coração singelo e ardente, onde os sentimentos da mais lidima amizade não conturbavam os fulgidos clarões dá crença mais afervorada e pura — José Falcão representava, neste desgraçado momento psycologico de degeneração social, a imagem mais viva e mais alta do patriotismo encendrado, e estadeava-se á frente do grande partido republicano, como chefe heroico das edades idas, onde o irradiar brilhantissimo do saber illumina e divinisa o defensor das ideas.

Tendo aquella envergadura d'aço dos romanos e aquelle firme e imperterrito ardor dos antigos portuguezes — a Patria perde nelle o filho mais desvelado, o obreiro mais proficuo, o sabio mais profundo e, sobretudo, a alma mais limpa de manchas e o coração aberto ás mais patrioticas iniciativas.

Mais alta do que a sua estatura e mais extensa do que a sua vida, prolonga-se e desenha-se agora, nas paginas da nossa Historia, a sombra bemdita e immortal do grande morto.

*

Perante o cadaver do dr. José Falcão, o apostolo convicto, o propagandista infatigavel, o caracter honestissimo, o homem prestigioso e austero, cujo nome symbolisa uma grande ideia, figura aureolada d'uma grande gloria, o *Defensor do Povo,* na expressão sincera da sua grande magua pela perda enorme d'este magestoso vulto da Democracia, abate, reverente, a sua penna.

O organisador vehemente do nosso partido, esse homem, que a uma inquebrantavel firmeza de caracter, honesto, austero, d'essa austeridade soberba dos antigos em que se modelavam os heroes, alliava uma grande bondade, ineffavel; que sabia ser bom como um simples e forte como um luctador, subjuga-nos do alto do seu pedestal memoravel, onde se ergue como uma bandeira — bandeira que symbolisa um grande ideal, labaro que nos indica um grande caminho.

Inclinamo-nos hoje, respeitosos, perante esse cadaver, mas para nos levantarmos logo intemeratos, altivos, na altivez dominadora da nossa ideia, fortes, na convicção profunda dos nossos principios de Justiça e d'Honra, para retomarmos, de novo, o nosso escudo na persecução constante do nosso fim.

José Falcão, que hoje pranteamos frio, inerte, deitado no seu caixão de chumbo, ha de ser para nós o manancial perenne de honestidade, de moralidade e de justiça, onde havemos de beber os principios salutares da democracia; ha de ser para nós constantemente o exemplo vivo do que ha no ideal republicano de mais nobre, de mais justo, de mais puro.

Será á luz d'esta grande força organisadora, d'esta grande intelligencia de moralisação, que nós havemos de encetar de novo a nossa obra de combate constante contra tudo que na nossa sociedade haja de corrupto e de vil; e será ainda escudados na firmeza inquebrantavel dos seus principios, na rigidez austera da sua consciencia, que o *Defensor do Povo,* que elle tanta vez inspirou, pugnará sem cessar por uma nova era de moralidade.

O nome de José Falcão, que até agora era para nós uma esperança, tornar-se-ha de hoje em diante um ideal.

É d'este ideal tão puro, tão nobre, tão elevado, que procuraremos approximar-nos sem cessar; porque esse vulto glorioso ficou pairando no horisonte do nosso fim como a estrella radiantissima dos Magos.

A redacção do Defensor do Povo.

*

O doutor José Joaquim Pereira Falcão morreu! Não são apenas parentes que o choram, nem amigos que o pranteiam.

É um partido de avançadas ideias e de solidos principios que hoje lamenta a perda de um dos seus mais caros e prestimosos chefes. Mas ainda é mais! José Falcão, esse denodado paladino, esse luctador incansavel que sempre tivera por ideal politico a fórma democratica, com o desassombro e grandeza d'um espirito superior, é hoje chorado, não só por parentes, amigos e partidarios, senão tambem por aquelles que ainda hoje, no meio da depravação moral da nossa vida politica, sabem prestar homenagem e culto ao talento e á honestidade. — José Falcão era um sabio e além de sabio, era um honrado.

Homens como elle, não fazem só falta a um partido. Como politico é uma perda irreparavel por emquanto, para as fileiras em que militava. O seu logar, na vanguarda dos luctadores da democracia portugueza, ficou vasio e ficará por muito tempo.

São pesadas as armas com que luctava, rijo o escudo com que se defendia.

Essas armas eram — o talento, o escudo — a sua honradez.

Mas, no vasto campo da sciencia, em que os sabios, por todo o mundo se contam pelos seculos, José Falcão, morrendo, abriu mais uma lacuna, como abrira Latino Coelho.

A morte de homens como estes, é uma desgraça para a patria, — uma perda para a sciencia.

Antiochus.

*

O partido republicano portuguez tem soffrido nos ultimos tempos, pela morte dos seus homens mais importantes, bem rudes golpes.

O dia de hontem, porém, será uma data sobre todas lugubre na historia do partido, porque assignala o desapparecimento do mais prestimoso, do mais austero e glorioso caudilho das phalanges democraticas, n'esta lucta nacional em que os nossos adversarios jogam os destinos e porventura a existencia da patria.

Estamos assistindo ao espectaculo tragico d'uma nacionalidade que se afunda pela descrença e pela corrupção de todos os sentimentos patrioticos.

A reacção palaciana ousa levantar a cabeça com mais audacia, calcando todas as tradições, affrontando os brios da nação e vibrando os mais fundos golpes ás liberdades publicas. E o paiz assombrado e quasi supersticioso não sabe que pensar, nem que fazer.

O dr. José Falcão pelo intenso poder das suas faculdades, pela auctoridade da sua palavra, pelas prestigiosas virtudes do seu caracter e pela intransigencia das suas convicções, era o homem naturalmente indicado para a disciplinação das energias e a impulsão vigorosa da organisação solidaria do partido, a que nos ultimos tempos se dedicára com uma persistencia de evangelisador e de fanatico.

Entregue á obra disciplinadora da democracia, apontando-lhe o caminho a seguir, inspirando-lhe confiança e cohesão é neste momento que cae prostrado este activo e vigoroso paladino!

Quaesquer que sejam os revezes nas conquistas das liberdades publicas, os homens vão-se e as ideas ficam: mas a perda de José Falcão é uma verdadeira catastrophe nacional, porque não se substituem os homens de tal prestigio, valor e d'uma iniciativa tão scintillante, d'um tão rasgado esforço, d'uma pertinacia tão corajosa, d'uma tão grande abnegação.

A. Gonçalves.

*

Não exultem os fieis vassallos de sua magestade fidelissima ao ver que vão baqueando na arena uns após outros, por um brutal capricho da sorte, os mais nobres e gloriosos marechaes da legião dos que sobre o evangelho da consciencia juraram inclemente guerra ás oppressões do passado e profundas corrupções do presente!

Só os exercitos egoistas e porventura mercenarios, quando lhes falta a espada prestigiosa que os commandava ou o genio aventureiro que os impellia á conquista, é que no meio da sua terrifica confusão se fragmentam em irre-

quietos bandos ou ensarilham para sempre as suas armas de combatentes...

O mesmo não succede aos soldados a quem um sacratissimo ideal alvoroça o sangue generoso e lhes magnetisa o espirito com a esperança numa victoria segura e luminosa.

É certo que ao partido republicano é sobremaneira sensivel, na phase dissolvente que atravessa a politica portugueza, a perda de chefes que pelo seu caracter lidimo e poderoso engenho se tornavam invulneraveis ás desleaes surprezas dos fundibularios de encruzilhada e dos franco-atiradores da diffamação.

Todavia no seu seio vão surgindo a cada instante elementos novos, pujantes de energia e enthusiasmo, que á força de exemplos civicos hão de em breve trecho assumir os postos que ora teem vagado.

Não: a alma não é immortal como nol-o pretende demonstrar a theologia das differentes religiões; se assim fôra as dos nossos saudosos chefes vibrariam de jubilo intenso ao ver que o inimigo, a despeito da sua grande lacuna, não consegue annullar a ideia a que votaram o derradeiro suspiro!

O preito mais eloquente que a sua memoria exige é o irmos fazer estremecer um dia as suas cinzas venerandas com os hymnos triumphaes da nossa sublimada causa...

Sim: ó queridos mortos, por quem a patria angustiada verte uma caudal de sentido pranto, descançae em paz nos vossos tumulos; esta campanha, a que vos dedicastes com stoica abnegação e spartano heroismo, nós a proseguiremos!

Delphim Gomes.

*

Ha pouco, Elias Garcia, fatigado do seu collossal trabalho, reclinou para sempre a cabeça na terra do sepulchro, legando-nos esta tarefa: a conclusão do seu trabalho.

Depois, como se um vento de morte estivesse soprando sobre o partido republicano, foram tombando uns após outros: Latino Coelho, que cobria com a sua enorme auctoridade o partido republicano portuguez, perante o estran-

geiro; Sousa Brandão, o amigo dedicado das classes trabalhadoras; e Aureliano Cirne e dr. Castello Branco Saraiva...

Agora mais um. José Falcão, o maior de todos elles; José Falcão, o maior de todos nós.

Elle era mais que uma intelligencia superior: era um sabio. Mais que um sabio: era um convicto. Mais que um convicto: era um honesto.

Exemplo vivo á geração nova, aquelle morto lega-nos uma luz immensa: a sua memoria intangivel para a calumnia, porque fica collocada nas culminancias summas da Honra.

A sua morte é uma perda. Cava em nossos corações e em nossas almas um deploravel vasio. Enchamol-o. Como? Com a recordação dos seus exemplos, recordação que fará permanecer eternamente vivo em nosso espirito aquelle vulto colossal.

Heliodoro Salgado.

*

Quando uma nação, á qual muito embora varios episodistas de doentio pessimismo já tenham tecido os ultimos periodos do necrologio, ainda leva na sua esteira vultos da culminancia moral do dr. José Falcão, não se póde, com precisão, asseverar que essa nação esteja definitiva e irremediavelmente morta.

Ainda que todos os symptomas morbosos se manifestem ás claras, rude e fatalmente ameaçantes; ainda que uma serie nefasta de abjecções se prolongue infinitamente no ambiente politico d'um paiz; ainda que muitos espiritos, embaciados do fumo hypocondriaco de fim-de-seculo, antevejam na concepção devaneante do seu pessimismo, a derrocada imminente d'um povo: — ainda que tudo isto: quando no tablado da politica se exibem, em toda a sua grandeza, genios da abnegação e do altruismo de José Falcão, a gente, que pouco antes sentia derruir parvoamente, numa lugubre vaporisação de ideaes queridos, a scintillante cidadella dos nossos sonhos, a guarida amiga das nossas aspirações, vê soerguerem-se, numa translucidação sublime de crenças renascentes, a sua fé, mais pura, a sua aspiração, mais viva, a sua esperança, mais vigorosa!

Comquanto a theoria dos Grandes-Homens já esteja materialmente abolida nas mentes esclarecidas — apezar dos devaneios de Comte que quiz reconstituir da idolatria mystica, anniquilada, a idolatria humana, revivente—homens como José Falcão, impõem-se á homenagem d'um paiz, á idolatria de todo um povo. José Falcão, que era uma synthese admiravel do que de grandemente humano se pode conceber nos maiores vôos de espirito; que consubstanciava as mais proeminentes qualidades do cidadão e do individuo; que era, de coração aberto, um tratado completo de honradez: — José Falcão deixa na politica patriotica do paiz um vacuo eminente e uma falta insuperavel no partido republicano.

Tão nobre de sentimentos como profundo de convicções, tão illustre como grande, este nome deve constituir para nós a bandeira sagrada do nosso Ideal. Ao redor d'elle, em mystica concentração de ascetas, devemos elevar os nossos corações, sublimar as nossas crenças. No fulgor intenso da sua memoria devemos beber a fé religiosa da regeneração da patria que nos ha de alentar, neste prelio vigoroso, a attingir a meta das nossas aspirações!

Teixeira de Brito.

*

Ao fim de tanto infortunio que nos persegue, de tanta desgraça que parece anniquilar-nos e está cobrindo todo o partido republicano portuguez, que assiste, entre as dores do sentimento e da saudade, ao baquear estrondoso dos seus melhores homens, dos seus maiores vultos, — uma cousa nos consola e nos deve enrigecer para a lucta: é que após o seu desapparecimento subito, a união vem avigorar as nossas fileiras, reunindo todas as forças, por vezes dispersas pela discussão apaixonada, mas sincera, dos meios a empregar para vencer os nossos adversarios e inimigos.

E nestes momentos de angustia, o nosso ideal tem caminhado sempre, avigorado por todos os esforços; — semente do Bem que os nossos mortos illustres espalharam em vida!

É que elles ao deixarem-nos para irem descançar no tumulo, deixaram-nos tambem, antes de partir para esse mundo ignoto, um fóco de luz tão vivo, tão brilhante, que nos guia, sem desvios, á conquista das nossas aspirações de justiça: dar á patria a felicidade e o nome honrado que os seus maiores lhe extorquiram.

*

A rudeza com que agora o destino acaba de ferir o partido republicano, fazendo desapparecer dos vivos o seu maior homem, a sua melhor estrella, ha de encontrar em nossos corações, affeitos já a contrariedades, endurecidos pela violencia da lucta incessante em que vimos ha muitos annos, uma energia possante que nos multiplique as forças perdidas nestas refregas da adversidade.

José Falcão, o sublime republicano, o honesto, o sincero por excellencia, terá no partido democrata a melhor consagração se todos nós — ó meus correligionarios! — seguirmos os seus conselhos, respeitarmos as suas deliberações; e sobretudo se d'elle tomarmos os exemplos de civismo, de abnegação, de probidade, de patriotismo que foram aureola sagrada que o divinisou e santificou aos olhos de amigos e adversarios.

E será isto o monumento mais grandioso, que o partido republicano póde levantar á memoria de tão emerito cidadão, tão prestimoso portuguez.

Pedro Cardoso.

(O Defensor do Povo, n.º 52)

José Falcão

Estão feitas as tristes commemorações que a dôr impõe e a saudade incute neste momento. Dorme, emfim, o grande trabalhador, a sua primeira noite de féria após a lucta em que todo se empenhou. Dorme; — mas a sua sombra espectral — altissima pelo exemplo e nobilissima pela virtude, — ha de ainda, por muito tempo, amparar, nos provaveis

desfallecimentos que os venham a acommetter, todos quantos guardam e vão passando, crentes, a estrada da Democracia.

*

Nenhum partido, nenhum, soffreu ainda baixas tão fundas no seu effectivo como o partido republicano portuguez. Em breve tempo caiem, varados pela covardia da Morte, homens como Oliveira Marreca, como Elias Garcia, como Latino Coelho — a dedicação provada, o modelo da disciplina conciliadora, o propagandista lucido e primoroso, cujas lições se duplicam pelas excellencias da doutrina, e pelo brilhantismo da fórma que a decora.

Depois, vèm a morte bater, pela quarta vez, á nossa porta, a levar-nos o homem querido de nós todos, o patriota exemplar — alma lavada de toda a mancha que a desdoirasse, espirito supremo, vulto, emfim, de descommunal figura!

É muito. E, tanto mais, para que a nossa magua se centuplique, é certo que com a hora d'este exodo eterno coincide, miserrimamente, o momento do mais ignobil negativismo, o instante da mais oppressiva dictadura moral que ainda se viu, e em cujas roscas, verdadeiramente infames, esta vibora filha de mil monturos, a todos nos aperta e estreita!

Vamos: — que venha alguem medir a fatalidade do seu destino politico deante da que se patenteia, hoje, em face d'este athaude!

*

É preciso ter conhecido, em vida, esse vulto glorioso e exemplar — essa figura desproporcionada com a nosso meio social cynico e decrepito; é preciso tel-o avaliado nos seus multiplices e extraordinarios aspectos — na comprehensão do Dever e na alta comprehensão da Honra — é preciso ter apreciado a rigidez herculea da sua estatura moral, e a fixidez assombrosa das suas crenças — para comprehender a nossa magua, e o vazio enorme que a sua morte vem produzir nos destinos politicos d'este desgraçado paiz.

Porque n'este homem não desapparece sómente um ferventissimo apostolo da Democracia, não; neste morto expira, tambem, um individuo de descompassada envergadura moral, precisamente, exactamente, no instante em que a mediocridade intrigante — mãos sujas e alma vazia de escrupulos — assalta, por todos os caminhos e por todos os buracos, a já desmantellada cidadella do poder. O que será de todos nós — de todos nós portuguezes, entenda-se — quando esta caterva de aventureiros reles cantar a sua victoria, facil é de prever. Porque não é gente de trazer a conscisncia a soldo, gente que se esfaqueie e empurre porque melhor lhes paguem; não. Aquillo já entra á escalada completamente vendido, — elles e as camarilhas que representam — esses salteadores de um povo desbaratado pela miseria e pela covardia, sucia que se embrecha na metaphysica das cartas outhorgadas para fazer o seu jogo. Porque é isso o que nos espera a todos — a oligarchia do partidarismo fallido.

Ah! que bem parece ás vezes, ainda aos mais disciplinados pela critica de todos os ritos, que alguma coisa de sobrenatural coopera nos destinos de um povo que está condemnado a desapparecer! E nem como a Grecia batalhando romanescamente, nem como a Polonia luctando como leões contra a tyrannia de mil colossos, nem assim se nos presenta a morte politica! Rotos, sem fé e sem homens; não havendo no arraial da monarchia senão maltas mal-avindas em vesperas de negocios, e companhias colligadas sempre que se entendem nas partilhas — eis o quadro que nos desenha o partidarismo realengo, essas seitas cujas fronteiras a ambição estreita ou alarga, tanto que as vantagens commerciaes repellem ou estendem. E como a quebrar todos os alentos e todas as esperanças, a morte e o despotismo de mil renegados urdindo e caldeando o ferro das nossas algemas! E morre-se assim? Morre. Quando a moral collectiva de um povo desapparece, a morte chega. É como a agonia, que vem realisar a suspensão eterna de toda a vitalidade. E a moral collectiva, entre nós, ha muito que desappareceu. Portugal é morto desde o dia em que um impudentissimo governo abafou, sob miseros intuitos partidarios, os ultimos impetos de um povo que pretendia

resurgir. Quando o chicote inglez nos estalava nas faces houve em toda esta terra um fremento de indignação suprema. Chegou-se mesmo a desconfiar de que teriamos homens em cujas almas se reflectisse, virilmente, a grandeza da nossa dôr. Mas a aranha da ambição estendeu os fios da sua infame teia sobre os restos d'essas semi-mortas energias; e as sombras, que pareceram epicas, evocadas no delirio do mais justo desforço, não tardaram a fundir-se em bandos de contrabandistas politicos, gente de negocios, que se vendem por honras, por empregos, por graças e por dinheiro.

E nós, que tinhamos uma altissima esperança posta nessa figura suprema que a Morte nos acaba de roubar, e atrás da qual iam cantando, como gorgeios d'aves, as nossas ambições e os nossas ideaes politicos, nós, de braços cahidos e de olhos em lagrimas, temos de assistir a todo este desabar de uma nacionalidade, cuja grandeza enchendo o mundo com o seu clarão, se apagará como uma imbecilidade que a Historia ha de registrar sem epitaphio.

Alguma coisa, no entanto, nos conforta neste dia de lucto. É que ao passo que nós pranteamos a morte de um camarada, o paiz todo registra a perda de um homem de bem, excepcionalmente illustre.

Isto nos basta, para podermos continuar na brecha.

José Caldas.
(O Defensor do Povo, n.º 53)

O dr. José Falcão era indiscutivelmente um dos primeiros talentos e um dos melhores politicos da nossa terra.

Com a sua perda deve estar de lucto o paiz, porque deve este sentir sempre a falta de homens distinctos e sensatos como José Falcão.

Nada nos importa que fosse elle republicano ou monarchico, o que não podemos deixar de considerar é que era elle um dos primeiros cidadãos que ennobreciam este paiz, onde tanto parasita se alimenta com pretensões menos

legitimas mas mais espalhafatosas que a do illustre extincto, e comtudo só ao transpor a sepultura lhe foi feita justiça.

Neste meio em que abunda a *chantage* e o *syndicato*, José Falcão não se deixou conhecer.

O seu espirito, educado na escola da moralidade e devoção civica, passou desconhecido para aquelles que preferem ao bem da patria o egoismo.

José Falcão foi um sabio na maior latitude da palavra e um honesto e dedicado patriota.

Se o partido republicano o reconhecia como seu chefe damos-lhe os nossos sentimentos, porque perdeu decerto a mais bem organisada cabeça que os podia dirigir para a realisação das suas aspirações.

(A Defeza de Pombal)

Dr. José Falcão

Sumiu-se no barathro da eternidade mais um vulto do partido republicano portuguez.

Parece que a providencia se compraz em riscar do gremio dos valentes luctadores da Democracia portugueza todos os elementos de vida e acção.

É necessario ter muita força de vontade, uma esperança illimitada no futuro, uma fé viva na crença que nos anima, para não succumbirmos aos rudes golpes da adversidade. José Falcão faz uma falta incalculavel, porque do seu saber da sua coherencia e do seu genio verdadeiramente organisador, muito tinha a esperar o nosso partido.

Porém, a sua falta será substituida desde o momento que cada um dos soldados da nova Ideia se compenetre dos sacratissimos deveres que tem a cumprir, e não revele simplesmente por meio de palavras aquillo que só por meio de acções decisivas se póde effectuar.

Que a memoria de José Falcão, de Elias Garcia e de Latino Coelho, seja um exemplo para os incorrectos e um estimulo para os cobardes.

. . . . . .

(O Democrata da Beira, n.º 13)

José Falcão

Traja lucto a familia democratica. José Falcão morreu. Desde o dia 14 que o grande patriota, o grande sabio, prestigioso chefe do partido republicano do norte foi eliminado do numero dos vivos. Mais uma perda para a Democracia, mais uma intelligencia que a morte cruel e insaciavel veio aniquillar. Parece que a fatalidade se compraz em ferir rudemente o partido republicano! Morre Oliveira Marreca, Latino, após este Elias Garcia, Sousa Brandão, Cirne, Castello Branco Saraiva, e, agora José Falcão!

Recordar isto infunde tristeza e causa desanimo. Se o partido republicano não fosse um partido solidamente constituido, estaria hoje, senão morto, ao menos em claro estado de desorganisação e esphacelamento; — tantas tem sido as provas por que vem passando, tão fundos os golpes que a adversidade cruel e implacavel lhe tem vibrado. Felizmente, providencialmente temos visto o contrario. O rouco embate que a queda d'um gigante da Democracia produz, desperta-lhe com mais vivacidade a consciencia da alta missão que só a elle incumbe realisar, e eil-o que, inspirado na memoria dos seus mortos illustres, avança unido e forte ao alcance do seu fim.

Até n'isto os partidos democraticos se differençam e distinguem das facções e corrilhos monarchicos.

Se José Falcão representasse em qualquer d'estes o papel proeminente a que, pelo seu talento, civismo e coherencia se havia alteado entre os republicanos, — iamos apostar em como o partido a que elle pertencesse, havia de estar em breve reduzido a ruinas. É que, egoistas e ambiciosos, esquecem que a maior e mais significativa homenagem que, a homens da estatura moral de José Falcão pode tributar-se, está na continuação da sua obra, na defeza das suas ideas, na consecução do seu ideal, no prolongamento da sua vida.

. . . . . .

O muito que elle valia como mathematico, attestam-n'o brilhantemente, plenissimamente, os magnificos trabalhos que elle deixou e que em grande parte estão disseminados por varias rèvistas nacionaes e extrangeiras. Até aqui o

sabio. Vejamos agora o homem para depois examinarmos o politico.

Coração sensivel, alma diamantina, impressionavel e meiga no meio do brusco e sombrio que, á primeira vista, o seu rosto inculcava, José Falcão era um bello homem. Quando os generaes de Versailles ordenavam o fusilamento de operarios e creanças e exerciam em Paris um despotismo de sangue que assombrava a Europa inteira, publica o seu folheto *A Communa de Paris e o governo de Versailles*, que era um brado de justiça soltado em favor da humanidade, além dos Pyrineus, martyrisada. Valeu-lhe este trabalho um processo instaurado pelo fôro academico. Mas não chegou a ser julgado. Outra notavel obra produziu José Falcão: foi a *Questão do Zaire*. Este livro que veio illucidar o assumpto, que então se debatia, ácerca dos interesses portuguezes na costa africana revela um vasto e profundo conhecimento da geographia africana. Publicou tambem um livrinho de grande valor, como elemento de propaganda — a *Cartilha do Povo*.

O politico.

Foi sobretudo depois do brutal *ultimatum* de 11 de janeiro que a acção de José Falcão se assentou mais. A mesma offensa que havia de fazer explodir em arrancos de fremente indignação a alma portugueza, fez tambem com que elle, que até então se conservava republicano theorico, se convertesse d'ali em deante no mais decisivo e energico de todos os outros. Porque a verdade é esta: — José Falcão tinha feito nos ultimos tempos uma propaganda enorme. Não raro sacrificou a sua saude para servir a causa que muito amou. A sua perda foi um mal sem egual, a sua substituição é um facto impossivel. Homem *raro e indispensavel*, dizia antes d'elle morrer Guerra Junqueiro, e a verdade assim é. Raro é pois, que nos tempos de egoismo feroz e sordida ambição como os que actualmente vamos atravessando, haver homens do saber, desinteresse e honestidade de José Falcão.

Contam-se por unidades em cada geração que passa. Indispensavel, porque nunca, como agora que o partido republicano vê perto o dia em que ha de dirigir os destinos do paiz, se tornou urgente e imprescindivel a apparição

d'um homem de alta grandeza intellectual e auctoridade moral que possa arcar dignamente com todo o peso e responsabilidade do mando. A morte, roubando-nos José Falcão, levou sob as suas azas negras o homem a quem talvez n'um futuro proximo o povo incumbiria da elevada missão do governo.

20-1-93.

Estudante Beirão.

(O Democrata da Beira, n.º 13)

José Falcão

Acabamos de receber de Coimbra um telegramma em que laconicamente nos dizem que está perigosamente enfermo este distincto professor nosso correligionario.

A noticia foi para nós uma triste surpreza que nos enche de magua.

Fazemos os mais ardentes votos pelas melhoras do illustre cathedratico.

(O Dia, n.º 1:663)

José Falcão

Mais luto cahiu hoje sobre o partido republicano portuguez! O dr. José Joaquim Pereira Falcão, um dos chefes mais prestigiosos do partido democratico, falleceu ás 12 horas e 26 minutos da tarde!

Um telegramma, que ha pouco solicitámos, trouxe-nos a triste nova, roubando-nos as pequenissimas esperanças que desde hontem alimentavamos.

Está de luto o partido republicano e está de luto o paiz, porque o dr. José Falcão era dos varões mais illustres pelo talento e pelo caracter de que podia ufanar-se a nossa pobre patria, hoje tão empobrecida na vida publica, de homens que lhe honrem as tradições e lhe garantam o nivel moral a que aspiram as classes governadas.

José Falcão era um sabio e era um crente.

Talvez que por ter estas duas eminentes qualidades, não fosse o que vulgarmente se chama um politico. O seu temperamento e a sua educação fizeram d'elle um pensador, que do seu gabinete, onde estudava e soffria, e da sua cathedra, onde se impunha á estima e á admiração dos seus discipulos, olhava entristecido para este mundo, onde as paixões e as ambições desencadeadas andam constantemente a perverter consciencias e a esterilisar esforços.

Como portuguez e como philosopho radicára o seu criterio politico na escola democratica, e dentro da democracia, acceitava as formulas mais respeitadoras da soberania popular. O seu estudo e o seu pensamento, independentes sempre das cubiças que estonteiam e das fraquezas que subjugam, garantiram-lhe dia a dia a mais notavel coherencia de principios.

Não foram as paixões politicas, mas o sentimento patriotico que o trouxe á vida partidaria. Á proporção que a patria foi esmorecendo nos seus bellos sonhos de ventura, declinando nos seus progressos moraes, enfraquecendo no seu organismo, outr'ora tão sadio e resistente, manchando com episodios vergonhosos a sua historia gloriosa; á proporção que os perigos da nossa independencia e o impudor dos nossos estadistas foram tornando sombrio e tempestuoso o futuro da nossa nacionalidade, José Falcão, o pensador, o philosopho, o sabio, o mathematico, foi sahindo da penumbra a que a sua modestia o acolhera, para entregar o seu conselho e o seu trabalho ao serviço do partido republicano.

Desde que elle surgiu, elle foi dos primeiros, desde que se resolveu á acção elle foi dos mais trabalhadores, desde que elle fallou a sua palavra foi a mais firme, a mais authorisada e a mais quente.

Era incontestavelmente um dos chefes, senão o verdadeiro chefe, eleito pela morte dos que tinham em muitos annos de lucta conquistado esse logar. Pensando e trabalhando na região media do paiz, elle era o general que melhor dirigia a acção do norte e a propaganda do sul, apertando os laços da disciplina, uniformisando os soldados, conjugando as manobras.

Faz falta, faz muita falta! Para que occultal-o?

Isto não é desalento, é denuncia da gravidade d'esta perda, não para que nos fiquemos em pranteadas commemorações, mas para que se approximem e se concertem todos os elementos republicanos, que lhe respeitem a memoria e que lhe tenham comprehendido o empenho dos ultimos dias da sua vida.

*

O manifesto republicano de que resultou o importante recenseamento de novos e valiosos democratas, recrutados em todas as classes sociaes, para o nosso partido, foi devido á iniciativa de José Falcão, que teve então o prazer justificado de ver na ultima campanha eleitoral, quanto a sua obra foi respeitada pelos seus correligionarios, e coroada em todo o paiz do exito mais brilhante.

Guardamos com veneração profunda, uma carta em que aquelle consequente democrata nos animava a sustentar aquella lucta, em que no periodo eleitoral empregámos toda a nossa lealdade e boa fé, para que a corrente do abstencionismo não triumphasse á custa da auctoridade e das conquistas que o partido republicano conquistára durante muitos annos guiado pelo braço dedicado e pelo conselho prudente dos chefes que perderamos.

Que sinceridade, que enthusiasmo, que sentimentos democraticos e patrioticos nos revelava, em poucas linhas, aquelle honrado homem!

E como nós nos felicitamos por termos merecido tão espontaneo applauso e tão eloquente estimulo!

Fica-nos a lição, e não saberemos esquecel-a, que a saudade vae intercalal-a no volumoso compendio que nos legou outro chefe, como este honrado, e obedecido.

*

José Falcão morreu pobre! Tão pobre, que ainda não ha muito, quando os republicanos de Lisboa lhe pediam auctorisação para o elegerem deputado, elle particularmente instava por que o dispensassem, allegando incom-

petencia para as luctas do parlamento, mas, em verdade a razão principal era a sua pobreza, que não lhe permittia vir com sua familia viver na capital, apenas com o seu vencimento de cathegoria de lente.

Era o punhal reaccionario do sr. Dias Ferreira, vibrando, em nome de uma estupida economia, no coração do partido popular. Por essa occasião não foram poucas as cartas que elle escreveu a diversos amigos, pedindo com viva instancia, que não o deixassem alcançar votação superior ás dos nossos amigos Eduardo d'Abreu e Jacintho Nunes!

Foi attendida a sua modestia e a sua pobreza.

.....

O nosso presado collega o *Seculo*, recommendando, em outubro passado, a candidatura de José Falcão, publicou, além de outros apontamentos biographicos, este que é valiosissimo:

«Tem este notavel publicista um trabalho politico de muita lucidez e erudição.

Ha nove annos ventilava-se na imprensa e nos comicios a discussão dos perigos imminentes sobre os nossos interesses e dominios na costa africana ao sul do equador.

O que se apurára dos debates era em geral uma escassez extraordinaria de conhecimento do assumpto e por isso mesmo uma incompleta e até falsa orientação com que se ia educando o espirito publico.

Tornava-se portanto necessario que quem conhecesse profundamente o objecto, viesse com um trabalho methodico e seguro contribuir para que o paiz formasse um juizo sufficiente sobre coisa de tanta importancia.

O sr. dr. José Falcão veio preencher essa grande lacuna, publicando um livro, com o titulo *A questão do Zaire*. É tal a proficiencia em assumptos geographicos que ali se encontra que mais parece um trabalho d'um grande explorador sertanejo do que d'um homem que nunca sahiu do continente!

O illustre professor extrahiu com raro criterio o que encontrou em multiplas memorias nacionaes e estrangeiras relativas ao assumpto, e, estudando tudo desapaixonadamente, tirou sobrias conclusões para aconselhar o governo

no que conviria adoptar para assegurar o nosso prestigio ultramarino.»

Nas ultimas eleições para deputados o dr. José Falcão obteve em Lisboa 5:192 votos.

(O Dia, n.º 1:664)

Dr. José Falcão

De surpreza, quasi de repente, acaba de succumbir em Coimbra o illustre cathedratico da faculdade de mathematica na Universidade e hoje o mais preponderante chefe do partido republicano, tão serio, tão sensato, que ainda ha poucos dias escrevia que primeiro que a republica estava a dignidade do paiz.

Havemos de escrever mais largamente do illustre morto, por quem tinhamos antiga amisade e admiração, nunca interrompidas.

Por hoje, registando com profundo pesar a sua morte, dirigimos a sua familia a manifestação sincera d'esse sentimento.

(Diario Illustrado, n.º 7:115)

Dr. José Falcão

Falleceu hontem em Coimbra, ás 12 horas e 26 minutos da tarde, o dr. José Joaquim Pereira Falcão, sabio lente da faculdade de mathematica, caracter austero, respeitabilissimo e democrata sincero.

Os padecimentos que ha muito lhe atribulavam a existencia, para os quaes ia procurar annualmente allivio nos dois mezes de vida tranquilla e quasi solitaria que passava no seu querido *chalet* da Granja foram repentinamente aggravados por lhe ter sobrevindo um volvo que logo fez os medicos desesperar de o salvarem.

As tristes previsões realisaram-se á risca.

.....

Partidario convicto das ideias republicanas, só, porém, nos ultimos tempos entrou na politica activa.

O recente manifesto do partido, nascido principalmente da sua iniciativa, e cujas assignaturas mais importantes do norte foram angariadas por elle, mostrou, por este ultimo facto, quanto era prestigioso o seu nome e a fama do seu caracter.

Os republicanos aproveitaram, como era natural, esta intervenção directa de José Falcão nos negocios politicos para apresentar o seu nome ao suffragio dos eleitores.

A sua eleição não vingou em parte por causas geraes que affectam a historia geral do partido agora em cheque, em parte tambem porque José Falcão, alquebrado pela doença e pobre como era, foi o primeiro a instar vivamente com os seus amigos para que não antepuzessem o seu nome ao dos outros candidatos porque a sua bolsa, desajudada de subsidio, não podia occorrer aos encargos da sua sustentação e da sua familia em Lisboa.

Esta familia compõe-se da senhora que hoje é sua viuva e que foi dedicada companheira da sua vida e dois filhos estudantes distinctos de sciencias naturaes na Universidade.

(*Diario Popular*, n.º 9:231)

Doutor Falcão

Por telegramma do nosso dedicado correspondente de Coimbra recebemos a triste noticia do fallecimento do distinctissimo lente da Universidade, o dr. José Joaquim Pereira Falcão, com 52 annos de edade incompletos.

.....

É muito sensivel esta perda para a Universidade de Coimbra e para o partido a que pertencia.

(*Diario de Noticias*, n.º 9:717)

Foi imponente o funeral do dr. José Falcão. O feretro foi conduzido á mão de casa até S. Christovão, e d'ahi até

ao largo da Feira; depois em carros para o cemiterio de Santo Antonio dos Olivaes.

O cortejo compunha-se de centenares de pessoas, representando todas as classes, lentes, estudantes, negociantes, artistas, etc. De Lisboa vieram Magalhães Lima, Jacintho Nunes e Alves Correia; do Porto membros da commissão executiva do partido republicano do norte; redacções da *Voz Publica* e *Portugueza*, representantes da sociedade 31 de Janeiro, e do centro republicano da freguezia da Victoria, etc.

(*Diario de Noticias*, n.º 9:718, telegrammas de Coimbra)

A Universidade de Coimbra acaba de perder um dos seus mais distinctos ornamentos, o dr. José Falcão, lente de mathematica.

Como homem era um caracter impolluto e immaculado, bom esposo, excellente pae, um chefe de familia exemplar. — Como homem de sciencia era competentissimo no ramo das mathematicas que professava com rara distincção e superioridade. Os collegas respeitavam-n'o extremamente, porque o dr. José Falcão além de ser um camarada leal era um professor consummado.

. . . . . .

A sua perda, pois, no vigor da vida é uma dupla perda, para a sciencia e para o paiz. Pela nossa parte associamo-nos á dor dos que muito pranteiam a sua morte.

(*O Districto d'Aveiro*)

Dr. José Falcão

Foi imponentissimo o funeral do sr. José Falcão, realisado hontem em Coimbra.

O corpo do illustre extincto foi velado toda a noite, em turnos revesados, por 22 amigos e admiradores, lentes, estudantes, commerciantes e industriaes.

(*O Economista*, n.º 3:406)

Dr. José Falcão

Mais um golpe dilacerante acaba de receber o grande partido republicano — a morte de José Falcão!

A infelicidade tem-nos perseguido atrozmente! A perda dos homens mais illustres e dos vultos mais importantes do partido tem continuado; mas, emfim, não vacillemos do nosso posto, nem desanimemos por este triste e funesto acontecimento que nos aconteceu ultimamente — a morte de José Falcão!

Ha um tempo para cá que o nosso partido tem perdido os chefes mais prestigiosos e que nos têm servido de exemplo, e sempre o servirão.

Estas occorrencias para nós, patriotas e republicanos convictos, são tristezas, mas para os nossos adversarios politicos tudo isto serão alegrias, infelizmente!

Mas, como fazer então, para que esses adversarios se não gloriem com as nossas desgraças? Fazendo a diligencia por observar os ideaes politicos dos grandes mortos, e ainda fazendo por os executar; emfim, adoptando as fórmas de governo para o nosso paiz que elles advogavam.

Morreu José Falcão! Falta-nos mais um dos grandes chefes e guias, principalmente para o partido republicano do norte; porém, o campo que nós temos de trilhar já está feito por elle e pelos outros que morreram e então podemos perfeitamente aproveitar esse grande ensejo afim de vermos realisados os nossos intentos e a nossa obra, em que ha bastante tempo andamos trabalhando.

(*A Evolução*, n.º 299, correspondencia de Lisboa)

Dr. José Falcão

Acaba de fallecer em Coimbra o sr. dr. José Joaquim Falcão, uma das individualidades mais proeminentes do nosso paiz, considerada não só na sciencia, mas tambem na politica e na sociedade.

Era ainda novo.

Contava apenas cincoenta e um annos; e a sua morte, que é lamentada por toda a nação e por toda a imprensa, que, sem distincção de côr partidaria, lhe tem consagrado os mais levantados encomios, produziu na sciencia portugueza uma tão grande falta, que difficilmente poderá ser preenchida.

O dr. Falcão era um astronomo distincto, muito apreciado no estrangeiro, e um dos chefes mais prestigiosos do partido republicano, que soffreu, com a sua morte, um grande golpe.

Como escriptor, deixa o illustre sabio ligado o seu fulgurante nome ás suas obras immortaes. Escreveu sobre sciencia e era um litterato elevado.

A *Cartilha do Povo* era um dos mais bellos trabalhos do dr. Falcão e contou bastantes edições.

O seu funeral foi um dos mais imponentes que se têm visto em Coimbra.

Concorreram muitas delegações de diversos pontos do paiz, tanto da imprensa como de associações e classes.

Alguns correligionarios e amigos do saudoso extincto proferiram sentidos discursos, onde elevaram os merecimentos scientificos do lente, o prestimo e a dedicação do politico e os sentimentos do homem.

A consternação é geral; e nós, que rendemos o mais sagrado culto ao talento e á sciencia, sentimos a morte do sapientissimo mathematico, uma das glorias de Portugal, associando a nossa sincera condolencia á dôr que punge sua illustre familia.

A. Sarmento.

(Fins de Seculo, n.º 4)

José Falcão

Ás quatro horas da tarde soffriamos a extraordinaria surpreza do seguinte telegramma:

Coimbra, 14 ás 3 horas da tarde. — Redacção da *Folha*. — Morreu José Falcão, lente de mathematica e um dos

chefes do partido republicano. Foi victima d'um volvo. É geral a consternação.

É uma noticia extranhamente dolorosa. Vae ella repercutir-se em funebre echo por todo o paiz e produzir profunda impressão de dôr.

No mundo scientifico e politico portuguez era o dr. José Falcão uma das mais nobres, brilhantes e dominadoras figuras. Na sua cathedra de professor, imperava como um sabio; nas aspirações, na propaganda e nas luctas da politica, affirmava a sua individualidade pela poderosa força do seu talento mas ainda mais pela spartana pureza dos seus principios.

Não é só o partido republicano que perde um chefe prestigioso; é o paiz que fica sem um dos seus filhos que mais o nobilitavam pela grandeza dos seus merecimentos e de cujo civismo elle tinha direito a esperar grandes serviços nas horas tristes que o futuro nos reserva.

Desolador, immensamente desolador! Parece que na sombra, em conspiração sinistra, se preparam e combinam todas as terriveis coisas que possam avolumar as difficuldades internas com que luctamos. Porque — digamol-o bem alto — o desapparecimento de José Falcão é muitissimo sensivel para a politica. É uma voz auctorisada que emudece; é um conselho prudente que se cala; é uma lucidissima intelligencia que deixa de fulgurar; é um grande espirito que não dirigirá jamais e que aos exaltamentos do maior numero não tornará a oppôr as serenidades da verdade e da prudencia.

Grande perda, enorme perda.

Registramol-a aqui, bem desesperançados e tristes.

(A Folha, n.º 394)

Dr. José Falcão

Foram imponentissimos os funeraes d'este illustre professor, um dos vultos contemporaneos mais prestigiosos pelo seu talento e honestidade.

Da capital, foram a Coimbra algumas commissões e representantes do jornalismo, representando *O Seculo* o sr. Magalhães Lima.

O eminente mathematico contava apenas 52 annos e deixa alguns trabalhos scientificos e politicos que lhe assignalam d'uma fórma brilhante um logar distincto no movimento litterario do nosso paiz.

Em 1871 publicou um vehemente protesto repassado de emocionante consternação contra os fusilamentos em massa dos communistas francezes.

Este pamphleto ia-lhe acarretanto graves dissabores.

Impresso na imprensa da Universidade, fez com que o director d'esta officina do estado fosse immediatamente demittido, instaurando-se contra o dr. José Falcão um processo academico que não foi por deante.

N'esse tempo era elle ajudante do observatorio astronomico da Universidade.

A Questão do Zaire foi publicada em 1883.

N'esta publicação feita com o intuito de orientar a opinião publica sobre o assumpto mais momentaneo d'aquella occasião, revella o auctor uma grande erudição geographica e um profundo conhecimento da historia da colonisação portugueza no continente africano.

O dr. Falcão vivia quasi isolado, mas acompanhava do seu gabinete todas as questões politicas e sociologicas.

Dispunha d'uma poderosa orientação moderna e de uma muito debil constituição. Um volvo acaba de pôr termo aos dias d'este brilhante ornamento do nosso primeiro estabelecimento scientifico.

(A Folha, n.º 395)

Dr. José Falcão

Acabamos de receber a tristissima noticia de que hoje ás doze horas e vinte e seis minutos da tarde falleceu o sr. dr. José Falcão, illustre lente da Universidade de Coimbra, e provadissimo republicano convicto.

Parece que o destino se encarniça contra o partido republicano portuguez, que tem ultimamente perdido os melhores e mais prestantes dos seus dirigentes.

Ainda hontem Saraiva Castello Branco, depois de José Elias, Latino Coelho e Sousa Brandão, e já hoje o dr. José Falcão, victima d'um volvo!

O dr. José Falcão era um convicto e essa convicção realçava-lh'a um caracter nobilissimo e da mais fina tempera.

A hora adeantada a que recebemos a noticia de tão dolorosa perda para o partido republicano e para o professorado, de que o dr. José Falcão era ornamento, não nos permitte ser mais extensos.

Só podemos dizer que essa perda nos encheu de profundissima magua, pelo homem, pelo correligionario e pelo sabio.

Á familia do illustre morto os nossos dolorosos sentimentos.

(A Folha do Povo, n.º 3:839)

Dr. José Falcão

Se póde haver lenitivo para a dôr que lancina o coração dos republicanos portuguezes, vendo cahir um a um, ceifados pela morte, os seus mais prestigiosos e auctorisados chefes, esse lenitivo encontra-se na apologia da honradez, do saber, das virtudes austerissimas dos nossos queridos e inolvidaveis mortos, feita pelos mais irreductiveis adversarios do ideal republicano. Ante a magestade da morte, aquelles que nos combatem e a quem combatemos reconhecem que o partido republicano tem como seus dirigentes homens, em todo o valor moral d'esta palavra, de intelligencia, de trabalho, de honra, e desinteresse; e confessam que com o desapparecimento do dr. José Falcão, alguma coisa se vae do que ha de mais puro na intellectualidade e no caracter d'este paiz, alguma coisa de insubstituivel e impreenchivel; que condiscipulos, discipulos, contemporaneos e amigos, correligionarios e adversarios, todos fallavam do dr. José Falcão com um respeito em que havia muito de religioso, porque elle era um attrahente, composto dos elementos intellectuaes e moraes que podem exornar e exaltar um homem.

. .

Que mais poderiamos nós accrescentar a essa justa e verdadeira apologia do conjuncto modelo de virtudes e de saber do querido chefe que tão prematuramente a morte nos arrebatou, cujo passamento é uma verdadeira perda nacional, apologia feita na mais commovedora unanimidade pelos proprios inimigos do partido republicano, ao qual não tem poupado invectivas e injustissimas accusações?

Os nossos adversarios, a quem agradecemos a justiça que fizeram ás preciosissimas qualidades do illustre morto que pranteamos, disseram tudo quanto se poderia escrever de bem e de verdadeiro em homenagem merecida ao dr. José Falcão. Resta-nos apenas fazer um rapido apontamento biographico d'aquelle que na morte, como na vida, deve ser-nos exemplo e incentivo na isenção, nas virtudes e na lealdade inquebrantavel.

*

Além do homem de sciencia, distincto como era, era tambem um bello coração. Por assim dizer, os seus sentimentos humanos casavam-se com as observações do seu estudo, e determinavam n'elle uma notavel corrente de sympathia para tudo quanto eram soffrimentos populares. Tambem por isso era extremamente irritavel contra todas as iniquidades, austero contra todas as corrupções, violento contra todas as violencias.

O seu opusculo *A Communa de Paris e o governo de Versailles*, é a prova eloquente d'aquelle modo de sentir. É ler essas paginas, brilhantes de eloquencia e merito litterario, nas quaes José Falcão defendeu com denodo a Communa, pondo em relevo as iniquidades que se praticaram em nome da salvação publica. Aquelle opusculo bastava para fazer a reputação de um homem, mas a de José Falcão já então se tinha affirmado.

O revolucionario em nome da justiça desenhava-se n'aquelles trechos escriptos ao fogo da mais viva indignação!

José Falcão foi perseguido por aquelle trabalho, que aterrou os illustres representantes do velho preconceito, e o notavel mathematico foi processado pelo fôro academico. Não ousaram, porém, julgal-o!

Outro trabalho da mais alta importancia, escripto pelo dr. José Falcão, foi *A Questão do Zaire,* affirmando os direitos de Portugal áquelles territorios que no congresso de Berlim nos foram roubados para com elles salvar o rei dos belgas da sua mallograda especulação do Congo. Está sabido que foi baldado aquelle protesto do illustre professor: então imperava nas regiões governativas de Portugal a politica de — *tudo pela Allemanha* —, e foi-se o Zaire, e foi-se a margem sul do rio Cunéne com os seus riquissimos territorios... para depois sermos esbofeteados com o *ultimatum* de 11 de janeiro, e a Allemanha agradecer-nos o presente que lhe fizeramos vendendo-o á Inglaterra.

A *Cartilha do Povo,* que teve cinco edições, sendo profusamente espalhada por todo o paiz, foi uma affirmação das qualidades de propagandista á Fernando Garrido do dr. José Falcão, propaganda por perguntas e respostas ao alcance de todas as intelligencias.

Proposto candidato republicano por Lisboa nas ultimas eleições de deputados, alcançou cinco mil e tantos votos.

Como Gilberto Rolla, como Oliveira Marreca, como Elias Garcia, como Latino, como Saraiva Castello Branco, o dr. José Falcão morreu pobre.

(A Folha do Povo, n.º 3:840)

A' ultima hora

Recebemos pelo telegrapho a triste nova de que se acha agonisante em Coimbra o nosso velho, respeitavel amigo e correligionario dr. José Falcão. O partido republicano perde n'elle um dos homens mais distinctos pela illustração e integridade de caracter.

Porto, 13, ás 11 h. 16 m. da t. — Agonisante em Coimbra d'um ataque cerebral dr. José Falcão, um dos chefes do partido republicano.

(O Futuro, n.º 193)

Morte de José Falcão

O partido republicano portuguez acaba de perder mais um dos seus prestigiosos caudilhos. José Falcão falleceu hontem ás 12 horas e 26 minutos da tarde.

Esta noticia, que vem lançar mais um crepe na grande familia democratica, é tanto mais triste quanto é certo que José Falcão era dotado d'excellentes qualidades de caracter, d'uma convicção profunda pelo crédo republicano e de vastissimos conhecimentos scientificos.

O Futuro, associando-se á dôr que n'este momento compunge a nação portugueza, envia á illustre familia do finado os seus pezames sinceros.

*

Quando nos fins de 1870, no Centro Promotor dos Melhoramentos das Classes Laboriosas de Lisboa, defendiamos com a nossa palavra a communa de Paris, brutalmente esmagada com todos os seus defeitos e virtudes, José Falcão publicava em Coimbra uma defesa brilhantissima d'essa mesma communa, o que lhe trouxe desgostos serios no corpo docente da Universidade.

.....

Na sua especialidade de mathematico, José Falcão era um dos mais distinctos ornamentos da Universidade de Coimbra. Foi o instrumento productor do manifesto dos 500.

José Falcão, pelo seu temperamento doentio, era distituido da energia herculea exigida pela transformação radical do systema politico do seu paiz: acaso o seu passamento resultou de um esforço supremo, puramente consagrado ao seu partido e á sua patria.

(O Futuro, n.º 194)

Dr. José Falcão
Fallecido em Coimbra, a 14 do corrente

«...eminentissimo cidadão, uma das mais altas personificações do civismo e da honra e um dos mais lucidos espiritos do professorado portuguez.

«...hoje, mais do que nunca, fazem falta estes homens que pela pureza e integridade de caracter são as unicas garantias do levantamento do espirito nacional letargisado por uma longa serie de desgraças.»

Perfilhando estas palavras de inteira justiça cumpre-se um sacratissimo dever imposto á consciencia de todos os verdadeiros cidadãos.

Alberto Bessa.

(Galeria Portugueza, n.º 6)

É com profundo desgosto e sincero pezar que registamos o passamento d'este varão a tantos respeitos illustre, que acaba de resvalar no sepulchro, quando ainda só contava 52 annos de edade.

Não é só o partido republicano, de que o dr. José Falcão era um dos mais distinctos membros, que está de lucto; envolvida nos mesmos crepes luctuosos está a Universidade de Coimbra, pela perda irreparavel de um dos seus mais illuminados e brilhantes espiritos, e a nação de que era uma das mais poderosas individualidades, pela regeneração e engrandecimento da qual trabalhou até os seus ultimos momentos com aquella boa vontade, zelo, intelligencia e ardor só proprio das consciencias puras e immaculadas.

Vão-se os bons e vão-se os justos, e o illustre extincto era um bom e era um justo, cuja memoria será sempre inolvidavel.

É, pois, com o mais sincero sentimento, que sobre a sua campa fria depomos tambem os nossos humildes goivos.

(Gazeta de Bragança)

Dr. José Falcão

Ao principiarmos este artigo, que nos é imposto como o cumprimento d'um dever impreterivel, que nos é imposto

pela consideração e respeito que nos merecia o vulto eminente do dr. José Falcão, a apotheose d'este venerando cidadão está feita.

E' uma consolação, para quem sinceramente préza este paiz, sentir em todos os campos politicos o ensarilhar das armas, e vêr que os homens mais notaveis de todos os partidos, dominados pelo mais profundo respeito, se curvam reverentes, na manifestação d'uma dôr geral, perante o nome d'um homem que passa á historia prestigioso e immaculado.

E' uma consolação para nós, que apreciavamos o caracter do dr. José Falcão, sobre tudo, pela sincera intensidade dos seus sentimentos patrioticos, vêr, que a virtude ainda se impõe talvez mesmo aos menos virtuosos, e merece a consideração de todos os homens. Se isto não é muito, é em todo o caso bastante no meio do pégo sombrio em que nos encontramos de consciencias despedaçadas e corrompidas.

No horisonte brilha um raio de esperança!

Uma ideia circula, domina todos os pensamentos, e essa ideia, que acóde sem suggestão em todas as apreciações, basta por si para dar a medida da perda que Portugal acaba de soffrer.

Perdeu-se um homem d'uma honradez austera, d'uma honestidade intangivel, d'uma firmeza de principios inquebrantavel. Perdeu-se tambem um sabio, um homem que a sciencia considerava entre os seus primeiros filhos; mas isto é nada em comparação do valor que, nos tempos que correm, na posição que podia occupar o dr. José Falcão, tem a consagração d'aquellas palavras.

Um paiz precisa de possuir homens de subido talento mas, acima de tudo, precisa de homens honrados, que tenham prestigio, para que o seu exemplo seja respeitado e seguido. É a falta de homens d'este quilate que está fazendo tremer nos alicerces as actuaes civilisações. Portugal possuia um, que á força de modestia e desprendimento, tinha chamado sobre si as attenções geraes, e que, galgando em mezes o espaço que durante muitos annos se recusára a percorrer, chegára, levado a seu pesar pela força do seu valor, ao primeiro logar na democracia portugueza.

Mas a sua natureza, como que reagindo contra o imposto fatal dos acontecimentos, que o obrigavam a tomar um logar saliente entre os primeiros, veio oppôr-se a que fosse alterada a sua conducta, d'uma modestia exaggerada, roubando-o inopinadamente á patria, que elle tanto amava, e pela qual estava resolvido a fazer os ultimos sacrificios com aquella força de vontade que só pertence aos justos, com a confiança que só possuem os verdadeiros crentes, os que sentem uma consciencia limpidissima e acreditam na justiça immanente, com o enthusiasmo dos que teem fé absoluta nas suas crenças e que por isso nos momentos criticos rapidamente congrégam em volta de si os homens que, affastados das paixões mesquinhas da politica, aspiram a entrar na terra da promissão conduzidos por um pulso forte e por uma consciencia crystallina.

*

O dr. José Falcão deixou uma memoria respeitada tanto pela sua vida particular como publica, tanto pelo seu valor scientifico como politico.

Não offenderemos a sua memoria descobrindo agora as virtudes da sua vida particular, as quaes cuidadosamente occultava.

Para a sua familia a sua perda foi irreparavel.

Como homem de sciencia, o dr. Falcão era um sabio; o seu espirito lucidissimo permittia-lhe abranger com facilidade as questões mais complexas e complicadas, e ninguem poderia expol-as com maior clareza nem com mais elegancia, uma elegancia sobria que nunca prejudicava a belleza inherente á verdadeira sciencia.

Fôra discipulo do sabio professor e astronomo, o sr. conselheiro Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto; seu continuador durante os ultimos dois annos, mostrava-se digno d'aquelle illustre mestre, pelo qual constantemente manifestava a mais elevada deferencia e a mais subida consideração.

A sua perda para a Universidade foi enorme.

O partido republicano lamenta a sua falta, como se lamenta a falta d'um chefe insubstituivel em que estão postas todas as esperanças, e inspira a coragem que dá a

confiança de que debaixo do seu commando a victoria é segura.

Um dos seus representantes apreciou a importancia da falta do dr. José Falcão dizendo — que deixára no partido um vasio enorme, que para preenchel-o era necessario que se colligassem intimamente os esforços de todos os correligionarios.

O valor da perda foi bem avaliado; sem querermos melindrar o partido republicano, diremos, porém, que a substituição indicada não dará, certamente, um resultado equivalente.

E o que dizemos é a expressão d'um principio que professamos contrario ao geralmente adoptado; os homens eminentes são em regra insubstituiveis na sua época, a sua falta é sempre sensivel, e muitas gerações passam algumas vezes sem que appareçam outros que lhes possam occupar o logar, muito ordinariamente chegados tarde, resta-lhes unicamente chorar sobre as ruinas da sua patria.

Por isso a falta do dr. José Falcão, foi capital para o partido republicano.

*

Para nós, porém, a perda do dr. José Falcão merece ainda ser principalmente considerada debaixo d'um ponto de vista mais geral e mais egoista, debaixo do ponto de vista dos interesses do paiz e dos interesses legitimos de cada um de nós.

Acreditamos que a sua acção não aceleraria uma mudança d'instituições, que, a dar-se, será principalmente consequencia fatal dos erros e leviandades praticadas; e mesmo, para o effeito d'um desenlace d'esta ordem, acreditamos que lhe póde equivaler a acção combinada dos elementos que dominados pelo impulso da falta que sentem no partido, cremos que tomarão muito maior movimento e procurarão assim compensar o *vasio enorme* que acaba de dar-se.

É a falta do dr. José Falcão n'esse momento decisivo da historia do nosso paiz que, monarchicos e republicanos, liberaes e reaccionarios, todos os homens que sinceramente se interessam pelo futuro de Portugal, todos os homens

que vivem honestamente do seu trabalho e dos seus rendimentos, devem hoje sentir profundamente.

O dr. José Falcão, embora só tivesse entrado na politica activa nos ultimos tempos arrastado por um vehemente desejo de ver regenerado o seu paiz e garantida a autonomia da sua patria, revelára eminentes qualidades de estadista, não só na maneira como apreciava os difficeis problemas que hoje apresenta a nossa administração, mas ainda na maneira como tratava os homens. E por tal fórma e com tal energia se tinha havido, que em pouco tempo realisára um trabalho colossal bem conhecido de todas as populações do norte; congregára em volta de si, inspirando-lhe confiança e enthusiasmo, homens da maior consideração e que pela posição que occupam, pelas importantes fortunas que representam seriam elementos valiosissimos d'ordem numa época de paixões como não póde deixar de ser a d'uma mudança de regimen; mais ainda, arredára com uma energia desconhecida os aventureiros e especuladores, microbios devastadores dos partidos velhos, perigo eminente dos partidos novos.

Com a falta do dr. José Falcão perdeu a nação a mais segura garantia de ordem, no momento angustioso d'uma crise revolucionaria.

E' o maior elogio que póde fazer-se-lhe.

(Gazeta Nacional, n.º 116)

O Funeral

Alastrara a noticia n'uma grande duvida publica. Ninguem quer acreditar que o professor que ainda na terça feira dera aula morresse tão subitamente, na occasião em que mais necessaria era a sua palavra sempre de bom conselho, sempre affavel, sempre digna, nobre e justa como a do sabio.

E ao confirmar-se a noticia era de ver a tristeza como era recebida pelo commercio, pelos professores e pela academia, bando alegre de rapazes bons e irreflectidos

sempre promptos a vibrar alacres ao feriado que lhes venha da morte d'um lente ou de um... rei ou... de um papa.

Nós que conhecemos a vida intima da academia e que ha vinte annos habitamos Coimbra, nunca vimos tanta tristeza, dôr tão profunda em animos juvenis. Bons rapazes!

A Camara Ardente. — Tudo de negro; nas paredes rosas, lilazes, louros e palmas em coroas offerecidas por todo o paiz.

Ao centro o caixão negro, sustentado por garras de leão, e n'elle deitada, socegada como adormecida, a figura severa de José Falcão em habitos de doutor rodeado de camelias. O chão juncado de camelias, palmas e acacias.

Silencio profundo, lagrimas brilhando á luz dos cirios em rostos juvenis acostumados a rir e a gritar. A face de José Falcão, serena, mais que em vida, um sorriso mysterioso nos labios, enygmatico, fixado pela morte em expressão que não tivera em vida.

Chegavam silenciosamente estudantes e professores deitando-lhe o ultimo olhar, e chorando lagrimas que não serão as ultimas.

Na Rua. — Uma multidão respeitosa de representantes de todas as classes, de todos os partidos politicos. Coroas chegando de Lisboa, do Porto, de todas as partes.

Ás 3 horas e meia poz-se em marcha o prestito para a Sé Velha. Ás argolas dr. Eduardo Vieira, Manuel Rodrigues da Silva, José d'Almeida, Silvestre Falcão, João de Menezes e dr. Teixeira de Carvalho. Ás borlas os drs. Souto Rodrigues, Henrique de Figueiredo, Sousa Pinto, José Bruno, Rocha Peixoto e Costa Lobo. Levava a chave o sr. conselheiro Reitor da Universidade, ao lado do qual ia o sr. dr. Luiz da Costa e Almeida, decano da faculdade de mathematica.

Desfilou morosamente o prestito até á Sé Velha, onde se resaram os responsos, sendo depois conduzido á mão por estudantes de todas as faculdades e de todos os partidos politicos que porfiavam em levar o cadaver d'um mestre, d'um cidadão, d'um republicano e d'um bom.

E o prestito alargava pelo largo da Sé recebendo de toda a parte gente que chegava apressada a prestar o

testemunho de sua consagração ao sabio, ao *grande Portuguez* que morrera.

Sobre tudo commovedora a chegada do jornalista Martins de Carvalho, que parecera remoçar, em cuja physionomia boa de velho brilhavam lagrimas de commoção.

Subia-se vagarosamente a rua das Covas, velha rua d'esta velha Coimbra, apertada e cortada ao cimo pela linha elegante da varanda do paço, sonho d'architecto manchando o azul com a nota branca dos seus balcões em que se debruçavam numa curiosidade respeitosa dois velhos que vagârosamente se descobriram solemnemente.

Na feira depositaram-se as coroas n'um carro e sobre o carro funerario todo dourado e coberto de crepe. Ao cimo a coroa do directorio de Coimbra, rodeando a figura da *fé* em palmas e rosas, deixando pendentes duas largas fitas verde e vermelha.

Ahi se separavam os carros que deviam levar ao cemiterio todos os que quizessem dizer-lhe o ultimo adeus. Tudo começava a entrar nas carruagens, quando uma voz imperativa de academico novo gritou: *a pé.*

Todos se apearam e acompanharam a Santo Antonio dos Olivaes o cadaver de José Falcão.

Caia a tarde! Ao longe morria o sol atraz da grande massa escura da Universidade, e o cortejo caminhava rapido pelos campos silenciosos.

Era uma grande vaga humana negra e cheia de vida levando á frente, brilhando aos ultimos raios do sol poente o carro funerario todo em ouro, em que fluctuavam ao vento as cores verdes e vermelha como flamulas d'um bergantim dourado empurrado pela vida para o paiz do sonho.

Em Santo Antonio, multidão enorme, não deixando passar ninguem e abrindo-se apenas respeitosa ao caixão.

Lá tombando a noite fria e escura, ouviam-se lugubres as vozes dos que pranteavam, accendiam-se as estrellas e a lua levantava-se fria e triste. Na massa negra do povo destacavam illuminados pelos archotes os rostos dos que choravam o amigo, o cidadão e o sabio. E todos dando-lhe a consagração maxima chamavam-lhe — *o bom.*

A sua vida desfilava rapida evocada pela voz quente e apaixonada dos oradores, e todos, sabios, jornalistas e

estudantes todos accentuavam a falta enorme que era para o paiz a perda de um homem honrado e bom.

Ás 7 da noite dispersava silenciosamente o prestito na solidão da noite, morria o ultimo archote, o céo enchera-se de estrellas, e todos repetiram a mesma phrase: morreu um homem bom.

Como não havia de ser bom quem passara a vida a estudar o ceu!

(Dr. Teixeira de Carvalho)

(Gazeta Nacional, n.º 116)

Dr. José Falcão

Finou-se em Coimbra, o lente de mathematica, dr. José Falcão, um dos chefes do partido republicano portuguez.

A sua morte foi muito sentida, pois que sua ex.ª era um perfeito homem de bem.

(*A Gazeta do Povo,* n.º 419)

Como homem de sciencia, deixa o seu nome vinculado a trabalhos de vasto alcance.

Como publicista, deixa a *Cartilha do Povo,* obra de vulgarisação do credo republicano e que tão larga divulgação teve.

Este livrinho, escripto sob a fórma de cathecismo, em linguagem chã e ao alcance de todos, tornou o seu nome conhecido nas mais pequenas aldeias.

Como cidadão, soube cumprir os deveres que a sociedade lhe impôz.

Por isso, na hora ultima da agonia, o seu leito foi cercado por numerosos amigos.

No seu enterro, um dos mais concorridos, que se tem realisado em Coimbra, fizeram-se representar as folhas

democraticas de Lisboa, Porto, e os membros do Directorio Republicano Portuguez.

(*Gazeta de Provezende,* n.º 850)

José Joaquim Pereira Falcão

O nosso morto querido!

O homem que a mocidade respeitava e idolatrava desde os bancos das aulas, em que era um professor consciencioso e um amigo sincero!

O correligionario leal, intelligente e denodado!

O chefe mais prestigioso que temos conhecido: cerebro potente, coração magnanimo, braço firme e resoluto.

O portuguez mais patriota, mais despido de interesses e mais interessado no combate, com vistas mais largas e orientação mais solida!

Pois bem, o amigo, o professor, o correligionario, o chefe e o patriota (qualidade hoje tão rara em nosso meio egoista) já não existe! Morreu! E a sua perda produziu o assombro do raio, tal era a estatura moral do fallecido e a confiança que nos merecia!

Podia haver rivalidades no partido, antagonismo de escola, divergencia de caracter, differenciação de conselho; mas surgindo o dr. José Falcão tudo cedia perante o seu talento, perante a sua auctoridade, perante a sua modestia.

O dr. Falcão era tudo, não querendo ser nada.

É por isso que o seu passamento nos commove. Nunca predicados tão complexos se reuniram em envergadura mascula.

*

É uma triste fatalidade a que persegue não só o partido republicano mas o nosso cada vez mais desditoso paiz.

N'um curto lapso de tempo finaram-se para a democracia e para a patria, porque eram verdadeiros portuguezes, homens como Oliveira Marreca, Elias Garcia, Gilberto Rolla, Latino Coelho, Sousa Brandão, Trigueiros de Martel, Sabino de Sousa, Aureliano Cyrne e Castello Branco Saraiva.

Quando a nacionalidade se afunda no charco das ignominias dos seus filhos indignos é que o destino parece comprazer-se ceifando as vidas gloriosas das nossas bem fundadas esperanças.

Escreveu um opusculo A *Communa de Pariz* e o *governo de Versailles* em que o seu coração generoso stygmatisou aquelles que em nome da salvação publica combatiam a ruina e o assassinio pelos mesmos processos iniquos.

Em um folheto de sensação que intitulou A *Questão do Zaire* mostrou os seus profundos conhecimentos geographicos.

Todos nós conhecemos ainda pela publicidade que lhe deu o extincto Gremio Democratico Barcellense um magnifico livrinho de vulgarisação republicana — a *Cartilha do Povo* — em que por perguntas e respostas João Portugal e Zé Povinho discutem as vantagens da republica sobre a monarchia.

Convem, agora, que o partido republicano vá ao saudoso tumulo de José Falcão evocar as suas virtudes sublimes para que cada soldado da intemerata phalange guarde, como amuleto familiar, algumas recordações patrioticas, penhor seguro da autonomia, liberdade e bem estar de Portugal.

.....

(Ideia Nova, n.º 28)

Dr. José Falcão

Falleceu no dia 14 do corrente, após curto, mas dolorosissimo soffrimento, o sr. dr. José Joaquim Pereira Falcão, distinctissimo lente cathedratico da faculdade de Mathematica.

A sua morte representa uma enorme, incommensuravel perda para a sciencia, pois o illustre extincto era um sabio, e para o partido republicano de que era um dos chefes mais prestigiosos e sympathicos.

Era um caracter probo, dignissimo a todos os respeitos. Modesto e bom nunca se impôz.

Escriptor energico, primoroso, sempre correcto, deixou muitos artigos na imprensa jornalistica para se poder aqui-

latar as raras qualidades do seu espirito, a sua alta comprehensão; nas obras scientificas que publicou podem os competentes avaliar a excepcional vastidão dos seus muitos e profundos conhecimentos.

Á sua desolada familia d'aqui enviamos a expressão sincera e sentida da nossa profunda condolencia por tão grande, tão irreparavel perda.

(*O Imparcial de Coimbra*, n.º 1:372)

A' ultima hora

O telegrapho transmitte-nos a desoladora noticia da morte do Dr. José Falcão.

Esse vulto tão saliente e tão sympathico do partido republicano portuguez já não existe.

É escasso o tempo de que dispomos para fazermos uma nota biographica de tão querido morto.

O seu caracter impoluto e temperamento diamantino conquistaram-lhe a estima e a veneração não só de todos os democratas mas até da nação inteira.

No proximo numero satisfaremos ao dever que a gratidão nos impõe, publicando, em artigo principal o testemunho do nosso respeito para com tão illustre cidadão.

Acceite a familia enlutada as nossas mais sentidas condolencias; e o partido republicano queira desde já considerar este nosso pequeno escripto como um voto de sentimento pela falta de tão prestimoso chefe.

A Redacção

(*O Intransigente*, n.º 13)

Dr. José Falcão

Do nosso solicito correspondente no Porto recebemos o seguinte telegramma, que deslocamos da sua natural secção, para o acompanhar com meia duzia de palavras:

«Porto, 14, ás 3 e 39 da tarde. — Acaba de fallecer em Coimbra o dr. José Falcão, chefe do partido republicano do Norte.»

Esta morte, por um conjuncto de razões, algumas das quaes, em consciencia, não podemos bem precisar, causou-nos uma grande tristeza, uma absorvente e quasi morbida impressão de melancolia. É um homem, em todo o valor moral d'esta palavra, que desapparece, um homem de intelligencia, um homem de trabalho, um homem de honra, um homem de desinteresse.

Como que, com o desapparecimento do dr. José Falcão, alguma coisa se vae do que ha de mais puro na intellectualidade e no caracter d'este paiz, alguma coisa de insubstituivel e impreenchivel. Abre-se um como vacuo na consciencia portugueza, e aqui está talvez o motivo da morbida melancholia a que nos referimos acima.

Todos o viam como um symbolo. Condiscipulos, discipulos, contemporaneos e amigos, correligionarios e adversarios, fallavam do dr. José Falcão com um respeito em que havia muito de religioso. É que elle era um attrahente, composto dos elementos intellectuaes e moraes que podem exornar e exaltar um homem. A lenda até se apoderou d'elle.

Ser-nos-ia extremamente grato referir alguns episodios d'essa existencia modelar e tão singelamente gloriosa, mas, pôr exiguidade do espaço (razão commoda), por indisposição momentanea do espirito com a tambem momentanea falta de memoria para essas recordações, vemo-nos privados de o fazer.

E egualmente seremos parcimoniosos de pormenores biographicos. Que de resto estas individualidades, como o dr. José Falcão, têm a biographia nos actos do seu espirito e do seu caracter. D'onde, ou biographal-as n'um extenso estudo, ou indical-as apenas em duas linhas.

.....

Grande mathematico. Dos raros que em Portugal mettia dente em Wronski, um polaco que dizem ter genio e loucura e que o nosso grande morto sabia ler e comprehender, pela sua penetrante e profunda intelligencia em separar o trigo do joio que se juntavam e misturavam n'esse potente e original cerebro.

Alma triste, sombria, taciturna, a do dr. José Falcão, alma que, por uma preciosa aptidão intellectual, se comprazia, consoladoramente, no estudo da astronomia. E quando, á noite, parava no eirado do Observatorio da Universidade, dir-se-ia um espirito doente de Hamlet num são espirito de Laplace.

Brusco por um excesso de sensibilidade, mas delicado e encantadoramente grave por coração e maneiras. Ouvil-o era ouvir a nitidez em pessoa. As suas apreciações sobre os homens e as coisas, sobre os factos occorrentes, chegavam a pintar-se aos nossos olhos com o rigor e a elegancia d'um calculo desdobrado na pedra. Punha todos os assumptos em equação e resolvia-os com processos de raciocinio perfeitamente mathematicos.

Eis, de corrida, o que se nos offerece dizer sobre este homem eminente.

(*Jornal do Commercio*, n.º 11:735)

Já depois de escriptas as linhas precedentes chegou ao Porto a noticia da morte de José Falcão.

Foi vivissima a impressão causada em todos pelo desapparecimento d'aquella notabilissima figura moral, que era ao mesmo tempo a encarnação do civismo, do desinteresse e da paixão pela verdade.

Intimo de Anthero, possuia todas as grandes virtudes do grande poeta e uma força que o autor das *Odes Modernas* não possuia — a crença no futuro do seu paiz.

Republicano até á medulla, e ainda mais patriota do que republicano, não hesitou em escrever essas palavras já hoje celebres pela alta isenção que transpiram: *o partido republicano lucta pelo paiz, não pela Republica. Se a monarchia nos pode salvar, que nos salve.*

Alma sequiosa de justiça, não receou defender os fuzilados da Communa de 1870, arriscando a sua cathedra, seu unico modo de vida, n'um processo celebre.

A sua probidade immaculada indigitou-o naturalmente para chefe do partido republicano do norte; e a solidez e madureza do seu espirito attrahiram ao movimento demo-

cratico os mais valiosos elementos das classes conservadoras. Organisou definitivamente o partido republicano ao norte do Mondego e contava com o triumpho da democracia pelo rejuvenescimento da vida civil. A sua morte representa, pois, para aquelle partido uma perda irreparavel.

Como professor era considerado uma gloria universitaria pela lucidez incomparavel da sua exposição.

O seu espirito abarcou uma vastissima esphera de preoccupações intellectuaes. Primitivamente apaixonado pelas questões sociaes e economicas, consagrou o melhor da sua intelligencia e da sua vontade ao estudo da geographia colonial portugueza e ao jornalismo politico, para onde trouxe a lucidez e precisão do mathematico.

Alma boa, grande, generosa, desinteressada e transigente com todos, não odiando ninguem, só odiou até á morte os corruptos e os egoistas.

Fez uma grande falta ao paiz, porque era um verdadeiro homem de bem.

Mosar.

(*Jornal do Commercio,* n.º 11:739 — final da Correspondencia do Norte)

Dr. José Falcão

A morte d'este illustre mathematico é, quanto a nós, uma perda nacional.

Homens d'estes, cuja vida privada representa um compendio de virtudes as mais acrisoladas, e cuja vida publica se assignala por tantas e tão inequivocas provas de trabalho honrado e proficuo, deixam na sua passagem um traço indelevel da admiração de todos e descem á campa cobertos de bençãos.

O dr. José Falcão, aquelle esposo extremamente dedicado, aquelle pae singularmente estremecido, aquelle espirito soberanamente illuminado, mestre sempre querido, homem sempre cavalheiro, deixa um vacuo difficil de preencher na sciencia, como impossivel na familia; a Universidade perde com elle um dos seus mais illustres orna-

mentos, o paiz um dos seus membros mais gloriosos e a sciencia um dos sacerdotes mais devotados.

O illustre morto era, na verdade, uma das glorias do nosso primeiro estabelecimento scientifico, e nós que desejamos a este instituto todas as honras que lhe são devidas, choramos tambem a perda d'uma das suas primeiras reputações scientificas.

*

Mas o doutor Falcão não era só uma gloria da nossa Universidade; era tambem, e mais que tudo, um devotado servidor do seu paiz.

A sciencia mathematica, de que elle era um apaixonado cultor, não absorveu todas as locubrações d'aquelle cerebro superiormente organisado. Votou-se tambem e com denodo ao estudo da sciencia dos povos; e, surprehendido com o continuo desabamento do edificio nacional; amargurado com os males cada vez mais crescentes do povo portuguez, d'este povo que elle amára, porque era o seu, dedicou-se ainda aos estudos da politica em que foi um denodado campeão da democracia, um sincero propugnador da moralidade. Com a palavra, com a penna e com o exemplo, o dr. José Falcão nunca desmentiu os magnanimos sentimentos de que se possuira, ao entrar na lucta por uma causa que lhe era sympthica, a causa do povo, do eterno soffredor. Luctava por convicção, trabalhava com denodo, sem outro interesse que não fosse o de fazer comprehender ás massas a extensão do seu direito e o limite da sua passividade.

A *Cartilha do Povo,* essa segunda biblia que chegou em pouco tempo a todos os lares e cujas doutrinas claras e sympathicas se inocularam como um alento no espirito popular, deve-se a esse incansavel evangelisador dos mais salutares principios de progresso e de vitalidade social.

A *Communa de Paris* e o *governo de Versailles* contem n'um estylo vibrante e n'uma linguagem sinceramente humanitaria toda a belleza d'aquella alma diamantina e todo o fogo d'aquelle espirito provadamente popular.

Era para a causa do povo o mesmo que era para os progressos da sciencia: um apostolo provado. Emquanto enriquecia a Mathematica com a *Theoria das determinantes*

e com a *Resolução das equações pelo methodo de Wronski,* auxiliava a causa da democracia com os seus vehementes artigos, reveladores das mais nobres aspirações, as do rejuvenescimento do seu paiz e do alevantamento do espirito nacional, tão decadente, não sabemos se pela força de fatalidades, se pela continuação d'uma passividade criminosa de longos annos.

E esse espirito diamantino, esse cerebro illuminado, esse coração sacrario dos mais fraternos sentimentos, vem a campa de o roubar ao seu paiz, quando este mais que nunca carecia do seu conselho e de todo o seu vigor!

Professor extremamente affavel e justo, desce á campa entre as mais vivas saudades dos seus discipulos; luctador incansavel, violento e incorruptivel, não teve no ultimo instante uma só arguição dos seus adversarios; caracter immaculado e austero, acompanham-no na ultima morada as bençãos de todos os seus concidadãos.

A familia chora o ente querido que a povoava de todos os affectos mais doces; a sciencia veste de lucto pela perda de tão ardente cultor; a Universidade pranteia a falta d'um dos seus mestres mais abalisados; o seu partido enrola hoje bandeiras em signal de sentimento pela morte d'um dos seus mais vigorosos generaes; o paiz inteiro deveu sentir-se abalado pelo desapparecimento d'um dos mais singulares propugnadores do seu progresso. Nós, os novos, os que estudamos, ajoelhamos tambem sobre a sepultura do mestre.

Coimbra, janeiro de 93.

Rodrigues Davim.

(*Jornal Constituinte*, n.º 411)

Dr. José J. Pereira Falcão

Sunt lacrimae rerum!...

Os homens honestos, qualquer que seja a côr da bandeira, que desfraldem aos ventos da Politica, são sempre respeitados pelos seus adversarios.

Foi um d'esses homens o dr. José Falcão, cuja perda hoje deploram: os seus confrades; os que não seguiam o seu crédo politico, e até o paiz inteiro.

É que, n'estes tempos d'egoismo reles, é rarissimo o encontrar homens d'envergadura moral, como a do nobre extincto!

Mas elle não era sómente um caracter impolluto; era mais, era tambem um talento resplendente, um sabio consummado, um professor extremadissimo, um escriptor abalisado e um trabalhador indefesso.

Quem se envergonhará, pois, de chorar varão tão raro, e de vir á imprensa glorificar vulto tão sublime, que, oh dôr, se sumiu do nosso horisonte, mas que ficará para sempre librando-se sobre os astros e vivendo na bocca dos homens, como um modelo correctissimo?

Ninguem, absolutamente ninguem, a não ser algum esgarrado de sentimentos nobres, a não ser algum analphabeto desprezivel.

José Falcão podia olhar sempre para o seu passado, sem pejar-se de o fazer.

José Falcão pronunciando e escrevendo as palavras — Se a monarchia póde salvar-nos, que nos salve — adquiriu direitos legitimos ao reconhecimento dos portuguezes.

Se as suas ideias lhe não permittiam o pronunciar o — *Pro rege saepe* —, nem por isso deixou de ser sublime, porque abrigava em si uma aspiração d'uma grandiosidade, que figurará sempre entre as mais sublimes grandiosidades — *Pro Patria semper*.

José Falcão era, sim, um devotado amante da patria. Se era, que o era, um apostolo convicto das ideias republicanas, é certo, que a *Salus populi* do direito publico romano era a sua preoccupação constante, o seu labutar continuo; é certo, que nunca passou além do — *Sub lege libertas*, porque era essencialmente amigo da ordem social.

Fossem todos os homens como José Falcão! — Aspirações irrealisaveis!

E não haver na sciencia remedio contra a força fatal da morte!

Todos havemos de pagar irremissivelmente este tributo.

José Falcão já o não deve e pagou-o muito cedo. Tristissima realidade!

Estavam-lhe contados os seus dias, como a nós todos o estão — *Stat sua cuique dies.*

Não podemos murmurar do acabamento, porque o tempo devora tudo, nem as proprias ruinas lhe escapam — *Tempus edax rerum; etiam periere ruinae.* Foi lei promulgada para todos e para tudo.

Foi, porém, durissima para nós a perda d'um homem, que caminhou sempre direito, sempre aprumadissimo na via triumphal da sapiencia e do cumprimento do dever; sim, porque não praticava o mal; sim, porque nunca alardeava o seu saber immenso; sim, porque era em tudo circumspecto e modestissimo; sim, porque amava devotadamente a Patria.

A pujança do seu espirito e a bondade do seu coração disputavam entre si primasias. Difficil é o liquidar, se a fidalguia do seu talento e do seu saber sobrelevava a da grandeza da sua alma.

Teve uma vida breve, mas illustrou-a muito, muitissimo, porque cumpriu sempre o preceito de Virgilio:

... Sed famam extendere factis,
Hoc virtutis opus.

Assim passou o dr. José Falcão por este miseravel mundo, por este *exilio breve,* como um astro, sempre fulgurante, deixando na sua passagem um immenso rasto de luz!

«Seu nome, inda apesar da morte fria
Ha de viver em posthuma *memoria,*»

No anno lectivo de 1863 a 1864 sentamo-nos ao lado de José Falcão na aula de *Physica dos Imponderaveis.*

Por vezes recebemos o beneficio das scintillações do seu vastissimo espirito, e sempre o amámos pelo seu nobilissimo caracter.

Desempenhando-nos d'um dever sagrado, vimos, por isso, hoje, penetrado de profundissima dôr e cheio de saudosissimas recordações, que ficarão morando sempre em

nossa alma e cada vez mais vivas, apresentar sentidissimos cumprimentos de pezames á sua desolada familia.

Todas as horas nos ferem, a ultima mata-nos.

A derradeira do sapientissimo lente de Mathematica soou no fatal dia 14 de janeiro corrente.

Ai!

Paz á alma do varão illustre e memorando!

Louzan, 18 de janeiro de 1893.

Antonio Pinto de Campos.
(Jornal da Louzan, n.º 398)

Dr. José Falcão

Falleceu hontem, em Coimbra, este notavel escriptor e honrado democrata. A noticia da sua morte trouxe uma dolorosa impressão a todos quantos conheciam e admiravam o seu talento e prestavam justa homenagem ao seu brilhante caracter.

Perdeu n'elle o partido republicano mais um dos seus prestigiosos membros e a Universidade de Coimbra um dos seus mais eruditos professores.

Sentimos sinceramente a sua morte, porque avaliamos da importancia da sua perda, pela grande lacuna que deixa nas fileiras dos nossos melhores talentos, dos nossos mais prestimosos e uteis e honestos contemporaneos.

O partido republicano e os jornaes que d'esta côr politica se publicam no Porto fazem-se representar nos funeraes que hoje se realisam. Acompanhamol-os no seu luto.

(Jornal de Noticias, n.º 13)

O dr. José Falcão, ornamento da faculdade de mathematica, onde era considerado como o primeiro, não deixou certamente inimigos entre as muitas gerações de rapazes que continuamente se succediam e que frequentavam a sua

aula a ouvirem as prelecções expostas com a maxima clareza de raciocinio, acompanhadas de uma linguagem pura, mas simples, sem arrebiques oratorios ou phrases ocas e empoladas, de modo que os seus alumnos mais facilmente podessem comprehender as operações e calculos que ia traçando a giz na negra lousa.

Não deixou inimigos nos seus discipulos porque o dr. Falcão era d'aquelles lentes que se faziam respeitar pela sua sciencia, e ao mesmo tempo estimar pelo trato affavel e bondoso que tinham sempre para os seus discipulos, quando estes a elle recorriam afim de os illucidar e explicar qualquer ponto sobre o qual se podiam levantar duvidas; não era um caracter auctoritario e despotico que recebesse com menos urbanidade os seus discipulos, vendo n'elles uns entes inferiores, não; o dr. Falcão ouvia-os benevolamente, attendia-os carinhosamente e discutia com elles, mostrando-lhes os erros em que estavam e encaminhando-os na verdadeira doutrina.

(*O Louletano*)

Dr. José Falcão

No sabbado, pela uma hora da tarde, finou-se o sr. dr. José Falcão.

Esta tristissima noticia, na sua cruel singeleza, foi um golpe terrivel ao coração de todos os verdadeiros portuguezes.

José Falcão era um sabio e um santo.

Homem de vida intemerata e exemplar, sempre alheio a politicas mesquinhas e a intrigas pessoaes, democrata convicto desde sempre, só depois do *ultimatum* de 11 de Janeiro se tinha filiado abertamente no Partido Republicano, porque o julgava o unico capaz de salvar a Patria moribunda.

A sua entrada foi uma honra, e o seu exemplo trouxe-nos uma pleiade enorme de homens serios e independentes, que são hoje a nossa gloria e os nossos mestres.

José Falcão era hoje um dos chefes do Partido Republicano Portuguez. Não se tinha imposto; os nossos correli-

gionarios é que o tinham levantado nos escudos, como um homem salvador.

Extinguiu-se aquella voz, cujos dictames todos ouviamos attentamente. Mas fica-nos o exemplo.

Os nossos mortos têm descido ao tumulo, sem deixar atraz de si rastos menos dignos e honrosos.

Elias Garcia, Sousa Brandão, Latino Coelho, Castello Branco Saraiva, José Falcão... eis os nossos mortos illustres.

Mostrem os outros partidos exemplos eguaes na actualidade.

A redacção da *Lucta* enviou á familia do illustre extincto o seguinte telegramma:

«A redacção da *Lucta,* em seu nome e no do Partido Republicano de Braga, envia sentidos pezames e faz-se representar no funeral.»

(*A Lucta,* n.º 3, de Braga)

José Falcão

É a terceira vez que pegamos na penna para escrever o ultimo adeus sobre a campa de José Falcão; e pela terceira vez tambem sentimos marejados de agua os olhos e tremulo o pulso!

Nunca em nossa vida sentimos commoção tamanha ao traçar no papel os pensamentos que nos vão n'alma!

Depois da morte de Sousa Brandão, de Elias Garcia e de Latino Coelho, José Falcão synthetisava para nós o que ha de mais austero, prestigioso, intelligente e activo dentro do partido republicano.

Victima a principio das intrigas, de villanias e de contubernios cathedraticos, e depois perseguido pela doença que a curtos intervallos tentava prostral-o, a tudo ia resistindo; nunca o seu enorme talento nem a firmeza da sua vontade fraquejaram! E difficil é determinar o que é que n'elle assumia maiores proporções: se a vastidão do seu saber, se a rija tempera da sua envergadura moral!

Na abundante seara democratica a gente procura, relanceando o olhar amargurado, quem o ha de substituir, e

encontra o vacuo. Topa-se com muitas intelligencias cultas, com caracteres de primeira ordem, com luctadores de rijo pulso, e com honestidades impeccaveis, mas com o prestigio de José Falcão, mas com a linha completa d'esse chefe, não.

E mais, desde ha bem pouco que elle tinha entrado francamente na vida activa do partido republicano, — desde o infame *ultimatum* de Janeiro!

Se, como um dos chefes do partido republicano do norte, José Falcão deixa no campo politico um logar insubstituivel, no campo scientifico não é menor a lacuna. A cadeira do illustre mathematico ha de ficar por muito tempo vaga na Universidade.

*

Ficamos por aqui.

Nem a commoção nos deixa, nem tudo o que dissessemos evidenciaria tanto os meritos de José Falcão como as manifestações de sentimento feitas por occasião da sua morte, e a opinião da imprensa adversaria, que o leitor vae vêr.

Damos o primeiro logar á carta do nosso amavel correspondente de Coimbra:

Coimbra, 19 de janeiro de 1893.

Morreu no dia 14 d'este mez, ás 2 horas da tarde, o dr. José Joaquim Pereira Falcão, lente de mathematica na Universidade e chefe do partido republicano em Coimbra.

Parece que uma fatalidade esmagadora pesa sobre o nosso partido, levando-lhe o que elle tem de mais intelligente, respeitavel e austero. Ainda ha apenas dias choravamos sobre as campas de Elias Garcia, do grande Latino, hoje pranteamos a morte do dr. José Falcão.

O dr. José Falcão era a personificação da honra e da austeridade. Considerado como chefe de familia, como politico e como professor, era sempre o mesmo: grande, austero e bom.

A morte do homem que hoje choramos não significa só uma perda para o partido republicano, que se vê privado

de um dos seus soldados mais intelligentes; é uma perda para o paiz e para a sciencia.

. . . . . .

(*A Lucta*, n.º 250, do Funchal)

Está agonisante em Coimbra, d'um ataque cerebral, o dr. José Falcão, um dos chefes do partido republicano.

(*A Nação*, n.º 11:735)

José Falcão

Está de luto a sciencia portugueza: morreu José Falcão, um dos mais proeminentes mathematicos que se teem formado nas escolas.

Militava em hostes que combatem as nossas. Que importa? Não ha balisas politicas que limitem os fulgores do talento; o campo de respeito envolve todas as crenças, quando uma alta individualidade se lhe impõe. E o honrado lente da Universidade impoz-se a todos os homens de bem, pelo seu caracter de finissimo quilate e pelo potentissimo cerebro que lhe desvendou alguns segredos da sciencia. Porque somos convictos, presamos os convictos; as ideias depositam-se n'outro plano onde a discussão nunca deve attingir as individualidades.

Combatemos a republica com o mesmo enthusiasmo com que José Falcão a defendia; e, no entanto associamo-nos, profundamente doridos, á homenagem que os seus correligionarios lhe teem tecido, porque o illustre extincto antes de politico, foi um justo e um sabio.

O *Seculo* tem razão em lastimar o desapparecimento, quasi systematico, dos homens que mais honram o seu partido. Com effeito uma ideia, por muito má que se repute, quando escudada por uma robusta intelligencia, cala mais fundo, brilha com mais intensidade.

O desabar brusco da campa atormenta sempre os que viram desapparecer, n'essa lei fatal do transformismo, a

força que os guiava nas contingencias do combate. Ao vacuo cavado pelo sentimento, corresponde uma frouxidão nos espiritos, que não é um desalento, mas a falta de uma energia poderosa que se decompoz na alma que voou para o infinito e nos elementos mineraes que se vão desaggregar na terra. José Falcão legou ás sciencias mathematicas valiosissimos trabalhos originaes, d'onde se destacam, pela profundeza de estudo, a *Resolução das equações pelo methodo Wronski*, a *Theoria das determinantes* e os *Estudos sobre o circular meridiano*. Era o primeiro astronomo do observatorio da Universidade e um distinctissimo lente da faculdade de mathematica.

Collaborou em muitas revistas scientificas estrangeiras, deixando a descoberto a sua vastissima capacidade intellectual.

José Falcão foi tambem um estylista muito apreciado. Escreveu a *Communa de Paris e o governo de Versailles*, opusculo revolucionario, onde a cultura litteraria do illustre escriptor, se revellou pujantemente. Ainda uma outra sua obra lhe grangeou grande reputação: foi a *Questão do Zaire*, livro que esclareceu notavelmente os perigos que ameaçavam os dominios portuguezes, na costa africana ao sul do Equador.

Como politico, tinha valiosas faculdades organisadoras, d'onde lhe proveio o enorme prestigio que tinha nos republicanos do norte os quaes, unanimemente, o consideravam chefe.

Fallava com bastante eloquencia e clareza; e pessoalmente, era muito agradavel e sympathico.

Figurou na lista republicana de Lisboa, apresentada nas ultimas eleições para deputados.

Havia muito tempo que a doença o minava, tendo por fim, uma vida quasi artificial. Entretanto a sua morte foi inesperada e geralmente sentida.

Receba o *Seculo* e o seu partido os sinceros pezames, que aqui consignamos, pela perda de um homem que, na sciencia, honrou a patria; e, na politica, o credo republicano.

(A Nação, n.º 11:736)

Dr. José Falcão

Acaba de nos chegar a noticia do passamento do sr. dr. José Joaquim Pereira Falcão, distincto lente de vespera da faculdade de mathematica da Universidade de Coimbra.

Caracter honestissimo e intelligencia culta, apezar do dr. José Falcão militar n'um campo inteiramente adverso ao nosso, não podiamos deixar de lhe prestar tambem, á beira da sepultura, uma homenagem respeitosa e sincera á sua probidade immaculada e á sua brilhante sciencia.

A morte do dr. José Falcão representa uma perda enorme para o partido republicano, de que elle era um dos poucos chefes prestigiosos; mas significa tambem uma perda de valor para o corpo docente do nosso primeiro estabelecimento scientifico, que tinha n'elle um dos seus melhores e mais dignos ornamentos.

O dr. José Falcão era um dos nossos mathematicos mais distinctos, e possuindo, fóra d'esse campo particular, uma grande vastidão de conhecimentos, que se revelaram em diversos trabalhos seus, como, para citar um que nos occorre agora, o seu livro sobre questões africanas.

Já dissemos que era um caracter honestissimo. Accrescentaremos ainda que era um espirito lealissimo e sincero, e um coração fervoroso de crente.

Como politico era um romantico e um doutrinario, sem deixar no entanto de ser um homem de acção prompto sempre a combater e a servir o seu ideal e os seus interesses partidarios, ás vezes até á custa da propria saude arruinada e sempre claudicante, porque José Falcão era uma natureza doente e sensivel.

Sentimos profundamente o passamento do illustre professor.

(*As Novidades*, n.º 2:689)

Dr. José Falcão

Sombrio, triste: espreitando pelas lunetas, os seus olhos dir-se-iam dois doentes a duas janellas do hospital.

Concentrado, silencioso, sempre sosinho.

Os dias passava-os trabalhando em casa; ao entardecer passeiava cabisbaixo pelo jardim botanico de Coimbra; ás noites ia para o observatorio da Universidade ver as estrellas.

A cabeça sempre coberta: em casa com uma boina hespanhola, na rua com um bizarro chapeu de abas direitas.

Mathematico distinctissimo.

Apaixonado pelo estudo das sciencias sociaes, era um dos cerebros mais bem mobilados da phalange republicana.

Politicamente, porém, o seu nome não chegará á *gare* da immortalidade. Espirito especialmente propenso para o trabalho de gabinete, só ha pouco se envolvera na politica activa.

Mas se o seu nome não fica brilhante, fica puro.

Israphel.

(As Novidades, n.º 2:689, secção de *Medalhões)*

Dr. José Joaquim Pereira Falcão

LENTE DE VESPERA DA FACULDADE DE MATHEMATICA

Era o chefe do partido republicano, no norte de Portugal e um dos membros mais respeitaveis d'este partido.

D'elle diz um seu biographo o seguinte que resume perfeitamente a vida d'este homem de sciencia e da sua influencia no partido republicano portuguez.

«Tinha 52 annos incompletos. A morte fulminou-o exactamente n'esse periodo de maturação em que o homem se sente bem temperado, apto, para o trabalho fecundo.

Ainda hontem entrara de vez na arena da politica, terçando armas com fidalga coragem pela escóla democratica, que desde moço se costumara a adorar n'um quasi platonismo; e é quando todo o partido republicano portuguez o olha esperançado e o proclama um dos seus dirigentes prestigiosos, de bom conselho e de acção prudente e

moderadora, com auctorisação para suster impetos perigosos, que n'elle desapparece bruscamente na voragem do tumulo, deixando aos correligionarios uma saudade immensa e o desalento e inquietação da orphandade!

Depois do movimento militar de 31 de Janeiro, José Falcão, um democrata sincero, mais philosopho do que revolucionario, repelliu nobremente a responsabilidade d'aquelle condemnavel e sangrento successo, verdadeiro desastre para o partido republicano e mais ainda para a patria, e accentuou a sua distincta individualidade politica, proclamando sem preconceitos nem odios, que nunca abrigara em seu bondoso coração, a propaganda das ideias avançadas por processos ordeiros. Repugnava-lhe a lucta fatricida, a revolta da caserna, e só aspirava ao triumpho da sua causa pelo derramamento da instrucção popular, e pela discussão séria e digna dos graves problemas economicos e sociaes que atrophiam ha tempos a pujante vitalidade da nação portugueza. Esta correctissima attitude, cuja divisa appareceu ultimamente n'aquella sua eloquente phrase «Se a monarchia ainda póde salvar a patria, que governe...», como que determinou uma nova orientação no partido republicano, que, escutando-lhe a palavra conciliadora e de excellente alvedrio, desde logo o convidou a assumir a proeminente posição de seu chefe nas provincias do norte.

Elle acceitou este espinhoso encargo, e d'ahi principalmente a reorganisação do partido, sob uma forma mais disciplinar, e por ventura mais accommodada ás proprias forças.

O dr. José Falcão foi professor erudito e talentoso, e deixa do seu nome tradição veneranda nos fastos da Universidade. Escravo dos deveres academicos, e insaciavelmento estudioso, para elle não havia horas de ocio, e trabalhou sempre, mesmo a braços com graves enfermidades, prestando importantes serviços á faculdade de mathematica, especialmente como seu 1.º astronomo.

Os brilhantes meritos scientificos com que conquistou um logar distincto no magisterio superior, crearam-lhe notavel reputação no estrangeiro, onde os seus trabalhos foram apreciados com louvor por altas capacidades.

Jornalista e pamphletario, sabia traduzir as suas convicções em palavras sobrias e elevadas, fugindo dos desvairamentos da linguagem, que sempre evitou como escolhos perigosissimos para o exito de toda e qualquer causa. Seguindo escrupulosamente esta senda, honrou sobremaneira a imprensa periodica, e levantou muito alto o nobre sacerdocio do jornalismo, como poderoso factor da civilisação e das liberdades publicas.

Foi chefe de familia extremoso, e n'este particular tinha attributos de fino quilate.

A sua morte, profundamente lamentada pelo partido republicano, tambem enlutou o paiz, que o contava entre os seus filhos mais benemeritos.

(*O Occidente*, n.º 508)

Dr. José Falcão

Hontem, pouco depois das 3 horas da tarde, celebraram-se na egreja parochial de S. Christovam os funebres officios pela alma do mallogrado Dr. José Falcão. O concurso de amigos e admiradores do illustre finado foi enorme e brilhante. Em roda do cadaver d'aquelle que fôra uma intelligencia de primeira ordem, um cidadão austero e honrado, estava tudo que em Coimbra ha de grande e respeitavel. De Lisboa e Porto vieram alguns republicanos.

Houve discursos em Santo Antonio dos Olivaes, e contra algumas phrases que lá se soltaram protestam os ultimos momentos do illustre morto.

O Dr. José Falcão não era certamente um catholico fervoroso; mas tambem não era um impio, um livre pensador, como muitos seus correligionarios politicos.

Quem estas linhas escreve, por varias vezes fallou com o Dr. José Falcão, por varias vezes o viu na egreja, em dias sanctificados, assistindo ao sacrificio da missa, e nunca lhe ouviu uma só palavra contra a religião e contra a Egreja.

Era d'uma educação fina e esmerada, e sabia respeitar as creanças dos outros.

Cumpria o preceito quaresmal.

No começo do anno lectivo assistia á cerimonia do juramento dos lentes, onde, como se sabe, se lê e jura a profissão de fé de Pio V.

Nos ultimos momentos da sua vida, na hora suprema dos desenganos, n'aquella hora em que, segundo a bella expressão de Aaparizi Guijarro, os *ultramontanos* e os *fanaticos* estão em maioria, o Dr. José Falcão pediu, segundo nos informa pessoa fidedigna, a confissão. Se não teve a ventura de receber este sacramento de paz e amor, é que, quando o sacerdote chegou, o moribundo tinha perdido a falla. Foi ungido.

E foi sepultado catholicamente.

A confissão ardentemente desejada produz os mesmos effeitos que realmente recebida, quando como no caso presente, não o pode ser.

A mesma pessoa nos informa que o Dr. José Falcão, nas reuniões republicanas a que assistiu, recommendava sempre aos seus amigos a prudencia, a cordura e o respeito á religião catholica, porque sem ella, accrescentava, «é impossivel a ordem social.»

Conste isto, e diga-se bem alto em homenagem á honrada memoria do Dr. José Falcão e para exemplo dos seus correligionarios.

Descance em paz a alma do sabio e eminente professor. E que Deus acolhesse benigno e misericordioso o desejo do seu coração nobre, generoso e bem formado.

(A Ordem, n.º 1:616)

Chronica

Comprehendes muito bem, dedicada leitora, que eu não possa hoje engastar, no pequenino e modesto florão da minha pobre chronica, algumas notas alegres que te façam rir! Comprehendes que seria uma profanação confundir, com um testemunho de respeito e saudade, as facecias que se desenrolam durante uma semana inteira!

. .

Ora, como é de lagrimas esta chronica, attende-me:

Este sopro lethal que anda pelo ar levou á cova, ultimamente, homens que conhecia e idolatrava, já pelo seu talento, já pelas suas virtudes. E tu, veneras nomes gloriosos e immortaes, has de chorar commigo um nome tambem glorioso e immortal, que por si só representa uma epopeia, um nome que encheu Portugal, como Victor Hugo encheu a França, como encheu o mundo — José Falcão!

Ouvindo-o, os portuguezes ficam ao mesmo tempo assombrados e tristes, como se viessem dizer-lhes que se calára para todo o sempre, no oceano revolto, o bramir das vagas altaneiras, ou se desenrolaram crepes funerarios por sobre o mappa immenso das nações.

Proferindo aquelle nome illustre, em que ha um mixto de grandezas e de infantilidades, sente-se a gente mergulhada, sem o querer, n'uma tristeza indefinida, na tristeza incomparavel que nos assalta o animo junto d'uma creancinha morta, em face d'um pae agonisante.

É que o nome de José Falcão, mil vezes ouvido no estrangeiro, tornou-se para' nós, seus contemporaneos, objecto d'um culto sagrado.

Os republicanos amavam-n'o já, como se ama, sob o ardor intenso do sol do estio, a sombra d'uma arvore gigante em meio do descampado; admiravelmente como se admira o espectaculo grandiosissimo da Natureza, sem se lhe comprehenderem os mysterios e os segredos.

Traçar-lhe a biographia é coisa impossivel. Discutir-lhe a vida gloriosa e as suas obras, chegaria a ser um crime. José Falcão admira-se mas não se biographa nem se discute. Individualidades d'aquelle quilate, creadas pór um decreto nominativo do Eterno, como disse Renan, assombram-nos o espirito e impõem-se á nossa veneração. Para fallar d'ellas, seria preciso sentir no cerebro a mesma scentelha que allumiou em vida os seus cerebros potentes, e isso não é dado aos que rastejam na sombra, humildes e pequenos.

*

Basta dizer-se que elle morreu, e diz-se tudo. Basta registrar-se que a sua alma illuminada partiu, e que o seu

rosto venerando e risonho estará d'aqui a pouco decomposto e transfigurado, como hoje está livido e inerte.

A sua morte entristece-nos e surprehende-nos, como se o vissemos cahir fulminado por ella em plena florescencia da mocidade.

O finado mathematico, que era o primeiro ornamento da faculdade, o robustissimo escriptor, tinha a religião do amor da familia, da patria, da humanidade, mas exercia-a a seu modo, ás vezes loucamente, porque a loucura é dos grandes genios, anda quasi sempre associada, n'um factor de mais ou menos importancia, aos talentos extraordinarios e collossaes.

*

Já vês, leitora, que só de lagrimas podia ser feita esta chronica.

*

E só de lagrimas deve ser feita, pelos portuguezes, a corôa deposta sobre o esquife modesto de José Falcão. De palavras e flores, não, que as flores vivem uma aurora, e no vocabulario humano não se encontram palavras cujo brilhantismo chegue para coroar de luz a fronte incommensuravel do morto sempre vivo.

*

Deixa, leitora amiga, que o paiz allivie o seu lucto pesado. Depois afinarei de novo o meu bandolim de bohemio alegre, para cantar o mundo como elle deve ser cantado: — a rir.

Lahore.

(O Ovarense, n.º 494)

.....

Os seus excepcionaes merecimentos eram conhecidos e admirados por todos quantos teem passado pelas aulas de Coimbra, mas esses merecimentos nãs tinham recebido

as consagrações officiaes, com que tantas vezes se é prodigo em condecorar mediocridades felizes ou versadas na arte de captar benevolencias e elogios famosos. Acima de tudo isso estava José Falcão, que teve sempre um caracter austerissimo, que o tornava pouco expansivo e talvez um pouco brusco, mas que n'elle era o producto de uma consciencia forte e de uma intransigencia correctissima contra tudo o que não fosse justo. Tinha um espirito lucidissimo e uma variedade de aptidões verdadeiramente extraordinarias.

(O Penafidelense)

Dr. José Falcão

Em telegramma das 2 horas e 25 minutos da tarde, communicam-nos de Coimbra que se acha perigosamente enfermo o nosso illustre correligionario sr. dr. José Falcão.

Esta noticia inesperada constrista-nos sinceramente, como deve contristar todo o partido republicano portuguez.

O laconismo do telegramma não nos deixa fazer quaesquer supposições. É verdadeiramente uma surpreza a doença do nosso illustre amigo; tivera seu filho doente mas sabia-se que o sr. dr. José Falcão viria brevemente a esta cidade para os seus collegas das commissões directoras do partido republicano ouvirem a sua auctorisada opinião a respeito de assumptos importantes ora pendentes. Esta noticia é, pois, fulminante para todos.

Ficamos fazendo votos ardentes pelo restabelecimento do illustre enfermo.

(A Portugueza, n.º 10, 3.º anno)

Pelo telegrapho

Lisboa, 14, ás 2 h. e 50 m. da t.—Na grande população republicana da capital, causou a mais triste impressão a noticia da morte do dr. José Falcão.

O fatal desenlace da doença cuja noticia surprehendeu hontem Lisboa, é commentado por todos com verdadeiro sentimento.

Do nosso correspondente.

(A Portugueza, n.º 11)

Dr. José Falcão

O telegrapho communica-nos a morte do mais prestigioso dos chefes do partido republicano, do homem em quem o norte inteiro tinha os olhos cravados, vendo n'elle uma especie de synthese d'uma anciada reacção de honra e de probidade contra os desmandos e as immoralidades dos governos monarchicos.

Morreu.

Morreu, sem que nós podessemos saber ainda como aquillo foi.

A noticia da sua enfermidade colheu-nos hontem de surpreza, deixando-nos logo antever um desenlace funesto. Esse desenlace não faltou. Cá está, para nosso mal, nosso, do partido, do paiz inteiro, que tanto carece dos homens de honra, dos homens de talento, dos homens de saber.

E o nome do dr. José Falcão vae passar á galeria dos nossos mortos amados, coberto de crepes como o nome de Garcia, de Latino, de Sousa Brandão, de Castello Branco Saraiva...

É tarde. Não podemos prestar ao finado combatente, hoje, o nosso preito final.

Fal-o-hemos na segunda feira.

(A Portugueza, n.º 11)

Dr. José Falcão

O funebre e fatal acontecimento deu-se; José Falcão já não existe. Lá o deixamos ficar em cima, a dormir o somno derradeiro, o somno de que se não accorda mais,

no cemiterio de Santo Antonio dos Olivaes, em Coimbra. Lá está, no eterno descanço, na quietação eterna, elle, o incançavel trabalhador; elle, o infatigavel labutador.

Conta-se dos soldados de Napoleão, d'aquelles heroicos batalhadores que com o seu sangue e a sua audacia e a sua dedicação, haviam dado todo o arrojo do seu vôo á aguia imperial que se librara no espaço, ovante, triumphadora, em Wagram, em Austerlitz, em Arcole, conta-se d'elles que, quando de Santa Helena lhes chegou a noticia da morte do seu heroe, diziam, n'uma duvida que era quasi uma negação:

— «Quem?... elle?»...

E recusavam-se a acreditar que elle, o heroe, o semideus, o depositario da gloria militar da França, tivesse podido ser alcançado tambem pela morte.

No partido republicano do norte effectuou-se essa reacção em todos os espiritos.

— Quem?... elle?...

E ninguem se quereria conformar com esta monstruosidade: que o talento indiscutido, a illustração pluriconfessada, a honestidade intangivel, estejam tambem sob a alçada dos caprichos d'aquella ave sinistra: a morte.

Mas é verdade. Vimol-o nós, coberto de violetas, roxas como a saudade, e de camelias brancas como a dedicação dos amigos, no seu esquife, sereno como um justo, envolto em toda aquella roupagem do mysterio que torna divino o que já era santo, que faz santo o que apenas era veneravel; e veneravel o que era sómente respeitavel; e respeitavel ainda o que nos era indifferente: o cadaver.

Vimol-o. Lá o deixamos. Lá lhe deixamos ficar em curtas palavras de sentida magua, a expressão da magua que a todos nos avassalla.

Gomes Leal tem uns versos extraordinarios nas *Claridades do Sul*. Uma pobre mãe que, acossada pelos lobos, erra pela noite, e que, um a um, vê serem-lhe arrebatados todos os filhos, que aquellas feras famintas vão devorar, com a inclemencia de quem obedece á fatalidade d'um imperioso instincto.

O partido republicano está talvez na situação angustiosa em que se encontrou aquella mãe.

E' noite. Porque ainda não nasceu o sol?

Talvez. Mas tambem póde ser porque os crepes do nosso luto se conservam revestindo o templo que nos dá guarida.

E no meio d'essa noite profunda, ouve-se de quando em quando um gemido. Depois mais nada. Foi um filho querido que essa loba — a morte, nos arrebatou inclemente, para o ir devorar n'aquella relva sombria — o cemiterio.

Oliveira Marreca. Um gemido. Uma campa que se fecha. Depois, mais nada.

Mais nada... não. Depois foi a vez de Gilberto Rolla, e de Trigueiros de Martel, e de Elias Garcia, e de Latino Coelho, e de Sousa Brandão, e de Aureliano Cirne, e de Castello Branco Saraiva. E sempre o mesmo gemido. E sempre uma campa nova a abrir-se no cemiterio. E depois mais nada!

Agora chegou a vez a José Falcão. Era uma esperança para nós; era uma garantia para a patria. Evidentemente, se o mundo physico se regesse pelas nossas leis moraes, este homem não teria morrido. Não teria morrido ao menos sem ter primeiro desempenhado a superior missão para a qual parecia fadado.

O mundo physico porém não obedece ás leis da consciencia, elle, o grande inconsciente.

E foi por isso que José Falcão morreu.

(A Portugueza, n.º 12)

Dr. José Falcão

Quando, ha annos, um ex-ministro nephelibata e lente da Universidade, fez em Coimbra uma conferencia sobre «Socialismo», teve artes de enthusiasmar os ouvintes, a ponto de um d'elles se approximar do dr. José Falcão, e dizer-lhe:

—V. ex.ª não imagina, foi uma conferencia d'estrondo! O homem é mesmo um *socialista cathedratico!*

José Falcão lançou-lhe por cima da luneta o seu olhar todo bondade, sorriu-se e replicou:

—Tomára elle ser *substituto*...

(A Portugueza, n.º 15)

Morto!

(Á MEMORIA DE JOSÉ FALCÃO)

Trajae de negro luto, ó gerações vindouras!
Ide levar-lhe á campa os louros que merece!
E tu, ó velho Sol que a humanidade douras,
A campa onde elle jaz banha de luz e aquece...

Trajae de negro luto, immaculadas almas!
Dae-lhe por sepultura um leito doce e brando.
A fronte lhe c'roae de myrtos e de palmas
Porque luctou, vivendo, e pereceu luctando!

19—1—93.

Cervaens y Rodriguez.

(A Portugueza, n.º 38)

Falleceu em Coimbra, o ex.mo sr. dr. José Falcão, distinctissimo mathematico, lente da Universidade e um dos mais valentes caudilhos do partido republicano.

Após a perda irreparavel de Latino Coelho, Castello Branco Saraiva, Elias Garcia, acaba de baixar á solidão tumular o proeminente vulto de José Falcão, mas sem que o partido republicano e todo o paiz deixe de venerar e carpir esse grande obreiro do porvir que mais não olvidará.

Á illustre familia do grande extincto, bem como ao partido republicano, a manifestação sincera do nosso profundo pezar.

(O Povo Espozendense)

José Falcão

Um vento de morte sopra sobre os vultos mais importantes do partido republicano portuguez.

Tocou agora o prestigioso vulto de José Falcão e o gigante tombou como um heroe que cae do grandioso

pedestal a que o haviam alçado as suas reconhecidas virtudes, e uma vida cheia de dedicação á Patria e á Humanidade.

Tendo votado a sua vida ao estudo, e comprehendendo que só no aperfeiçoamento moral do homem se poderá cimentar todo o progresso social, trabalhou incansavelmente pelo aperfeiçoamento do seu semelhante, com uma pertinacia só propria de uma alma de bronze, como era a sua, e de uma vontade inquebrantavel e á prova dos mais rudes e temerosos embates.

Organisador infatigavel, e republicano professo, a sua acção fez-se sentir de um modo intenso e duradouro na aggremiação dos republicanos do Norte, que perdemos n'elle o melhor conselheiro e o nosso melhor amigo.

Era o dr. José Falcão, por assim dizer, a alma dos republicanos do norte do paiz, que viamos n'elle um chefe auctorisado e um dirigente, cujas qualidades superiores, e cujo criterio excepcional, mereciam os respeitos e a consideração de todos.

A sua vida foi um exemplo que ficará immorredouro nas paginas da historia do partido republicano portuguez, como incitamento á virtude e ao trabalho.

Lastimando a dolorosa perda que acaba de soffrer o nosso partido, honremos a memoria do illustre extincto, trilhando a estrada que elle nos traçou, seguindo os exemplos que a sua vida tão eloquentemente nos aponta e sem que n'ella haja menor quebra da desmedida coragem de um batalhador intemerato.

Concluamos a obra que o saudoso chefe iniciou, terminemos a tarefa que elle deixou em meio. Proclamemos a Republica salvando a nacionalidade e salvando a nossa gloriosa Epopeia.

É a melhor maneira de honrar a sua memoria, e a memoria d'aquelles que, nas dolorosas horas de desalento, sempre tiveram uma palavra ou um conselho que nos restituisse a perdida coragem.

Caiu um homem, ainda mesmo dos da estatura gigantesca de José Falcão? Levantemo-nos todos. E todos unidos sommada a energia de todas as nossas vontades, formemos um todo homogeneo, capaz de substituir a energia extincta.

E assim o partido republicano levantar-se-ha ao nivel da sua grande missão historica e redemptora.

A' Democracia Portugueza, ao corpo docente da Universidade, de que elle era um dos mais nobres ornamentos, a seu estremecido filho e nosso saudoso amigo Paulo Falcão, e a todos os republicanos portuguezes enviamos hoje, com a alma enlutada por tão inesperada perda, os cumprimentos da nossa mais sentida e sincera còndolencia.

*

O nosso prestimoso correspondente de Coimbra a quem incumbimos pelo telegrapho de abraçar os filhos do nosso correligionario, diz-nos que deu conhecimento do nosso telegramma a um dos filhos do grande extincto que agradeceu sentidamente as demonstracções de affecto que esta redacção lhe acabava de dar.

E fallando do finado diz o nosso bom correspondente:

Foi uma grande perda a d'esse democrata sincero, a d'esse homem-exemplo.

Era um sabio quasi encyclopedico, e por isso um vidente. Essas qualidades tornavam-o um vulgarisador infatigavel e por esse motivo um homem do futuro.

Eu conhecia-o ha 11 annos. Tinha sido durante 3 annos seu discipulo, e por isso o respeitava como um espirito superior, o veñerava e amava como um santo. E em verdade o dr. José Falcão era um santo, um immaculado, sem deixar de ser um grande politico — caso virgem na nossa terra!

Foi um indisciplinado como estudante, justiceiro e superior como lente.

Intransigente para comsigo mesmo, mas sempre propenso a desculpar os outros, este grande homem politico só podia crear adeptos e fanaticos para as grandiosas ideias que tão enthusiasticamente propagandava.

Nenhum attributo lhe faltava para ser Grande Homem: reflectido e prudente, era capaz de se apaixonar por uma ideia, e se enthusiasmar n'um momento; não era apenas um platonico, era primeiro e acima de tudo um apologista da Revolução. Nem outra coisa se harmonisava com a lucidez do seu espirito culto.

Conhecia, mais do que todas as outras a *Sciencia Politica,* mais do que a Mathematica, de que era professor na Universidade, mais do que a Geographia, sobre que escrevera. Muitos dos grandes acontecimentos, que lá por fóra se têm dado, foram por elle previstos com grande antecipação, como a alliança da Russia e da França contra a Allemanha.

Nenhuma das multiplas transformações internas deixou de ser por elle entrevista.

F.

(O Povo do Norte, n.º 87)

José Falcão

O telegrapho transmittiu-nos hontem a noticia da morte d'este eminentissimo cidadão, uma das mais altas personificações do civismo e da honra, e um dos mais lucidos espiritos do professorado portuguez.

A morte do dr. Falcão, n'este momento representa uma perda nacional, porque o desapparecimento d'uma elevada figura moral e não são ellas tantas n'este afundamento progressivo dos caracteres que tão tristemente assignala os dias que vão correndo!

Falamos do illustre morto como cidadão e independentemente de qualquer ideia politica: hoje, mais do que nunca, fazem falta estes homens que pela pureza e integridade de caracter são as unicas garantias do levantamento do espirito nacional, lethargisado por uma longa serie de desgraças.

Como polemista, o sr. dr. José Falcão foi um dos mais vigorosos e intemeratos defensores da democracia. Como politico, deve-lhe o partido republicano do norte a sua organisação definitiva.

Como professor, era considerado como genuina gloria universitaria, pelas suas incomparaveis qualidades didacticas; e finalmente, porque isto é tambem alguma coisa, foi um pae admiravel pelo amor immenso que consagrava a seus filhos, dois rapazes encantadores que elle adorava.

(O Primeiro de Janeiro, n.º 13, 25.º anno)

Dr. José Falcão

O luminoso espirito d'este grande cidadão extinguiu-se hoje, proximo da uma hora da tarde.

Este triste desenlace, que se esperava desde hontem a cada momento, encheu de consternação todos quantos sabiam avaliar as virtudes civicas e a immaculabilidade do caracter do saudoso morto.

Não é só o partido republicano que, com o passamento d'este homem, perde um dos seus chefes mais prestigiosos pelo talento e pela honestidade: tambem a patria sente a falta de um dos seus filhos mais gloriosos e que mais a estremecem; tambem o corpo docente universitario vê desapparecer um dos seus mais notaveis ornamentos e que, como astronomo do seu observatorio, não deixa talvez successor condigno na illustre e sabia faculdade de mathematica.

O sr. dr. José Falcão tinha cincoenta e dois annos escassos.

Deixa alguns livros scientificos e politicos que lhe assignalam d'um modo brilhante um logar no movimento litterario do nosso paiz.

Em 1871 publicou o pamphleto — *A Communa de Paris e o governo de Versailles* É um vehemente protesto, repassado d'uma emocionante consternação, contra os fusilamentos em massa dos communalistas francezes. N'essa sua defeza da communa declarava que era movido, não pela piedade que a todas as almas nobres inspiravam os grandes infortunios e catastrophes humanas, mas sim pela convicção que possuia de que aquella causa era a do direito e a da justiça.

Este pamphleto tem uma historia muito interessante e que merece ser registada nas nossas chronicas politicas.

Foi impresso na Imprensa da Universidade: tanto bastou para o director d'essa officina do estado ser immediatamente demittido; contra o auctor instaurou-se um processo academico pois que elle a esse tempo era ajudante do observatorio astronomico, perseguição essa que não foi por deante.

Em 1883 publicou o livro — *A questão do Zaire.* N'esta publicação, feita com o intuito de orientar a opinião

publica sobre o assumpto mais momentaneo d'aquella occasião, revela o auctor uma grande erudição geographica e um profundo conhecimento da historia da colonisação portugueza no continente negro.

Quem fallava com esse illustre professor, ainda que fosse por uma só vez, ficava maravilhado com a sua poderosa orientação moderna.

Parecia á primeira vista que elle, vivendo quasi isolado dos clubs e das reuniões, pouco conhecimento teria das questões que se ventilavam dia a dia.

Não era assim: no remanso do seu gabinete acompanhava todas as questões da politica e da sociologia; e quando a sua conversação incidia sobre estes pontos havia o ensejo de se ouvir uma critica perfeitamente nova e pessoal.

O sr. dr. José Falcão conhecia como poucos o movimento philosophico comtemporaneo.

Espera-se que os seus funeraes, que se realisam ámanhã á tarde, sejam extraordinariamente concorridos.

(*O Primeiro de Janeiro*, n.º 13, 25.º anno — correspondencia de Coimbra)

Abro hoje um parenthesis nas coisas politicas e financeiras. Não é esta carta consagrada a descrever, entre sorrisos de alegre e compassiva philosophia, os casos picarescos dos nossos homens e das nossas coisas publicas. Vou fallar d'um morto que me deixa no coração uma viva saudade e na alma a dôr profunda de ver apagada a luz d'uma intelligencia privilegiada, o clarão fulgente d'um caracter honestissimo. Talento de primeira grandeza, caracter d'aço — eis o que era aquelle que a estas horas, depois d'uma vida que foi modelo de virtudes publicas e particulares, repousa hoje, na paz do eterno somno, sob a sombra dos ciprestes. Eis o que era José Falcão.

Quem me diria, ao vel-o ainda ha poucos dias, que a morte viria empolgal-o tão brevemente? Encontrei-o na *gare* do caminho de ferro de Coimbra. Julgo que ia passar um dia á sua casa da Granja. Magro, muito pallido, leve-

mente acurvado, o seu aspecto era o de um valetudinario, ha pouco erguido do leito onde o retivera uma longa enfermidade. Causou-me impressão vel-o: mas desde tanto tempo que eu ouvia dizer que José Falcão vivia quasi por milagre, que os seus pulmões eram desfibrados dia a dia pela mão descaroavel da pthysica, que nem de leve me passou pela ideia que a morte adejasse, tão de perto, sobre a sua bella cabeça intelligente. Conversamos rapidamente, agradecendo-lhe eu, mais uma vez, uma carta que elle me dirigira no ultimo periodo eleitoral, provocada por umas palavras que, a seu respeito, escrevera n'este logar. O dr. José Falcão, mau grado eu ser seu adversario politico e militar calorosamente no partido progressista, escreveu-me uma carta amiga, em que, entre outras coisas, referia as condições em que era apresentada a sua candidatura por Lisboa. E as nossas relações, que haviam sido sempre pouco intimas com quanto affectuosas, estreitaram-se mais então.

Não era necessario, porém, viver na sua intimidade para saber de que tempera era o seu caracter e de que fino quilate o seu vigorosissimo talento, que se desentranhara em trabalhos mais numerosos do que aquelles que deixou se o seu corpo não fosse tão debil quanto era de ferro a sua vontade. Bastava ouvil-o conversar, bastava lel-o nos seus artigos, para conhecer a sua grande envergadura intellectual e moral. Era um homem de vastissima erudição e um crente, um fanatico, da democracia. A sua fé ardente, as suas ideias politicas, porém, não o arrastavam a exclusivismos facciosos; tinha qualidades que o podiam levar, em determinadas circumstancias, a exercer na politica portugueza um papel superior, de verdadeiro homem d'estado. Recordo-me da impressão que causou um artigo que elle publicou na «Voz Publica» e que até foi commentado pelo nosso «Janeiro» no seu artigo editorial. Mereceram as suas honradas e patrioticas palavras, cheias de bom-senso e de firmeza, os elogios dos que não eram facciosos: de todas as suas phrases vislumbrava um grande amor da nossa terra, uma alta comprehensão dos seus deveres de chefe incontestado de todo o partido republicano ao norte do paiz.

Era um grande espirito, era uma grande alma! Por isso, agora, sem distincção de côr politica, amigos e adversarios depositam no seu feretro uma corôa de saudades: o seu nome é synonymo de honra e trabalho e, ainda até nos tempos que vão correndo, a força d'estas grandes qualidades é tamanha que não ha invejas que contra ellas prevaleçam, odios que contra ellas vinguem. Por mim, doer-me-ia a consciencia, se não deixasse aqui, em simples e desataviadas palavras, o meu testemunho de saudade e a affirmação do muito que eu penso que, com a sua morte, perdeu o paiz inteiro. Repouse em paz o esforçado democrata, o grande trabalhador, no tumulo onde jaz. Sigam-lhe o grande exemplo de coragem civica, de vigorosa abnegação todos o que andam n'este caminho doloroso da imprensa, todos os que têm na alma amor sincero da liberdade, todos os que não desejam que no coração se aninhem as ruins paixões que tanto desvirtuam a missão gloriosa da politica — no que esta palavra tem de mais elevado e mais nobre!

(*Primeiro de Janeiro*, n.º 14, 25.º anno, corresp. de Lisboa)

Dr. José Falcão

Todos os jornaes dedicam phrases repassadas de sentimento e justiça á memoria do luminosissimo espirito, eminente professor que tanto illustrou as letras e a sua patria.

O seu caracter impunha-se pela honradez e pela austeridade da sua vida um verdadeiro exemplar d'um homem de bem.

Acerca do funeral escrevem de Coimbra com data de 16 ao «Correio da Tarde»:

Foi imponente o funeral do dr. José Falcão. O feretro foi conduzido á mão de casa até S. Christovão, e d'ahi até ao largo da feira; depois em carro para o cemiterio de Santo Antonio dos Olivaes. O cortejo compunha-se de centenares de pessoas, representando todas as classes, lentes,

estudantes, negociantes, artistas, etc. De Lisboa vieram Magalhães Lima, Jacintho Nunes e Alves Correia; do Porto membros da commissão executiva do partido republicano do norte; redacções da «Voz Publica» e «Portugueza»; representantes da sociedade 31 de Janeiro, e o centro republicano da freguezia da Victoria, etc.

.....

(*O Progressista*, de 20 de janeiro)

— Falleceu hontem por uma hora da tarde o sr. dr. José Falcão, lente de mathematica.

Foi curta mas dolorosissima a doença que o arrebatou aos braços da familia e ao convivio dos amigos.

— Realisou-se, hoje, pelas tres horas da tarde o funeral do sr. dr. José Falcão.

A nenhum sahimento temos assistido com maior concorrencia. Viam-se ali representadas todas as classes sociaes prestando homenagem ao talento e virtudes de tão prestimoso cidadão.

(*A Provincia*, n.º 12, 9.º anno — corresp. de Coimbra)

Dr. José Falcão

Falleceu hontem em Coimbra, ao meio-dia, este distincto lente da nossa Universidade.

A carreira scientifica de José Falcão foi das mais distinctas, e os seus trabalhos no professorado hão de ser lembrados, por muito tempo, no nosso primeiro estabelecimento scientifico.

(*A Reforma*, n.º 186)

Dr. José Falcão

Finou-se hontem, em Coimbra, este distinctissimo lente de mathematica na Universidade e que era alem d'um homem de sciencia verdadeiramente superior, um caracter austero e leal como poucos, e um dos chefes mais prestigiosos do partido republicano, entre nós.

O dr. José Falcão era um dos nossos mathematicos mais distinctos, e a sua morte representa para o nosso primeiro estabelecimento scientifico uma perda de enormissimo alcance. Fóra do campo propriamente da analyse e do numero, o abalisado professor possuia uma das mais vastas e mais bem equilibradas educações encyclopedicas que conheciamos, e que elle aliás com a mais fluente espontaneidade a cada passo manifestava, quer escrevendo, quer fallando, captando pelo encanto da fórma, pela limpidez da ideia e pela elevação do conceito a sympathia, a admiração e o decisivo agrado de quantos logravam o prazer singular de o lêr ou de o ouvir.

Como politico, o dr. Falcão era um doutrinario e um metaphysico, mas um doutrinario de coração e de pulso, ardendo por poder ajudar a pôr em pratica o seu sonho, e por dar o seu concurso desinteressado e franco em prol do que se lhe afigurava o melhor caminho a seguir para a regeneração do paiz.

A sua influencia, hoje, no norte, era importante.

Sentimos profundamente o passamento do eminente professor.

(O Reporter, n.º 310)

Dr. José Falcão

Recebemos noticia de estar gravemente enfermo o nosso illustre confrade e distincto lente da Universidade de Coimbra sr. dr. José Falcão.

Esta noticia contrista-nos profundamente.

Parece que mau condão está pairando sobre o nosso partido, roubando-nos uma a uma, mas successivamente, as

..

intelligencias mais robustas, os espiritos mais bem orientados, os individuos em melhor posição social, para bem influirem na direcção dos propugnadores da causa democratica e na lucta pelo levantamento do paiz do aviltamento a que chegou.

E assim perdemos em tempo Oliveira Marreca, Gilberto Rolla, Elias Garcia, Latino Coelho, Sousa Brandão, Castello Branco Saraiva, e assim, quando ainda não podemos suffocar em nosso peito a perda de tão prestantes cidadãos, já vemos em perigo de morte mais um prestante cidadão, mais um dedicadissimo correligionario.

Triste é registar isto, mas, esperançados como ainda estamos em que, quanto ao dr. José Falcão, noticias posteriores mitiguem a dolorosa impressão que nos causam as que até agora recebemos, se por infelicidade suprema isso não succedesse, por mais profunda magoa que nos compungisse, de nenhum modo desanimariamos na lucta.

Quando se batalha por uma idéa justa o dever impõe-se-nos acima da amizade, e, largando sentida manifestação na campa do que cae, logo temos de nutrir mais elevado incentivo para proseguir ávante.

Mas, quanto a José Falcão, o illustre lente que tão brilhantemente exorna a Universidade de Coimbra, esperamos ainda que não teremos por tão cedo de lhe lamentar a perda.

Forte de temperamento, como forte é de alma, esperamos que José Falcão resista victoriosamente á terrivel molestia que o assaltou.

Coimbra, 13, ás 2 e 21 t. — *Seculo*, Lisboa. — José Falcão está perigosamente enfermo. — *Vieira.*

Coimbra, 13, ás 7 e 25 t. — *Seculo*, Lisboa. — O sr. dr. José Falcão está perigosamente enfermo.

Os seus padecimentos aggravaram-se-lhe nos ultimos dias, e esta noite sobreveio-lhe um volvo.

Realisou-se hoje uma conferencia medica, em que tomaram parte alguns distinctos lentes da faculdade de medicina, e d'ella resultou a opinião de que o eminente caudilho republicano talvez não escape d'esta noite.

Esta noticia tem impressionado vivamente a população conimbricense. — *Phyndel.*

Coimbra, 13, ás 11 e 54 n. — *Seculo*, Lisboa. — Voltamos agora de casa do sr. dr. José Falcão. O nosso eminente correligionario continúa peiorando. Os seu medicos assistentes não lhe abandonam o leito.

Um d'elles, o sr. dr. Daniel de Mattos, disse ha poucos minutos:

«O estado do enfermo é muito delicado. Ha noventa e nove probabilidades para morrer contra uma para viver. Póde ser questão de poucas horas.»

Têm ido muitos cidadãos a casa do illustre enfermo saber do seu estado. — *Phyndel.*

(*Seculo*, n.º 3:939)

Dr. José Falcão

Mais um republicano illustre, mais um notavel homem de sciencia, mais um portuguez distinctissimo acaba de cahir para não mais se erguer, empolgado pela morte, que parece comprazer-se em arrancar ao partido republicano as suas figuras mais proeminentes!

Em tão pouco tempo quantos homens prestimosos, quantos devotados adoradores da causa democratica têm desapparecido da scena da vida, deixando enormes lacunas no nosso partido, lacunas que não serão preenchidas, porque raro é encontrarem-se homens que tenham o avantajado talento e o extraordinario valor moral d'aquelles que nos vão faltando!

Ainda hontem o dissemos: em bem pouco tempo têm desapparecido Elias Garcia, Latino Coelho, Sousa Brandão, Castello Branco Saraiva... Luminares da sciencia, caracteres inatacaveis, impollutos, de superior quilate, quem veio substituir-vos no valor e na dedicação partidaria?

E eis que, quando ainda bem sangrentas estavam todas essas feridas deixadas pela cruel adversidade no coração

do partido, uma nova ferida se abre, sangrenta e profunda como aquellas, como ellas tambem incuraveis!

A morte de José Falcão é um assombro para todos nós, pois que ninguem podia esperar este desenlace, tão rapido, tão imprevisto elle foi. Por isso tambem maior é a dôr por todos soffrida, mais funda esta saudade que José Falcão deixa a todos que o estimavam e veneravam.

O *Seculo*, associando-se á dôr de todo o partido republicano, é por seu turno interprete da sua condolencia perante a familia do illustre morto!

*

.....

Era ainda um homem novo. Na sua vida ha muito que aprender, de honestidade e de estudo, escreviamos nós ha pouco mezes, quando o seu nome era apresentado ao suffragio popular. E assim é! Vida de trabalho e de estudo, de accumulação de grandes capitaes de sciencia, de dedicação nunca desmentida, eis o que representam aquelles cincoenta e uns annos de existencia!

.....

O que elle valeu no observatorio astronomico dizem-n'o claramente os trabalhos de altissima importancia scientifica que realisou.

.....

Actualmente era lente da cadeira de descripção e uso dos instrumentos opticos.

São muitos os trabalhos que realisou relativamente ás sciencias mathematicas, distinguindo-se entre elles a *Resolução das equações pelo methodo de Wronski, Theoria das determinantes, Estudos sobre o circular meridiano*, etc.

Em muitas revistas, nacionaes e estrangeiras, deixou o dr. Falcão, em magnificos artigos, preciosas revelações do seu elevado talento.

Além de homem de sciencia, distincto como era, era tambem um bello coração. Por assim dizer, os seus sentimentos humanos casavam-se com as observações do seu estudo, e determinavam n'elle uma notavel corrente de

sympathia para tudo quanto eram soffrimentos populares. Tambem por isso era extremamente irritavel contra todas as iniquidades, austero contra todas as corrupções, violento contra todas as violencias.

O seu opusculo *A Communa de Paris e o governo de Versailles* é a prova eloquente d'aquelle modo de sentir. É ler essas paginas, brilhantes de eloquencia e merito litterario, nas quaes José Falcão defendeu com denodo a Communa, pondo em relevo as iniquidades que se praticaram em nome da salvação publica, iniquidades que talvez a historia possa justificar um dia, mas que o sentimento humano repelle como repelliu os incendiarios de Paris. Aquelle opusculo bastava para fazer a reputação de um homem, mas a de José Falcão já então se tinha affirmado.

O revolucionario em nome da justiça desenhava-se n'aquelles trechos escriptos ao fogo da mais viva indignação!

José Falcão foi perseguido por aquelle trabalho, que aterrou os illustres representantes do velho preconceito, e o notavel mathematico foi processado pelo fôro academico. Não ousaram, porém, julgal-o!

Ainda outra obra sua produziu notavel impressão. Foi a *Questão do Zaire*. Póde dizer-se que foi José Falcão quem esclareceu o assumpto que então se debatia, ácerca dos perigos que estavam imminentes sobre os nossos interesses e dominios na costa africana ao sul do Equador. É prodigioso de notas, de indicações, de conhecimentos geographicos aquelle livro, que veio revelar mais uma brilhante qualidade d'aquelle grande e luminoso espirito. A geographia africana não era um segredo para elle, apezar de que nunca atravessara os vastos sertões do continente negro.

*

Como politico, ha largos annos que José Falcão mititava no partido republicano, tendo accentuado a sua acção nos ultimos tempos. Era considerado como um dos chefes mais prestimosos dos republicanos do norte. Trabalhou muitissimo na organisação partidaria, evidenciou-se por fórma tão brilhante que os nossos correligionarias de Lisboa

tomaram como um dever a apresentação do seu nome nas ultimas eleições geraes para deputados.

São muitos, e todos elles reveladores da sua orientação politica, os artigos que publicou em varios jornaes democraticos. Como orador tambem affirmára a sua individualidade, por tantos motivos inconfundivel. Como chefe de familia era um modelo de probidade e de honestidade.

Estimavel e estimado como era, a morte veio impedir que José Falcão prestasse ao seu paiz os relevantes serviços que estavam designados naturalmente, para as suas brilhantes qualidades e elevado talento.

A perda de José Falcão não é grande sómente para o nosso partido. É-o tambem para o paiz, que, infelizmente não possue muitos homens da estatura d'aquelle que a morte nos arrebatou!

Para se poder avaliar a lacuna que a morte de José Falcão abriu na sciencia portugueza, bastará dizer que na faculdade a que pertencia não ha homem nenhum conhecido que tenha o valor scientifico preciso para ir substituir aquelle grande homem nos trabalhos a que se dedicava!

Chegam a isto os talentos que se robustecem pelo trabalho e estudo permanente, accumulando os preciosos cabedaes adquiridos pela observação constante e pelo constante labutar.

Cousa rara no nosso paiz: José Falcão morreu sem odios que lhe cercassem o leito ou que o acompanhem ao sepulchro! Era um republicano convicto, e apezar d'isso, a imprensa adversaria, os seus inimigos politicos, aquelles que em vida o accusaram e atacaram por ser um incansavel propugnador das suas crenças politicas, todos elles tiveram phrases de saudade pelo morto illustre, evidenciando-lhe as qualidades prodigiosas do seu talento e do seu coração.

E quando pensamos que phrases identicas, egualmente sentidas, têm sido tributadas aos nossos mestres, aos nossos chefes, aos nossos amigos mais prestigiosos, sentimos que o orgulho naturalmente nos invade, porque honrado e grande é com certeza o partido que conta homens tão extraordinariamente notaveis e tão dignos da mais publica consideração!

*

Um dos mais bellos trabalhos do dr. José Falcão, no sentido de propagar as doutrinas republicanas, é incontestavelmente a *Cartilha do Povo*, que foi editada pelo nosso amigo dr. Pedro Roxa, em Coimbra.

A *Cartilha do Povo*, que se vendia por 20 réis, e que foi profusamente espalhada por todo o paiz, teve cinco edições e cada uma d'ellas de bastantes milhares de exemplares.

Póde dizer-se que á *Cartilha do Povo* se deve o espirito de propaganda republicana que tanto se desenvolveu nas nossas provincias.

A *Cartilha*, escripta sob a fórma de dialogo, em linguagem muito chã, á altura de todas as intelligencias, fazia o confronto dos regimens monarchico e republicano, mostrava ao povo o caminho a seguir na conquista das suas liberdades e do seu predominio, era um verdadeiro livro de educação politica.

Quem escreve estas linhas assistiu n'um pequeno povoado, na Ortiga, a um espectaculo commovedor. Os camponezes, homens rudes, tisnados pelo sol, adorando as ideias republicanas que tinham aprendido na leitura da *Cartilha do Povo*, lida á noite, aos serões, por um bello e sympathico homem, tão rude como elles, mas dotado de um bello coração.

Se o dr. Falcão assistisse áquelle espectaculo, como elle deveria ter-se regosijado da sua obra!

. . . . . .

*

Dr. José Falcão

A noticia da morte do nosso correligionario espalhou-se em Lisboa com incrivel rapidez, e com ella a magua profunda que todos sentem por aquella perda. Todos os jornaes da noite se referiam ao triste acontecimento, e todos tiveram palavras de pezar por elle, exalçando as grandes qualidades do finado.

Em nome do nosso partido agradecemos esse testemunho de sentimento.

.....

A IMPRENSA

Como dissemos, os nossos collegas da noite, mesmo os que não militam no campo republicano, todos consagram sentidas palavras ao passamento do nosso illustre correligionario dr. José Falcão.

ULTIMOS MOMENTOS

Coimbra, 14, ás 11 e 50 m. — *Seculo*, Lisboa. — O dr. José Falcão está a expirar. — *Phymdel.*

FUNERAL

Coimbra, 14, á 1 e 10 t. — *Seculo*, Lisboa. — O dr. José Falcão falleceu ao meio dia e tres quartos. Os seus funeraes, que se espera sejam muito concorridos, realisam-se ámanhã ás tres horas da tarde. O feretro será, depois dos officios de sepultura, conduzido para o jazigo de familia, no cemiterio de Santo Antonio dos Olivaes. O finado, tendo deixado de fallar ás onze horas da manhã, foi ungido ao meio dia pelo vigario da parochia. É geral a consternação. — *Phymdel.*

A FALTA DE JOSÉ FALCÃO

Coimbra, 14, á 1 e 15 t. — *Seculo*, Lisboa. — O ultimo dia de aula do sr. dr. José Falcão foi na terça feira. Só se demorou meia hora por já se sentir indisposto de saude. É tão grande a sua falta na Universidade que basta dizer que, como astronomo, não tem na sua faculdade quem o substitua. — *Phymdel.*

Coimbra, 14, ás 8 e 50 n. — *Seculo,* Lisboa. — O cadaver do dr. José Falcão é velado toda a noite por turnos de republicanos.

O caixão está coberto de heras, violetas e camelias.

Espera-se que o seu enterro seja o mais solemne dos ultimos tempos.

O sr. reitor da Universidade expediu convites a todos os lentes e empregados para assistirem aos responsos de sepultura.

São esperados delegados especiaes de alguns jornaes importantes e deputações republicanas do norte e sul do paiz.

Nos jornaes d'esta cidade, sahidos hoje á tarde, vem publicado um convite da commissão de quintannistas eleitoral-democratica, de que o glorioso extincto era presidente, para que todos os correligionarios locaes acompanhem o sahimento do funeral.

É desolador o estado de consternação da familia do dr. José Falcão. — *Phymdel.*

Aveiro, 14, ás 8 e 20 n. — *Seculo,* Lisboa. — É aqui sentidissima a morte do nosso chefe dr. Falcão.

Porto, 14, ás 9 e 26 n. — *Seculo,* Lisboa. — A commissão executiva do partido republicano n'esta cidade enviou um telegramma de pezames á familia de José Falcão. No enterro d'este illustre cidadão fazem-se representar a mesma commissão e a imprensa republicana do Porto, indo tambem d'aqui grande numero de correligionarios. — *Martins.*

(*O Seculo,* n.º 3:940)

Sobral, 15 ás 12 e 40 t. — *Seculo,* Lisboa. — Foi aqui muito sentida a perda do nosso correligionario dr. José Falcão. Os republicanos do Sobral enviam sentidos pezames á sua familia e ao partido republicano. Tivemos conhecimento da morte do nosso amigo, só ás 11 e meia da ma-

nhã de hoje pelo *Seculo*, o que nos inhibiu de nos fazermos representar no funeral em Coimbra. — *Carmo.*

Ao nosso amigo e collega Magalhães Lima enviou o nosso illustre correligionario dr. Eduardo Abreu a carta que em seguida publicamos:

Lameiras, 15. — Amigo e sr. M. Lima. — Tenho felizmente melhorado, desapparecendo os receios de haver alguma lesão na larynge. Sei quanto era amigo e sincero admirador do dr. José Falcão e por isso os meus sentimentos por tão triste acontecimento. Eu tambem tinha por aquelle grande e probo cidadão a mais affectuosa estima e uma illimitada confiança. Foi a maior perda que podia ter o partido, e fiquei ainda mais magoado por não ter podido ir ao enterro, não pelo meu estado de saude, pois isso é o menos, mas pela falta material de tempo, pois soube da noticia só agora, ás 11 da manhã.

E eis a vida do partido republicano! A soffrer a morte dos seus mais distinctos e auctorisados dirigentes! — Seu amigo e obrigado, *E. Abreu.*

—Escreveu-nos o sr. Benjamim Florencio Luiz da Silva, da Cruz Quebrada, pedindo-nos para manifestarmos o seu profundo sentimento pela morte do grande republicano, dr. José Falcão.

Ao nosso collega Alves Correia, director da *Vanguarda* e que foi expressamente a Coimbra para assistir ao funeral do dr. José Falcão, foi enviado o seguinte telegramma:

Commissão parochial republicana S. Christovão pede manifeste votos de sincera condolencia á familia do benemerito cidadão José Falcão e a represente em todos actos tendentes prestar homenagem á memoria d'este illustre republicano. — *Cardoso.*

Serpa, 16, ás 11 e 20 m. — *Seculo*, Lisboa. — Em nome do partido republicano do concelho de Serpa, enviamos pezames á familia de José Falcão, cuja morte prematura sentidamente lamentamos. — *Dias Nunes.*

Sacavem, 16. — *Seculo*, Lisboa: — Os republicanos d'esta localidade lamentam com pranto a perda do eminente e sempre chorado chefe do partido republicano do norte, dr. José Joaquim Pereira Falcão. Curvam-se reverentes os que nunca olvidarão a sua respeitabilissima memoria.

(*O Seculo*, n.° 3:941)

A lacuna, resultante da sua morte, e aberta por esse motivo nas fileiras do partido democratico portuguez não será de facil preenchimento, se attendermos ao facto e ao rigoroso dever que este nos impõe de o substituirmos condignamente, isto é, escolhendo d'entre os muitos homens que ainda destacam da fileira, um que o eguale em civismo, nas brilhantes qualidades, e na rectidão austera d'um caracter honesto como foi sempre o do nosso illustre e fallecido chefe.

A escolha é melindrosa; a conjunctura é má; a responsabilidade, tremenda!

É certo que não faltam homens ao nosso partido, e que accusem a mesma rigidez de caracter e os mesmos predicados que exornaram sempre a vida gloriosa de José Falcão; não nos enganemos porém na sua escolha, não encaremos sómente estes prestimosos homens que hoje se nos aponta ao nosso criterio, sob o ponto de vista doutrinario.

É bem que alcancem mais longe as nossas vistas, que se satisfaça de prompto á necessidade do meio em que vivemos, rompendo com todos os palliativos que possam atrazar a marcha dos acontecimentos politicos.

Demorarmo-nos, será perder a nossa autonomia; conservarmo-nos indifferentes perante a derrocada que dia a dia se vae accentuando mais escombrando este pequeno terrão que nos foi berço equivalerá isso a um *suicidio*, e como tal, condemnado por todas as leis da razão e imposto á nossa consciencia de homens livres como o mais revoltante crime, do qual todos nós seremos réos perante a Historia.

Triste lethargo o nosso; dolorosa apathia esta em que vivemos!

Resurja Portugal, se é possivel ainda d'este criminoso abatimento, como dizem ter resurgido a Phenix das proprias cinzas!

(A Semana Alegre)

Falleceu em Coimbra o dr. José Falcão, professor de mathematica na Universidade e um dos mais altos e finos espiritos da nova geração. Era um bello caracter e um sabio. Pertencia ao partido republicano. Sentimos sinceramente esta morte.

(A Soberania do Povo)

José Falcão

Tem sido muito sentida em todo o paiz a morte d'este illustre homem de sciencia, um dos mais robustos espiritos d'esta terra.

José Falcão era um homem de grande valor. Com a sua morte perde a Universidade de Coimbra um dos seus mais notaveis ornamentos, perde a sciencia portugueza um dos seus representantes mais distinctos, perde Portugal um dos seus filhos mais illustres.

O funeral de José Falcão, realisado hontem em Coimbra, foi imponentissimo. De todos os pontos do paiz foram amigos e admiradores do illustre extincto prestar-lhe a derradeira homenagem.

.....

Descançe em paz o prestigioso morto.

(A Tarde, n.º 1:554)

José Falcão

Morte cruel, sinistra morte...

Completou-se a derrocada. Está de luto o paiz.

O crente, o puro, o immaculado, o sabio, morreu.

...Fomos deixal-o ao cemiterio.

N'um recanto modesto, por traz da egreja, o coveiro quasi ebrio, inconsciente, cavava, com a impassibilidade fria, cynica, do officio, a terra molle, barrenta, que, semi-humida das ultimas chuvadas, facilitava, a empreza, e, tocada pelo ferro do cavador, produziu um som aziago, fatidico, lngubre, sinistro, que vinha até nós, d'envolta com o *zum-zum* do povareu, n'uma toada triste, dilacerante, confrangedora...

O mulherio metediço, espalhafatoso, commentava rindo, comendo tremoços...

Uns encarrapitavam-se, procurando logares estrategicos, onde o verbo rhetorico chegasse intacto, retumbante, em primeira mão...

Outros — poucos eram — macambusios, tristonhos, olhavam enojados a comedia torpe, pranteando com lagrimas no coração a morte cruel, a sinistra morte...

...Escureceu. O prestito chega, vagaroso, funereo...

Redobra o aperto, a onda viva move-se, sobe, desce, zigzagueia, e, n'um turbilhão irrequieto, irreverente, cerca o feretro, aperta-o, quasi o esmaga...

Alguem falla... tem lagrimas na voz...

Este sim, era amigo; dil-o sem rodeios, ao despedir-se do companheiro de vinte annos, n'um paroxismo de dôr augusta, sacrosanta porque é sentida...

«*Adeus Zé Falcão*». E n'este Zé a que a terra sorriu, bestialmente, alvarmente, ia tanto amor, tanta sinceridade... que o morto por certo o agradeceu como a só coisa boa digna d'elles, que foi a honra, foi a lealdade, foi a pureza...

...Depois d'este, a rhetorica cathedratica, a rhetorica do partido, a rhetorica academica...

A rhetorica, só a rhetorica, sempre a rhetorica...

.....

...Portugal morreu em Alcacer Kibir e enterrou-se hontem em Santo Antonio dos Olivaes...

...Morte cruel... sinistro enterro...

Coimbra — 16 — 1 — 93.

Fernão.

(*O Trancozense*, n.º 167)

Dr. José Pereira Falcão

Está de luto a democracia portugueza!

Um dos seus mais illustres chefes, deixou de existir.

A morte do dr. José Falcão representa uma perda enorme para o partido republicanò de que era chefe leal, e uma perda de valor para o corpo docente da Universidade que tinha n'elle um dos melhores e mais dignos ornamentos.

Um mau condão está pairando sobre o nosso partido, roubando-nos successivamente uma a uma as intelligencias mais robustas os espiritos mais bem orientados.

Ainda ha pouco tempo registámos a perda de correligionarios dedicadissimos, como Oliveira Marreca, Gilberto Rolla, Elias Garcia, Latino Coelho, Sousa Brandão, Castello Branco Saraiva e hoje temos de juntar a estes nomes illustres, o de José Falcão, o sabio lente que tão bem exornou a Universidade e que relevantes serviços prestou á democracia portugueza.

A morte do dr. José Falcão é uma perda nacional e uma perda irreparavel para o nosso partido que tanto carece de homens de talento, de homens de saber.

A sua morte produziu profunda impressão de dôr em todo o paiz, e todos os partidos, sem distincção de côr, prantearam a perda do illustre sabio, associando-se á immensa dôr que n'este momento opprime a grande familia democratica portugueza.

Todos! Ainda os seus mais rijos adversarios se curvaram perante o seu cadaver, e em phrases sentidas, repassadas da maior dôr, teceram elogios ao vulto mais proeminente do partido republicano portuguez que a fouce implacavel da morte arrebatava para sempre.

É uma gloria para o paiz e para o nosso partido, a homenagem prestada por toda a imprensa ao grande sabio que em toda a sua vida politica não teve uma mancha que lhe immaculasse o seu nome puro e honrado.

Nasceu honrado, honrado morreu!

Este podia ser o seu epitaphio — honrado sempre.

*

José Falcão era um apostolo fervoroso da democracia.

Em todas as desgraças partilhava com o misero povo, que nos ultimos tempos tem soffrido as maiores perseguições, e em quasi todos os comicios do norte do paiz, a voz auctorisada de José Falcão se fazia ouvir, e todos o escutavam attenciosamente, porque José Falcão era extremamente irritavel contra todas as iniquidades, austero contra todas as corrupções, violento contra todas as violencias.

Era assim José Falcão; era assim o homem que a morte nos roubou e que nós pranteamos immensamente; era assim o apostolo fervoroso da democracia que luctou sempre com uma vontade honesta e energica contra o regimen despotico que actualmente nos rege.

*

José Falcão realisou muitos trabalhos relativos ás sciencias naturaes, distinguindo-se entre elles a *Resolução das equações pelo methodo Wronski*, *Theoria das determinantes*, *Estudos sobre o circulo meridiano*, etc.

Collaborou em muitas revistas nacionaes e estrangeiras; mas o seu temperamento revolucionario revela-se na *Cartilha do Povo*, e no opusculo a *Communa de Paris e o governo de Versailles*, sendo perseguido por este ultimo trabalho e processado pelo fôro academico, não chegando porém a ser julgado.

A *Cartilha do Povo*, escripta sob a fórma de dialogo, é um dos mais bellos trabalhos de José Falcão no sentido de propagar as doutrinas republicanas.

O seu estylo em linguagem muita chã, estava á altura de todas as intelligencias, ainda as menos cultas.

Teve cinco edições de grande tiragem, espalhando-se profusamente por todo o paiz, o que contribuiu bastante para o estado em que se encontra a propaganda republicana.

José Falcão foi um dos fundadores da *Justiça*, folha democratica de Coimbra, tendo como redactores o glorioso extincto e o mallogrado Alexandre da Conceição.

*

Hoje, que passou á galeria dos nossos mortos illustres, resta-nos honrar a sua memoria e proseguir na senda trilhada por elle, unica redempção de Portugal.

O *Trancosense*, obscuro soldado da democracia, envia á illustre familia do finado os mais sentidos pezames.

Trancoso.

Alsser.

Dr. José Falcão

Fomos ha pouco surprehendidos com a noticia da morte do dr. José Falcão, lente cathedratico da faculdade de mathematica.

A Universidade perdeu n'elle um dos seus mais distinctos e sabios professores. A sociedade um modelo de honradez, desinteresse e amor ao trabalho. O partido republicano um dos seus chefes mais queridos e mais prestimosos.

Espirito verdadeiramente superior e luminoso, José Falcão tinha o irresistivel poder de inspirar respeito e sympathia a quantos o conheciam.

E' que no seu bello caracter estavam, como riscadas com diamante, as qualidades mais nobres e os sentimentos mais generosos. Conglobavam-se com effeito n'elle todos os predicados que tornam o homem distincto, pelo saber, pelo talento e pela virtude.

A apologia das preciosas qualidades do illustre morto foi já unanimemente feita pela imprensa e pelos homens de todos os partidos.

Nós, porém, soldados obscuros das fileiras em que militou o conspicuo cidadão, não podiamos, n'este momento, em que a noticia da sua morte prematura veio profundamente magoar-nos, deixar de prestar-lhe esta sincera homenagem, unindo assim a nossa debil voz á de todos os que lamentam a sua perda e admiram as suas virtudes.

C. Alves d'Oliveira.

Outra perda

Não bastava terem-nos arrebatado José Elias, Latino Coelho, Sousa Brandão e Castello Branco Saraiva. Não! A negra Atropos acaba de cortar o fio da existencia de José Falcão, o douto lente universitario, o sincero republicano, o tenaz organisador.

Perdemos José Falcão, um grande homem!

É muita a tristeza que lavra nos nossos arraiaes; mas maior deve ser o desejo de fazermos vingar por uma vez a obra d'esses trabalhadores. Maior ha de ser a vontade de tirarmos a desforra da perda de tantos chefes e soldados na refrega.

Consideramos o homem na ideia e não a ideia no homem. D'ahi nos vem a força para não interrompermos a lucta, para reflectirmos que á lei lethal ninguem se esquiva, e que, passando, o homem deixa a obra espalhada e a ideia profundada.

Não! A insurgirmo-nos é contra nós mesmos, por consentirmos que estes chefes e soldados valorosos nos desappareçam. Se fosse no campo da batalha acoimar-nos-hiamos de cobardes; como é em plena paz, só temos a notarmo-nos faltos d'energia, de sangue!

Affigura-se-nos sufficiente lição a perda d'estes homens que mais ou menos morreram com cabellos brancos, dedicando toda a sua vida a este combater constante. Parece-nos que a morte d'elles nos está a indicar que o unico caminho é o unico meio que temos para triumphar. A vida d'esses vultos, a sua idade, o seu fallecimento, são fortes testemunhos de que é tempo de findarmos a evolução do discurso, do jornal, da eleição republicana, para entrarmos na evolução da Republica, na Revolução! A Patria o exige!

Necessitamos, pela vingança, honrar os trabalhos d'esses que passaram. Sigamos, por ser o mais recente, o mais claro e concludente, o conselho de José Falcão, que ao passo que organisava, como nenhum chefe tem feito, as hostes do norte, reptava a monarchia a que desse provas de que nos queria e podia salvar. José Falcão bem conhecia a impotencia d'este regimen, porque, é um principio de moral, quando o vicioso não se póde emendar, confessa os seus

vicios. A monarchia tem confessado e publicado os seus vicios, os seus roubos, e a sua fraqueza ante as difficuldades.

.....

Concluamos o plano do austero chefe, organisemo-nos por toda a parte para assegurarmos o triumpho da causa. E quanto antes! Não toleremos mais mortes! Que os homens que hão de substituir os mortos se eduquem na Revolução, dentro d'um gabinete ou em cima d'uma barricada! Pranteemos mais esta perda. Que ella nos sirva de incentivo.

Lisboa.

Brissos Calvão.

(O Trancosense, n.º 168)

O dr. José Falcão

Mais uma vez, em tão curto espaço, o partido republicano inclina a sua bandeira coberta de crepes sobre o sepulcro d'um dos seus chefes mais prestigiosos e bem amados.

José Falcão caiu vencido e prostrado no campo da lucta pela inflexivel fatalidade da morte.

Caiu no momento solemne e angustioso, em que á patria humilhada, escarnecida e agonisante, mais precisos são os homens de caracter integro, de espirito nobre e de consciencia immaculada.

A democracia portugueza tem sido n'estes ultimos annos ferida pelos golpes mais dolorosos e profundos: tem visto uns apoz outros desapparecerem na voragem insondavel do tumulo os seus vultos mais proeminentes, os seus apostolos mais fervorosos, os nobres paladinos que formavam a brilhante pleiade de luctadores que primeiro hastearam na nossa terra a luminosa e sacrosanta bandeira da Republica.

Já lá estão no paiz das sombras Oliveira Marreca, Gilberto Rolla, Elias Garcia, Latino Coelho, Sousa Brandão, e muitos outros dos seus companheiros.

Á hora em que escrevemos estas linhas invade-nos a alma uma tristeza immensa e uma saudade infinita, como se percorressemos a vasta galeria d'um cemiterio onde repousam os nossos mortos bem amados, as sombras dos espiritos superiores que tantas vezes nos alentaram e nos deram a fé, o enthusiasmo e a esperança para a lucta pela Patria e pela Democracia.

Mas não nos desalentemos n'esta hora de provações dolorosas.

.....

Os juramentos que se fazem sobre a sepultura dos mortos, são sagrados.

Juremos, pois, salvar a Patria pela Republica!

(*O Transmontano*, n.º 1:087)

A' memoria de José Falcão

Eu tenho no meu quarto tres photogravuras juntas, como se assim quizesse representar uma confraternisação sublime de ideias e caracteres: — a do cathedratico inda ha pouco fallecido, a de Kossuth e de Anthero do Quental.

E, na verdade, José Falcão — o Kossuth portuguez, não consagrado como este por uma esplendida e sublime Revolução, mas consagrado pelos trabalhos que, inevitavelmente, nos levam a este passo redemptor e heroico, — José Falcão tinha tão entranhado amor á Patria como o revolucionario cathedratico da Hungria, e tinha, como Anthero, uma alma de democrata e um caracter meditativo que, ainda memorando-o, nos assombra e nos fascina.

E, na verdade, ha uma salientissima affinidade intellectual, moral e sociologica entre estes tres Sublimes, tres Crentes, tres Luctadores.

José Falcão, professor como Kossuth, patriota como Kossuth, aconselhador de exaltados e impacientes tambem, aconselhador e amigo de academicos tambem, e organisador como Kossuth tambem, — se amanhã a Nação, ao despertar para um novo dia de lucta, de miseria e de trabalho, ouvisse

os brados heroicos dos Revoltados e a Sublime Republica derruisse o throno e castigasse os aulicos do Paço e os renegados da Patria e os villões do Poder,— se a Republica, ensanguentada ou não, visse a sua bandeira a tremular, hasteada, de cidade em cidade, e de villa em villa, e de povoa em povoa — isto feito n'uma aurora gloriosa, isto feito n'um dia abençoado, — se tal succedesse, José Falcão seria com certeza o Chefe aclamado, seria o Grande Portuguez, assim como Kossuth foi o Revolucionario em chefe, e foi o grande Hungaro, o Hungaro Sublime.

Parece-me ainda ouvil-o, ao Cathedratico, ao Sabio e ao Justo, ao nosso Chefe morto n'um tal momento historico — morte que foi como se nol-o roubassem.

A voz de Quental era similhante á d'elle tambem. Ouvindo-se esse Homem, esse inspirado, esse Mestre, esse Divino Nostalgico que se suicidou ao compenetrar-se bem do sinistro presente, e talvez do sinistro futuro da sua Patria, — que se suicidou, perdido o alento e perdida por certo a esperança da Regeneração, — ouvindo-se Anthero do Quental, a nossa alma estremecia, os nossos sentidos hypnotisavam-se, e o nosso espirito compenetrava-se tambem, acreditando-o.

A sua voz, tremula, nervosa, mas convincente e inspirada, tinha o sobrenatural poder de apossar-se da nossa alma, e vencer-nos, e levar-nos á maior admiração, ao maior respeito e á maior sympathia por aquelle que assim fallava.

Ficava-se preso dos labios d'elle como se ficava preso dos labios de José Falcão.

E tudo o que elles dissessem era forçosamente comprehendido, e era forçosamente acceite, como o deve ser um preceito justo, verdadeiro e nobre.

*

Anthero era um Vidente, e esse Vidente disse isto:

«Em Portugal não pode haver revolução que mereça este nome, porque revolução presuppõe proposito, firmeza e força moral, o que aqui não ha. Portugal é um paiz que só vive d'uma vida inferior para a vileza dos interesses

materiaes, e para a intriga covarde que é o processo d'esses interesses.

Não sei se a união iberica se realisará: mas, a realisar-se, far-se-ha pela força das circumstancias e não pela intervenção livre e rasoavel das vontades, que as não ha cá para tanto. Uma unica revolução é possivel, ou antes, inevitavel em Portugal: é a revolução anarchica da fome, mas essa não precisa que ninguem a promova, nem pode ser materia de progammas politicos. Virá a seu tempo, e fatalmente, como a conclusão necessaria da desrazão e do egoismo universaes.»

E quem sabe se estas palavras não terão realidade absoluta?! Justas já vão sendo.... e bem. Portanto, talvez fosse melhor a esse espirito superior, a esse Esperançado, morto agora, arrancado agora ás nossas fileiras e á nossa vista, — talvez lhe fosse melhor o morrer para não assistir á morte da Patria, despedaçando-se-lhe a Alma e amortalhando-se-lhe dolorosamente a Crença, a Crença que andara sempre com elle tantos annos.

E' verdade que Anthero disse mais ainda:

«Deixemos, porém, passar a onda providencial, e tratemos simplesmente, como individuos, de conservar cada um em si um fóco, tão intenso quanto possivel, de força moral, de intelligencia calma e soffredora caridade... pois, no naufragio d'esta sociedade, na perversão do espirito publico, toda a esperança de regeneração está posta nas virtudes individuaes.

Se, no meio do geral envilecimento, a natureza humana se manifestar grande e amavel em alguns poucos individuos excepcionaes, ao mesmo tempo como protesto e como exemplo, não se poderá então dizer que tudo está perdido.»

Mas estas palavras foram ditas como se quizesse que ellas fossem um lenitivo á amargura e á dôr que causariam as precedentes — lenitivo á amargura alheia, mas não á d'elle, pois Anthero, vislumbrando, por certo, e n'um lampejo do seu genio de raro Privilegiado, o fundo do abysmo para onde Portugal resvala, não esperou pela morte, e chamou-a a si, nostalgico, solitario, concentrado, sem alentos, sem illusões, sem esperanças.

Eu, fanatico admirador d'esse Divino Poeta, creio bem que não érro chamando-lhe um Vidente, e affirmando que tudo o que elle disse e escreveu, foi justo, e foi ou ha de ser certo.

E, por isso, eu escrevi — que José Falcão, essa Grande Alma, esse Convicto, esse Patriota, esse Esperançado — não devia assistir ao Cataclysmo que se aproxima, e para elle talvez a morte fosse um bem.

Demais, para confirmar ainda este juizo, generalisando-o, — que verdadeiros, que justos, que applicaveis e inspirados versos não são estes, escriptos por Anthero, e talvez por elle recitados no momento sublime e tragico do seu tragico suicidio:

«Ha n'isto quanto basta para a morte,
Para fechar os olhos sobre a vida!»

Porto, 1893.

Arnaldo Augusto.

(O Transmontano, n.º 1:089)

Dr. José Falcão

Esteve á altura do talento e do valor scientifico e moral do illustre extincto, a manifestação que se fez por occasião da sua morte.

Concorreram a prestar-lhe a derradeira homenagem, velando o cadaver na noute e manhã seguintes ao fallecimento, e acompanhando-o ao cemiterio, não só a maior parte dos collegas de todas as faculdades da Universidade e muitos cavalheiros d'esta cidade, mas tambem amigos e correligionarios que vieram de Lisboa, Porto e outros pontos do reino, dar prova de sua veneração pela memoria d'elle. A maior parte da academia incorporou-se no prestito, e muita gente d'esta cidade concorreu a elle, acompanhando-o até Santo Antonio dos Olivaes, onde se calcula que se juntaram mais de 1:500 pessoas.

O feretro foi levado á mão por estudantes que iam ladeados de lentes, desde casa do illustre fallecido até á

Sé Velha, onde se fez a encommendação religiosa, e d'ali pela rua Borges Carneiro até ao largo da Sé Nova, onde estavam o carro funebre e muitos carros particulares, para ali se organisar o prestito.

Posto o feretro no coche foi rodeado de corôas e tantas foram ali apresentadas, que se encheu tambem um carro, que para tal fim estava preparado.

.....

O cortejo seguiu para Santo Antonio dos Olivaes, indo toda a gente a pé, e atraz os carros, mas vasios.

Na escadaria da egreja de Santo Antonio parou o cortejo, e ali deram as suas ultimas despedidas ao saudoso extincto.

.....

Todos proferiram palavras repassadas de sentimento pela perda prematura de um cidadão, que em vida foi sem duvida alguma um caracter respeitavel, serio, justo, honesto, cheio de sabedoria e de patriotismo, e d'uma modestia que é rara de encontrar.

O dr. José Falcão ainda ha pouco escreveu uma phrase que ficou: — se a monarchia póde salvar Portugal, que o salve.

Estas palavras solemnes são um aviso aos monarchicos para que tenham juizo, e aos republicanos para que tenham prudencia.

Oxalá que uns e outros comprehendam e sigam o conselho, que foi de um vidente sem duvida alguma: será o melhor modo de prestarem homenagem á sua memoria.

(O Tribuno Popular, n.º 3:846)

José Falcão

Falleceu no sabbado passado em Coimbra o sr. dr. José Falcão, um dos vultos mais eminentes do partido republicano portuguez, um dos mais distinctos membros do professorado, um polemista vigoroso, e um sincero defensor da democracia.

O dr. José Falcão foi sempre um caracter independente e honesto. Como politico, organisou brilhantemente o partido republicano no norte, e como professor, foi uma das maiores glorias da nossa Universidade.

Os nossos pezames á familia do illustre finado.

(*O Universal*, n.º 567)

Dr. José Falcão

O telegrapho trouxe-nos hontem uma noticia que nos deixou vivamente impressionados, a mais triste noticia que podia ser dada a um amigo intimo de José Falcão, que se tem orgulhado com a sua estima e que tem feito d'ella um titulo de gloria.

Recebemos os seguintes telegrammas:

Coimbra, 13, ás 2 h. da tarde — *Vanguarda*. — O dr. José Falcão está perigosamente enfermo. — *Vieira*.

Coimbra, 13, ás 5 h. e 39 m. da tarde. — *Vanguarda*. — O dr. José Falcão está sem esperanças de vida. — *Alberto*.

Coimbra, 13, ás 7 h. e 26 m. da tarde. — *Vanguarda*. — É desesperado o estado do dr. José Falcão. — *Vieira*.

Coimbra, 13, ás 11 h. e 56 m. da noite. — *Vanguarda*. — É muito perigoso o estado de José Falcão; receia-se desenlace fatal esta noite. — *Ribeiro*.

Estes telegrammas causam-nos a mais viva dôr.

José Falcão tem sido o mais dedicado dos servidores da causa republicana. Foi elle que organisou o partido republicano no norte do paiz. É, dos chefes do partido, aquelle de que todos esperavamos mais, tanto pela sua alta intellectualidade, como pelo seu grande caracter, que todos, amigos e adversarios, admiram, tal é a pureza d'essa joia facetada com as mais austeras e rectas linhas.

Nós temos ainda a honra de ser um dos mais dedicados e apreciados amigos de José Falcão, a quem devemos as mais altas provas de estima e apreço.

As noticias que recebemos de Coimbra causam-nos por todas estas razões a mais dolorosa impressão. O sabio professor da Universidade é hoje um dos mais respeitados chefes do partido republicano portuguez. Com Rodrigues de Freitas, elle representa o pensamento superior do partido republicano portuguez. O Norte reconhece-o como chefe activo e perseverante e o Sul testemunhou-lhe ha pouco o seu respeito e fez a consagração d'essa chefatura, acceitando com enthusiasmo a sua candidatura por Lisboa.

A doença d'este grande servidor da causa democratica causa-nos por tudo o maior pesar.

São desesperadas as noticias que de Coimbra acabamos de receber do nosso amigo querido.

Temos, porém, ainda uma esperança de que José Falcão, apesar de ter sido sempre muito doente, se salvará.

Esta esperança synthetisa o desejo de todos os admiradores de José Falcão e os votos de um amigo que venera esse benemerito e respeitavel servidor da causa democratica.

(A Vanguarda, n.º 584)

José Joaquim Pereira Falcão

Persegue-nos a adversidade. Acaba de nos ser roubado pela morte um dos mais prestigiosos chefes republicanos, o mais illustre dos homens que presentemente dirigiam o nosso partido, o mais activo, energico e venerado dos grandes servidores da causa democratica que têm occupado os logares vagos pela defuncção de homens como Oliveira Marreca, Elias Garcia, Latino Coelho, Sabino de Sousa e Castello Branco Saraiva.

Morreu José Falcão.

Ha pouco mais de vinte dias, antes das férias do Natal, escrevia-nos esse amigo inolvidavel, esse chefe prestigiosis-

simo, pedindo-nos para irmos passar alguns dias com elle. Não podémos então ir abraçal-o e ouvir o seu conselho superior. Vamos, porém, hoje render-lhe á beira do tumulo a homenagem derradeira.

Falta-nos a serenidade para n'este momento fallarmos de José Falcão. Nas nossas relações com esse grande homem, que a sorte adversa acaba de roubar ao partido republicano, habituámo-nos a venerar n'elle um grande caracter, a admirar a sua poderosissima intelligencia, a seguir as suas indicações, sempre dictadas por um alto espirito de patriotismo, e a agradecer reconhecidos as grande provas de estima com que José Falcão nos honrava.

A dôr produzida pela perda do amigo querido, tira-nos, pois, a tranquillidade indispensavel para bem definir as qualidades politicas do morto, para dar uma ideia do poder da sua intelligencia prodigiosissima, para photographar a sua austeridade verdadeiramente spartana e para pôr em relevo os serviços que tão grande cidadão prestou ao seu paiz como homem de sciencia e como publicista.

O illustre extincto possuia uma das cabeças melhor organisadas que temos conhecido.

Era simultaneamente um talento de primeira grandeza e um homem absolutamente impeccavel na observancia dos principios de honra, o que vae sendo raro encontrar n'estes tempos de egoismo, em que os individuos melhor dotados de qualidades intellectuaes procuram muitas vezes servir-se d'esses dons da natureza para, á custa de todos os sentimentos de moral, conquistarem a prosperidade.

Era ao mesmo tempo um sabio e um luctador. Possuia um esipirito que seduzia e um coração que encantava. Tinha a intelligencia mais lucida que é dado imaginar, e era dotado d'uma energia de ferro que contrastava com a fraqueza do seu organismo, sempre torturado por doenças atrozes, que nem debilitaram o seu cerebro extraordinario, nem o affastaram do cumprimento dos deveres de patriota que a si proprio impoz.

Foi um grande professor da faculdade de mathematica e era tambem um distinctissimo escriptor politico, que os leitores da *Vanguarda* muitas vezes tiveram occasião de apreciar, se bem que nem sempre elle assignava os seus

magnificos escriptos. Foi, depois da revolução de 31 de janeiro, o organisador de todo o movimento republicano no Norte do paiz, onde conseguiu assegurar em bases inabalaveis o exito da propaganda democratica. Era uma das melhores esperanças do partido republicano portuguez, que via n'elle — pela sua capacidade notabilissima, pela sua intransigencia, pelo seu alto tino pratico, pela sua reflexão e pela sua austeridade — o homem destinado a dar a todo o movimento republicano uma solida e inflexivel orientação moral e a representar um altissimo papel na transformação que em Portugal ha de operar-se, se quizermos continuar a viver como nação livre e independente.

José Falcão era hoje a primeira figura do partido republicano portuguez. O Norte e o Sul veneravam-o por egual e era a elle que todos recorriamos nas occasiões difficeis, para nos esclarecermos e orientarmos.

A sua modestia, que o levava a colorir os seus conselhos por fórma que parecessem um pedido para que lhe dessem uma opinião, determinava-o frequentemente a protestar contra a acceitação do logar que lhe designavam. Ainda hoje, ao relermos as suas cartas, que serão sempre para nós documentos preciosos e um titulo de gloria, encontramos n'ellas essa nota encantadora.

Dizia-nos elle que não tinha a envergadura necessaria para acarretar com as responsabilidades da direcção superior do partido, que era apenas um soldado de pouco valor, que não aspirava senão a servir a sua patria e que, para cumprir esse dever, dava ao partido republicano tudo o que d'elle fosse exigido e compativel com as suas forças, porque entendia que era necessario mudarmos de instituições para evitarmos um desastre enorme.

Vendo de alto os problemas sociaes, José Falcão previa, com uma lucidez genial, os acontecimentos que teem de dar-se ao nosso paiz e o que, sobretudo, desejava, era que o partido republicano se organisasse solidamente para, no momento solemne da grande crise nacional, bem poder cumprir a sua elevada missão.

Obedecendo a este pensamento patriotico, o nosso amigo querido fez lançar o manifesto de junho do anno passado, com o qual conquistou para a democracia grandes forças

e iniciou o periodo de organisação partidaria, que já produziu no Norte tão excellentes resultados.

Devido a essa organisação, que elle conseguiu á custa de um trabalho prodigioso, é que o partido republicano dispõe hoje no Porto de uma força como nunca ali teve.

Em cartas successivas e nas conferencias que com José Falcão teve em Coimbra o director da *Vanguarda*, quando ali foi, commissionado por alguns chefes republicanos de Lisboa, para tratar do lançamento d'esse manifesto, desenvolveu elle o seu pensamento, que hoje é occasião de invocar como um conselho do tumulo para que o Sul do paiz siga a orientação do chorado chefe.

Dizia-nos elle, que, desde que o partido republicano se organise solidamente, será uma força enorme e ao mesmo tempo uma garantia segura para o paiz, porque em volta da sua bandeira se aggremiarão todos os homens honestos que tiverem sincero empenho em bem servir a sua patria.

Possuido por essa convicção e impressionado pelas desgraças nacionaes, o illustre extincto publicou ultimamente, na *Voz Publica*, um artigo notavel, no qual reptava a monarchia para que salvasse o paiz, se era capaz d'isso.

O velho republicano intransigente, o antigo luctador, que em 1871 defendeu a Communa de Paris n'um pamphleto que ficou celebre pelas perseguições que quizeram mover ao seu auctor, desafiou assim os seus adversarios a que mostrassem bem ante a nação de quanto são capazes.

Ia envolvido n'esse appello, que bem sabia inutil, um pedido ao povo portuguez para que, em face da impotencia dos poderes constituidos para o salvarem, se preparasse para se salvar a si proprio.

*

José Falcão morreu e esta perda é enorme. Extinguiu-se um dos homens mais notaveis d'este paiz, quer o consideremos como homem de sciencia, quer o avaliemos como professor, quer o julguemos como politico e homem de bem.

É irreparavel esta perda. A morte fez cedo cahir inerte aquella magnifica e luminosa cabeça. Não ha meio de compensar este grande desastre.

O partido republicano tem, porém, um dever a cumprir. Consiste elle em seguir os exemplos e os conselhos do grande morto.

Prestadas as homenagens devidas n'este momento a José Falcão, temos ainda de lhe prestar outra mais alta e mais significativa, que consiste na execução do seu plano politico.

.....

Convem notar que José Falcão, austero entre os mais austeros, não foi um estudante dos que procuram as boas graças dos professores, nem um professor dos que sacrificam as imposições do dever ás conveniencias proprias.

Mas o seu talento inspirava tanta consideração e o seu caracter impunha-se com tamanho brilhantismo, que os seus adversarios ou invejosos jámais conseguiram prejudical-o ou magoal-o sequer.

.....

Collaborava assiduamente em revistas scientificas, nacionaes e estrangeiras, sendo assaz longa a lista dos seus artigos sobre astronomia e outros assumptos correlativos.

Além da sua collaboração em algumas folhas republicanas, José Falcão publicou um folheto politico, *A questão do Zaire*, um livro de alto valor, em que se revelam vasta erudição e profundos conhecimentos geographicos.

*

O notavel homem de sciencia era simultaneamente um escriptor de estylo elegante e um jornalista de argumentação cerrada.

Os seus artigos, que nunca excediam uma columna, destacavam-se de todos os outros pela concisão da phrase, pela logica eloquentemente esmagadora.

A *Vanguarda* pode unfanar-se de ter possuido a collaboração de José Falcão; quando o permittiam o seu estudo aturado e os seus valiosissimos trabalhos de organisação partidaria, o eminente professor enviava-nos o que elle modestamente chamava um simples *suelto* e que era afinal um magnifico artigo.

José Falcão collaborava egualmente na *Voz Publica* e foi em tempo collaborador do *Seculo* e d'outras folhas republicanas.

*

José Falcão era incontestavelmente um dos homens mais prestigiosos de todo o paiz.

Em qualquer parte onde se pronunciasse o seu nome, ouvia-se sempre uma palavra respeitosa.

A sua candidatura por Lisboa nas ultimas eleições foi acolhida nas fileiras republicanas com grande enthusiasmo e por alguns jornaes monarchicos com testemunhos de consideração.

Este acolhimento á candidatura d'um homem que nunca residira em Lisboa, e que pessoalmente era desconhecido pela grande maioria dos habitantes da capital, constituiu a prova mais irrecusavel do immenso prestigio do nosso querido chefe.

(*A Vanguarda*, n.º 585)

Estremoz, 17, ás 6 h. e 50 m. da t. — José Falcão foi um crente nos principios republicanos e uma notabilidade na sciencia. Eu, infelizmente, sem os predicados que exornaram aquelle superior espirito, mas tão crente como elle, curvo-me respeitoso ante a sua memoria, e faço votos para que ella sirva de poderoso incentivo para mais se accender a fé pura de que n'um proximo futuro a patria querida será salva do abysmo para que vae sendo loucamente impellida por filhos desnaturados. — *Fataça.*

(Telegramma para *A Vanguarda*, n.º 587)

José Falcão

O nosso bom amigo o sr. abbade Paes Pinto enviou-nos a seguinte homenagem a José Falcão:

A patria deve chorar amargamente, porque perdeu o seu mais dedicado e prestimoso filho. O partido republicano... Valha-nos Deus!

Após Elias Garcia, Latino Coelho, Sousa Brandão, Aureliano Cirne, vae-se-nos o dr. José Falcão. Perseguir-nos-ha o destino? Talvez.

Servimos d'alma e coração a patria, pugnando pelas instituições democraticas, e morrem-nos hoje homens com que contavamos para ámanhã!!...

Paciencia! Tão leve lhes seja a terra, quão pesada nos é a saudade da sua eterna ausencia.

Prestamos culto á memoria d'este benemerito finado.

Sem arredar um passo das fileiras, em que militamos, pranteêmos este sol que se escondeu no occaso.

Cabanas. — *Paes Pinto.*

(Vanguarda, n.º 588)

Mal vae o anno lectivo de 92-93 para os lentes da Universidade. Hontem os drs. Fernando de Mello e Secco, hoje o dr. José Falcão, um dos ornamentos d'esta terra.

Ainda não ouvimos aqui outra nova, que causasse tanto sentimento, como causou ha dias a morte de José Falcão, o que não é para admirar sabendo-se que o finado era distincto entre os distinctos, como homem, como lente e como chefe do partido republicano do norte e quiçá do paiz inteiro.

Todas as bandeiras politicas se inclinaram ante aquelle que era um prestante cidadão e que, coisa rara entre nós, era um sabio modesto e respeitado tanto no paiz como fóra d'elle.

Segundo a opinião dos entendidos, só tarde será preenchida a lacuna que José Falcão deixa no primeiro estabelecimento scientifico do paiz.

(O Villarealense, n.º 49, 13.º anno)

Dr. José Falcão

Recebemos hontem de tarde o seguinte telegramma de Coimbra, enviado pelo nosso dedicado correligionario e distincto advogado dr. Eduardo Vieira:

Voz Publica — Porto — ás 2 h. e 25 da t. — José Falcão perigosamente enfermo. — *Vieira.*

Egual telegramma receberam o nosso collega de *A Portugueza* e o nosso amigo e dedicado correligionario sr. Salgado Lencart.

Esta noticia não póde deixar de causar-nos uma profunda magua, cuja verdadeira extensão só póde ser bem comprehendida pelos que intimamente conhecem o illustre enfermo na sua exemplarissima vida particular e na hombridade e energia da sua vida politica.

José Falcão é hoje, d'entre os chefes do partido republicano no norte do paiz, um dos que maior e mais justificado prestigio exerce, impondo-se ao respeito e á admiração de quantos tem ensejo de avaliar-lhe as qualidades.

N'este momento em que o paiz se agita em uma tremenda crise moral, n'esta hora solemne em que vae talvez liquidar-se o futuro da patria, a doença de José Falcão, uma intelligencia e um caracter, um patriota dedicado até ao sacrificio, é um acontecimento grave para o partido republicano e para o paiz.

Oxalá o nosso illustre chefe se restabeleça. Oxalá não recrudesçam as sombras que já quasi velam por completo o horisonte da patria.

*

Ás 7 horas e 27 minutos da tarde recebemos o segundo telegramma que segue:

Voz Publica — Porto — Dr. Falcão peior. Desesperado o seu estado. Sentimento geral na cidade. — *Vieira.*

Esta informação desoladora veio lançar-nos na alma toda a afflicção que póde imaginar-se.

Ás 11 horas e 53 minutos recebemos mais esta fatal noticia:

Voz Publica — Porto — Não ha esperanças de salvar José Falcão. — *Vieira.*

É com o coração alanceado pela mais acerba e pungente dôr que ficamos na amargurada anciedade do que poderá sobrevir.

Até á hora do nosso jornal entrar na machina não recebemos mais noticia alguma.

A nossa redacção tem sido visitada durante toda a noite por dezenas de pessoas que têm vindo informar-se do estado de saude do illustre enfermo.

(*Voz Publica*, n.º 840)

Dr. José Falcão

Confirmaram-se, infelizmente, as nossas apprehensões de ante-hontem. Hontem, ao meio dia, recebemos a triste noticia do fallecimento do nosso illustre chefe, o dr. José Falcão.

É com a alma oppressa pela dôr, e dominados por indefinivel angustia que traçamos estas linhas. Ligava-nos ao fallecido um affecto sincero em que o respeito e o carinho se uniam estreitamente.

Para norma do nosso procedimento na vida publica, tinhamos de ha muito escolhido essa linha moral, que nem um só momento durante a vida do mestre e do amigo perdeu a rigorosa orientação rectilinea. Ao calor da sua amisade, ao fulgor do seu talento, aos conselhos da sua experiencia e á grandeza inquebrantavel da sua fé devemos muito do pouco que sômos e alguns dos actos bons que temos praticado.

Póde dizer-se que a actividade politica de José Falcão data de muito pouco tempo, data do affrontoso *ultimatum* de 11 de janeiro. Até ahi, embora sempre democrata

..

convicto e patriota ardente, o fallecido concentrava-se na educação de seus filhos, no amor de sua familia, no exercicio do professorado e no intimo convivio dos seus livros e dos seus estudos; e só de quando em quando, nas horas difficeis da existencia patria, elle vinha prestar o seu concurso enthusiasta e auctorisado á defeza dos opprimidos e ás reivindicações justas e legitimas da consciencia nacional.

Mas nem por ser tardia, a sua intervenção na vida publica foi menos util, desinteressada e cheia de sacrificios. José Falcão dedicou-se á obra titanica do resurgimento da nacionalidade com todo o ardor da mocidade, todo o proselytismo de um apostolo e toda a abnegação de um martyr. Entrando na actividade politica do partido republicano, elle fez primeiro que tudo a renuncia da propria vida que estava resolvido a sacrificar, se de tamanho sacrificio o paiz aproveitasse.

Doente, doentissimo, a miudo torturado por soffrimentos horriveis, José Falcão nem uma hora sequer deixou de nos revelar o mesmo caracter spartano, a mesma physionomia stoica, a mesma confiança nos principios, a mesma confiança de processos, a mesma intensidade no esforço, a mesma linha altiva e nobre que, a principio, tão poderoso effeito suggestivo tinham exercido nas populações do norte. Quando os novos fraquejavam, quando o desalento invadia todos os espiritos e quebrantava todas as forças, o nosso querido chefe lá estava para revigorar as crenças, fortalecer as almas e dar nova tempera aos caracteres.

Chefe prestigioso, era por egual sympathico á fracção conservadora do partido e ao grupo revolucionario. Respeitava os temores dos sectarios da ordem *à outrance*, mas não desprezava os justos fundamentos das impaciencias de muitos. Além de que, todos o sabiam resolvido a jogar a vida no momento opportuno. E, esta ausencia de quaesquer duvidas sobre a realidade da sua coragem fazia com que as suas palavras encontrassem ecco até nos temperamentos indomitos e insoffridos.

*

Desde muito novo que José Falcão revelára qualidades verdadeiramente notaveis de independencia e firmeza de

caracter e de rebeldia contra todas as injustiças e todas as iniquidades.

A sua vida de estudante é d'esse facto prova evidente e clara. Com a mesma altivez com que hoje protestava contra as vergonhas do constitucionalismo, reagia n'esse tempo contra o *magister dixit* e o regimen jesuitico e affrontoso do cathedratismo universitario.

A historia da sua reprovação no 4.º anno da faculdade de mathematica e do seu concurso para lente estão ainda por fazer, como vivos estão ainda alguns dos personagens que n'ella representaram um bem odioso papel. Quando um dia nos resolvermos a pormenorisar esses factos, ver-se-ha quanta energia e tenacidade foram necessarias a esse homem digno de melhores dias e de melhor paiz, para conquistar no professorado o logar que hoje occupava, a despeito das villanias e perseguições dos cretinos e dos maus.

D'ahi em diante, a sua attitude é sempre a mesma. Não ha na sua vida particular ou publica a suspeita de um acto menos digno. De resto, ninguem se atreveu nunca a morder n'aquella consciencia tão integra e tão pura.

*

Como professor, escravo do seu dever, o nosso Mestre viveu sempre uma existencia recatada, alheio ao embate das paixões politicas entre os seus collegas e aos desaguisados e intrigas entre capellos. Mantendo sem exforço nem convencionalismo a sua natural superioridade, José Falcão nunca subscreveu uma injustiça, nunca sanccionou uma vingança, nunca fez parte de *cotteries* academicas. Cumpria o seu dever e lamentava o resto. Era adorado pelos seus discipulos e adquirira uma reputação de dignidade profissional que por ninguem era contestada.

A sua competencia scientifica era geralmente reconhecida. Vastidão de conhecimentos, intelligencia extremamente lucida, razão clara e sã e um methodo de ensino de cuja efficacia podem dar seguras provas os seus numerosissimos discipulos.

Regendo primitivamente a cadeira de mechanica celeste, regia ultimamente a cadeira de astronomia, sendo promo-

vido por decreto de 13 de março de 1888 a primeiro astronomo do observatorio e por portaria da reitoria de 28 de julho de 1892 a director interino do mesmo, no impedimente do effectivo, tendo a seu cargo o principal trabalho das ephemerides, do qual se desempenhava, por fórma a despertar a admiração dos seus collegas e discipulos.

Devem-se-lhe, além d'isso, notaveis publicações na sua especialidade, e entre ellas as seguintes: *Resolução das equações pelo methodo de Vronski* (dissertação), *Theoria das determinantes*, *Estudos sobre o circular meridiano*, etc.

*

A sua actividade era vasta e multipla; a area dos seus conhecimentos extensissima. A philosophia positiva tinha n'elle um dos seus mais valiosos adeptos. E não lhe eram extranhos os primores da litteratura e da arte.

Mas o seu melhor titulo ao reconhecimento da democracia portugueza e do paiz, é a sua acção moral, a influencia suggestiva do seu caracter, a energia disciplinadora do seu temperamento e a fórma incondicional e absoluta porque elle se dedicava á reconstituição de uma consciencia patria.

Para esse trabalho effectuado no periodo algido do seu doloroso padecer, para esse proselytismo que não encontra *simile* na vida politica portugueza, para essa inteira abdicação de si proprio em prol do rejuvenescimento da sua patria, é que não ha expressões que fielmente traduzam os sentimentos que n'esta hora de intensa angustia nos dominam.

O que elle fez é grandioso! O que o Mestre conseguiu é inacreditavel. Vê-se, observa-se e ainda se duvida.

José Falcão entrou na vida activa do partido republicano portuguez logo depois do movimento de 31 de janeiro, e, desde logo, occupou no partido uma chefia *de facto* que, mais tarde, em setembro do anno findo, se tornou de *direito* em assembleia magna do partido no Porto.

O motivo que o levou a dedicar-se por completo aos trabalhos partidarios, foi principalmente a paixão patrio-

tica, o amor pelo paiz. O nosso querido Mestre era a negação de quaesquer sentimentos ambiciosos ou interesseiros.

Tudo pelo paiz! Para elle nada queria. E, embora exercendo o prestigio de um chefe, nunca acceitou esse titulo sem que o partido lh'o reconhecesse officialmente.

Era modesto até ao exaggero em todas as manifestações do seu talento em que nada havia de convencional ou postiço. Orador notavel, dizia coisas sublimes, de cujo effeito decisivo se mostrava depois sinceramente admirado. Escriptor primoroso, os seus artigos eram a exterioração da sua alma e causavam sempre sensação profunda. Nada havia n'elle de amaneirado. Dizia o que sentia, sem uma entrelinha, sem uma emenda.

Para prova da sua modestia excessiva que quasi nos fazia sorrir, nos tempos em que julgavamos possuil-o ainda por largos annos, são prova significativa, estes trechos das suas cartas:

5 de outubro de 1891.

.....

«Não posso satisfazer o seu amavel pedido, porque eu não sou *escriptor;* não fallo quando quero; só sei dizer alguma cousa quando desperta um dormente que tenho dentro de mim; sou eu que lhe obedeço quando os acontecimentos o fazem acordar; por isso tão poucas vezes se ouve a minha fraca voz.»

.....

21 de dezembro de 1891 (respondendo a uma accusação injustissima que tentavam propalar contra elle).

.....

«Eu não quero tomar attitude de chefe de partido, e muito menos de chefe de um grupo com a minha clientella; seria esta marcha indigna do meu caracter, e, se porventura eu podesse valer alguma cousa, seria ainda prejudicial á causa que defendo. De panellinhas está o paiz farto e será indispensavel que o nosso partido se purifique tambem d'esta pecha que adquiriu com os maus exemplos.

De novo repito, meu caro amigo: eu não quero, porque não *posso,* ser chefe do partido. Collaboro até onde che-

garem as minhas forças e dou o meu conselho de *velho*, quando os novos m'o pedirem, ou m'o acceitarem.»

.....

16 de dezembro de 1891.

«Eu, como já lhe disse, não posso ser um chefe do partido republicano: as obrigações da posição exigem qualidades e condições que me faltam. Resido em Coimbra: prézo as minhas obrigações universitarias: sou muito doente; e falta-me a *grandeza pessoal* indispensavel: nem sou um homem de lettras, nem um tribuno, nem um publicista; n'estas condições seria imperdoavel que eu acceitasse uma situação, em que eu não podia combater na primeira linha e dirigir bem a acção do meu partido: por isso continuarei, como até aqui, a dar ao meu partido e ao paiz, o pequeno concurso das minhas qualidades e dedicação: mas isto sem hesitações nem temor.»

.....

17 de julho de 1892.

«Eu nem sou chefe, nem o posso ser: trabalho como posso e sei a bem do meu paiz.»

E mil outros documentos da nossa affirmação que seria ocioso enumerar.

Que attitude tão nobre! Que bello exemplo a imitar!

*

José Falcão era hoje, no partido republicano do norte do paiz, uma esperança para os que anciavam por uma transformação rapida e opportuna. Não circumscrevendo a sua acção aos processos do doutrinarismo politico, o nosso querido morto não duvidaria em um momento proximo assumir a responsabilidade do movimento, organisando a acção revolucionaria e orientando-a por fórma a congregar todos os elementos necessarios á pratica do acto revolucionario e á viabilidade do novo regimen.

Sob este ponto de vista, a morte de José Falcão é uma perda irreparavel que, pelo menos agora, não sabemos

como substituir. Para actos da natureza d'aquelles que nós esperavamos do fallecido, exigem-se condições especiaes e aptidões complexas que difficil é encontrar reunidas no mesmo homem.

Essas organisações privilegiadas raras vezes apparecem nos paizes em plena virilidade e muito menos no nosso, onde a podridão moral é quasi completa.

Por isso, em presença da evidencia dos factos, não duvidamos confessar o quanto essa perda é dolorosa para o partido republicano e para o paiz, e damos razão aos que no partido a julgam um contratempo grave.

*

Descance em paz a memoria do melhor de nós todos. No curto espaço de dois annos é a quinta perda grave que soffremos.

Parece que a fatalidade ou a má estrella que presidem aos destinos do paiz, se obstinam em lançar para o tumulo os bons, os honestos e os puros.

Hontem, Latino Coelho, Elias Garcia, Sousa Brandão e Castello Branco Saraiva. Hoje, José Falcão. Amanhã, quem sabe, talvez nós. É preferivel. Ao menos, os que morrem agora ainda levam uma esperança; mas, os que lhes succederem, é provavel que já vão amortalhados na alva ignominiosa da tutella do estrangeiro.

*

Se, porém, os exemplos de hombridade e de civismo, podem ainda acordar n'este paiz echos sympathicos, se o exemplo de uma vida inteiramente consagrada ao austero cumprimento do dever, encontrar imitadores dignos da grandeza da obra, se n'esta terra a honra, a dignidade, a virtude e o amor patrio despertam ainda a veneração e o respeito das multidões, se n'este paiz existem o brio, a energia e o respeito necessarios para dedicarem á memoria d'esse homem um preito merecido e justo, n'esse caso a memoria de José Falcão póde ainda ser a inspiradora de uma grande obra.

*

São horas de terminar. E fal-o-hemos, citando as palavras, que a respeito do illustre extincto escrevia ha poucos dias o nosso eminente correligionario Guerra Junqueiro:

«O partido republicano apresenta hoje um homem de governo, com auctoridade moral e intellectual de primeira ordem, um d'estes caracteres, abruptos, dominadores, indomaveis, alliados e uma intelligencia assimiladora e profunda e á comprehensão detalhada e synthetica dos gravissimos problemas a resolver n'este momento, problemas de vida ou de morte para a nacionalidade portugueza. Esse homem *raro e indispensavel* é o José Falcão, escuso dizel-o.»

Cunha e Costa.

*

NOTAS SOLTAS

O dr. Falcão deixa viuva, uma senhora distinctissima pelas suas qualidades de espirito e de coração, e dois filhos, Pedro e Paulo.

O Paulo frequenta o 5.º anno de direito e teria concluido a sua formatura no anno lectivo findo, se não se recusasse altivamente a subscrever o ignobil decreto do sr. José Dias que obrigou os academicos que tomaram parte na *grève* contra o reitor a mentir á propria consciencia. E' intelligente e honrado. Em tudo digno successor de seu pae. Em ferias do 4.º anno esteve no Porto praticando no escriptorio do nosso distincto collega e particular amigo do fallecido, dr. Cerqueira Gomes. Destina-se á advocacia que conta exercer n'esta cidade. Tinha por seu pae uma adoração illimitada.

O Pedro destina-se á carreira medica. De uma capacidade mais do que vulgar, tem sido sempre premiado. Atravessou ultimamente uma terrivel crise nervosa de que apenas convalescia. Espirito concentrado e reflexivo. Aptidões multiplas. Caracter honestissimo. Por seu pae o mesmo carinho e a mesma dedicação.

*

O dr. José Falcão era sinceramente affeiçoado a alguns estudantes do grupo republicano da Academia de Coimbra. Recordamo-nos de o ouvir citar com expressões de verdadeiro affecto, entre outros, aos nossos queridos camaradas Silvestre Falcão, Antonio José de Almeida e Affonso Costa. Os enthusiasmos da geração nova enchiam-n'o de prazer e mais lhe fortaleciam a inabalavel crença no futuro do paiz.

*

Uma phrase do dr. Falcão que bem define a boa vontade e dedicação que elle votára ao seu paiz e ao seu partido.

N'uma das vezes em que veio a esta cidade, bastante doente e com grande sacrificio, porquanto o seu estado de saude era sempre melindroso n'estes ultimos tempos, pronunciou estas palavras que nos ficaram bem gravadas na memoria:

— Meus amigos, eu conheço-me e sei que pouco viverei, uns tres annos, se tanto. Se vêem que *isto* lhes póde ser util para alguma coisa, tratem de me aproveitar n'este curto espaço de tempo.

Mas nem tanto viveu o grande homem. Talvez tres mezes apenas sobre aquellas suas palavras.

*

A ULTIMA CARTA

A ultima carta que recebemos do nosso illustre chefe, talvez a ultima que elle escreveu, é datada de 7.

Transcrevemol-a na integra:

«Travasso, 7 de janeiro de 1893.

Meu presado amigo:

Beijo-lhe as mãos pelo favor da sua carta.

Meu filho está em rapida convalescença. Terriveis e persistentes insomnias tinham feito que o meu pobre

Pedro soffresse, durante oito dias, uma crise nervosa horrivel. Chegou a recusar todos os alimentos, e com a consciencia clara e nitida do seu horroroso estado. Esteve a morrer de fome!

No dia 31, rapidamente, só pela promessa de o levar para a Granja a banhos de mar, começou a comer com bom appetite, o seu pulso tomou o rithmo normal, a crise nervosa desappareceu totalmente, levantou-se, e até hoje caminha em rapida melhora. Um verdadeiro milagre!

Conto ir para Coimbra na proxima segunda-feira, e alli me tem sempre ás suas ordens.

No dia em que meu filho voltar ás aulas, e espero que elle em breve dias tenha forças para isso, n'esse dia entrarei de novo, crente e dedicado, nos nossos trabalhos jornalisticos.

Mande o seu grato amigo
José Falcão».

*

A Commissão Executiva do Partido Republicano no Porto enviou á familia do fallecido o seguinte telegramma:

Porto, 14, ás 3 h. e 17 m. da t. — Paulo José Falcão — Coimbra. — A morte de seu extremoso pae é uma perda irreparavel para o partido republicano e para o paiz. No meio da sua dôr deve, porém restar-lhe o grato consolo de que, a esta hora, quanto em terra portugueza existe de honesto e de viril chora no dr. José Falcão a perda de um grande portuguez, de um verdadeiro patriota. Nós, além d'esses sentimentos communs a todo o paiz honrado, choramos a falta do melhor dos chefes e do mais dedicado dos amigos. Como successor das virtudes do fallecido e seu representante, rogamos-lhe, Paulo, que transmitta a sua virtuosa mãe e a seu irmão Pedro a expressão da nossa profunda magua.

A Commissão Executiva do Partido Republicano no Porto — *Maximiano de Lemos, Dias Valle, Magalhães Lemos, Amandio Gonçalves, Xavier Esteves, Cunha e Costa.*

*

A redacção d'este jornal enviou á familia do finado o seguinte telegramma:

Familia Falcão — Coimbra. — A redacção da *Voz Publica* envia sentidas condolencias e faz-se representar no funeral.

*

Entregaram cartões n'esta redacção afim de serem enviados á familia enluctada os seguintes cidadãos.

M. T. Sousa Brandão, Miguel Gomes da Silva, Manuel Rodrigues Ferreira, João Ferreira Botelho, Alvaro Nunes Pereira da Motta, Felisberto Areias, Antonio Areias, Narciso Areias, Alipio Alves Cardoso e Emilia Rosa Guedes.

*

Sr. redactor d'*A Voz Publica:*

Foi com profunda magua e verdadeiro sentimento que recebemos a infausta noticia do passamento do nosso prestigioso chefe o sr. dr. José Falcão, fallecido hoje em Coimbra.

Associando-nos do intimo do coração ao lucto que cobre n'este momento o partido republicano portuguez, de que fazemos parte, rogamos a v. o favor de dar em nossos nomes os pezames á familia do illustre e saudoso morto.

Porto, 14 de janeiro de 1893.

João da Costa Brandão, Abilio de Brito, Victor Manuel da Rocha, Ricardo Peres da Veiga, Antonio Pinto d'Oliveira, Manuel Joaquim Araujo Vieira de Carvalho.

*

Sr. redactor d'*A Voz Publica*:

A commissão eleitoral da rua da Bainharia, em vista do infausto acontecimento por que o partido republicano acaba de passar com o fallecimento do seu illustre chefe o sr. dr. José Falcão, sentindo devéras tão inesperado quão terrivel golpe, e não podendo, como era o seu mais entranhado desejo, fazer-se representar por alguns dos seus membros, vem por este meio pedir a v. para que se digne inserir nas paginas do seu acreditado jornal, os mais sinceros sentimentos enviados á angustiada familia do illustre finado.

De v. correligionarios e obrigados,

João Antonio Macedo, Antonio José Andrães, José Antonio Correia, José Teixeira Alves, Eugenio Cesar d'Azevedo, Henrique José dos Santos e *Armando Cesar de Azevedo.*

*

O FUNERAL

Coimbra, ás 8 h. e 31 m. da t. — O enterro do dr. José Falcão realisa-se ámanhã, ás 3 horas da tarde, sahindo o prestito da sua casa na rua da Trindade. O Directorio do partido republicano offerece uma corôa e faz-se representar pelo dr. Philomeno da Camara. A Commissão Executiva do partido em Coimbra fez convites a todos os seus correligionarios e liberaes da cidade. Ha já muitas corôas offerecidas. Espera-se a comparencia de muitos dos nossos confrades de Lisboa e Porto. O cadaver está sendo velado em camara ardente por turnos de amigos e correligionarios. Nota-se em toda a cidade profunda consternação. A classe academica acha-se dominada por um profundo sentimento de dôr. Todos os lentes da Universidade, ao saberem do luctuoso acontecimento, suspenderam

immediatamente as aulas, fallando com profunda homenagem das virtudes do finado.

O caixão vae á mão para o cemiterio de Santo Antonio dos Olivaes. Toda a cidade vae prestar o ultimo preito ao grande morto.

Vieira.

*

CONVITE

As commissões directora e executiva do partido republicano no Porto lembram a todos os seus correligionarios que é um dever de respeito, gratidão e solidariedade partidaria fazerem-se representar no funeral, ou enviarem cartões á familia do que tanto se dedicou pela prosperidade do partido republicano portuguez e pela obra da redempção nacional.

*

Egual convite faz a redacção da *Voz Publica.*

*

As commissões e pessoas que vão assistir ao enterro do nosso illustre chefe seguem hoje da estação de Campanhã para Coimbra, no comboyo que parte ás 8 e 45 m. da manhã.

Todos os nossos correligionarios que não desejem enviar as suas condolencias á familia enluctada, pelo correio, podem entregar hoje na *gare* os seus cartões aos representantes do nosso jornal e d'*A Portugueza*, porque os nossos collegas encarregam-se d'essa sacratissima missão.

(Voz Publica, n.º 841*)*

Dr. José Falcão

Desappareceu nas sombras do tumulo um dos homens mais leaes — o mais leal porventura — de quantos a

morte que parece ter escolhido de preferencia o partido republicano para sua funebre colheita, nos tem arrebatado.

N'outro seculo dir-se-hia que um veneno subtil ignorado, desconhecido, mysterioso, ia sendo propinado clandestina e criminosamente aos membros mais illustres do nosso glorioso partido.

Mas não nos desalentemos.

Que a memoria do homem illustre, que a morte acaba de arrebatar-nos seja um incentivo para continuarmos na lucta por elle tão brilhantemente encetada.

Perdeu-se com José Falcão uma força, uma grande força, uma grande energia.

Os partidos, porém, devem estar sempre preparados para estes grandes golpes, que, em vez de nos desanimarem, nos devem retemperar. Retemperemo-nos, pois, dividâmos aquella grande energia por todos nós, que somos muitos, — por outra, redobremos de vigor e conseguiremos o nosso fim.

Seja a memoria de José Falcão o nosso norte, o nosso guia, o nosso exemplo, e attingiremos o alvo que nos propomos.

Deixemos, pois, repousar descançadamente no humilde cemiterio de Santo Antonio dos Olivaes o cadaver do homem illustre.

Deixemol-o, até que o partido republicano, que tambem ha de ter um dia um pantheon para os seus mortos queridos e illustres, possa para lá transportar mais este, e reunir assim os restos d'aquelles a quem um mesmo ideal unira em vida.

Lá terá o seu logar ao lado de Henriques Nogueira, de Oliveira Marreca, de José Elias Garcia, de Sousa Brandão, de Castello Branco Saraiva, de Latino Coelho, e de tantos, que a morte, no seu ceifar incessante, nos tem tão cruelmente arrebatado.

*

A MORTE

O dr. José Falcão sobre todas as suas bellas qualidades de homem e de cidadão era exemplo de paes; estremecia doidamente seus dois filhos: Pedro e Paulo Falcão.

Pedro Falcão adoecêra, e adoecêra gravemente; estivera ás portas da morte, disséra-se.

Tudo quanto um sentimento de pae póde experimentar, ao ver o filho em perigo, tudo José Falcão sentiu e no seu organismo, já debilitado, iam esses desgostos, essas afflicções, produzindo o seu fatal effeito.

Chegou a vez de o pae cahir; mas, como dissemos, o dr. Falcão era um doente; de ha muito que uma tysica mesenterica lhe minava a existencia.

Um dos tuberculos do intestino avolumára-se; como resultado veio o volvo, accidente terrivel que lhe alanceou de atrozes soffrimentos as ultimas horas da sua vida.

O nosso querido chefe adoecêra gravemente na sexta-feira. Mas desde terça, que, por se sentir adoentado, deixára já de reger a sua cadeira.

Desde sexta-feira porém que a gravidade do seu estado se revelou. A esperança de o salvar desappareceu do coração de seus amigos, como já o dava a entender o desolador telegramma por nós recebido e publicado.

No sabbado ao meio dia, sentindo-se peior, ainda que com o espirito perfeitamente lucido, era ungido.

Cerca da uma e meia, pediu a seu primo, o sr. Bastos, que o ajudasse a erguer-se, o que este fez; este acto, porém, pareceu em demasia demorado a quem o sustinha que olhando attentamente, viu que se evolára para as regiões do infinito o espirito d'aquelle grande homem.

José Falcão estava morto!

*

CARTAS DE LISBOA

15 de janeiro de 1893.

José Falcão...

A morte d'este homem põe a dentro do meu espirito sincera magua. Foi ha vinte e dous annos que a sua defeza da *Communa de Paris* produziu escandalo monumental entre os escribas e outros irritados contra o incendio de lupanares historicos. José Falcão não defendeu os incendios,

nem os *excessos da demagogia*. Limitou-se a consideral-os uma resultante e a assignalar a ferocidade dos repressores e os applausos que de sentinas pensantes testemunhavam preito a essa ferocidade...

Eu admirei e venerei quanto de nobre havia n'essa defeza: — era a defeza inteira.

O homem não cheguei a vêl-o.

*

Dizem-me velhos camaradas seus — que elle foi o mais completo espirito da sua *camada*. Um mathematico, um pensador, um philosopho — e um opulento coração. Um tanto misanthropo, era affavel e expansivo para com os caracteres bons, que lhe conquistaram sympathias. Os jornaes monarchicos affirmam que o paiz perdeu em José Falcão uma individualidade culminante. Quero crêr que não exaltam as qualidades do grande morto — para avolumar a perda que nós soffremos.

José Falcão merecia este espontaneo e geral accordo. Foi bom, tendo soffrido. É de presumir que a sua bondade fizesse a indifferença desdenhosa pelos inimigos, — *temperamento* ao fundo do processo. Nos dominios das Sciencias dizem os competentes, foi illustre. Nos da crença democratica, nos da austera probidade — todos nós sabemos o que elle foi: a mais pura memoria para seus filhos e para os continuadores do seu trabalho!

Parece-me que o partido republicano atravessa o periodo em que os seus servidores mais desinteressados resvalam, organismos fatigados, á sepultura. Resposta á Morte: — «Unir fileiras!» E os... de menos desinteresse formarão ao menos a *chair à canon* para o dia do sacrificio imposto...

*

Beijo o nome d'esse homem que foi um alto e puro espirito e um coração generoso...

.....

Silva Pinto.

*

NOTAS SOLTAS

Foi tão dolorosa a impressão que tão fatal acontecimento produziu no paiz, que temos recebido de toda a parte cartas, telegrammas e bilhetes, sentindo a enorme catastrophe.

De Guimarães chegou-nos o seguinte telegramma:

Guimarães, 15, ás 4 h. e 53 m. da t. — É sentidissima aqui a morte do dr. José Falcão.

(Do nosso correspondente)

*

Do nosso presado collaborador padre Oliveira:

Guimarães, 15, ás 4 h. e 65 m. da t. — Ao prototypo da integridade de caracter e da honestidade politica, uma saudade.

Padre Oliveira.

*

Na Sociedade Litteraria Luiz de Camões, realisou-se uma sessão, de que hoje não podemos dar noticia, como seria nosso desejo, sessão em que por proposta do sr. Cervaens y Rodriguez foi enviado o seguinte telegramma a um dos filhos do grande morto:

Ex.mo Sr. Pedro José Falcão — Coimbra — Assembleia geral da Sociedade Litteraria Luiz de Camões, Lordello do Ouro, reunida, depõe nas suas mãos sentidissimos pezames, pelo traspasso do Grande Luctador pela Liberdade d'este povo, seu ex.mo pae dr. José Falcão.

Corpos gerentes.

*

Teem-nos mandado cartas pedindo-nos para apresentarmos os seus pezames ao partido e á familia enlutada os seguintes srs.:

José d'Assumpção, José Alves Velludo Junior, Julio Augusto Cesar, José Ignacio Pereira do Valle, Francisco Abelenda Pereira, Antonio d'Oliveira, Joaquim Sousa Ribeiro, José Ferreira dos Santos, José Alves Netto, e o sr. Henrique Correia de Figueiredo pelo grupo republicano de Valença.

*

Tambem nos teem enviado bilhetes de condolencia, com o mesmo fim os srs.:

Manuel da Silva Brandão, Arthur Pinhel Barreto Brandão, José Alves Velludo Junior, Joaquim Ribeiro Cerqueira, José Maria Gomes Vieira e José Teixeira Bastos.

*

Por motivos de saude é que o nosso prezado amigo e distincto poeta Guerra Junqueiro, amicissimo do dr. José Falcão, não foi a Coimbra.

O nosso prezado correligionario tenciona ir brevemente, logo que possa, em sagrada romagem junto da ultima morada do nosso para sempre chorado chefe.

*

D'um nosso assignante de Montalegre, recebemos o seguinte telegramma:

Montalegre, 17, ás 9 h. e 15 m. da m. — Envio as minhas sentidas condolencias pela morte do chorado e eminente republicano dr. Falcão.

O assignante Gonçalves.

(A Voz Publica, n.º 842).

Aos republicanos do norte

Concidadãos

A morte do nosso eminente chefe dr. José Joaquim Pereira Falcão parece ter lançado um certo desanimo nas fileiras das aggremiações republicanas do norte do paiz, até agora tão unidas e tão confiantes e dedicadas.

Sem quererem por qualquer fórma diminuir o valor real d'essa perda, que tão profundamente enluctou o partido republicano portuguez, os signatarios d'esta circular lembram aos seus correligionarios que a maneira mais digna e mais significativa de honrarem a memoria do nosso querido morto é imitarem-lhe as virtudes civicas e cumprirem na integra as indicações e os conselhos que n'este periodo de dois annos de lucta elle deu á população republicana e aos seus collegas na direcção do partido.

O nosso querido chefe morreu na hora em que a sua falta podia tornar-se mais sensivel. Alliando á prudencia de um chefe organisador e responsavel as energias de um revolucionario, o dr. José Falcão era o elo que prendia estreitamente os elementos conservadores do nosso partido ao grupo avançado ou radical, inspirando a todos os temperamentos, dos mais audaciosos aos mais timidos, uma confiança absoluta e illimitada.

Exemplarissimo na sua vida particular e democratica, modelo de probidade e lealdade politica, professor distinctissimo e como nenhum outro cumpridor dos seus deveres, espirito de extrema lucidez, intelligencia rara, versado em todos os ramos da sciencia sociologica, patriota ardente até ao exaggero, inaccessivel ao medo, fazendo de boa mente o sacrificio da vida se tal sacrificio fosse necessario ao que todos, bem ou mal, julgamos a felicidade do paiz, o dr. José Falcão representava para o partido republicano uma enorme força moral, a toda a altura das necessidades e das urgencias do actual momento.

Mas, todos nós, os que fomos seus collegas ou soldados obedientes e disciplinados, temos o dever impreterivel de

continuar-lhe a grandiosa tradição moral e civica. A precipitação dos acontecimentos não permitte que se conceda á livre manifestação da dôr todo o ambito que ella poderia reclamar. Da memoria d'esse morto illustre cumpre fazer uma bandeira em torno da qual nos concentremos todos, os que o amavam e respeitavam, substituindo pela união cada vez mais intima das obscuras dedicações o vacuo enorme deixado por esse vulto de auroreal grandeza civica.

Treguas á dôr, porque póde trazer-nos essa *apagada tristeza* que desalenta os caracteres e entibia as energias. A patria reclama manifestações de vida; a obra a fazer é immensa e para leval-a a cabo não são demais todos os esforços.

O momento é decisivo. Dentro de alguns mezes o paiz vae liquidar por um movimento de heroica reacção ou pelo anniquilamento total das suas condições de existencia autonoma. De hoje em diante o partido republicano, se não comprehender a sua missão historica, começa a ter responsabilidades gravissimas na *debâcle* da nacionalidade, responsabilidades tanto maiores quanto abandonou ha muito o caracter embryonario para assumir a feição de *partido nacional*, assimilador de quanto de honesto e de puro existe ainda no paiz.

Á concentração monarchica, ás ameaças de governo pessoal e na previsão de graves acontecimentos na peninsula, urge oppôr a união intima de todos os *portuguezes* que, sem receios de desmentido, podem ainda usar esse velho tributo de nobreza.

O exemplo vem de perto. Na visinha Hespanha os varios matizes do credo republicano acabam de fundir-se apoz antagonismos de muitos annos. Os interesses da patria poderam mais que as rivalidades e as divergencias doutrinarias entre os chefes. Hoje, essa colligação formidavel é a garantia segura do proximo advento da Republica no visinho reino.

Façamos o mesmo. Unamos cada vez mais estreitamente os laços de confraternidade que devem solicitar todos os republicanos e não esqueçamos que o grande segredo do prestigio do chefe que a democracia e o paiz hoje pran-

teiam era a fé nos principios e a crença inabalavel no futuro.

Porto e sala das sessões da Commissão Executiva do partido republicano no Porto.

Maximiano de Lemos, presidente, *A. de S. Magalhães e Lemos, José Candido Dias Valle, Manuel Amandio Gonçalves, Francisco Xavier Esteves, J. S. Cunha e Costa,* secretario.

*

O nosso presado amigo e illustre correligionario dr. Alves da Veiga envia-nos o seguinte sentido telegramma:

Pariz, 18, ás 11 e 40 m. da m. — Recebo no exilio a triste noticia da morte do velho amigo e companheiro José Falcão. A Republica perdeu um representante illustre; a patria um grande cidadão.

Associo-me ao lucto da Democracia.

Alves da Veiga.

*

Recebemos do sr. Antonio Pereira de Sousa e Silva um cartão de sentidos pezames pela morte do nosso illustre chefe.

*

Recebemos a seguinte communicação dos nossos presados correligionarios da Figueira da Foz:

«A commissão municipal republicana do concelho da Figueira da Foz deplora que, em tão curto praso, se realisasse o triste vaticinio d'esse grande homem, cuja morte, na opinião geral representa bem mais do que a perda d'um chefe de partido singularmente prestigioso pelos seus talentos e virtudes.»

(A Voz Publica, n.º 845)

José Falcão

O nosso correligionario e compatriota sr. José Antonio Dias de Miranda, socio da firma fluminense Miranda Castro & C.ª, enviou á familia do nosso illustre chefe e ao partido republicano, por intermedio d'um seu amigo, os seus sentimentos de condolencia.

(*A Voz Publica*, n.º 863)

Dr. José Falcão

Do nosso querido correligionario e amigo, illustre poeta e exemplar ecclesiastico, padre Manuel Joaquim Sardinha, bondoso parocho de Iffanes, Miranda do Douro, recebemos a seguinte carta dedicada á illustre esposa do nosso finado e inolvidavel chefe José Falcão que, sem demora, publicamos:

«Ex.ma Sr.ª:

N'este momento lugubre para a nobre familia Falcão, lugubre para toda essa generosa e republicana mocidade das escolas e lugubre, em summa, para todos os verdadeiros patriotas, um humilde desconhecido, do concelho de Miranda do Douro, da fronteira, vos escreve.

Perdoae-lhe, excelsa dama, a insolita ousadia, que é reverente, que é piedosa!

Ah! podessem estas duas pobres linhas ser um como balsamo do ceu para o vosso despedaçado coração! Podessem ellas tambem anodynar a dôr arida, a dôr muda, aos entes adorados que ainda vos restam na terra!

Ex.ma sr.ª: — Humilde sacerdote d'essa Egreja santa a que ainda preside, por mercê de Deus, esse *doutor angelico* do seculo XIX que se chama Leão XIII, o que estas linhas escreve é tambem, desde a aurora da sua já extincta mocidade, um obscuro mas ardente patriota, de arreigadas convicções republicanas, pobre e misero franco atirador que, d'este occulto rincão, hoje chora comvosco o seu generalissimo tão cedo arrebatado pela Morte!

Mas que adoravel caudilho!

Á alta sciencia estrategica, á valentia e á serenidade admiraveis que tanto o distinguiam, ajuntava elle uma candida modestia encantadora, que o levava a não se ter por mais do que um soldado de fila!

E depois, era um sabio; não d'esses sabios christophobos que, por entre a propaganda generosa das ideias democraticas, vão semeando tambem ideias anti-christãs, — que não enchem, que antes alargam o vacuo do coração humano; — não d'esses sabios, pois, funestissimos auctores d'essa infernal sementeira d'onde vão nascendo os Ravachols, — esses barbaros hodiernos, que talvez cheguem ainda a victimar os que lhes deram o *ser:* — mas um sabio que nunca cerrou os punhos para o ceu e que não se envergonhou de receber, com humildade christã, os sacramentos que se administram aos enfermos e de ter, no meio da grandiosa apotheose com que o glorificaram na funebre jornada para o campo santo e á beira do sepulchro, as pias orações e os mestos canticos da Egreja, essa Mãe terna!

Ah! e não havia o pobre franco atirador e o humilde ministro de Deus de o chorar tambem comvosco e vossos filhos?!

Quanta fé e esperança na sua missão politica e social!

Mas tambem, que surpreza cruel e que brutal desencanto!

Andava eu dispondo-me para, da obscuridade d'este rustico e humilde presbyterio, lhe escrever a supplicar-lhe que não se olvidasse de impôr, se tanto fosse preciso, a sua grandissima auctoridade, afim de fazer cessar n'um paiz essencialmente christão, aquella propaganda dissolvente, que tão perniciosa ha sido á causa dos pequenos e opprimidos... quando, ai de mim! ininterruptamente me chegaram, pelo jornal *A Voz Publica,* tristes, tristissimas novas!...

Era, pois, verdade: acabara-se tudo! Aquelle coração adamantino cessara de bater! Aquelle potentissimo cerebro, tão admiravelmente equilibrado, cessara de funccionar!

Foi uma desgraça immensa, magoadissima senhora! Vivo *elle,* o auctor d'estas linhas e muitos, muitos outros, quando se tratava da Patria, criamos ver n'elle, mais que

um grande patriota, uma potencia! Morto *elle*, eis desenhando-se já, na extrema do horisonte politico, a imagem tristissima da Patria em poder do estrangeiro!

E roubou-nol-o a Morte!... e logo n'este momento!!...

Quando tão triste novas me chegaram, estava eu doente e mais doente me puz.

*

Passaram alguns dias; té que emfim, n'uma pequenina aberta que a doença e o muito serviço parochial me deixaram, pude pagar, e paguei, á memoria do grande cidadão, uma divida sagrada.

Foi isto (notavel coincidencia!) no dia dia 31 de janeiro, dia consagrado a lagrimas... e a esperanças tambem!

Sim; no dia 31 de janeiro prestou as honras funebres á memoria do grande patriota, não o pobre franco atirador, assim isolado, mas o humilde ministro de Deus, rezando uma missa por sua alma.

A esta missa, a que assistiu uma minha sobrinhita, que é o anjo do lar d'este humilde presbyterio, assistiram tambem, — sciente e conscientemente, — os mais intimos e doceis de entre os meus incultos parochianos.

E eram bellos, d'uma belleza selvatica, os tostados semblantes d'estes pobres montanhezes, em que se via pintada a tristeza, o que bem mostrava que, apesar da rudeza, comprehendiam e avaliavam, mais do que eu esperava de tão rude gente, a grande, a enorme perda nacional!

E como era tocante o seu recolhimento religioso, durante o incruento sacrificio!

E eu orei, orei por *elle*, os olhos rasos d'agua. Oh! que a Sabedoria eterna e infinita o coroasse de gloria, tambem, no capitolio do Empyreo, deante de toda a côrte celestial!

Depois de orar por elle, orei em seguida por esses pobres mancebos que, na fatal jornada do historico 31 de janeiro de 1891, cahiram, na heroica defensa da Republica, varados pelas balas da municipal, á voz do major Graça.

Tampouco me olvidei dos contrarios que morreram fieis a esse barbaro principio da obediencia passiva, cega, de automatos.

Eram todos portuguezes!

Ao *Memento* pelos vivos, não, não m'esqueci de vós, nobre senhora, nem dos muito amados filhos que *elle* vos deixou.

Felizes aquelles que ainda pódem *crer e esperar!* Ah! possaes vós todos esperar tornar a vel-o, áquella luz perpetua, e viver com elle eternamente na patria dos santos, onde não ha traidores, nem ladrões do *high life* — que enforcar!

Adeus, senhora, adeus.

Que os vossos bem amados Pedro e Paulo sejam, em tudo e por tudo, gloriosos continuadores de tão digno pae.

Adeus!

Que o ceu nos console a todos!

*

Post scriptum.

Ia já datar e firmar esta, quando me chegaram os jornaes, que logo immediatamente me puz a devorar.

Traziam coisas lindas!

A scena dos *panurgicos* ás turras contra o inclyto patriota e honestissimo caracter que se chama Rodrigues de Freitas, indignou-me sobre modo.

Ah! que se o vosso nunca assaz chorado esposo tivesse vivido ainda até esse dia em que tal scena se deu, e d'ella tivesse noticia, n'esse mesmo dia morreria, com certeza, de vergonha de ser portuguez com similhantes portuguezes!

Iffanes, 10 de fevereiro de 1893.

O reitor, *Manuel Joaquim Sardinha.*

(A Voz Publica, n.º 866)

Outras noticias, mensagens e telegrammas que a Imprensa publicou

O dr. Bernardo d'Albuquerque propoz na reunião em que os delegados dos districtos tratavam de eleger a commissão districtal, que se consignasse na acta um voto de sentimento pela morte do dr. José Falcão, o que foi approvado por unanimidade.

*

Ao cadaver foi tirada, em Santo Antonio dos Olivaes, a mascara de gesso por Francisco Meira, sob a direcção de João Vieira.

*

Os abaixo assignados, republicanos de Villa Nova de Gaya, profundamente consternados pela perda do seu prestigioso chefe dr. José Falcão, manisfestam, por intermedio da *Voz Publica*, á familia do illustre extincto a expressão do profundo pesar que sentem pelo fallecimento do seu chefe.

Villa Nova de Gaya, 17 — 1 — 93.

Antonio Cardoso Botelho, Antonio Nunes d'Almeida Junior, Casimiro d'Almeida Dias, Adão d'Azevedo, Antonio Maria d'Albuquerque e Castro, Benjamim Candido, Esteves de Carvalho, Antonio Gonçalves Pereira, Antonio José de Paiva, Antonio de Souza Mello, Celestino Luiz, Diogo Candido de Macedo, Francisco Ferreira Rebello, José Pinto Mourão, Julio da Rocha Coutinho, José Ferreira, José Antonio Pereira Ventura, Manuel Gonçalves Pinto, Manuel Rodrigues, Pedro Pinto Mourão, Tobias Ferreira da Cruz e Valentim Machado da Silva.

*

Um grupo de republicanos do Porto enviou a Paulo Falcão, a seguinte mensagem:

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Os abaixo assignados, os mais humildes admiradores da grande intelligencia, vastidão de conhecimentos e superior rectidão de caracter do vulto eminente que Portugal acaba de perder, e que tanto se orgulhava de possuir, procuram este meio para testemunhar a v. ex.a qual o seu profundo pezar e magua por tão nefasto acontecimento, que não só cobriu de lucto o partido republicano, de que o illustre extincto era talvez o mais dedicado e leal chefe e, sem duvida, o seu melhor ornamento, mas tambem o paiz inteiro, que reconhecia n'elle a sublime virtude — o verdadeiro amor pela Patria!

Ao ex.mo sr. Paulo José Falcão — Coimbra.

Porto, 18 de janeiro de 1893.

Dr. Antonio Claro, Miguel de Magalhães, Humberto C. Ferreira, Carlos José de Macedo, Henrique de Souza Brandão, Joaquim José da Silva Ribeiro, Antonio Peixoto Lopes Ramos, Francisco José Cardoso F. Guimarães, Antonio Ferreira Barbosa Dias, Cosme da Costa, Antonio Cardoso, Jeronymo Freitas Guimarães, José Joaquim Ferreira Marques, Augusto Leite da Costa, Eduardo Leonardo dos Santos Coelho, José G. d'Almeida Ribeiro, Joaquim Carlos Ferreira, Jacintho José da Silva, Vidal Oudinot, Antonio José Pinto de Miranda, Miguel Soares d'Araujo Abreu, dr. Severiano José da Silva, Antonio Joaquim d'Oliveira, Antonio José Ferreira Bret, José Urbano Silverio, Manuel Pereira d'Oliveira, Euzebio Gonçalves de Queiroz, Carlos Alberto Gonçalves Cardoso, Manuel José da Costa, Pedro Pereira de Castro Brito, Joaquim da Costa Carvalho, Florido Manuel d'Amorim, José de Souza Machado Sobrinho, Eduardo Augusto Vieira da Costa, Antonio Augusto Macedo da Costa, José Augusto da Fonseca,

Fortunato Mendes d'Oliveira, Cesar Augusto Guedes, Francisco Ferreira da Silva, Antonio Ferreira da Silva, Aloysio da Cunha Leite, Antonio Pereira da Silva, Bernardino Teixeira de Mesquita Bastos, Joaquim da Silva Garcia, Abilio de Faria, Antonio Caldeira, Narciso d'Albuquerque, José Maximo Grancamp, João Teixeira Mourão, Vicente Moreira, Francisco Ferreira.

*

Francisco Couceiro recebeu o seguinte officio:

Ex.mo Sr.

Pelo telegramma que v. ex.ª teve a bondade de nos enviar, soubemos da infausta morte do nosso prestigioso chefe, o dr. José Falcão.

Pedimos a v. ex.ª para apresentar em nome do partido republicano d'Aveiro os nossos sentidos pezames á familia do illustre finado e que v. ex.ª nos represente nas honras funebres.

Aveiro, 14 de janeiro de 1893.

O presidente do Centro Eleitoral Republicano d'Aveiro

Manuel de Mello Freitas.

*

Alves Correia recebeu o seguinte telegramma:

Um abraço pela morte do nosso predilecto amigo. Apenas tarde soube a triste noticia, aliás teria ido ahi mesmo doente — *Eduardo Abreu.*

*

Amorim de Carvalho, não podendo vir tomar parte na cerimonia da trasladação dos restos mortaes do illustre

fallecido, enviou a Paulo Falcão o seguinte telegramma de condolencia, em nome do Gremio União Latina:

Dr. Paulo Falcão — Coimbra. — Não podendo acompanhar o nosso presidente, dr. Duarte Leite, por havermos perdido o comboio, para vos abraçar em nome do Gremio União Latina, fazemol-o por este meio, protestando-vos a nossa solidariedade na dôr que acabaes de soffrer.

*

Cunha e Costa representou nos funeraes Bento Joaquim Pires Soares e Antonio Emilio de Magalhães, membros da commissão administrativa executiva para o que recebeu o seguinte telegramma:

Coimbra, 15, ás 11 h. e 55 m. da m. — Rogamos que nos faça representar no funeral do grande vulto da democracia significando á familia o nosso profundo pezar por tão grande perda. — *Bento Joaquim Pires Soares* e *Antonio Emilio de Magalhães.*

*

O partido republicano de Gaya, tinha resolvido fazer-se representar nos funeraes por Florido Toscano, Antonio Rodrigues Ribeiro dos Santos e João Rodrigues Valente Perfeito, mas como, á ultima hora, se tivesse achado incommodado um d'aquelles cavalheiros, enviaram ao dr. Philomeno da Camara o seguinte telegramma:

Os republicanos de Gaya solicitam de v. ex.ª a honra de os representar nos funeraes do nosso illustre e saudoso chefe dr. José Falcão.

Este telegramma era assignado por aquelles cavalheiros.

*

Na impossibilidade de a commissão eleitoral republicana, do Bomfim se fazer representar nos funeraes, o presidente

d'aquella commissão, Antonio dos Santos Pousada enviou a Antonio Augusto Gonçalves, director da Escola Industrial de Coimbra, o seguinte telegramma:

Gonçalves, director Escola Industrial — Coimbra. — Peço represente commissão eleitoral republicana, Bomfim, enterro dr. Falcão. Apresente sentimentos á familia. — *Pousada.*

*

A commissão republicana da Sé, foi representada pelo dr. Eduardo Vieira, a quem enviou o seguinte telegramma:

Eduardo Vieira, advogado — Coimbra. — A commissão republicana da freguezia da Sé pede a v. ex.ª para que os represente nos funeraes do nosso insubstituivel chefe, e seja interpetre dos nossos sentimentos á desolada familia. — *Ernesto, Rodrigues, João Ratto,* e *Sá Reis.*

*

Feio Terenas, que não poude vir pessoalmente tomar parte na manifestação de luto, telegraphou a Abilio Roque de Sá Barreto, rogando-lhe para representar *A Batalha* no enterro.

*

H. Salgado recebeu em Coimbra o seguinte telegramma:

Porto, 15, ás 11 h. e 5 m. da m. — Peço a fineza de me representar nas homenagens prestadas ao grande democrata dr. José Falcão e fazer sentir á familia a expressão do meu profundo pezar. — *Pires Soares.*

*

Serpa, 16, ás 11 e 20 m. — *Seculo* — Lisboa. — Em nome do partido republicano do concelho de Serpa, enviamos pezames á familia de José Falcão, cuja morte prematura sentidamente lamentamos. — *Dias Nunes.*

*

Sacavem, 16.—*Seculo*, Lisboa.—Os republicanos d'esta localidade lamentam com prantos a perda do eminente e sempre chorado chefe do partido republicano do norte, dr. José Joaquim Pereira Falcão. Curvam-se reverentes os que nunca olvidarão a sua respeitabilissima memoria.

A familia de José Falcão recebeu mais os seguintes telegrammas:

Da commissão do partido Republicano em Paranhos:

Familia Falcão—*Coimbra*—Commissão partido Republicano Paranhos (Porto), associa-se á vossa incomparavel magoa.

Presidente—*Julio Gama.*

*

Do dr. Nunes da Ponte em seu nome e em nome dos republicanos da Foz do Douro.

*

Dos republicanos de Mirandella:

Republicanos mirandellenses enviam sentidos pezames á familia e á patria do illustre extincto.

Assignado, *Mendes Bragança.*

*

Foram immensos os telegrammas, cartões e mensagens que a illustre familia enlutada recebeu. Não foi todavia sollicitada a sua publicação, por isso que, tendo sido dirigidos particularmente, por completo lhe pertencem, na intima significação da sua homenagem.

Do Brazil

Os promotores d'esta publicação, desejando que n'ella se encorporassem todas as homenagens que em lingua portugueza foram prestadas á memoria do Dr. José Falcão, pediram ao Sr. Carrilho Videira, actualmente no Rio de Janeiro, que conseguisse dos jornaes brazileiros os artigos que estes houvessem publicado em honra do grande morto.

Assim se condensariam n'este volume, sob a mesma apotheose, as consagrações feitas pelas duas patrias irmãs.

O distincto escriptor, que foi um grande admirador e amigo de J. Falcão, com extrema solicitude annuiu ao pedido que lhe foi dirigido e no *Tempo*, do Rio de Janeiro, de 5 de maio de 1893, fez no seguinte artigo um apello á imprensa do Brazil:

A' imprensa brazileira

O DR. JOSÉ FALCÃO

O partido republicano portuguez foi, ha mezes, dolorosamente surprehendido pela morte prematura do Dr. José Falcão, o homem de caracter, de saber e de probidade inconcussas, que em seguida á revolução do Porto, pela seriedade e firmeza dos seus actos, fora, pelo consenso unanime das massas democraticas, investido da suprema chefia do partido.

Em um momento bem angustioso, acto continuo ao desastre de 31 de janeiro. . . . . .

. . . . . .

foi nesse momento supremo de angustia, de desorientação e de covardia, que o austero e convicto democrata não hesitou mais um instante em abandonar o seu systematico retrahimento politico, sacrificando o repouso e os interesses pessoaes, para ir ao Porto distribuir os donativos com que os velhos e convictos republicanos brazileiros, senadores, deputados, jornalistas, banqueiros, commerciantes, etc., haviam concorrido ao appello que o auctor d'estas linhas formulára, na *União Federal*, em favor dos vencidos.

Desde então, o distincto lente de mathematica, na Universidade de Coimbra, o Dr. José Falcão collocou-se, com toda a dignidade e altivez, ostensivamente á frente do

partido republicano do norte de Portugal, abandonando o sul aos chefes de Lisboa.....

.....

A efficacia da sua acção foi tal, que em breves mezes estava o partido republicano completamente organisado nas principaes cidades e villas alem do norte do Mondego.

Esta região populosa, sempre a mais retardataria a decidir-se por um principio, quando o adopta, o seu triumpho pode considerar-se proximo e seguro. Os habitantes do norte vivem dos trabalhos agricolas, da industria e do commercio, são forças productivas, desconhecem o jogo da bolsa, não estão contaminados pelos vicios da côrte, nem pelo virus mephitico da burocracia e do militarismo.

Com o apoio sincero e decidido d'estes elementos valiosos dispoz-se José Falcão a eliminar a casa de Bragança e Orleans, causa do desmembramento da patria, do atraso intellectual e material da peninsula iberica, da immoralidade administrativa sem par em paiz algum, da penuria extrema e da banca-rota precursora da perda da autonomia.

Desde o dia em que foi pessoalmente ao Porto distribuir aos perseguidos os recursos que d'qui lhe foram expedidos, nunca mais deixou um instante de trabalhar pelo seu ideal. De alma e coração se dedicou ao seu proposito, sahindo quasi todas as madrugadas de quintas-feiras ou domingos de Coimbra, para ir á gloriosa capital do norte, alentar os prisioneiros, decidir os irresolutos, conciliar os discordes, attrahir os indifferentes, havendo-se com tal habilidade que não só decidiu o distincto publicista, Sr. Rodrigues de Freitas a acceitar a candidatura pelo Porto, como ali organisou as forças democraticas por forma que o candidato republicano teve superior votação aos monarchistas colligados, demonstrando assim bem frisantemente á monarchia que o povo portuense era republicano e só a traição e a covardia a salvara em 31 de janeiro.

Graças ao seu nome, ás gloriosas tradições de ter sido o companheiro querido de Anthero do Quental, o immaculado caracter e preregrino talento que iniciou, em Portugal, o moderno movimento scientifico e democratico.....

.....

José Falcão, occupando já elevado posto no professorado

da Universidade, foi o primeiro portuguez que ousou vir a publico, em 1871, explicar o fundo de justiça das aspirações da Communa de Paris, protestando contra os barbaros fusilamentos ordenados por Thiers no campo de Satory.

Foi elle ainda que escreveu a *Cartilha do Povo*, o evangelho da democracia que, ha annos, se via em todas as mãos populares e tão salutarmente orientou os espiritos no sentido democratico.

José Falcão, pois, pelo seu caracter imprimiu ao partido republicano uma seriedade e disciplina que nunca d'antes tivera, conseguindo attrahir-lhe a adhesão manifesta dos elementos mais illustrados, independentes e auctorisados de todo o paiz.

Os convictos eleitores republicanos de Lisboa tanto reconheceram isto que, nas ultimas eleições legislativas, o seu nome foi anteposto ao dos chefes afamados e incluido na lista eleitoral, com o de Eduardo de Abreu e o do seu collega na Universidade, Dr. Philomeno da Camara, sendo elle e este ultimo supplantados por outro candidato.....

.....

Não lhes convinha que a voz auctorisada e a opinião inabalavel do chefe querido do partido republicano se fizesse ouvir na camara, ao lado de Rodrigues de Freitas e de Eduardo de Abreu, uma trindade que constituia para a realeza um perigo, por reunirem os tres o saber, a convicção, a energia e o prestigio.

Poucos dias depois d'esta lucta, a monarchia teve a felicidade de perder o homem que mais temia e que sabia não recuaria mais ante obstaculo algum para derrotal-a e salvar o paiz.

O povo portuguez perdeu, n'este homem, o unico que proximamente o podia levar á regeneração, e ficou apenas entregue á direcção dos discipulos de José Falcão, moços recemformados e academicos distinctos, cujos talentos e convicções não são acompanhados, por ora, do preciso prestigio, que contrabalance o dos chefes enthronados e inuteis.

Esses discipulos, admiradores e amigos do illustre morto, constituiram-se ultimamente em commissão, da qual fazem

parte alguns collegas e amigos pessoaes de José Falcão, para o fim de lhe glorificarem a memoria pela maneira mais condigna.

Deliberaram assim publicar-lhe a biographia, escripta pelo collega que o substitue na cadeira de astronomia e na direcção do observatorio astronomico de Coimbra. O volume, além da vida de José Falcão, conterá mais todos os artigos que a imprensa portugueza, sem distincção de côr politica, escreveu a respeito do biographado, por occasião da sua morte.

Mas, como o povo portuguez, pelos infortunios passados e pelas aspirações e esperanças do presente, tem o seu destino ligado ao povo brazileiro, que hoje lhe serve de guia e lhe ha de perpetuar o nome e tradições gloriosas, se por ventura um dia a realeza o levar a perder a sua autonomia, como já lhe cavou a sua deshonra, a commissão de estudantes, constituida por distinctos e honrados moços, a elite da academia, deliberou incluir tambem, no referido livro, os artigos que a imprensa brazileira, sem descriminação de côr politica, tenha dedicado á memoria de José Falcão.

O producto da venda d'este livro será applicado a erigir no cemiterio de Coimbra um monumento á memoria do chorado chefe do partido republicano portuguez.

Para realisar-se, porém, este acto mais de confraternisação salutar da democracia brazileira victoriosa com a democracia portugueza em lucta, a commissão de academicos .....

.....

deliberou de, na qualidade de correligionario e velho amigo de José Falcão, nos honrar com o encargo de solicitar da imprensa brazileira esta cooperação, afim de se glorificar a memoria de um eminente e benemerito democrata portuguez.

Em desempenho, pois, d'este encargo honrosissimo, pedimos aos srs. directores dos diarios brazileiros a fineza de noticiarem este facto, enviando-nos, para o «Centro Republicano Portuguez,» rua da Ajuda n.º 79, no Rio de Janeiro, um exemplar do numero do jornal em que tenham noticiado a morte de José Falcão afim de breve enviarmos

estes artigos á commissão que deseja ultimar os seus trabalhos, no mais curto prazo possivel.

Carrilho Videira.

(O Tempo, — Sexta-feira 5 de maio de 1893.)

Mais tarde, com data de 12 de fevereiro de 1894, enviou o sr. Carrilho Videira a um dos promotores d'esta publicação a carta que segue, em que o illustre portuguez explica o silencio da imprensa brazileira:

Meu amigo

Em tempo competente, enviei-lhe d'aqui, registrado, o exemplar do *Tempo,* em que, segundo a sua auctorisação, expunha o generoso pensamento da academia democratica e convidava a imprensa brazileira a remetter para o Centro Republicano Portuguez do Rio de Janeiro, ou, para ahi, ao meu correligionario, qualquer artigo que tivessem publicado, por occasião da infausta e prematura morte do sempre chorado nosso amigo dr. José Falcão, o chefe incontestado do partido republicano portuguez.

Aqui, no Centro, nada se recebeu e presumo que outro tanto lhe aconteceu ahi.

Á primeira vista parecerá extranhavel este facto, mas cumpre-nos, com toda a lealdade, explicar os motivos que, em nosso entender, para tal resultado influiram.

O dr. José Falcão era um nome quasi completamente desconhecido no Brazil, o que não admira, se attentarmos em que, ahi, só se tornou popular e saliente em 1871, por occasião da sua calorosa defeza da Communa de Paris, desapparecendo logo para surgir tão digna e brilhantemente depois do insuccesso da revolução de 31 de janeiro.

Conhecedor dos homens e das cousas do nosso paiz ao ver abortada aquella gloriosissima tentativa para a nossa regeneração politica.....
.....tratei logo de, no limite de minhas forças preparar-lhes aqui apoio ou conforto moral. Abrimos na *União Federal,* de que eramos redactor,

e de que o meu amigo foi correspondente em Portugal, uma subscripção publica, constituindo uma commissão promotora d'esta com os prestigiosos nomes dos nossos distinctos correligionarios e meus amigos srs. drs. Paes de Carvalho, senador pelo Pará, Alexandre Stokler, deputado por Minas Geraes, e Julio de Castilho, deputado pelo Rio Grande do Sul. Esta iniciativa de favorecer os revolucionarios vencidos foi logo mal acolhida pela grandissima maioria da colonia portugueza do Rio de Janeiro e até o diario o *Paiz*, então dirigido pelo deputado constituinte do Ceará, o sr. José Avelino, censurou asperamente que os chefes republicanos brazileiros soccorressem os seus correligionarios portuguezes encarcerados e no exilio. O nosso apoio e solidariedade com o pensamento revolucionario e emancipador foi mais longe, pois que tendo recusado, até ali, annuir ás sollicitações para a organisação de um Centro Republicano Portuguez, accedi então a isso, o que me valeu felizmente ter de, pelo exposto, abandonar o cargo do redactor da *União Federal*, onde se me pretendia impor absoluto silencio a respeito do partido republicano portuguez.

Em todo o caso foi a *União Federal*, creio a primeira publicação que no Brazil fallou no doutor José Falcão. Completando o meu pensamento de attrahir auxilio e sympathico para os revolucionarios em 22 de abril de 1891, com cambio desgraçado, enviei ao nosso distincto e eminente amigo um saque á vista com a importancia da subscripção (Rs. 919$275 fortes) que conseguira aqui reunir e encarregavamol-o de, na companhia do meu amigo e de mais dois illustres academicos republicanos os srs. Silvestre Falcão e Augusto Barreto irem ao Porto distribuir essa pequena quantia pelos nossos correligionarios encarcerados e perseguidos pela monarchia. Em carta de 8 de maio de 1891, cuja publicação a *União Federal* recusou, mas que deu á luz o diario o *Novidades* do fim d'esse mez, o nosso infeliz e eminente amigo agradeceu a prova de confiança e dava conta da maneira digna como se desempenhara da sua missão.

Eu conseguira o fim de, por intermedio da generosa juventude democratica de Coimbra, fazer levar ao campo da acção republicana, o homem em quem, depois de Anthero

do Quental, ahi reconheci mais dignidade e virtudes politicas. Tornava-se urgente arranjar um chefe prestigioso para o partido republicano portuguez em crise, e, com a dedicada coadjuvação do meu amigo e dos seus amigos e collegas da Universidade, conseguimos pôr em evidencia decisiva o unico homem que podia levar-nos ao triumpho.

Aqui está explicado como foi que pela primeira vez no Brazil, nos parece, se fallou no nome do doutor José Falcão. Não admira, pois, repetimos, que aqui fosse completamente desconhecido, quando ahi acontecia outro tanto.

Agora, porem, vem a proposito expor-lhes os motivos do esfriamento de enthusiasmo e de sympathia que as novas gerações brazileiras vão sentindo e manifestando pelos escriptores nossos compatriotas.

Ahi formam-se muitas illusões e phantasias a respeito do Brazil contemporaneo, avaliando-o falsamente e com injustiça.

O glorioso facto historico de 15 de novembro é, em toda a Europa, deturpado e considerado como uma surpresa militar, quando, na realidade, não passa da resultante dos porfiados e grandiosos esforços que os brazileiros, durante cerca de um seculo, empregaram para implantarem, em seu solo, a Republica. Esta affirmativa attestam-n'a as revoluções republicanas de Minas Geraes em 1788 (Tiradentes ou Inconfidencia Mineira), a do Rio Grande do Sul, em 1833 (Republica do Piratinim ou dos Farrapos), a de Pernambuco em 1848 (Frei Caneca), para não citar outras manifestações menos importantes que o imperio cruelmente esmagou e condemnou ao silencio mais absoluto.

Os nosso compatriotas monarchicos e republicanos nada sabiam do Brazil contemporaneo, incluso jornalistas, filhos de brazileiros e ahi educados. Passava-lhes desapercebido o divorcio profundo da mocidade com a dynastia reinante, bem como a grandissima influencia que para o desmoronamento d'esta os trabalhos historico-politico e philosophicos dos srs. Oliveira Martins, Ramalho Ortigão e do auctor das *Soluções Positivas da Politica Portugueza*, exerceram aqui nos espiritos da juventude brazileira de ha uns dez a vinte annos para cá. As publicações sinceramente democraticas d'estes e de outros escriptores portuguezes actuaram po-

derosa e efficazmente na orientação intellectual e moral das novas gerações brazileiras. Sem faltar, no minimo, á verdade, posso affirmar que estes homens exerceram maior influencia sobre a juventude brazileira do que propriamente sobre os moços do nosso paiz. Advogados, medicos, engenheiros, militares, negociantes, industriaes e fazendeiros illustrados da Capital Federal e dos Estados, leram as *Farpas* primitivas, o *Portugal Contemporaneo* e as *Soluções Positivas da Politica Portugueza* e muitos trabalhos dos outros escriptores aqui mais justamente apreciados do que ahi.

Ora, são estes jovens de ha 15 annos, que hoje occupam os mais altos cargos no governo da União e dos Estados d'esta vasta e opulenta Federação republicana, succedendo mais o terem a satisfação e gloria de traduzirem os seus principios e aspirações em pratica. Elles conservam puras, immaculadas e vivas as suas crenças democraticas, bebidas em parte nas obras dos auctores que citámos. Na lucta sangrenta e nefasta que desgraçadamente vem travada, entre os esplendores sectarios dos privilegios da realesa e do capital e a convicta e heroica democracia brazileira, ahi estão bem patentes e frisantes os contrastes que ha, em ideal e caracter, entre os chefes republicanos portuguezes e os brazileiros. Em quanto estes com desapego, heroismo e amor patrio se sacrificam e dedicam a sua vida á consolidação da republica e do progresso da sua patria, os escriptores nossos compatriotas que foram outr'ora seus mestres e orientadores, resam, engordam e pagam, tornando-se aulicos, ministros, academicos reaes, deputados, pares, burocratas, commissionados favoritos, comparticipes ou comparsas do regabofe realengo e do esphacelamento da patria sacrificando aos prazeres do estomago e conforto domestico, a consciencia, a dignidade civica e o patriotismo!

Os escriptores portuguezes referidos imaginam ahi que o Brazileiro nato é um simile do nosso compatriota que lhes regressa opulento e impertigado, fallando de todos e de tudo com a auctoridade da sua commenda ou condado abrilhantados pelos diamantes, esmeraldas, topasios e sterlinas.

Pela enorme quebra soffrida ultimamente na venda dos seus livros, deviam elles ter já reconhecido que a juventude brazileira lê, pensa e avalia, com justiça, o caracter dos que apregoaram as boas doutrinas e praticaram exactamente o contrario. ....

.....

A mocidade brazileira nem moral, nem intellectualmente tem hoje nada a aprender nos escriptores portuguezes contemporaneos, porque perderam estes toda a auctoridade e prestigio em virtude do desaccordo absoluto dos seus actos com as suas opiniões propagadas.

Esta circumstancia reflecte-se hoje em tudo aqui. Podiamos muito bem proseguir na intimidade de relações estreitadas pelos interesses economicos, mas infelizmente a grande maioria da colonia não soube calar os seus sentimentos retrogrados e monarchicos, obedecendo ás leis do novo regimen que o paiz inteiro adoptou, com firmeza, e ahi está levantando o odioso das novas gerações brazileiras illustradas e fortes pelas suas convicções e honestidades.

Ha dias um velho e illustrado compatriota nosso, fazendeiro em Minas e aqui de visita, admirava a transformação que tão rapidamente se operava no modo de ser da colonia no Rio de Janeiro, e dizia-nos contristado:

«Eu sempre vi, no Brazil os portuguezes entregues completamente ao trabalho; hoje porem desconheço-os, seguem os exemplos que lhes deram os commendadores e titulares argentarios; patrões e caixeiros, novos e velhos jogam na bolsa, na roleta, nos prados, nos jardins, nas sociedades de recreio, em familia, não procurando mais do que o goso, a ostentação, emoções fortes, um desvario, uma enorme e irreparavel desgraça.»

O quadro se bem que conta excepções honrosissimas, abarca a maioria da colonia por infelicidade. Cumpria que ella aplicasse todo o esforço, toda a prudencia e tino em reconquistar o seu prestigio e consideração pelo trabalho morigerado, acabando com as suas hostilidades ás instituições republicanas e aos homens que trabalham por as pôr em pratica e as aperfeiçoar.

Eis aqui, meu amigo, o que entendi de urgente necessidade escrever-lhe para nota explicativa e creio que não

de todo inutil do honrosissimo monumento que essa generosa mocidade deliberou offerecer á memoria do nosso eminente amigo doutor José Falcão.

Capital Federal dos Estados Unidos do Brazil, 12 de Fevereiro de 1894.

Carrilho Videira.

Além d'esta carta, remetteu tambem o sr. Carrilho Videira um artigo seu que sahira no *Tempo* do Rio de Janeiro, de 23 de Janeiro de 1893, e que, pelas rasões que apresenta na carta precedentemente publicada, é, alem de ligeiras noticias, a unica, talvez, mas brilhante homenagem que o jornalismo do Brazil prestou á purissima memoria do dr. J. Falcão.

Dr. José Falcão

Por telegramma de Lisboa recebido no dia 14, sabe-se ter fallecido em Portugal o dr. José Falcão, distincto lente da faculdade de mathematica e director do observatorio astronomico da Universidade de Coimbra.

José Falcão era um caracter honestissimo, uma individualidade sympathica e um professor que caprichava em desempenhar bem o seu cargo. Collegas e alumnos o respeitavam e o estremeciam por egual, rendendo preito ao seu saber e á sua probidade comprovada. Nunca quiz abandonar o magisterio, como fizeram quasi todos os seus collegas contemporaneos, para trepar aos altos cargos sociaes que lhe era facil alcançar.

Elle professava um ideal politico que o collocava fóra da acção em que viu sempre envolvido o partido republicano. Não podia transigir nem especular com os partidos monarchicos, como faziam os seus correligionarios de Lisboa, mas reconhecia a necessidade que a sua posição lhe impunha de contemporisar, de não arvorar a bandeira democratica com o lemma que recommenda, para o triumpho

certo, ter-se toda a benevolencia com os adversarios e toda a intransigencia nos principios.

Ultimamente porém o seu acrisolado patriotismo sentiu-se rudemente ferido pelo *ultimatum* inglez, revoltou-se intimamente, abandonou o isolamento, o conforto da familia, reagiu contra a grave enfermidade que vinha devorando-lhe o organismo e apresentou-se na arena resoluto, activo, firme e cheio de prestigio, instigado e applaudido pela mocidade democratica da Universidade, a *elite* da juventude portugueza. Succedeu isto depois da revolução do Porto de 31 de janeiro de 1891.

Esta explosão nobilissima, mas infeliz do patriotismo portuguez foi o que decidiu o dr. José Falcão a entrar em lucta ostensiva contra os partidos monarchicos e a collocar-se á frente dos elementos republicanos dispersos nas provincias do centro e norte de Portugal, que foram as ultimas a acceitar os principios democraticos, mas fazendo-o afinal com a resolução que garante-lhe o triumpho.

No diario respectivo o *Novidades* de meiados do anno de 1891 sahiu publicada uma carta de José Falcão, dirigida a um seu amigo e correligionario, redactor do diario que então aqui abriu a subscripção publica entre os membros do congresso constituinte, a favor das victimas da revolução do Porto, acto de solidariedade republicana que tanto desagradou ao diario o *Paiz*. N'essa carta, tão sincera como leal, elle não só agradece este generoso concurso dos republicanos brazileiros e dos raros compatriotas portuguezes, como dá parte de ter ido elle proprio ao Porto distribuir os 2:800$000 fracos que essa subscripção produziu, explicando a razão porque o não haviam acompanhado os distinctos academicos que constituiam a commissão a que elle presidia para o desempenho d'esta augusta missão.

Tratava-se de favorecer os vencidos, os infelizes perseguidos pelo furor monarchico e a sua alma generosa não hesitou, foi, prescindindo de envolver n'aquelle acto despertador da vingança dos omnipotentes, os estudantes distinctos, caracteres intemeratos e puros.

Esta attitude digna e energica de José Falcão, animou os republicanos portuguezes que desalentavam.....

.....

José Falcão apparecendo, n'aquella hora solemne, decisiva, de perigo e angustia, prestou um relevantissimo serviço á causa democratica, porque collocou-se entre os chefes do sul desprestigiados e os revolucionarios do norte, conciliando-os e attrahindo para o partido o concurso de elementos valiosos, lentes da Universidade, das escolas de medicina, polytechnica, dos institutos industriaes e agricolas, escolas normaes, medicos, proprietarios, capitalistas, negociantes, operarios, as forças mais vivas do paiz, até alli indifferentes e abstencionistas, por não verem á frente do partido homens como José Falcão, que á probidade reunia o caracter e a energia, capaz de ir até ao sacrificio da vida.

Os ultimos manifestos do partido republicano do norte de Portugal ahi estão para comprovar o que avançamos.

Á sua attitude resoluta se deve ter o illustre publicista Rodrigues de Freitas acceitado a sua eleição pelo Porto, que foi uma brilhante victoria da democracia, alli tão cruelmente combatida.

Depois de 31 de janeiro parecia que o norte de Portugal ficaria perdido para o partido republicano.

Graças, porém, aos esforços de José Falcão o partido avigorou-se, tornou-se mais forte, unido e disciplinado do que nunca esteve no sul.

José Falcão já então bastante enfermo, desenvolveu uma actividade prodigiosa, uma abnegação que só a Republica é capaz de inspirar ás naturezas de *elite*.

Duas vezes por semana elle sahia, em noites de frio e chuva, de Coimbra ás 2 da madrugada para chegar ao Porto ás 7, trabalhando todo o dia em conciliar os discordes, decidir os irresolutos, presidindo, á noite ainda ás reuniões politicas, d'onde surgiu a actual e vigorosa organisação que hoje tem o partido republicano do norte de Portugal.

Esta obra de regeneração póde-se dizer que é exclusivamente sua. Estamos certos que elle baixou ao tumulo convicto de que o seu idéal proseguirá ininterrupto e rapido para um definitivo triumpho.

Para o seu exercito recrutou os mais valiosos e valentes soldados, cada um d'elles, só por si, capaz de dirigir as hostes intemeratas e aguerridas. Elle de certo morreu sa-

tisfeito com o esplendido resultado dos seus enormes esforços e as bençãos dos seus concidadãos imporão eternamente o seu nome ás gerações futuras, como o de todos os benemeritos que morrem trabalhando pela honra, gloria e progresso do seu paiz.

*

Nas ultimas eleições legislativas os republicanos convictos de Lisboa, querendo galardoar-lhe estes relevantissimos serviços escolheram-no para seu candidato, em excellente camaradagem com o dr. Eduardo de Abreu, moço de grande futuro, que o povo elegeu, apezar do trambolho de iberismo com que o quizeram inutilizar os partidos monarchicos colligados. José Falcão porem e o seu collega dr. Philomeno da Camara, lente de medicina da Universidade, foram ambos supplantados pelo quarto collega.....

.....

Não convinha aos monarchicos que na camara dos deputados entrasse, com Eduardo de Abreu e Rodrigues de Freitas, um homem de saber e austeridade, como José Falcão.

*

O que deixamos escripto dar-nos-hia ainda uma ideia incompleta de José Falcão, se por ventura não fallassemos do seu passado.

Este homem pertenceu á famosa geração academica de 1867, que effectuou, em Portugal, a revolução politica, scientifica e democratica, que prepondera na orientação actual da mocidade e das massas populares. Anthero do Quental era o brilhante e incontestado chefe d'esta escola e José Falcão um dos seus companheiros mais intimos e mais distinctos.

José Falcão, com um curso notavel entrou, porém, para o professorado da Universidade, o que o obrigou a moderar-se. Anthero, dotado de um talento extraordinario, irrompeu contra todas as velharias politicas e reli-

giosas, e ninguem até hoje conseguiu, no velho reino descarregar mais profundos botes nas funestas instituições do passado.

Elle era ainda bem joven quando o filho de Victor Manuel foi visitar Portugal. Ao chegar a Coimbra o corpo docente da Universidade, em gala, recebeu o filho herdeiro do rei glorioso que conseguira unificar a Italia. A academia escolheu para seu orador a Anthero, que na pessoa de Humberto saudou o nome gloriosissimo de Garibaldi, o soldado a quem attribuiu, e não ao rei, a unidade da Italia, em pleno salão da Universidade! Quando Anthero do Quental e os seus companheiros soltavam intemeratos o pregão da revolta contra as velhas instituições do seu paiz intellectuál e moralmente paralysado, a sua voz eccoou nas consciencias fortes e puras como o som estridente do clarim nas quebradas dos montes ao romper da aurora produzem um despertar alegre, vigoroso e saudavel. N'esse tempo e por muitos annos ainda os srs. Latino Coelho, Elias Garcia, etc., os semideuses da democracia, militavam ainda nos arraiaes academicos monarchicos. A este grupo de Anthero é que se deve a fecunda revolução litteraria, politica e scientifica que se operou nos espiritos em Portugal.

José Falcão era d'esta escola que nunca soube calar as verdades.

Por occasião da revolução de Paris, em 1871, quando a execração das classes conservadores cahiu, por interesse de Thiers sobre os membros da Communa de Paris e estes desgraçados só em Londres encontravam asylo seguro, José Falcão foi o primeiro portuguez que ousou publicar uma brochura, explicando o fundo de razão e justiça, que, no meio das exagerações naturaes, tinha aquelle movimento e reclamou commiseração e piedade para os vencidos. Este acto nobilissimo ia-lhe custando a cadeia, lançando-o na adversidade! Não é impunemente que se advoga a causa dos vencidos a que assiste um fundo de razão e de realidade pratica.

José Falcão já então por esse tempo havia desposado a filha do dr. Antonino, lente de philosophia na Universidade, e caloroso propagandista das doutrinas da revolução franceza e das theorias scientificas de Raspail.

A gentil e joven senhora passava por ser a mais formosa e uma das mais illustradas moças de Coimbra.

Foram esta virtuosa companheira, o estudo e o recto cumprimento do dever que constituiram a vida d'este homem, cuja perda a democracia portugueza hoje chora e cujo nome lhe servirá de rumo e de incentivo para porfiar na sua obra e alcançar breve a victoria do seu ideal.

Carrilho Videira.

(*Tempo*, de 23 de janeiro de 1893)

O ENTERRO

(NOTAS EXTRAHIDAS DE VARIOS JORNAES)

Velando o cadaver

O dr. José Falcão falleceu no dia 14 de Janeiro de 1893 ás 11 horas e tres quartos da manhã.

O seu corpo foi revestido das vestes academicas, levando todas as insignias cathedraticas, e em seguida mettido no caixão, que ficou litteralmente coberto de violetas roxas, camelias brancas e em volta guarnecido de heras.

Desde que foi encerrado no ataude até á hora de ser levado para a sua ultima morada, foi velado por turnos assim compostos:

Das 10 horas da noite ás 12 — dr. Luiz da Costa e Almeida, dr. Rocha Peixoto, Cassiano Augusto Martins Ribeiro, Manuel Augusto Rodrigues da Silva e dr. Eduardo da Silva Vieira.

Das 12 ás 2 da noite — Albertino de Pinho, Antonio Cajigal, Augusto Cymbron, Pedro Cardoso, João de Menezes e Antonio José d'Almeida.

Das 2 ás 4 da noite — Silvestre Falcão, Francisco Couceiro, Fernando de Sousa e Victor José de Deus.

Das 4 ás 6 da manhã — João José de Freitas, Germano Martins, Eduardo da Costa Mello.

Das 6 ás 8 da manhã — Alfredo Machado, A. Ribeiro de Mello e Eduardo da Costa Mello.

Das 8 ás 10 da manhã — Affonso Costa, Augusto Cymbron e Olympio Cajigal.

Das 10 ás 12 da manhã — dr. Rocha Peixoto, Cassiano Martins Ribeiro, Silvestre Falcão e Antonio José d'Almeida.

Desde esta hora até ao sahimento funebre foi tal a affluencia de visitantes á casa de José Falcão que os turnos tiveram de cessar.

O sahimento funebre

O sahimento funebre começou a pôr-se em ordem ás 3 horas da tarde. O prestito era numerosissimo. Viam-se n'elle: o reitor da Universidade, muitos lentes das differentes faculdades, academia, professores do lyceu, jornalistas, officiaes do exercito, funccionarios publicos, commerciantes, industriaes, proprietarios, operarios, membros das aggremiações democraticas de Coimbra, e as differentes delegações.

A chave foi entregue ao reitor da Universidade, o dr. Costa Simões, lente jubilado de Medicina.

O cortejo abriu pela commissão eleitoral democratica de Coimbra.

O feretro foi levado de casa para a egreja da Sé Velha e d'ahi até ao largo da Feira, pelos seguintes turnos:

1.º turno — Borlas: dr. Rocha Peixoto, dr. Henrique de Figueiredo, dr. João José d'Antas Souto Rodrigues, dr. Francisco Miranda da Costa Lobo, dr. Luiz da Costa e Almeida e dr. José Alberto de Sousa Pinto. Argolas: dr. Eduardo da Silva Vieira, dr. Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, Manuel Augusto Rodrigues da Silva, Antonio José d'Almeida, Silvestre Falcão e João de Menezes.

2.º turno — Borlas: dr. José Jacintho Nunes, Alves Correia, Adolpho Cyrillo de Sousa Carneiro, dr. Duarte

Leite Pereira da Silva, dr. José Manuel Cerqueira Gomes e dr. Cunha e Costa. Argolas: Cassiano Augusto Martins Ribeiro, Augusto Cymbron Borges de Sousa, Antonio Duarte de Mattos Areosa, Pedro Cardoso, Joaquim Antunes de Oliveira Coimbra, Antonio Ferreira Vaz, Antonio Pires de Carvalho, Jacintho de Freitas Morna e Ernesto de Vasconcellos.

Na egreja da Sé Velha foram-lhe cantados os responsos. No largo da Feira, foi o feretro mettido no coche funerario, seguindo para o cemiterio de Santo Antonio dos Olivaes. Seguia-se o carro das corôas, um outro conduzindo o reitor da Universidade, e mais cerca de cincoenta trens conduzindo diversos amigos do finado. O resto do cortejo continuou a sua marcha a pé, no largo percurso que vae d'alli ao cemiterio.

O trajecto foi o seguinte: rua da Trindade, Grillos, rua da Ilha, largo da Sé Velha, ruas das Covas e Colchas, largo da Feira, rua dos Estudos, arcos do Jardim e estrada de Cellas até Santo Antonio.

Pelas 5 horas da tarde parou ao fundo da escadaria o carro funebre. Apeado o feretro, tomaram as argolas do caixão: Cassiano Augusto Martins Ribeiro, Pedro Cardoso, Antonio Ferreira Vaz, Ernesto de Vasconcellos, Jacintho Freitas Morna e Pires de Carvalho. Ás borlas: dr. José Jacintho Nunes, Alves Correia, Adolpho Cyrillo Sousa Carneiro, dr. Duarte Leite Pereira da Silva, dr. José Manuel Cerqueira Gomes e dr. Cunha e Costa.

A meio da escadaria, deposto o caixão, que num momento se cobriu com as corôas e bouquets, foram proferidos discursos que uma multidão de 3 ou 4:000 pessoas ouviu attenta e silenciosa.

Delegações

De Lisboa: — Como representante do partido republicano o dr. Jacintho Nunes, como membros da imprensa democratica o dr. Magalhães Lima, do *Seculo* e Alves Corrêa da *Vanguarda*. O dr. Jacintho Nunes representou tambem os republicanos da freguezia de S. Miguel (de Lisboa) e os de Mação; Magalhães Lima representou os republicanos do Poço do Bispo que d'alli lhe enviaram telegramma n'esse sentido; Alves Corrêa os republicanos da freguezia de S. Christovão, do Sacramento e da Magdalena (de Lisboa), os republicanos de Oeiras e o dr. Eduardo d'Abreu que por falta de saude não poude comparecer. Veio tambem o dr. Bernardino Machado.

Do Porto: — Como representantes da commissão directora do partido republicano os drs. Azevedo e Silva Albuquerque, José Ventura dos Santos Reis, Duarte Leite e Forbes Bessa, e Salgado Lencart e Silva Doria; como representantes da commissão executiva os drs. Amandio Gonçalves e Cunha Costa; por *A Voz Publica*, o dr. Cunha e Costa e Adolpho Cyrillo de Sousa Carneiro; por *A Portugueza*, Heliodoro Salgado e Dyonisio Ferreira dos Santos Silva; pela Academia, Alfredo de Magalhães, José Augusto Anthero, José Moutinho de Vasconcellos e Samuel Tavares Maia; pela «Sociedade 31 de Janeiro» Silva Doria; pela Associação dos entregadores e distribuidores dos jornaes e como representante dos distribuidores dos jornaes republicanos do Porto, Samuel Teixeira de Castro; Heliodoro Salgado e Samuel de Castro representaram um grupo de republicanos formado pelo dr. Castro Pimentel, Valentim Pinto Ferreira, Pedro Duarte da Costa, Dias Pinto e outros; Heliodoro Salgado trazia tambem representação de republicanos do «Club de Propaganda democratica do Norte» e de Bento J. Pires Soares. Além d'outros vieram tambem os amigos de José Falcão, dr. Cerqueira Gomes, Catão Simões e Corrêa de Figueiredo.

De Mogofores veio Albano Coutinho.

O dr. Philomeno da Camara representou o Directorio republicano; Francisco Couceiro os republicanos d'Aveiro;

Sá Couto a *Lucta* e os republicanos de Braga; Antonio José d'Almeida representou Guerra Junqueiro e os jornaes republicanos *Alferes Malheiro, Ideia Nova* e *Grito de Janeiro.*

Corôas

Sobre o feretro foram depostas:

Corôa de velludo, malmequeres brancos; fita preta e branca — «Ao seu extremosissimo esposo e pae, saudade eterna».

Corôa de violetas, glycinias e rosas chá; fita azul e branca — «Ao seu querido primo e dedicado amigo, dr. José Falcão, offerece Augusto de Bastos».

Corôa grande de palmas entrelaçadas de heras e rosas chá; crepe preto e largas fitas encarnada e verde franjadas d'oiro — «Ao dr. José Falcão, os republicanos de Coimbra».

Corôa grande de violetas, saudades, amores perfeitos e rosas; crepe preto, fitas verde e encarnada, franjadas de prata — «O Directorio do Partido Republicano Portuguez, ao grande cidadão José Joaquim Pereira Falcão».

Corôa de hera, rosas chá e myosotis; fitas verde e encarnada — «*O Defensor do Povo*, a José Falcão».

Corôa de violetas, jacinthos, amores perfeitos e lilazes brancos; fitas verde e encarnada — «O Partido Republicano Michaelense, a José Falcão».

Corôa de violetas, lilazes roxos, glycinias e amores perfeitos; larga fita encarnada — «O curso do 5.º anno juridico de 1892-1893, ao dr. José Falcão».

Corôa de saudades e violetas — «Antonio Joaquim Valente offerece em testemunho de saudade e respeito pelo infeliz fallecido, dr. Falcão».

Corôa de loiro, rosas e palmas; fitas branca e azul — «Offerece Antonio M. Rego ao dr. José Falcão».

Corôa de violetas, martyrios e sempre-vivas, largas fitas pretas — «Os cursos do 2.º anno de mathematica e philosophia, ao dr. José Joaquim Pereira Falcão».

Corôa de violetas e martyrios; fitas branca e azul — «O curso do 4.º anno de mathematica — Alfredo Machado, Alvaro Basto, Arthur de Mello, ao seu saudosissimo professor dr. José Falcão».

Corôa grande de violetas, glycineas e rosas chá; fitas encarnada e preta — «Alguns estudantes republicanos ao dr. José Falcão».

Corôa de violetas, lilazes, rosas e amores perfeitos; fitas azul e branca — «O curso do 1.º anno de Mathematica, a José Joaquim Pereira Falcão».

Corôa de violetas e martyrios; fitas verde e encarnada — «A José Falcão, um grupo de admiradores do seu talento e caracter».

Corôa de hera e rosas chá; fitas verde e encarnada — «Ao dr. José Falcão, os estudantes republicanos seus amigos: Antonio José d'Almeida, Affonso Costa, Augusto Cymbron, Fernando de Sousa, Francisco Couceiro, João de Menezes e Silvestre Falcão».

Bouquet de rosas chá e lilazes roxos; fitas vermelha e branca — «Viriato Augusto Ferreira, a José Falcão.»

Corôa de violetas, lilazes e amores perfeitos; largas fitas encarnadas, — «Ao civismo, honestidade e talento do dr. José Falcão — os condiscipulos de seu filho Paulo — Mendes Martins, Alvaro Pimenta, Affonso Caldeira, Cardoso Alves, José Nogueira e Ernesto de Vasconcellos».

Grande corôa de violetas, loiro e rosas; largas fitas pretas — «Ao organisador do partido republicano no norte, *A Voz Publica* — 14 — 1.º — 93».

Grande corôa de velludo preto, folhagem, alalias e saudades; duas largas fitas encarnadas cobertas de fumo, e azul e branco, — «a José Falcão, a Academia do Porto».

Uma ancora enfeitada com grinaldas de madre-silva e rosas chá; laço de fitas verde e encarnada e grande fumo — «Ao seu chefe, os republicanos da freguezia da Victoria, Porto».

Corôa de violetas, hera e rosas chá; laço de fitas verde e encarnada e comprida fita preta — «Ao grande apostolo da Democracia e seu prestigioso chefe dr. José Falcão,

pelo extincto club de Propaganda Democratica do Norte» — Manoel Guedes Ferreira Ramos, José Theophilo d'Oliveira Junior, Victorino José Cardoso, Catão Simões, Patrocinio da Silva, Miguel A. de Barros Lima, Bento Joaquim Pires Soares, Luiz Carneiro dos Santos, Alexandre Augusto de Barros, José Ferreira Gonçalves, Carlos Richter, João José da Conceição Rocha, Joaquim Gomes de Macedo, José Maria Durão.

Corôa de violetas, heras e rosas brancas; fitas pretas, dedicatoria em cartão preto — «A redacção d'*A Portugueza* ao mestre e ao amigo».

Grande corôa de folhagem preta, heras e rosas chá; largas fitas verde e encarnada franjadas d'oiro, — «Ao seu chefe prestigioso, a commissão executiva do Partido Republicano no Norte».

Corôa de violetas entrelaçada de flores silvestres; fitas roxas, — «Ao nosso irmão e cunhado dr. José Falcão, sua irmã Maria Olympia e Maximiano de Mattos — 15 — 1 — 93».

Corôa de violetas, amores perfeitos e martyrios; fitas verde e branca — «Ao nosso chefe dr. José Falcão, um grupo de academicos republicanos».

Corôa de violetas e malmequeres, fitas pretas, — «O curso de Physica, 2.ª parte, ao dr. José Joaquim Pereira Falcão».

Estrella de violetas dobradas, lilazes brancos, amores perfeitos e rosas chá; largas fitas encarnada e verde franjadas d'oiro — «Á memoria do sincero democrata dr. José Falcão dedica Joaquim Sotto Maior — Porto».

Almofada de violetas dobradas, tufo ao centro, de rosas chá, anemonas, lyrios roxos, e madre-silva; fitas encarnada e branca, — «A José Falcão — Sinto esta morte como a d'um irmão — Guerra Junqueiro».

Corôa de folhagem, rosas e cedro, com rosas de campo; fitas franjadas, verde e encarnada, — «A José Falcão, modelo de civismo e de coherencia, *O Seculo*».

Corôa de violetas, heras, flores silvestres e um grande amor perfeito com a palavra — *saudade* — n'uma das petalas; largas fitas roxas franjadas d'oiro — «Ao eminente patriota, a sociedade 31 de janeiro».

Corôa de violètas, lyrios brancos e outras flores; fitas pretas — «Ao eminente jornalista dr. José Falcão, o pessoal da distribuição e impressão d'*A Voz Publica* e d'*A Portugueza* — Porto».

Bouquet do rosas chá, cravos, myosotis e outras flores de — «Eliziario Brandão ao dr. José Falcão — Porto, 15 — 1 — 93».

OS DISCURSOS

Em Santo Antonio dos Olivaes

Dr. Alfredo Felgueiras da Rocha Peixoto

Monarchico sincero e leal, quiz sempre um logar entre os que mais te queriam em estima e admiração, bondoso e prezado mestre. Monarchico por sentimento e educação, escutei sempre attento e agradecido os teus prudentes conselhos, as tuas sabias lições, querido amigo; como observei os bons exemplos constantes em toda a tua vida, extincta hontem. Monarchico, querendo morrer monarchico, como fiel á tua fé espiraste hontem, ó grande cidadão, eu quizera n'este derradeiro adeus, n'este supremo culto, ver aqui, em tão modesto e triste campo, de joelhos, toda a nação portugueza, prostrada de dôr e gratidão, junto a este ataúde, que deante de mim, e de todos nós, se ergue como um altar.

Ai, meus Senhores! A morte d'este homem foi uma calamidade nacional!

(Interrupção do Dr. José Manuel Cerqueira Gomes e outros amigos intimos do finado que estavam perto do orador e o apoiaram).

Quero para sempre esta responsabilidade de proclamal-o bem alto. Quero-a perante a serenidade da historia, que ha de reservar-te um largo capitulo de gloria, quero-a para toda a minha vida. Não é só para agora, quando nos opprime a dôr, permittindo-nos todas as expansões.

E, se os homens dos governos das nações assim fossem todos como o dr. José Falcão, caracteres honestos, talentos sensatos, animos prudentes, consciencias fortes e rectas, uma probidade em tudo e a tudo superior, pouco poderiam importar as fórmas das constituições politicas. Os povos seriam bem governados e felizes; por desventuras só teriam estes golpes da morte e as catastrophes dos elementos naturaes.

Toda a imprensa portugueza estremece ainda ao brado, cujos echos não podem cahir em esquecimento, brado que foi um *álerta* de bom portuguez. «A monarchia, se póde salvar o paiz... que o salve».

Foi ainda hontem; e tão sincero que elle mesmo teve um sorriso de duvida, quando eu lhe disse além, no observatorio astronomico, onde tantas horas passavamos em intimas conversas, que em diversos jornaes monarchicos eu tinha visto transcripta esta prudentissima sentença. E, erguendo a cabeça, n'um gesto que era tanto d'elle e da doença que lhe minava o corpo, accrescentou: «Eu não sabia que a minha pobre prosa era assim lida e assim corria mundo».

Uma lição para os seus; uma lição principalmente para nós, que desejamos a monarchia roborando a independencia da patria. Não a esqueçam os que nos combatem; e sobretudo não a esqueçamos nós; os que nos prezamos de bons portuguezes e de bons monarchicos; os que nos esforçamos por manter, com todas as responsabilidades, as glorias de sete seculos de monarchia e de liberdade — escurecidas, é certo, por nuvens grossas de desventuras que, para a historia, rapidas têm passado na voragem das gerações.

E quem nos diria, José Falcão, quem nos diria então que estava assim a ser celebrado o teu ultimo artigo! Seria a alvorada da historia? Talvez! O que é o imprevisto, meus senhores!

E não foi só um cidadão illustre, um varão eximio de virtude, um patriota de valor d'um partido digno de Portugal — devemos reconhecel-o assim — não foi só tanto e tanto que perdemos. Tombou quebrada — e já ninguem póde restaural-a ao seu vigor! — a columna que sustentava duas familias. Não eram só de marido e pae os grandes e os bons exemplos, altissimos de virtudes, que a sua vida interna offerecia, a filhos e a irmãos, aos mais extremosos ainda, deixa muito que imitar!

Como era delicado e affectuoso no seio da familia poucos pódem saber, poucos mesmo pódem imaginar tanto, porque, sempre quasi, o seu aspecto era d'uma severidade que parecia innata... da mesma severidade que a morte parece ter-lhe conservado. Era a rudeza da doença que o ia minando, instante a instante, e sentindo elle as ruinas do proprio organismo!

José Falcão, as mães ensinam aos filhos preces diante dos santos dos altares. Dôce consolação é contemplar o piedoso exercicio d'esse grandissimo sacerdocio! Bem o sabias tu, a quem a Providencia destinou para esposa uma santa de virtudes, que era toda adoração por ti. É o dever das mães; e, mercê de Deus, assim o cumpriu a que de mãe me serviu, a mim orphão de mãe tão creança.

O nosso, o dos paes, é outro. É ensinar a nossos filhos os exemplos dos varões justos e fortes. Sabes quanto estremeço meus filhos. Pois bem; hei de cumprir este dever; e o teu nome será dos que elles mais hão de venerar perante a patria, como na sua innocencia, e no seio de familia, já hontem aprenderam como se chora um amigo. De lagrimas foi hontem a primeira lição, á noticia da tua morte.

E chora tambem, na sua fria e tantas vezes secular majestade, a sciencia, que honraste como professor illustre entre os mais distinctos. Deixou de contemplar os céos o primeiro astronomo da nossa geração e da nossa terra, observador consciencioso e seguro, calculador habil e infatigavel. E, sem duvida, a sciencia, tendo penetrado em modesto templo, alem no observatorio astronomico, onde tantos dias e tantas noutes o dr. José Falcão lhe rendeu a homenagem do seu talento e consumira sacrificios de saude; tendo

apontado para uma singela mesa coberta de papeis; em saudosa anciedade, ha de ter pergutado: «E quem ha de «concluir estes trabalhos?»

E adeus, querido José Falcão.

Que a patria e a historia honrem teu nome; a patria pela grandeza como a do teu espirito; a historia pela rectidão como a do teu caracter.

Dr. Philomeno da Camara

José Falcão! — No momento em que a campa vae fechar-se sobre o teu cadaver, no momento em que vaes ser roubado para sempre á nossa vista, no que te resta de humano, n'essa fórma material do teu corpo inerte, eu sinto-me irresistivelmente attrahido á beira da tua sepultura para te dizer o ultimo adeus, embora a commoção quasi me embargue o uso da palavra.

O adeus que venho dizer-te é o do amigo saudoso e commovido até ás lagrimas, é o do obscuro professor que sente a enorme falta que fazes no professorado portuguez, de que eras um dos mais insignes ornamentos, é o adeus de um coração alanceado pelas apprehensões e duvidas que lhe inspira o futuro da nossa querida patria, que tu tanto estremecias, e em cujo destino eras chamado a exercer, segundo creio, uma acção tão preponderante como benefica.

Fui teu companheiro inseparavel por muitos annos, durante a nossa vida academica, n'uma edade em que a vida é mais agitada e accidentada, em que os sentimentos e as paixões são mais fortes e mais se gravam na memoria. A tua personalidade está, pois, indelevelmente ligada a uma parte importante da minha vida. Como não hei de estar triste! como não hei de sentir-me profundamente abalado ao perder-te para sempre! Mas, devo confessal-o, não é este sentimento por assim dizer egoista da falta que

me faz a perda de um amigo o motivo principal da minha tristeza n'este momento. Ha outros sentimentos, que eu poderia chamar altruistas que, sem esforço da razão, mais predominam no meu animo atribulado. O professorado portuguez está de luto, e com elle eu sinto que se perdeu em ti um dos seus membros mais abalisados que mais o ennobrecia e tornava respeitado no paiz, que mais lustre lhe dava aos olhos dos estrangeiros.

Posso dizel-o agora sem que infelizmente a tua modestia me imponha silencio: eras um professor de qualidades eminentes e raras no seu conjuncto. Possuias uma intelligencia vigorosa e prompta, que resolvia em pouco tempo os problemas mais intrincados de qualquer sciencia, e particularmente das mathematicas que versavas por dever de profissão; a tua memoria prodigiosa retinha todas as noções adquiridas, por fórma que possuias uma somma de conhecimentos verdadeiramente excepcional, e, para cumulo de perfeição, eras dotado de uma lucidez d'espirito e de exposição que transformava em alimento assimilavel pelas intelligencias mais vulgares os conhecimentos mais transcendentes, em geral só accessiveis ás intelligencias privilegiadas. É por isso que deixaste na tua faculdade, tão abrilhantada por professores illustres, um rastro luminoso que jámais se apagará.

O teu poderoso espirito não limitou, porém, a sua actividade ás especulações abstractas e relativamente simples de mathematica, occupou-se tambem dos problemas mais complexos de diversos outros ramos dos conhecimentos humanos e, em especial, das sciencias sociaes.

Possuias notaveis conhecimentos de historia e geographia; conhecias a organisação politica dos diversos povos civilisados do mundo, como o mais abalisado professor de direito publico; eram-te familiares a politica externa e a vida dos mais notaveis estadistas, como se fosses um d'elles, a batalhar activo na brecha da diplomacia; tinhas cultivado com singular esmero e cuidado os diversos ramos da nossa administração publica tanto no continente como nas colonias.

Foi com todos estes elementos que entraste na politica, onde em pouco tempo e contra a tua propria vontade,

conquistaste o logar mais proeminente do partido que honravas, e o que vale mais ainda, o respeito e a consideração dos adversarios. Não digo bem, não foi só com esses elementos que alcançaste tamanha victoria, foi tambem com o teu caracter simultaneamente austero e bondoso.

Pela bondade foste o collega amado, o amigo carinhoso, o chefe de familia exemplar, amante da esposa digna e dos filhos dilectos; pela austeridade foste o exemplo vivo da virtude, a personificação da intransigencia com o vicio, o modelo de civismo desinteressado e intemerato, que tornará inolvidavel o exemplo da tua vida na memoria de todo o patriota sincero e viril.

Se me não engano, a influencia da tua obra na politica será principalmente moral, semelhante á do nosso mallogrado e commum amigo Anthero de Quental, na litteratura.

Póde reduzir-se a este lemma: desprezo por tudo o que é futil, falso e convencional, odio á hypocrisia e ao cynismo, guerra sem tregua contra a corrupção, respeito e enthusiasmo pela verdade e pela natureza, amor entranhado pela henestidade, pela virtude e pela honra. Descança, pois, em paz meu bom amigo, porque cumpriste honradamente a tua missão de batalhador pelo bem da humanidade e, seja qual fôr a fórma do movimento que occulta á nossa admiração e á nossa consciencia os fulgores da tua intelligencia privilegiada, e o pulsar do teu coração generoso, o exemplo da tua vida permanecerá como força inexgotavel para animar os tibios, e como facho radiante para allumiar a todos na senda do dever e da honra.

Quando a decomposição cadaverica tiver desaggregado as ultimas moleculas de teu debil corpo ainda permanecerá gravada no coração de todos, em toda a pureza das suas linhas esculpturaes, a envergadura athletica da tua individualidade scientifica, moral e politica.

Descança em paz meu bom amigo e adeus para sempre.

Dr. Jacintho Nunes

Em nome da democracia lisbonense que eu tenho a honra de representar no parlamento, em nome de toda a democracia do sul, venho eu tambem dizer o ultimo e saudoso adeus ao homem que foi durante toda a sua vida a mais alta personificação da honestidade, da altivez, do caracter e do patriotismo.

Meus senhores:

Esta homenagem que todos nós vimos depôr sobre o tumulo que vae encerrar para sempre os restos mortaes de José Falcão tem na hora presente uma significação excepcional. Porque, quando os *panamás* surgem de todos os lados, quando a corrupção lavra profundamente, audaciosamente, e ameaça subverter a sociedade portugueza, é uma consolação ver glorificar a memoria do homem, cuja consciencia nunca transigiu, nunca pensou em capitular, nunca deu ouvidos ás más suggestões do seu tempo.

É n'este grande exemplo, é n'esta vida sem macula e d'um verdadeiro estoico que a mocidade das escolas que vejo aqui tão imponentemente representada, e que levará ámanhã sobre os hombros a tremenda responsabilidade dos destinos da patria; é n'este grande exemplo, repito, que os homens novos devem inspirar-se e fortalecer-se para salvarem o paiz da onda de corrupção que ameaça a sua propria existencia.

Eu que tenho sido sempre um crente, que nunca desesperei do futuro, abrigo a grata e consoladora esperança de que a nova geração saberá cumprir o seu patriotico dever.

Dr. Cunha e Costa

É esta a synthese do seu discurso:

Fallou em nome das commissões executiva e directora do partido republicano, e d'*A Voz Publica,* de que era redactor principal.

Para elle, José Falcão era um penhor de união do partido, conjugando, pelo seu enorme prestigio, um accordo intimo na aspiração do sul e do norte, dos moderados e dos revolucionarios, dos doutrinarios e dos sentimentaes. Parece porém, que uma fatalidade má, vem propositadamente prostrando todos os nossos grandes homens. Mas d'esta vez não é só o partido republicano que se vê ferido: é tambem o ensino, é o paiz, porque José Falcão é um insubstituivel, pelo menos no presente momento.

Era necessario ouvir a sua voz, como melhor prova de veneração pela sua memoria, pois os acontecimentos precipitavam-se e a transformação podia ser uma questão de pouco tempo.

Terminou exhortando os seus antigos camaradas da Universidade, a que prosigam a tarefa dos academicos republicanos de 1890, especialmente aquelles a quem Falcão mais amára: Antonio José d'Almeida, Affonso Costa e Silvestre Falcão.

Antonio José d'Almeida

Meus senhores: — Só hontem depois da sua morte se começou a comprehender a grandeza da sua estatura, como só se avaliam bem as justas proporções d'uma aguia quando ella tomba no solo ao terminar o seu vôo pelos desertos do espaço.

Evidentemente que o partido republicano não tem o direito de vir queimar a sua bandeira sobre o tumulo de José Falcão. As ideias podem curvar-se momentaneamente perante o sepulchro d'aquelles em quem o genio deu uma vibração phantastica á força heroica do caracter, mas não se aniquilam com a morte dos homens. Por maiores que estes sejam o seu tumulo é sempre pequeno para n'elle caberem aquellas tambem.

Porém, tão grandes eram a sua força e o seu prestigio e tão rudemente desaba na consciencia nacional o mytho virginal d'uma patria renascente que a palavra de José Falcão alimentou pelo esforço d'uma propaganda estranha, que eu receio e pergunto a mim mesmo se aquella cova que se vae abrir não fará abrir outra cova, — a sepultura da Patria, — no cemiterio da Historia.

E sabem porque eu digo isto?

Porque elle foi um incomparavel politico na nobilissima e viril significação da palavra. A um enthusiasmo ardente de revolucionario juntava, n'uma alliança mysteriosa, a algida serenidade de pensador — jungindo-se essas duas modalidades differentes a uma bondade sem limites e a um amor sem restricções. O seu espirito lembrava-me um pedaço de gelo conservando-se frigidissimo e intacto no meio d'uma fornalha toda ella em labareda e em brazas, — perola rara no meio do fogo divino que a sua alma de poeta tinha accendido e as amarguras de quem soffre pelos outros constantemente haviam ateado.

E sabem por que palavras isso se traduz para lhe arrancar todo o valor da sua significação pessoal?

Por estas:

Elle foi um grande sem deixar de ser um bom.

Caso raro e extraordinario n'um paiz como este em que a *grandeza* das reputações e dos homens se levanta n'um alicerce de infamias e baixezas.

Senão vejam como a verdada de tudo isto, meus senhores, resalta da contemplação da sua vida, em que estremece uma vertigem d'audacia e corre um arrepio de triumpho, tumultuosa e avassaladora, indomavel e rebelde — barricada epica em que houve o enthusiasmo de Hugo, o estoicismo de Boudin e essa força resignada, ora brusca ora

terna, similhante á de Kossuth que a estas horas, no fundo da Italia, tem a alma virginal armada em camara ardente para n'ella repousar o cadaver da sua querida Hungria.

Por isso, e olhando-o assim, o admirava e o amava.

Meus senhores! N'este momento, que é o momento d'um grande pezar e tambem d'uma grande apotheose, a unica consagração que Portugal lhe deve fazer é esta: enviar para o espaço silencioso e mudo esta palavra tragica: o grande homem morreu!

Heliodoro Salgado

É esta a synthese do seu discurso:

Como representante do extincto club de Propaganda Democratica do Norte e como redactor d'*A Portugueza*, o jornal que mantem erguida a bandeira de 31 de janeiro, essa madrugada, que tem para nós pedaços de crepe em signal de lucto pelo sangue derramado n'uma deploravel derrota, mas que tem tambem para nós todos os clarões purpureos d'uma aurora de esperanças immarcessiveis, eu venho aqui saudar em José Falcão o mestre e guia do partido republicano portuguez, cuja perda funestissima ha de por esse partido ser rudemente sentida. Certamente que a morte d'aquelle homem não arrastará comsigo a morte do nosso partido; não, que d'aquelle esquife parece erguer-se triumphante a bandeira republicana, qual Phenix renascida das proprias cinzas devoradoras.

Os partidos democraticos tem esta vantagem sobre os demais partidos: sobrevivem inteiros e inalteraveis após a morte dos seus chefes. Que, de resto, embora nós possamos não ter uma fé completa na immortalidade da alma, parece que a alma de José Falcão se fragmenta pelas nossas, revivendo com ellas n'uma perfeita communhão de ideias que lhe sobrevivem, e á sua memoria querida iremos

nós retemperar a nossa fé e os nossos enthusiasmos, como os soldados italianos iam á campa de Virgilio temperar o aço das suas espadas.

Dr. Magalhães Lima

E' bem certo que os chefes se não elegem. José Falcão nunca foi um eleito das formulas e das convenções sociaes; mas foi seguramente um eleito do povo portuguez. Chefes politicos nem se improvisam nem se decretam: impõem-se pela grandeza do seu talento, pela austeridade do seu caracter, pela isenção do seu espirito, pela elevação das suas qualidades moraes, n'uma palavra. Doce e significativa imposição esta, caracterisada pelo reconhecimento tacito d'esses predicados no publico! Quem elegeu Gambetta em França, e Gladstone em Inglaterra, e Mazzini e Garibaldi em Italia, e Kossuth na Hungria, e Salmeron, Zorrilla e Pi y Margall em Hespanha, e Oliveira Marreca, e Latino Coelho e Elias Garcia em Portugal? — Ninguem! Elegeram-se elles a'si mesmos, porque foram a consubstanciação das idéas do seu tempo, o reflexo do sentimento nacional, a synthese das aspirações da alma popular. José Falcão foi, n'este sentido, um verdadeiro chefe, porque representava as idéas, os sentimentos e as aspirações do seu tempo e do seu paiz, isto é, as idéas, os sentimentos e as aspirações do grande partido republicano.

Ha dois modos de comprehender a politica: n'um sentido egoista, estreito e mesquinho, e n'uma accepção lata, ampla, elevada e scientifica. O primeiro termo dá-nos a politica de corrilhos gananciosos, e transforma os partidos em bandos, sacrificando os interesses da collectividade aos interesses individuaes; o segundo termo dá-nos a politica das idéas e dos principios, a politica liberal, positiva e humana, em que os interesses individuaes são acorrentados aos interesses superiores e sagrados da collectividade. Era esta a politica de José Falcão. É esta a nossa politica.

..

Os partidos politicos estão gastos e desacreditados, porque não têm ideal. José Falcão queria que os republicanos se apresentassem deante dos seus adversarios, fazendo mais e melhor do que elles, isto é, tendo idéas, planos e soluções. Por isso foi um organisador. Dir-se-hia uma individualidade destacada d'aquella raça heroica de 1820, possuindo ao mesmo tempo o typo classico do romano e a grandeza épica do velho portuguez. De semblante sombrio, gesto sacudido e phrase sóbria, rude, intransigente, leonina — tal era o homem! Sincero amante da patria e da liberdade, crente no futuro e na Republica — tal era o democrata! Venho despedir-me do homem e consagrar o republicano, para que a sua memoria seja de futuro um estimulo e um incitamento a todos os que, como nós, combatem pelo ideal republicano, n'este paiz.

O futuro, meus senhores, pertencerá aos mais sabios, aos mais honestos, e aos mais sinceros.

Tenho dito.

João de Menezes

Senhores: — Quando Thiers afogava Paris em sangue, depois de Napoleão III haver afogado em lama o resto da França; quando os generaes de Versailles, que tinham sido os generaes de Sédan, mandavam fusilar operarios e creanças e rasgar á bayonetada o ventre das mulheres; quando a Europa reaccionaria chorava espavorida e cheia de odio as Tulherias ardendo e a columna Vendôme por terra; quando, aqui em Portugal, as victimas do cerco prussiano e do assalto conservador eram cobertas de infamias e de calumnias; houve n'este paiz um homem novo ainda, que levantou sua voz em defeza dos vencidos e arrostou contra as censuras e perseguições defendendo o ideal incomprehendido, então, da Communa de Paris!

Senhores — O homem que teve esse rasgo de audacia e sentimento, que bem define um caracter e consagra uma intelligencia, foi o dr. José Falcão.

Defendendo os vencidos de hontem entrou na politica; acclamado pelos vencedores de ámanhã deveria acabar a sua obra ideal de Bem e de Justiça...

Quando nós, os que chegámos ha pouco, fomos sobresaltados pelo *ultimatum* e anciosos erguemos a voz que o nosso ardente sangue quasi estrangulava na garganta, nós, indisciplinados fomos pedir-lhe para nos guiar.

Os estudantes do Porto haviam desenterrado Anthero de Quental, o vidente das *Odes modernas*, nós fizemos resurgir o auctor da *Cartilha do Povo* que ensinou o paiz a pensar, como a *Cartilha* de João de Deus o havia ensinado a ler.

Irmãos na crença e no caracter, José Falcão e Quental, ambos com alma de poeta, foram a crystallisação d'um sonho da nossa mocidade. Mas Anthero, absorto na contemplação d'um outro mundo além, chamou a morte a si antes que ella viesse buscal-o no momento que a posteridade havia marcado para elle subir...

José Falcão ficou e, á sombra da sua grande alma que ia crescendo serenamente, se foram abrigando os que na marcha que jámais fatiga, buscam a luz sonhada...

Jámais nos abandonou. Nem n'aquelle momento impetuoso, irreflectido e fatal, em que um grande traço de sangue riscou o ceu d'uma alvorada que foi bem depressa um crepusculo frio de outomno. E fel-o, não porque approvasse a decisão tomada antes de o consultarem, mas porque era o protector d'um grande exercito que nem aos impacientes atiradores dispersos, queria deixar cahir no abandono tragico d'uma morte de vencidos.

Foi d'ahi por deante que a massa indisciplinada o ouviu sempre e jámais deu um passo sem que elle o ordenasse. Então começa a sua grande obra de organisação, que desde a mais populosa cidade, á mais pequena aldeia do norte, deixou escutar uma palavra de esperança, que tem de ser breve, uma obra de rehabilitação.

Discipulos d'elle aqui vimos hoje nós, os que eramos tambem seus amigos. Estamos abatidos, mas não estamos descrentes!

Até aqui seria uma traição deixar de o seguir; morto elle, seria profanar o seu nome, parar no caminho.

Não! Nós havemos de marchar unidos, levando no peito a memoria do seu nome — *sempre voltado para o inimigo* — pois assim foi que os soldados da Revolução levaram em urna de prata o coração do bom, do santo *La Tour d'Auvergne*, a quem a saudade d'um exercito inteiro e a legenda d'um povo chamaram o *primeiro granadeiro* da Republica.

Alves Correia

Meus senhores — Os povos precisam de dar corpo ás ideias que os commovem e agitam. Um principio reformador carece de encontrar a sua personificação immaculada em um homem, para que as multidões melhor caminhem á conquista dos ideaes.

N'estes tempos do utilitarismo miseravel, de industrialismo feroz, não ha, todavia, nada mais difficil que achar essa personificação necessaria.

São cada vez mais raros os homens que á sua alta estatura intellectual e a uma solida educação scientifica, reunem as qualidades que tornam benemeritos os cidadãos e que lhes assignalam um prestigio indiscutivel e indelevel no fôro da consciencia publica.

Por via de regra os individuos melhor preparados intellectualmente para prestarem serviços á collectividade, preferem aproveitar os seus dotes excepcionaes para conseguirem ephemeras grandezas, esquecendo-se dos seus deveres de honra, olvidando que só é duradouro e verdadeiramente consolador o predominio que se conquista pelo estudo e pela virtude.

Abundam os homens de talento.

São, porém, cada vez mais raros os homens que se impõem pelo seu caracter e essa é uma das razões porque em volta do cadaver de José Falcão se inclinam amigos e adversarios, com respeito devido a um homem da sua estatura moral.

José Falcão foi simultaneamente um sabio e um impeccavel homem de bem. Possuiu uma intelligencia maravilhosamente dotada, capaz de se applicar ao estudo dos mais variados problemas, e assignalou-se sempre pela sua austeridade. Não o envaideceram os privilegios do seu espirito luminosissimo; preferiu sempre e acima de tudo ser um homem honrado, que desconhecia processos de transigencia, que preferiu sempre a paz da sua modestia ás grandezas que muitos alcançam perdendo direito á consideração publica.

José Falcão, a quem o partido republicano deve uma vida toda de dedicações e altissimos serviços prestados nos ultimos annos era o homem destinado a exercer uma alta missão social n'este paiz no momento que se approxima d'um tremendo desastre.

Era dos vivos o mais prestigioso, illustre e activo dos nossos chefes e seria amanhã a primeira figura entre a pleiade dos que hão de tomar sobre os seus hombros o encargo de salvar o paiz; se a morte tão cedo nos não roubasse esse amigo querido, vel-o-hiamos com certeza completar a sua obra fazendo a applicação dos seus principios e honrando o seu passado de homem de convicções.

A perda que o partido republicano acaba de soffrer é, pois, enorme. Não se encontram hoje muitos homens que reunam as altas qualidades de José Falcão.

Como organisador das forças democraticas mostrou já o que valia; demonstraria o seu valor como homem publico e se lhe fosse permittido completar o seu trabalho.

Em nome da *Vanguarda*, de que José Falcão foi collaborador, e em nome das corporações e individuos de Lisboa, que me incumbiram de os representar n'este momento, venho aqui tambem, como um dos melhores amigos do saudoso chefe, render-lhe a ultima homenagem.

Ao partido republicano direi d'este logar, que lhe cumpre inspirar-se n'este grande exemplo de virtude, de energia a de dedicação.

Morreu o homem mais prestigioso do partido republicano; mas ficou muito da sua obra e ficou muitissimo dos seus ensinamentos.

Affonso Costa

Meus senhores — E quasi inutil e é talvez um atrevimento meu, fallar do dr. José Joaquim Pereira Falcão em frente de vós, que aqui vindes prestar-lhe a derradeira e a mais sincera homenagem, attrahidos pelo rastro de luz que nos legaram o seu talento, o seu saber e a sua honestidade.

Todos sabeis, mais ou menos, o que elle valia. Todos conheceis o seu passado — espelho purissimo em que se retrata a sua vida de homem, de cidadão e de professor. Todos adivinhaes que elle se tornaria ámanhã o primeiro portuguez em virtude de uma escolha por tal modo eloquente que fizesse calar a sua pertinaz modestia, se a morte o não arrancasse agora, quasi traiçoeiramente, á sua familia, á sua patria, á Universidade, e a nós seus discipulos politicos.

Fallando, pois, quero apenas deixar-lhe um preito de amizade e de veneração, e o protesto de que jámais esquecerei e deixarei de seguir os seus excellentes conselhos.

Senhores — O dr. José Falcão foi um sabio. Não sou eu que o digo, porque não tenho competencia para isso. Dizem-n'o os seus collegas da faculdade de mathematica, os seus collegas nos estudos astronomicos, as suas publicações sobre esses assumptos, os apontamentos que ácerca d'elle têm produzido as mais notaveis revistas estrangeiras. Por tudo isso é que elle era tão apreciado no mundo scientifico.

Mas José Falcão não limitou a cultura do seu privilegiado talento ao estudo das mathematicas e da astronomia. Foi tambem um geographo distinctissimo, especialmente no que respeita á Africa — a sua predilecção. Foi um sociologo, pois lia e profundamente meditava as melhores obras que o positivismo tem produzido e, em tudo o mais, acompanhava, sem treguas, sem cansaço, dia a dia, *pari passu*, a marcha cada vez mais veloz, mas sempre augusta e luminosa, do saber humano!

Ultimamente mesmo, quando os acontecimentos politicos do paiz nos levaram a arrancar esse grande homem do quasi-marasmo em que o mergulhara um amargo pessi-

mismo, e a trazel-o para a frente da cruzada santa, então iniciada contra a Inglaterra e seus execraveis cumplices, — elle, que desde logo reassumiu um logar preponderante no partido republicano e foi, desde sempre, o pae espiritual, o mestre, o propheta, o inspirador dos republicanos d'aqui, elle comprehendeu a necessidade de estudar até ao amago algumas questões de administração interna, que até ahi o preoccupavam menos, tornando-se quasi encyclopedico, ao mesmo tempo que era um sabio em assumptos especiaes.

José Falcão foi tambem notabillissimo como portúguez. Venerando profundamente o seu paiz, tributando aos seus até agora governantes um odio fremente, que da sua bocca serena sahia explodindo como d'um vulcão sáe a lava, esse homem tão illustre, que agora aqui vêdes morto, dedicava-se com ardor inegualavel á politica republicana, por ser a unica que pode conduzir-nos ao rejuvenescimento da patria. E era tão nobre, n'este ponto, o seu pensar, tão digno, tão correcto e tão fundamentado o seu proceder, que, não obstante ser a mais eminente individualidade do partido opposto ás instituições e n'elle ser — sem contestação — o chefe unico, universal, de todo o paiz, — os homens mais crapulosos da monarchia nunca lhe acharam outro defeito, que não fosse o da falta de saude, nem se atreveram a inventar, contra elle, um motivo d'ataque, apezar de estarem de ha muito a isso habituados!

Tinha falta de saude, sim! Falta de saude que o deveria, porém, fazer tanto mais venerado quanto maior era o seu esforço para luctar contra os inimigos do paiz, que eram e são de tudo capazes, e contra o inimigo da sua saude, que era capaz de tudo, e bem o mostrou — matando-o!

José Falcão era, pois, um dos primeiros na sciencia e no talento. Era o primeiro na politica de regeneração do paiz.

E, todavia, a sua honestidade era tanta, a sua vida publica e particular era cheia d'um tão insinuante cunho de honradez, que aquellas tres brilhantissimas qualidades — sciencia, civismo e talento — luziam ao lado do seu caracter immaculado como tres estrellas do ceu luzem, em noite clara, ao lado da lua prateada e phosphorescente. — Disse.

Na Universidade

Dr. Alfredo Filgueiras da Rocha Peixoto

(Na aula de mechanica celeste,
na presença do unico alumno do curso)

Embora seja um só discipulo a escutar-me, devêra eu fazer hoje uma saudosa commemoração do illustre mestre de quem hontem nos despedimos no cemiterio de Santo Antonio dos Olivaes; a quem venho de dar ahi o derradeiro adeus, quando a cal m'o escondeu para sempre. Mas não posso, pela consternação em que sinto meu animo.

Quero porem que o meu alumno conheça d'elle dous factos, dos quaes fui a unica testemunha. Fui só a observal-os; é v. ex.ª o unico a ouvir-me.

Era ahi, no gabinete da direcção d'este observatorio, como v. ex.ª havia de ter observado muitas vezes, que nos entretinhamos os dous em francas conversas — n'este grato cavaco que só se gosa em Coimbra e á sombra das paredes da Universidade.

Um dia, quando aqui veio pela ultima vez, o imperador do Brazil, a quem tive a honra de receber, como director interino, n'este mesmo edificio, exprimi-lhe o pezar que me tinha inspirado a serena e resignada presença do monarcha desthronado. O honrado republicano, tendo meditado por instantes, respondeu-me: «Tem razão. Elle era «um bom homem. Estou com sincera pena d'elle».

Outra vez, fallando-lhe eu do partido miguelista com admiração pela firmeza que sempre tinha mantido, atravez de tantas desventuras e com uma esperança a sorrir-lhe; ergueu-se vigoroso d'enthusiasmo e exclamou: «Mas ha miguelistas diante de quem me levanto e descubro, com o maior respeito que por outro pode um homem ter». E dos miguelistas tinham sido victimas seu pae e a sua casa, como tambem meus avós paterno e materno.

Era assim em tudo, recto e generoso.

Dr. Augusto d'Arzilla Fonseca

(Na aula de geometria descriptiva)

Acabo de ser avisado pelo nosso bedel, de que está acabando, senão acabou já, a preciosa vida do dr. José Falcão.

O meu espirito profundamente abalado não póde deixar-me expôr agora d'um modo perfeito as qualidades e o muito merecimento que faziam do dr. José Falcão uma individualidade tão eminente.

É enorme para a faculdade de mathematica o golpe que assim a fere num dos seus mais distinctos membros, que tanto a honrava pelos seus elevados dotes de cavalheiro e professor. Se para a faculdade esta perda é causa de immenso luto, toda a Universidade tem de a acompanhar por ser o dr. José Falcão um dos seus filhos, que como alumno e professor tanto a distinguiu. Seja-me permittido que como seu discipulo e collega manifeste o grande pezar de perder os conselhos e ensinamentos que d'um tão eminente mestre poderia receber. Peço que me acompanhem, á faculdade de mathematica e a toda a Universidade em geral na justificada dôr que este acontecimento produz e nos sinceros votos pelo descanso do distincto professor dr. José Falcão.

Dr. Augusto Rocha

(Na aula de clinica interna, no dia do fallecimento)

Meus senhores! — Acabo de ser dolorosamente surprehendido pela noticia do fallecimento do meu velho e grande amigo, o dr. José Falcão.

Não posso, nem tento verter em linguagem a intima dor que me punge pela infausta nova. Perdemos para

sempre um dos nossos mais notaveis professores e homens de sciencia e um caracter de finissima tempera, que deve servir de modelo ás novas gerações.

Impossibilitado pela commoção, que a todos nos domina, de pronunciar o elogio do meu infeliz e saudoso amigo, limito-me, meus senhores, a prestar á sua honrada memoria uma pequena homenagem de profundo sentimento, levantando já esta nossa sessão escolar.

Dr. Basilio Freire

(Na aula de anatomia)

Senhores: — Acabo de saber lá fóra que falleceu o dr. José Falcão — um dos mais notaveis professores do corpo cathedratico conimbricense e, conjunctamente, uma das mais poderosas individualidades do nosso tempo, tão saliente pela immaculada austeridade do seu caracter, como pelo seu intenso e inquebrantavel amor da patria. Vivamente commovido ao calcular todo o alcance social d'esta desgraça, vou sair da aula em testemunho do meu sincero lucto, curvando-me deante do athaude d'esse grande extincto.

Dr. Francisco José de Sousa Gomes

(Na aula de chimica inorganica)

Acabo de saber que falleceu ha poucas horas o sr. dr. Falcão.

A faculdade de mathematica perdeu n'elle um professor distinctissimo, e a Universidade um dos seus mais notaveis talentos. O paiz soffre com a sua morte uma perda talvez irreparavel.

Em homenagem de sentimento pela morte do meu collega, mestre e amigo dou por terminada a lição de hoje.

Dr. Henrique Teixeira Bastos

(Na aula de physica — 2.ª parte)

Acaba de me ser communicado um tristissimo acontecimento: o fallecimento do dr. José Falcão.

Esta perda cobre de luto a Universidade, a sciencia portugueza e o paiz inteiro.

O dr. José Falcão, egualmente distincto como mathematico, como geographo e como economista, possuia o mais vasto e profundo saber que um trabalho ininterrompido ao serviço d'uma intelligencia lucidissima póde conquistar.

D'ahi a sua posição culminante como professor e como pensador.

Mas a sua figura destaca mais luminosamente ainda quando, esquecendo o sabio, se encara no homem.

O dr. José Falcão era uma alma cheia de bondade, rica de affectos para os seus amigos e de amor para o seu paiz, um caracter d'uma limpidez immaculada, austero como poucos.

Homens da craveira intellectual e moral do dr. José Falcão são cada vez mais raros; a sua falta é uma perda nacional.

Estamos, pois, de lucto todos nós.

Estão, suspensos os nossos trabalhos.

Dr. João Jacintho da Silva Correia

(Na aula de pathologia cirurgica)

Permittam-me que hoje suspenda os trabalhos escolares para lamentar a perda do professor José Falcão que, ha poucas horas, foi arrebatado pela morte.

Desde ante-hontem que esperava este fatal desenlace, mas nem por isso é menos angustiosa para mim a sua realisação.

Sentei-me a seu lado nos bancos da Universidade, conheci de perto as poderosas faculdades d'aquelle cerebro e as purissimas e aureas qualidades d'aquelle coração; fui sempre um dos admiradores do seu pujante talento, da sua inconcussa honestidade, do seu altruismo sincero, e por isso saudosamente lamento a sua perda e bemdirei sempre a sua memoria.

O dr. José Falcão, d'uma compleição fraca, tinha comtudo uma actividade cerebral extraordinaria, acalentada por uma solida erudição tanto scientifica como litteraria, e, sem attender á fraqueza do seu organismo e ao precario estado da sua saude, repetidas vezes se entregava a aturadas fadigas intellectuaes, ennobrecendo-se a si e á Universidade com os productos do seu trabalho e prestando, além d'isso, como apostolo convicto e desinteressado, valiosos serviços á escola democratica pela qual pugnou até morrer.

Fallando a alumnos da faculdade de medicina, que nunca deixam de prestar respeitosa homenagem a quem justamente a tenha merecido, é escusado aconselhal-os a que acompanhem á sua ultima jazida o cadaver d'aquelle, que honrou, como poucos, a cadeira do magisterio e que tudo o que foi o deveu ao seu talento, á sua probidade e ao seu trabalho.

Todas as honras funebres que lhe dispensarem serão bem cabidas porque bem digno d'ellas se tornou.

Dr. João José d'Antas Souto Rodrigues

(Na aula de algebra superior)

Meus senhores: — Agradeço ao curso a pontualidade da sua presença no dia de hoje. Só um faltou a esta funebre commemoração; e esse, porque a doença o tolheu. Não é das homenagens que menos gratas seriam ao nosso glorioso extincto, se lá, na vida de alem-tumulo, chegasse um echo, embora enfraquecido, das cousas d'este mundo.

Tantas e tão altas demonstrações de apreço e de saudade! e todas mereceu o dr. José Falcão. Ninguem o sente mais profudamente do que eu, companheiro de trabalhos e de luctas, comparte nos mesmos baldões e até nos mesmos achaques da doença, collega depois por largos annos de magisterio que avigoraram na mutua estima de homens a velha amisade de rapazes.

É doloroso, senhores; é sobretudo profundamente triste para quem, no declinar da edade, vê alastrar cada dia a funebre clareira dos que partem para a viagem d'onde nenhum volta. Porque as amisades dos primeiros annos não se reconstituem mais.

E eram tantos os laços que me prendiam a José Falcão, a despeito de profundas divergencias de principios e de opiniões, que não fallei ainda do professor proeminente e prestigioso! Pois era essa modalidade predominante d'aquelle espirito omnimodo, que principalissimamente devera destacar-se em uma commemoração academica, embora rapida e despretenciosa. Outros, mais desafogados de lagrimas e saudades, o farão; e todos melhor do que eu. Consinta-me o curso este egoismo da dôr, que só me deu palavras para chorar o amigo desapparecido, embora medindo o vacuo enorme que elle deixa na Universidade e no ensino das mathematicas.

Dr. José Bruno de Cabedo

(Na aula de calculo infinitesimal)

Meus senhores: — A impressão dolorosa que causou em todos nós a morte do eminente professor d'esta Universidade, o sr. dr. José Falcão, não permitte que continuemos hoje os nossos trabalhos.

Ao mesmo tempo que damos assim uma demonstração do nosso sentimento, rendemos homenagem ao purissimo caracter e immenso espirito do grande homem cuja perda deplora o paiz inteiro.

Dr. Luiz da Costa e Almeida

(Da oração de Sapiencia)

«Antes ainda da do illustre sabio a quem me referi, outra perda, e essa tambem muito consideravel, aqui tivemos a deplorar.

Em 14 de janeiro, pelas 11 horas da manhã, falleceu n'esta cidade o sr. dr. José Joaquim Pereira Falcão, lente de vespera da faculdade de mathematica, 1.º astronomo e director interino do Observatorio da Universidade.

Acostumados a ver a sua debil compleição resistir e triumphar do mal que ha muito o affligia, illudidos sobre a fraqueza d'aquelle corpo pela enorme grandeza do espirito que o animava, a noticia da sua morte, embora prevista e annunciada logo desde os primeiros symptomas da fatal doença, a todos veio surprehender dolorosamente, arrancando-nos lagrimas da mais viva e pungente saudade.

Não é longa a lista das obras que sobre assumptos mathematicos nos legou o sr. dr. José Falcão; era elle para muito mais. Ainda assim essas mesmas bem claro attestam a elevada intelligencia que as dictou.

Mas foi sobretudo na cadeira do professorado, nos conselhos da faculdade e nos seus trabalhos como astronomo que elle mais se destinguiu e acreditou.

A sua vasta intelligencia, que lhe permittia ver claro nas mais difficeis e intrincadas questões das sciencias mathematicas, e a sua palavra sempre facil e apropriada tornavam-no um professor verdadeiramente privilegiado e inexcedivel.

Pelos seus serviços no Observatorio Astronomico soube sempre mostrar-se digno successor do illustre mestre a quem alli substituia.

Emfim, nas reuniões da faculdade o seu conselho foi sempre ouvido e acatado pelos collegas com as maiores provas de deferencia e attenção».

Dr. Philomeno da Camara

(Na aula de histologia)

Meus senhores: — Em homenagem á memoria do illustre professor d'esta Universidade, o dr. José Joaquim Pereira Falcão, cujo enterro se verificou hontem, em obediencia á dôr que nos causa tão grande perda, suspendemos hoje os nossos trabalhos escholares. Disse hontem á beira da sepultura do illustre morto que o professorado portuguez está de luto, porque perdeu n'elle um dos seus membros mais eminentes que mais o enobrecia e tornava respeitado no paiz, que mais lustre lhe dava aos olhos dos estrangeiros. N'estas palavras não ha mais do que a rigorosa expressão da verdade. O dr. Falcão era effectivamente um professor de qualidades eminentes e raras no seu conjuncto. A' grandeza do seu talento alliava a austeridade do seu caracter e a elevação das suas qualidades moraes, evidenciadas em todos os actos da sua vida tão simples, tão honesta, tão previdente, tão aureolada por actos de caridade e dedicação e ao mesmo tempo tão intransigente com o vicio, que todos viam n'elle não só o professor exemplar, mas ainda o chefe prestigioso de todos os que querem servir o seu paiz com amor e desinteresse. — Eu chamo particularmente a attenção de todos os mancebos que dese-

jam tomar parte na herança sagrada do exemplo da sua vida para a feição mais dominante d'aquella adoravel existencia, a isenção d'espirito e a economia previdente.

Caminhava independente e senhor de si, seguindo livremente e com desinteresse o seu caminho, desprezando quaesquer censuras, não procurando nem desejando louvores ou encomios; eis a isenção na sua mais elevada accepção. — Era economico sem avareza, procurando sómente sem pose, sem affectação, no seu viver despretencioso o conforto, despido de toda a ostentação e luxo; eis a economia, como todos a devem comprehender e praticar. É por isso que os seus recursos, provenientes do seu trabalho e da sua pequena fortuna, lhe permittiam uma vida desafogada e independente, com sobras, a despeito dos encargos que elle voluntariamente tomava de soccorrer todos os que por qualquer titulo tinham o direito de appellar para a sua generosidade.

Este homem extraordinario entrando na politica não podia, pois, ser movido nem pela vaidade nem pelo interesse, e é por isso que todos tinham confiança illimitada n'elle. Imitae-o n'estas qualidades se quereis que a vossa vida, como a mulher de Cesar, não seja suspeita para ninguem. Diz a sabedoria do povo: «Quando a miseria entra pela porta, a virtude sahe pela janella». É presa da miseria mais cedo ou mais tarde todo o homem que despende mais do que tem ou pode vir a ter, é rico aquelle que gasta menos do que possue. Um pequeno saldo em cada anno é não só a garantia da independencia de cada um, mas é a condição indispensavel do seu altruismo, e quantas vezes é tambem a origem da independencia e da felicidade da patria. Foi ás economias parciaes das familias que a França deveu o prompto resgate de uma dominação odiosa, depois de 1870, e foi por ellas que talvez poude evitar os horrores de uma segunda invasão.

Não quero prender por mais tempo a vossa attenção, desejando apenas que as poucas palavras que acabo de pronunciar possam pôr em relevo as qualidades eminentes do professor e cidadão que eu tanto respeitava e admirava.

Além d'estes, outros lentes de diversas faculdades prestaram homenagem á memoria do dr. José Falcão, não indo ás suas aulas uns, suspendendo-as outros com rapidas palavras de sentimento.

Lapide mandada collocar pelos republicanos de Coimbra na casa onde morreu o dr. José Falcão. Tem inscriptas estas palavras: — N'ESTA CASA FALLECEU O DR. JOSÉ FALCÃO EM 14 DE JANEIRO DE 1893. Desenho de A. Gonçalves. Trabalho em pedra de João Machado.

NOTAS BIOGRAPHICAS

José Joaquim Pereira Falcão, filho de D. Maria Miquelina Xavier Pereira e de Leonardo Fernandes Falcão, bacharel formado em Direito, nasceu em 1 de junho de 1841, em Miranda do Corvo, districto de Coimbra. Casou em 23 de janeiro de 1871 com a ex.ma sr.a D. Beatriz Maria de Campos Vidal, filha do dr. Antonino José Rodrigues Vidal, antigo lente e decano da faculdade de philosophia, deputado do partido historico, e de D. Luiza Libania Vieira de Campos. Morreu no dia 14 de janeiro de 1893.

Matriculou-se no 1.º anno de mathematica da Universidade em 1858. Formou-se em 1865. Tomou o gráu de doutor em 31 de julho de 1869.

Foi nomeado ajudante do observatorio astronomico em 8 de setembro de 1870, promovido a lente cathedratico em 7 de maio de 1874, promovido a primeiro astronomo em 13 de março de 1888 e nomeado director interino do observatorio em 28 de julho de 1890.

A 1.ª cadeira que regeu foi a de Mechanica celeste. Á epocha da sua morte regia a cadeira de Astronomia.

Estava a seu cargo a publicação das ephemerides do observatorio astronomico.

Foi proposto deputado republicano pelo circulo de Coimbra nas eleições geraes de 30 de Março de 1890, e pelo circulo de Lisboa nas eleições geraes de 23 de outubro de 1892. De ambas as vezes obteve votação significativa.

Obras que publicou:

— Dissertação inaugural para o acto de conclusões magnas: *Qual seria o effeito d'um meio resistente no movimento dos corpos que compõem o systema planetario.* — Coimbra, 1869.

— *A Communa de Pariz e o Governo de Versailles.* — Coimbra, 1871 (duas edições).

— Dissertação de concurso: *Comparação do methodo teleologico de Wronscki com os methodos de Daniel Bernouille e Euler para a resolução numerica das equações.*

— *Estudos sobre o circular meridiano,* publicados no Instituto, de Coimbra.

— *Theoria das determinantes.* — Coimbra, 1872.

— *Estatutos do Marquez de Pombal revogados por uma portaria do Sr. José Luciano de Castro.* — Coimbra, 1879.

— *A Africa e as colonias portuguezas — I, A Questão do Zaire.* — Coimbra, 1883.

— *Carta ao sr. Ministro do Reino Antonio Rodrigues Sampaio, sobre a Reforma de Instrucção secundaria.* — Coimbra, 1883.

— *Cartilha do Povo.* — Coimbra. Teve cinco edições: as primeiras quatro impressas em 1884 e a quinta em 1885. A primeira foi de 3:000 exemplares; a segunda de 7:000; a terceira de 10:000; a quarta de 10:000; a quinta de 5:000.

Collaborou em varios jornaes scientificos entre os quaes *O Instituto* de Coimbra. Collaborou em differentes jornaes politicos entre os quaes: *Justiça, Gazeta de Coimbra* (de Coimbra); *Democracia da Beira* (de Vizeu); *Republica, Voz Publica,* e *Portugueza* (do Porto); *Seculo* e *Vanguarda* (de Lisboa).

APPENDICE

Duas almas (*)

Neste povo, cuja maior crise é de grandes almas, e cujo maior deficit é de vontades firmes, a morte de José Falcão, como a de Anthero de Quental, vem a ter o mesmo effeito que a falta de sol a quem não tenha outro fogão onde aquecer-se, ou que o roubo da muleta ao pobresinho tropego, que por suas pernas não póde mais andar.

A impressão que todos sentimos, pobres creaturas sem iniciativa, ultimas ruinas inuteis de gerações esforçadas e valorosas, foi desamparo e frio. O epilogo doloroso da nossa raça, a cada morte d'estas se faz mais tragico e agoirento. Que corvo sombrio ou que mau fado anda a perseguir a nossa Dor, logo as pessoas supersticiosas, que somos nós todos, perguntam. A chuva mata as colheitas, e a Morte anda a soprar a luz aos enthusiasmos? E a cada suicidio de um genio, a cada morte de um santo, mais precipitados são os nossos passos em falso, e a visão da fatalidade se nos faz mais proxima.

Matou-se Anthero, e a todo o portuguez intellectual causou insomnias este suicidio, como se cada qual receiasse

(*) Por tarde se conseguir, vae aqui, e não no logar que lhe competia, este artigo de Alberto d'Oliveira.

ter, no dia seguinte, de imital-o. Matara-se um homem que toda a vida, mal se enrolaram as primeiras bandeiras da mocidade, fôra um moribundo: e não é verdade que se matara com o remorso de não ter commandado uma bataque elle fôra o primeiro clarim a annunciar? Anthero tinha sido em Coimbra o propheta de uma nova era, braço dado com José Falcão que era a propria Fé incarnada. Vejamos o viver dos dois, quando chegaram a homens. Anthero sahiu das aulas com a cabeça loira cheia de nobres planos. Chamava-o o amor da humanidade, queria apagar as injustiças, ser em arte um moralista, em politica um socialista e em philosophia um asceta. Foi a França beber o leite que, dos labios de Michelet, corria como de uma fonte do ceu. Depois juntou-se aos operarios, e elle proprio (dizem-me os do seu tempo) era uma linda figura de trabalhador, com os olhos talvez ainda mais azues depois que os illuminara um ideal de pureza. Eu só vi Anthero no fim da vida: tive a impressão de ver, sagrado e ingenuo, algum doce carpinteiro de Jerusalem. Quem diria d'este poente amortecido, que elle fôra outr'ora a mais estimulante e doirada manhã de sol?

Mas o guerreiro das *Odes Modernas* era um espirito agudo e critico, e a sua intelligencia começou logo a detalhar no caminho todos os pequenos males de que o proprio Bem se compõe. Não ha bocca de virgem que, vista ao microscopio, não mostre impurezas e não afugente os beijos do namorado. A Verdade é triste, e quando a epoca é como a nossa, a Verdade é funebre. Ide passear a um cemiterio todos os dias, ao fim do terceiro a vossa alma estará a dialogar com as dos mortos, e a vossa roupa cheirará aos cyprestes das campas.

Anthero nasceu para crescer, planta de estufa, entre o conchego e o bafo da suprema prefeição moral e intellectual. Não lhe bastava o sol no ceu, queria-o nas almas. E vendo abalada a sua torre de marfim, sentindo-se só como um europeu entre os selvagens, eil-o a destruir todos os amparos da sua alma; matou a fé, enforcou a alegria como se dentro d'ella viesse Judas, e emfim a vontade, abandonada das duas companheiras, finou-se lentamente. O guerreiro fez-se frade; o cruzado christão fez-se bud-

dhista. E de onde se esperava viesse uma artilheria de revolta, veiu uma emaciada figura de velho precoce, trazendo na mão alguns sonetos de genio que nós todos vamos encadernar junto com a Biblia, logo a seguir ao Ecclesiastes.

Parallela a esta vida, irmã d'ella pela grandeza de alma que em ambas ardia, como acceitára a existencia José Falcão, o morto de ante-hontem?

José Falcão era um violento. Intransigente com o mal dos outros, não o soffria resignado, impunha-se-lhe. Tinha a fé no triumpho do que é bom sobre o que é mau. Era guerra de dez contra dez mil? Embora; os dez mil viriam vindo, se a firmeza dos dez não esmorecesse.

A sua attitude physica e moral era ao mesmo tempo a de um agoniado e a de um revoltado. Testa franzida, bigode cahido sobre os labios, hombros cahidos, a sua phisionomia accusava um perpetuo desgosto dos homens que o rodeavam: mas nos olhos duros só havia promessas de castigo e de victoria.

Encontrava-o eu quasi todos os dias, nos primeiros renovos da primavera coimbrã, sentado, quasi cahido á toa por cima dos bancos do Jardim Botanico. Começavam as tilias a vestir-se, ria a doce paizagem, mas eu não creio que José Falcão soubesse rir. Muito mais triste do que Anthero, a sua bondade usava o burel e as sandalias da austeridade. Nem ironia lhe supponho: tomava a Vida absolutamente a serio, e uma vida concreta e pouco idealista, como quem, crente na vinda do Bem, se apressa a tornar facil e pratica a sua chegada.

Correu a vida a protestar, e não se cansou. Podera refugiar-se d'este desastre no isolamento e no cultivo de si proprio. Mas que lhe importava a elle o seu eu, se a sua ideia era levantar os dos outros? Homens assim com fé nunca falham a vida.

Por mais que o pessimismo de Anthero responda ás interrogações morbidas da nossa alma, e que o seu martyrio nos commova, é preciso dizer que a verdade estava do lado de José Falcão. Nós somos tambem uns fracos e uns abatidos, mas não nos resignemos ao menos com a nossa miseria, não façamos d'ella uma philosophia. Elles

eram talvez dois santos: mas a um devemos erguer Imitações, ao outro professal-o para escarmento das nossas vaidades, quando demais satisfeitas e tranquillas. Nascemos mal feitos para o mundo mal feito? Pois devemos crer que o protesto accumulado de seculos algum vestigio deixe do seu impulso. Não será o pessimismo uma pretenção? Que a Vida é dolorosa sabe-se de todos os tempos; mas almas superiores á nossa, creaturas nascidas para guiar, a viveram com desassombro e deixaram fontes de verdade que ainda hoje procura a nossa sede. Que estranha vaidade é esta, que nos permitte abandonar a faina quando os outros insistem n'ella?

E depois, quem nos assegura a maldade do Mundo? Como diz o velho Renan, do mundo sabemos a Terra, muito pouco, quasi nada: e esse pouco vemol-o com lunetas de myope, isto é, muito de perto. Quem nos diz que a um ponto de vista alto, olhando como as aguias, as insignificantes maldades não desapparecem no todo, e as desharmonias, subindo no ar, se não attenuam e congraçam umas com as outras? Pois o aspecto da Natureza, de um bocado de floresta com passaros, ou de um ceu semeado de estrellas, não é harmonia, belleza, diremos bondade, visto que é a resultante das duas? Na natureza, é a nota do doce bretão, não ha um erro de desenho. Já aqui temos um motivo para crer que na humanidade os erros de alma sejam filhos da curteza da nossa vista.

Quereis um fim á vida? Ha só um: fazer bem. Quereis um regimen saudavel? Ha só um: o trabalho. Se o nosso temperamento não nos deixa fazer uma coisa nem outra, choremos a nossa miseria, mas não a proclamemos. O ceguinho pede que tenham pena da sua desgraça, mas não anima o seu similhante a que cerre os olhos tambem.

Um facto extranho é que na mulher se não encontre, senão por excepção, a tortura e afflicção de viver. O homem, do mais pequeno ao mais alto, maldiz a sua sorte. O vendedor de almanachs de Leopardi diz o mesmo que um soneto de Anthero; se lhe perguntam: queres reviver a Vida que tiveste? responde sem hesitar: Não. Se se interrogar a mulher, dirá que sim: sobretudo se fôr mãe, se tiver os seus filhos para educar. Ainda que os filhos saiam

maus, o seu esforço será melhoral-os, e não os desprezará porque não nasceram sãosinhos.

Façamos o mesmo á Vida. Não transijamos, mas não recuemos. Com subtis pesquizas ao mal, conseguiremos polir e avelludar recantos de almas; mas só a empurrões de vontade e de fé faremos que o Mundo ande para deante. O mal peior é ter nascido? Perguntei-o hoje a uma creança, e ella me deu a resposta justa e innocente: — Pois será; mas já que nascemos — toca a viver!

*

Está provado que os homens não são tão brutos como os imaginamos, na dor sincera e amargurada que a morte imprevista de José Falcão levou a algumas duzias de corações. E a lucta do temperamento d'este homem com o seu meio, registra mais algumas victorias.

José Falcão entrou em combate defendendo a communa de Paris. A sua bondade não era, viu-se então, feita das convenções sociaes de honra e dignidade. A virtude deve ser barbara, e parecer blasphemias. É assim que ella é difficil, e que o tel-a dá gloria. Viu em seguida que a sua terra não era composta de maus, mas de ignorantes passivos. Viu o beirão amoravel e forte, o transmontano generoso e rude, o algarvio leviano e sociavel, o minhoto mais mesquinho mas emfim tendo qualidades hereditarias de honradez. Viu que os cavadores morrem na inconsciencia absoluta de quem é o culpado da sua miseria; e que a corrupção de alguns em vez de se fundar na corrupção de todos, se funda apenas na ignorancia de todos. É como uma casa onde ha ladrões, mas não se dá por elles. Gritando aqui d'el-rei, deve ter-se a esperança de que os ladrões fujam, e de que os habitantes da casa acordem. Esta certeza conduziu naturalmente José Falcão ao seu credo republicano, e ao logar saliente que no seu partido recentemente tomou, organisando com mão de ferro, forças até então dispersas.

José Falcão escreveu em tempos uma encantadora cartilha, especie de livro de missa para o povo aprender a pensar. Esse livro teve um exito enorme, e encontrou

publico em todas as provincias de Portugal: pouca gente sabe quem é o seu auctor. Conservava por Anthero, e pela sua obra, uma recolhida e terna admiração. E a sua sympathia ia direita a todos os sinceros. Só lhe inspiravam repulsão, e com justiça, os cynicos. Deviam, certo, á sua alma de convencido, ter o ar de monstruosidades.

Viveu uma intensa vida mental, desprezadora de apparencias e enganos, e não o preoccupou nunca o aspecto exterior da existencia. Era um scismador, mas não um artista. Trabalhando incessantemente, desgastando a saude numa excessiva vida sedentaria, parecia quasi um somnambulo. No verão ia para a Granja, e supponho que tinha ali nos ultimos tempos, longas palestras com Oliveira Martins. Não devia ser sem interesse, o embate d'estes dois espiritos tão oppostos: um eternamente dubio e hesitante, disfarçando o seu scepticismo fundamental com tintas de arte como se cobre um cadaver de flores, o outro forte e seguro de razão, tendo um ideal preciso como um problema de mathematica, e tirando d'esta segurança, d'esta fé a sua força, e a energica intenção do seu olhar e da sua figura.

José Falcão deixa dois filhos. A um, em cinco annos de Coimbra, nunca consegui vel-o, mas, pelas informações que tenho, deve ser aquillo a que o povo ingenuo chama um magico. O outro, o Paulo, foi meu condiscipulo, e é um dos rapazes mais sympathicos que tratei como estudante. O pae tem n'elle um herdeiro da sua fé, da sua intransigencia, e das suas qualidades de trabalho. É mesmo atravez do Paulo, das suas interessantes palestras sempre cheias de uma teima tão caracteristica, e da sua religiosa admiração pelo pae, que eu aprendi a completar no meu espirito a ideia que fazia de José Falcão.

É dever dos homens para quem a verdade existe, erguer apotheoses a este grande morto, para que ainda os mais incredulos fiquem certos de quanto vale a pena viver quando se tem na cabeça ideaes santos, e sentimentos puros dentro da alma.

ALBERTO D'OLIVEIRA

NOTA

Absolutamente impossivel foi adquirir todos os jornaes que se referiram á morte do grande patriota. Todavia fica exarada a homenagem que a grande maioria da Imprensa prestou á immaculada memoria do dr. José Falcão. Por essa homenagem e por tantas outras expontaneamente prestadas, que estas paginas encerram — e só o que foi expontaneo este livro contem, — poderá avaliar-se no futuro o immenso e apotheotico sentimento com que a Patria lamentou a morte do primeiro portuguez d'este seculo.

Commissão que foi encarregada de promover a publicação d'este livro,

Affonso Costa
Antonio José d'Almeida
Augusto de Bastos
Augusto Cymbron Borges
João de Menezes
Silvestre Falcão

O producto liquido d'este volume será entregue á commissão que no Porto angaria donativos para ser levantado um monumento á memoria do dr. José Falcão.

É administrador d'esta publicação Cassiano Augusto Martins Ribeiro, commerciante (rua Ferreira Borges, n.º 97, Coimbra).